**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA,
LITERATURA E CULTURA ITALIANAS**

Célio Aparecido Garcia

**As línguas minoritárias vêneta e trentina em Jundiaí:
memória e pertencimento**

Versão corrigida

**São Paulo
2017**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA,
LITERATURA E CULTURA ITALIANAS**

Célio Aparecido Garcia

**As línguas minoritárias vêneta e trentina em Jundiaí:
memória e pertencimento**

Versão corrigida

Célio Aparecido Garcia

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Giliola Maggio

De acordo: _____

Profa. Dra. Giliola Maggio

São Paulo

2017

GARCIA, Célio Aparecido. **As línguas minoritárias vêneta e trentina em Jundiaí: memória e pertencimento**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Giliola Maggio (orientadora). Universidade de São Paulo - USP

Prof.(a) Dr.(a)	Instituição:
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a)	Instituição:
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a)	Instituição
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a)	Instituição:
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha esposa, Ana Paula, pela compreensão nas horas em que precisei ficar ausente, e também aos nossos filhos, Pedro e Vitor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Profa. Dra. Giliola Maggio, por sua amizade, incentivo e conselhos. Outro agradecimento aos professores doutores Valdir Heitor Barzotto e Doris Natia Cavallari pela participação na minha banca de qualificação, colaboração na estrutura do texto e pelas sugestões de leituras.

Ainda, cabe agradacer ao Centro de Educação Tecnológica Paula Souza e à Faculdade de Tecnologia de Jundiaí pelo incentivo oferecido junto ao Regime de Jornada Integral (RJI) que me proporcionou a oportunidade de desenvolver a pesquisa durante o período de 2013 e 2014.

Agradeço também ao senhor A.M. que me recebeu, em sua casa, mesmo sem me conhecer, cedendo a solicitação de uma entrevista e me ajudou com informações e materiais muito importantes para o desenvolvimento deste estudo. Outro agradecimento ao senhor O.S. que, em meio às inúmeras atividades profissionais, concedeu-me uma entrevista, em sua casa, para falar sobre a comunidade de descendentes de italianos e trentinos do bairro do Traviú. Outro agradecimento a senhora Dinah, proprietária do restaurante Travitalia, por auxiliar o contato com o senhor O.S..

Dessa forma, estendo minha gratidão aos demais descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú pelas entrevistas para a constituição do *corpus* desta pesquisa, bem como ao senhor S. C. que, além do material para análise me proporcionou participar da reconstituição, via História Oral, de momentos importantes da formação do bairro e das relações sociais entre os descendentes de italianos de sua geração.

À dona M.B.M., esposa de A.M. e a senhora I. A.C.M. que, por meio das histórias familiares, gentilmente recordaram expressões e fatos vividos ou presenciados. Aqui também é importante salientar que a senhora I. A.C.M. , além da entrevista, me presenteou com uma pequena história familiar manuscrita que está enriquecida com as expressões que ouvia e, até a presente data, as utiliza

quando tem oportunidade de empregá-las nas reuniões familiares.

Aos senhores N.C., Anderson Tomasetto, Norberto Steck, do bairro Traviú. E, sobretudo, Pd. B., um senhor de 93 anos que tem uma memória linguística encantadora.

Aos alunos da Faculdade de Tecnologia de Jundiaí que me auxiliaram nos contatos com os descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú.

À pesquisadora e historiadora Elisabeth Filippini que, gentilmente, cedeu-me as entrevistas realizadas, nas décadas de Oitenta e Noventa, com os descendentes de italianos dos bairros Traviú e Colônia.

E, por fim, aos meus filhos Vitor e Pedro, à minha esposa Ana Paula, pelo incentivo, paciência e, principalmente, pela compreensão a minhas ausências durante esse período de minha trajetória acadêmica.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
O impulso aos estudos sobre as variedades de língua italiana no Brasil	23
1. CONTEXTO HISTÓRICO	34
1.1 Da Itália à cidade de Jundiaí	35
1.2 A estrutura social do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí	39
1.3 Traviú: uma representação do Trentino Alto Adige e do Vêneto	44
1.4. Patrimônio material e imaterial dos descendentes de italianos em Jundiaí	51
1.5. A língua italiana em Jundiaí	55
2. REFERENCIAL TEÓRICO	63
2.1. O português brasileiro	64
2.2. Língua nacional e língua oficial	65
2.2.1. Língua minoritária e língua <i>standard</i>	66
2.3. Língua materna e língua natural	69
2.3.1. A aprendizagem natural da língua e a língua mediada por instituições de ensino	70
2.4. Língua, memória e identidade	74
2.5. Variedades linguísticas	79
2.6. As modalidades oral, escrita e a memória	82
2.7. Discurso, língua, metalinguagem	89
2.8. Da substituição ao silenciamento	99
2.9. Identidade étnica e pertencimento	107
3. DISCURSOS E ANÁLISES	111
3.1. A língua dos imigrantes nas comunidades linguísticas analisadas.... Erro! Indicador não definido.	
3.2. Análise Discursiva das Entrevistas	Erro! Indicador não definido.
3.2.1. O contato com os descendentes dos bairros Colônia e Traviú	111
3.2.2. O que se faz presente na variedade italiana falada pelos descendentes de italianos e trentinos entrevistados	114
3.2.3. A alternância de códigos, a memória e o pertencimento	119
3.2.4. Fonologia e fonética como fator de identidade	125
3.2.5. Análise Morfossintática em textos orais	131
3.2.6. Marcadores conversacionais	132
3.3. Textos na modalidade escrita produzidos em língua italiana pelos imigrantes e descendentes dos bairros Colônia e Traviú	134
CONCLUSÃO	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163

DISSERTAÇÕES ANALISADAS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ENTREVISTAS	171
APÊNDICES	172
ANEXOS	242

RESUMO

A presente pesquisa tem como contexto linguístico dois bairros da cidade de Jundiaí, formados inicialmente por imigrantes italianos. Desse modo, buscamos responder a seguinte pergunta de pesquisa: como a língua italiana, por meio da memória e do sentimento de pertencimento, se faz presente nas representações sociais das comunidades dos bairros Traviú e Colônia? Este trabalho se justifica pelo fato de, ainda, não existirem pesquisas com base científica sobre as variedades linguísticas das comunidades acima destacadas. Portanto, a tese tem como objetivo central realizar um estudo nesse local para analisar os processos de silenciamento e substituição, oriundos dos contatos entre a língua materna (o português), e língua de imigração (as línguas minoritárias de diferentes regiões da Itália que ali chegaram com os imigrantes). A análise tem como base a modalidade oral, coletada por meio de entrevistas com os descendentes, e a escrita, com base nos poucos registros escritos e preservados, nas variedades da língua italiana ou na língua italiana *standard*. Os resultados deste trabalho são apresentados com base nas particularidades evidentes nos excertos analisados, em relação às pesquisas referentes ao contato linguístico entre a língua materna brasileira e as línguas dos imigrantes, em nosso caso o português brasileiro e as variedades da língua italiana. Conjuntamente, faz parte desta investigação uma reflexão sobre as dissertações, delimitadas à análise lexical, coordenadas pelo Programa de Língua, Literatura e Cultura Italianas, da Universidade de São Paulo, para destacarmos um estudo que apresente outras possibilidades de estudar as confluências, o silenciamento, a substituição e o quadro atual desses acontecimentos nas comunidades discursivas analisadas. Para tanto, nosso referencial teórico está embasado nos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, iniciados por Michel Foucault, sistematizados por Michel Pêcheux e, no Brasil, a contribuição de Eni Pulcinelli Orlandi. Nas análises do *corpus* de nosso estudo, verificamos que o processo lento de silenciamento das variedades da língua italiana se afirma com a falta de interlocutores, no entanto, o sentimento de pertencimento, a memória e a busca pela ascendência, têm contribuído para o estudo da língua italiana *standard*, apresentando um quadro que procura valorizar e registrar o que ainda se faz presente nas comunidades discursivas dos bairros Colônia e Traviú, de Jundiaí – SP. Dados que, assim, formam o patrimônio linguístico imaterial com sentidos e valores não substituídos por outros signos linguísticos em tais comunidades.

Palavras-chave: Língua Minoritária. Língua *Standard*. Análise do Discurso. Substituição. Silenciamento.

RIASSUNTO

Il presente lavoro ha come contesto linguistico due quartieri della città di Jundiaí, formati inizialmente da immigrati italiani. In questo modo, cercheremo di rispondere alla seguente domanda: come la lingua italiana, tramite la memoria e il sentimento di appartenenza, si fa presente nelle rappresentazioni sociali delle comunità dei quartieri di Traviú e di Colônia? Questo lavoro si giustifica ancora poiché non esistono ricerche di base scientifica sulle varietà linguistiche delle suddette comunità. La tesi ha, dunque, l'obiettivo centrale di realizzare uno studio in questo luogo per analizzare i processi di silenziamiento e sostituzione, derivati dai contatti tra la lingua materna (il portoghese), e la lingua di immigrazione (le lingue minoritarie di differenti regioni d'Italia che vi sono arrivate con gli immigranti). La presente analisi ha come base sia la modalità orale, riunita tramite interviste con i discendenti, sia quella scritta, con base in pochi registri scritti e conservati, nelle varietà della lingua italiana o nella lingua italiana standard. I risultati di questo lavoro sono presentati con base nelle particolarità presenti nei brani analizzati, in rapporto con le ricerche che riguardano il contatto linguistico tra la lingua materna brasiliana e le lingue degli immigranti, nel nostro caso il portoghese brasiliano e le varietà della lingua italiana. Congiuntamente, fa parte di questa ricerca una riflessione sulle tesi, concernenti l'analisi lessicale, coordinate dal Programma di Lingua, Letteratura e Cultura Italiana, dell'Università di San Paolo, per rilevare uno studio che presenti altre possibilità di studiare le confluenze, il silenziamiento, la sostituzione e il quadro attuale di questi avvenimenti nelle comunità discorsive analizzate. Il nostro riferimento teorico si basa, pertanto, sui concetti dell'Analisi del Discorso di ramo francese, iniziati da Michel Foucault, sistematizzati da Michel Pêcheux e, in Brasile, con i contributi di Eni Pulcinelli Orlandi. Nelle analisi del corpus del nostro studio abbiamo verificato che il processo lento di silenziamiento delle varietà della lingua italiana si afferma con la mancanza di interlocutori, mentre, il sentimento di appartenenza, la memoria, la ricerca dell'ascendenza, hanno contribuito per lo studio della lingua italiana standard, presentando un quadro che cerca di valorizzare e registrare quello che ancora si fa presente nelle comunità discorsive dei quartieri di Colônia e Traviú, di Jundiaí, Stato di San Paolo. Dati che, dunque, formano il patrimonio linguistico immateriale con significati e valori non sostituiti da altri segni linguistici in queste comunità.

Parole chiave: Lingua Minoritaria, Lingua Standard, Analisi del Discorso

ABSTRACT

This research sets its linguistic context in two districts of the city of Jundiaí, in the state of São Paulo, Brazil. Such districts were initially formed by immigrants of Italian descent. Thereby, we seek to answer the following research question: how is the Italian language, by means of memory and the feeling of belonging, present in the social representations of the communities of these districts of Traviú and Colônia? This research is relevant due to the fact that, so far, no scientifically based research has been made on the linguistic varieties in the communities aforementioned. Thus, the main objective of this thesis is to study the processes of silencing and substitution arising from the contact between the mother tongue (Portuguese), and the immigrants' languages (several varieties of the Italian language from different minorities coming from different parts of Italy). This analysis is based on the oral modality, collected through interviews conducted with descendants, and through the writing modality, based on the few preserved written samples of the Italian varieties or the standard Italian. The results presented here are based on the specificities found in the excerpts analyzed, concerning researches on the linguistic contact between the Brazilian mother tongue and the immigrants' languages, or, for us, the Brazilian Portuguese and the Italian language varieties. It is also part of this research, considerations on the dissertations which are limited to the lexical analysis, under the coordination of the Program of Italian Culture, Literature and Language in the University of São Paulo, so as to bring into focus a study that presents other possibilities for studying the convergences, the silencing, the substitution and the current status of such events in the discursive community studied. For such purpose, our theoretical framework is based on the French School of Discourse Analysis, which began with Michel Foucault and was systematized by Michel Pêcheux and which counts with the contributions of Eni Pulcinelli Orlandi in Brazil. In the analyses of the corpus studied we found that the slow process of silencing of the Italian language varieties occurs through the lack of interlocutors, although, the feeling of belonging, the memory and the research of ancestry have been contributing to the studies of the standard variety of the Italian language, revealing a scenario where it is sought to value and register what is still present in the discursive communities in the Colônia and Traviú districts. Such data thus, constitutes the immaterial linguistic heritage with meanings and values that are not substituted by other linguistic signs in those communities.

Keywords: Minority Language. Standard Language. Discourse Analysis. Substitution. Silencing.

INTRODUÇÃO

[...]toda manifestação linguística é um fenômeno que merece ser estudado, é um objeto digno de pesquisa e teorização, e se uma forma nova aparece na língua, é preciso buscar as razões dessa inovação, compreendê-la e explicá-la cientificamente, em vez de deplorá-la e condenar seu emprego.

Marcos Bagno

Valendo-nos do contexto histórico, cultural e linguístico de dois bairros, formados por imigrantes italianos, da cidade de Jundiaí, seguidos dos conceitos de língua, identidade, pertencimento, discurso, metalinguagem, língua materna, língua de imigração, silenciamento e esquecimento, temos, nesta pesquisa, como objetivo central, com as bases teóricas da Análise do Discurso, de linha francesa, realizar um estudo em duas comunidades formadas, inicialmente, por imigrantes italianos, da cidade de Jundiaí e verificar os processos linguísticos de substituição e esquecimento, oriundos dos contatos entre o português brasileiro e as variedades da língua italiana desses grupos de indivíduos. Dessa forma, lançamos mãos de registros orais, por meio de entrevistas com os descendentes de italianos, e os escritos preservados ou produzidos pelos membros dessas comunidades linguísticas, assim como foram analisadas pesquisas coordenadas pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura italianas da Universidade de São Paulo, delimitadas à análise sobre contatos linguísticos, para refletir sobre os métodos empregados, particularidades e resultados.

Cabe incluir que a população de Jundiaí é constituída por 75% de descendentes de italianos, sobretudo nos bairros Colônia e Traviú (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2015). O contato entre os imigrantes italianos e os brasileiros fez com que as culturas de ambos fossem influenciadas. Por conseguinte, alguns aspectos culturais e linguísticos, por exemplo, foram

deixados em segundo plano e outros se fundiram com os do local, como destacam os diversos estudos sobre a história e a participação dos imigrantes italianos no desenvolvimento econômico e social da cidade de Jundiaí e região (FILLIPPINI, 1990, 1996; PEREIRA, 2006, 1988; BORIN, 2010). Porém, com relação à língua nas modalidades oral e escrita dos imigrantes italianos de Jundiaí, não se realizou, ainda, um estudo com bases teóricas e científicas.

Nas comunidades analisadas, são constantes os eventos, por parte dos descendentes de italianos, para resgatar ou favorecer a permanência da identidade cultural italiana. Diante disso, o que se pergunta é: nesse contexto, ou seja, ao relacionarmos à memória o sentimento de pertencimento, por parte dos descendentes dos imigrantes, oriundos de várias regiões da Itália, o que contribui, nos bairros Colônia e Traviú, com os processos de substituição e silenciamento das línguas minoritárias italianas? Quais são as marcas que restaram? Há preocupação em mantê-las?

Para refletir sobre esses questionamentos, buscaremos elucidações, por meio da Análise do Discurso, de linha francesa e dos acontecimentos que provocaram ou promoveram os processos linguísticos de substituição, de silenciamento e/ou de esquecimento das variedades da língua italiana aqui concebidas como línguas minoritárias.

Nesse contexto, é importante salientarmos a importância ou a influência dos eventos culturais que procuram resgatar a identidade cultural dos imigrantes italianos e suas relações para os seus idealizadores e comunidade, por meio da expressão “linguística praticada”; sem esquecer a influência da língua italiana *Standard* nas comunidades aqui analisadas. Essas reflexões nos conduzirão a um mapeamento, em Jundiaí, sobre o contexto linguístico e as confluências das línguas minoritárias italianas e, em especial, à memória linguística dos descendentes de italianos da terceira e quarta gerações.

Ao considerar que a memória e a identidade se conjugam (CANDAU, 2012, p. 16), outro aspecto dessa pesquisa é refletirmos sobre os processos de transformação, substituição e desaparecimento das línguas minoritárias, aliados às causas físicas, econômicas/sociais e políticas que são determinantes no processo de extinção ou de manutenção de uma língua (HAGÈGE, 2000), sobretudo em contextos de diversidade lexical, fonológica e sintática promovidos por um contato linguístico rico entre as variedades das línguas minoritárias

italianas com o português brasileiro, a exemplo, para Maggio¹ e Ançã (1999), o termo “diversidade” é aqui entendido como positivo e “sinônimo de riqueza” (Idem).

Para apresentarmos nossa concepção de que em um processo de contato linguístico a alternância de código, o decalque, os empréstimos linguísticos, dentre outros, em uma situação de comunicação não constituem apenas erosão (RASO, 2003; BIZZONI, 2003), mas uma forma de manutenção de uma variedade linguística (BAGNO, 2010; HAGÈGE, 2000), analisamos quatro estudos, em comunidades, inicialmente, constituídas por imigrantes italianos oriundos de diferentes regiões da Itália. Em seguida a essa etapa, realizamos as transcrições² dos discursos orais para, junto com os textos da modalidade escrita, compor o *corpus* para a análise da presente pesquisa.

O *corpus* desse estudo é constituído por discursos orais, isto é, treze entrevistas. Três estão registradas em fita cassete. Esses dados, pelo formato, apresentam apenas os diálogos, por isso, não é possível identificar alguns recursos multissêmicos, como gestos, indicações e expressões faciais, empregados pelos entrevistados e entrevistador, durante a realização das entrevistas; dez estão registradas em vídeo, as quais oferecem a oportunidade de identificar e transcrever a pluralidade de recursos em simultaneidade com as falas.

As cinco entrevistas registradas em fita cassete coletadas pela pesquisadora Elizabeth Filippini, nas décadas de 80 e 90. Tais registros foram utilizados em sua dissertação e em sua tese, ambas orientadas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo. É importante salientar que, nesse período, as pesquisas que exploravam os textos orais não exigiam termos de cessão de direitos sobre depoimento oral. Sendo assim, não temos tais documentos em nossa posse.

¹ Embora não tenha publicado, ainda, sobre essa temática, Giliola Maggio, nas discussões sobre o contato linguístico e a alternância de código, uma constante nas falas dos descendentes de italianos entrevistados, necessárias para a manutenção de uma língua, releva, portanto, que são fatores positivos, principalmente em um contexto de imigração.

² Mesmo seguindo as orientações do Estudo da Norma Urbana Culta da cidade de São Paulo (NURC/SP) sobre as normas de transcrição, dos discursos orais, em nossa pesquisa, são transcritas apenas as partes pertinentes aos nossos objetivos, pois as questões referentes aos processos de substituição e esquecimento/silenciamento, das variedades das línguas minoritárias, por meio da memória e do sentimento de pertencimento, não impõem, nesse estudo, a transcrição total das entrevistas.

Os discursos raros na modalidade escrita serão acrescidos às análises dos discursos orais. Nas explorações dos discursos escritos, empregamos critérios diferenciados, porque, embora as entrevistas sejam conduzidas pelos entrevistadores, aproximam-se dos conceitos sobre os discursos não planejados, apresentados por Preti (1995) e Urbano (1998). Os discursos na modalidade escrita são conceituados por esses pesquisadores como discursos planejados, devido às alterações necessárias dos recursos característicos da comunicação escrita (CAMARA JUNIOR, 2010).

Foram coletados dados orais para análise dos processos anteriormente destacados, sobre as variedades da língua italiana, aqui conceituadas como línguas minoritárias das comunidades, constituídas inicialmente por imigrantes italianos dos bairros Colônia e Traviú, da cidade de Jundiá.

Os discursos da modalidade escrita delimitam-se a alguns documentos em italiano: ata da *Società di M. S. G. Garibaldi*, as anotações de uma caderneta e uma carta familiar, datada do século XIX.

Outro aspecto relevante para nosso estudo corresponde aos eventos realizados pelos descendentes de italianos que, além da questão econômica, por meio da memória e da estereotípi, representam uma tentativa de preservar ou lembrar a cultura e a língua dos imigrantes italianos.

As variedades, a alternância de código e os decalques, por exemplo, nesse estudo, são concebidos como capazes de criar cultura e sinônimos de comunicação, logo, nossa hipótese é de que os conceitos da Análise do Discurso, de linha francesa, possam contribuir para a reflexão sobre os contatos linguísticos entre a língua materna e a língua em um contexto de imigração. Consideramos também que os conceitos por nós empregados, neste estudo, propiciaram uma reflexão sobre os resultados apresentados nas pesquisas sobre contato linguístico, com foco na oralidade, pautadas nas regras impostas à modalidade escrita que privilegia o monolinguismo.

Bolognini e Payer (2005), em um estudo sobre as línguas de imigração, ao considerarem os processos de silenciamento e esquecimento (ORLANDI, 2013), destacam que “os interesses em estudar as línguas dos imigrantes está, a nosso ver, em compreender que a língua materna silenciada na história deixa no sujeito sua memória” (BOLOGNINI; PAYER, 2005, s/p).

O fato de as variedades italianas, das comunidades dos bairros Traviú e

Colônia, da cidade de Jundiaí, estarem presentes desde o final do século XIX, reflete esse processo, porque mesmo não empregando mais, de forma natural, as variedades da língua italiana, as marcas da língua de imigração se destacam em diferentes eventos sociais e culturais dessas comunidades por meio dos signos empregados.

Antes de elaborarmos a pesquisa sobre o italiano falado e escrito e dos processos que corroboram para a substituição de uma língua de imigração pela língua oficial do país escolhido pelos imigrantes, dos bairros Colônia e Traviú, fizemos uma breve introdução sobre a imigração italiana no Brasil, detendo-nos à imigração italiana em Jundiaí, à sua influência econômica e social e, sobretudo, à linguística (CANIATO, 1988; FILIPPINI, 1990,1988; PEREIRA, 2006,1988; COSTA SILVA FILHO, 2008; FERRÃO, 2008).

Após o estudo sobre a imigração italiana em Jundiaí, a reflexão das pesquisas sobre o contato linguístico entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro, coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, analisamos as transcrições e os discursos da modalidade escrita.

As transcrições, conforme destacado anteriormente, serão elaboradas com pertinência aos objetivos e aos conceitos teóricos (PÊCHEUX, 2011, 2009, 2008; ORLANDI, 2013, 2012, 2010).

Outros constituintes dessa pesquisa, referentes aos eventos, são os trabalhos realizados pelo senhor Rolando Giarola, *Coral Itália Canta, A Festa italiana di Jundiaí* e o programa *Spazio Itália* da Rádio Difusora de Jundiaí.

Ademais, o senhor Giarola promove uma vez por mês, em convênio com o *Circolo Italiano* de Jundiaí, homenagens às famílias de descendentes de italianos de Jundiaí e conta com um cadastro com mais de duzentas famílias. Já, o coral Canta Itália é um grupo que:

em 28 de setembro de 1996 um grupo de amigos, encabeçados por S. C., todos de descendência italiana amantes da música nostálgica de seus ancestrais, manifestaram o desejo de se organizarem para cantarem as músicas que seus antepassados cantavam e que as denominavam de “Dopo Lavoro”, cânticos estes que praticavam após uma árdua jornada de trabalho, assim os mesmos alegravam-se saciando a nostalgia da Itália querida que agora estava muito distante⁵.

Esse coral, além do retorno às expressões musicais dos primeiros imigrantes italianos, busca, com essas canções, resgatar e divulgar aos descendentes de italianos da terceira e quarta gerações da cidade de Jundiáí, a cultura por meio da memória linguística de seus antepassados.

O programa *Spazio Italia* é veiculado pela rádio “Difusora” de Jundiáí, uma vez aos sábados e duas vezes aos domingos. Aos sábados, vai ao ar um programa de variedades e, aos domingos, a emissora apresenta um horário com músicas italianas e o segundo horário com variedades.

Como método de pesquisa, nas entrevistas, seguimos as orientações de Verena Alberti (2008), José Carlos Sebe Bom Meihy (1998) e Suzana Ribeiro (2011), baseando-nos em seus estudos sobre a História Oral. Pois, por meio da História Oral, percebemos que as experiências com as palavras passam da memória de curto prazo para a memória de longo prazo. Porém, além dos limites impostos pela memória de longo prazo, algumas palavras podem aparecer nos discursos e não suscitar interesse. De Mauro (2011, p. 7) nos adverte que

O espaço da memória de longo prazo é de certo modo um espaço privado, pessoal, no sentido que não pode ter um conteúdo idêntico para cada ser humano. Portanto, por esse aspecto a configuração exata do patrimônio de palavras memorizadas é privada, pessoal.³ (Tradução nossa⁴)

Contudo, é possível, por meio desses patrimônios privados, estabelecer um paralelo sobre os processos de transformação, substituição, manutenção ou extinção promovidos pelo contato linguístico entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro, nas comunidades discursivas, observadas nesse estudo, porque as palavras servem, quando verbalizadas, para estabelecer comunicação. Comunicação é, aqui, entendida como troca

³ *Lo spazio della memoria a lungo termine è per un certo aspetto un spazio privato, personale, nel senso che non può avere un contenuto identico per ogni essere umani. E quindi per questo aspetto la precisa configurazione del patrimonio di parole memorizzate è privata, personale.*

⁴ Doravante todas as citações ao longo desse trabalho são “tradução nossa”, salvo exceções.

(MARTINO, 2007).

A História Oral pode ser instrumental (modalidade que serve de apoio); plena (apenas as narrativas) e híbrida (caracterizada pelo cruzamento documental), ou seja, um trabalho de maior abrangência (RIBEIRO; MEIHY, 2011, p. 15). Logo, nossa pesquisa tem por base os conceitos da “História Oral Híbrida”, pois parte das entrevistas analisadas foram elaboradas para um uso instrumental. E, em nosso estudo, essas entrevistas foram utilizadas para analisar o que restou das variedades da língua italiana nos bairros Colônia e Traviú. Assim, (DE MAURO, 2011, p.12):

As palavras agem sobre a memória e constituem um elemento forte da nossa identidade pessoal, familiar, social, cultural, nacional. Entende-se por isso que muitos povos, também quando aprenderam e usaram outras línguas, conservaram, porém, cuidadosamente a própria, nativa e tradicional.⁵

Mesmo que o patrimônio linguístico, constituído por palavras comuns ou por aquelas que empregamos com grupos restritos, seja traço individual, as palavras não pertencem somente a nós (IDEM, p.8):

Quase todas as palavras que podemos recordar, talvez todas, e claro todas as mais importantes e usuais, são palavras que ouvimos dos nossos queridos, das pessoas com as quais entramos em contato, daquilo que ouvimos com alguma atenção, daquilo que lemos.⁶

Como destacado acima, por meio das relações sociais e culturais com as quais tivemos contato, formamos nosso léxico, portanto, as palavras são por nós assimiladas individualmente para serem utilizadas em âmbitos coletivo.

E, para uma compreensão acerca do contato linguístico entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro, torna-se prioritário um retorno ao contexto histórico da imigração italiana em Jundiá, especialmente,

⁵ *Così le parole rioperano sulla memoria e costituiscono un elemento forte della nostra identità personale, familiare, sociale, culturale, nazionale. Si capisce perciò che molti popoli, anche quando hanno appreso e usato altre lingue, hanno però conservato gelosamente la propria nativa e tradizionale.*

⁶ *Quasi ogni parola che possiamo ricordare, forse tutte, e certo tutte le più importanti e usuali sono parole che abbiamo udito dai nostri cari, dalle persone con cui siamo venuti in contatto, da ciò che abbiamo udito con qualche attenzione, da ciò che abbiamo letto.*

nos bairros Colônia e Traviú, este formado por imigrantes de origem vêneta e trentina e aquele formado por imigrantes italianos de várias regiões da Itália. Em relação à língua e aos aspectos culturais dos imigrantes e descendentes dos imigrantes trentinos, no Brasil, destacamos as pesquisas de Altmayer (2015).

Altmayer (2015), em “Aspectos identitários da imigração tiroleza no Brasil”, em sua dissertação de mestrado e sua tese, apresenta uma pesquisa ampla sobre o contexto histórico, a imigração, a cultura e, sobretudo, a língua dos imigrantes tirolezes para o Brasil.

Mesmo sendo denominados de italianos, como são apresentados os fundadores do bairro do Traviú que, “no ano de 1893, **imigrantes italianos** oriundos do norte da Itália, especificamente de Trento e Veneto, compraram uma fazenda ao redor do monte chamado Traviú. Esse nome foi dado pelos índios quando ali habitavam” (PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE JUNDIAÍ, p. 117). Todavia, no interior da comunidade, os austríacos de língua italiana, ou trentinos, não apresentavam um sentimento de pertencimento ou simpatia pelo Estado italiano ou pelos imigrantes italianos. Ao referir-se à identidade dos imigrantes oriundos da região do Tirol, Altmayer (2015, s/p), destaca que a imigração

de tirolezes no Brasil – é inseparável do contexto étnico e linguístico que, como afirmado, caracterizava a Áustria de outrora. Até 1918, um austríaco não falava necessariamente o alemão, mas poderia ser um falante de italiano, de polonês ou de esloveno. Obviamente, tal realidade plural também caracterizou a emigração de austríacos e nisso se explica como um colono “italiano”, ou melhor, um *tirolês de língua italiana* (atualmente chamado *trentino*), era sem sombra de dúvidas um imigrante austríaco, embora pertencesse ao grupo linguístico italiano do Império da Áustria-Hungria.

Porém, essas diferenças referentes às questões políticas e culturais, entre os trentinos e italianos, como nos apresentam as pesquisas de Altmayer (2015, 2010), não se refletem na historicidade dos imigrantes trentinos e vênets (italianos) do bairro Traviú. Primeiramente pelo fato de se unirem para a aquisição da fazenda e pelo trabalho em sistema cooperativo. No entanto, as particularidades das línguas minoritárias dessa comunidade linguística eram identificadas e mantidas entre os respectivos descendentes de primeira e de segunda gerações. Outrossim, mesmo com essas particularidades linguísticas a

convivência passiva entre esses dois grupos está evidente na língua empregada no hino de comemoração ao centenário da imigração italiana do bairro do Traviú, o qual será apresentado e analisado no capítulo sobre as modalidades oral e escrita das comunidades linguísticas dos bairros do Traviú e Colônia.

Nossa pesquisa está subdividida em três capítulos e, na sequência, mostramos uma sinopse desses capítulos.

No primeiro capítulo, definimos o contexto histórico, a partir da formação da cidade de Jundiaí, mas nos delimitamos à formação dos bairros Colônia e Traviú. O Atual bairro Colônia, formado por meio de incentivo que promovia a criação de Núcleos Coloniais, dentro das normas que estabeleciam a proximidade do centro urbano, no início, foi denominado Núcleo Colonial Barão de Jundiaí e logo passou a integrar-se à área urbana de Jundiaí.

O referencial teórico, exposto no segundo capítulo, pertinente à nossa análise dos discursos nas modalidades oral e escrita, para explorarmos a relação memória e pertencimento e a língua como basilar da identidade, está pautado nos estudos iniciados por Michel Foucault, ampliados por Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau, Pratrck Charaudeau, dentre outros, e, no Brasil, desenvolvidos, inicialmente, por Eni Pulcinelli Orlandi. No desenvolvimento da investigação são acrescentados outros pesquisadores sobre contatos linguísticos, dos quais destacamos Tulio De Mauro, Giliola Maggio, Doris Natia Cavallari, Fernanda Ortale, Paola Baccin; Antonio Marcuschi, e Marcos Bagno sobre as variedades e os preconceitos linguísticos.

O fato de nossa pesquisa ter como foco a oralidade, o registro das práticas linguísticas e as vivências, culminou na escolha dos estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy e Suzana Ribeiro, concernentes à História Oral.

Já, a memória faz parte desse estudo com a finalidade de entender o que permanece das línguas dos imigrantes de diferentes regiões da Itália, os quais iniciaram as duas comunidades linguísticas de Jundiaí, por nós analisadas. Nesse contexto, procuramos entender, por meio de estudos desenvolvidos por Joël Candau, Le Goof, Michel Foucault e Zygmunt Bauman, a relação entre a memória linguística, o sentimento de pertencimento e a questão da etnia no contexto social, econômico e cultural.

O sentimento de pertencimento e suas implicações com a questão do contato linguístico e da identidade étnica estão fundamentados, a princípio, nos conceitos apresentados por Hagège, Fiabietti e Bauman.

A substituição e as questões políticas, econômicas e sociais, que impulsionam uma língua minoritária a passar pelos processos de substituição e silenciamento, bem como um possível esquecimento também estão alicerçados nos conceitos e exemplos destacados por Hagège.

Ressaltamos apenas os teóricos que consideramos primordiais à nossa pesquisa, porque, no desenvolvimento do referencial teórico e dos demais capítulos, esses autores são relacionados a outros pesquisadores e teóricos que elucidam conceitos pertinentes ao nosso tema e ao *corpus* deste estudo.

É importante salientarmos que a opção por esses teóricos da linguagem, da memória e do contato linguístico, em uma situação de imigração, evidencia nossa posição de que as interferências, como a alternância de código, por exemplo, não são apenas negativas, porque outros fatores contribuem e contribuíram ao silenciamento das línguas minoritárias dos imigrantes italianos. Dentre os fatores que promovem o silenciamento e a substituição da língua materna, em circunstâncias de imigração, determinamos o preconceito linguístico; a falta de amparo por meio de políticas públicas e o reconhecimento, por parte do imigrante e da população local; a importância de assimilar a língua materna do país receptor e mantê-la, com seus sentidos e valores de diferentes regiões da Itália, por meio das práticas linguísticas.

No terceiro capítulo, são expostas as análises das entrevistas realizadas com os descendentes de italianos e trentinos. Inicialmente, destacamos as dificuldades encontradas para a realização das entrevistas, especialmente, com os descendentes de trentinos e vênéticos do bairro do Traviú. Uma resistência marcada por questões culturais, dúvidas e insegurança com relação à língua italiana minoritária, foco de nossa pesquisa, e à língua italiana *Standard*.

Na sequência, expomos uma análise sobre os textos na modalidade escrita produzidos pelos imigrantes em suas respectivas línguas maternas. Por várias razões citadas nessas conjunturas, não conseguimos um *corpus* amplo na modalidade escrita, porém o material coletado e explorado evidenciou as bases para perceber as interferências entre a língua materna dos imigrantes e o português brasileiro.

Com o objetivo de superar a falta de interlocutores promovemos duas entrevistas em grupo com vários descendentes. Assim, os entrevistados, quando solicitados a reproduzir a língua empregada na comunicação com os italianos ou com os descendentes de primeira e segunda gerações, afirmavam que a falta de interlocutor não permitia a fluência ou o emprego dessa língua minoritária. Durante as entrevistas, as línguas minoritárias não foram empregadas de forma dialógica entre os entrevistados e pesquisador, por falta de domínio do pesquisador, das variedades linguísticas usadas pelos descendentes de trentinos e italianos oriundos de várias regiões da Itália.

Antes de esclarecermos o contexto histórico das comunidades linguísticas, apresentamos algumas reflexões, embasadas em quatro dissertações sobre contatos linguísticos, coordenadas pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, da Universidade de São Paulo. As reflexões seguintes não têm como objetivo avaliar ou tecer qualquer crítica sobre os métodos e resultados explicados, mas evidenciar a importância dessas pesquisas para o estudo das línguas em contato, em um contexto de imigração. Outro fator importante dessas reflexões foi o impulso metodológico para aplicarmos a Análise do Discurso como basilar quando relacionamos a língua e a memória ao sentimento de pertencimento em nosso trabalho.

O impulso aos estudos sobre as variedades de língua italiana no Brasil

Com base nos conceitos de língua, discurso e metalinguagem, estas reflexões estão embasadas nas pesquisas de Marilisa Bertechini Bilia (1998), Marisa Castelano Tsai (2006), Sonia Maria Galuchi (2008) e Raffaella Caira (2009), dissertações de mestrado orientadas pelos docentes do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Universidade de São Paulo, sobre o italiano falado, tendo como *corpus* entrevistas realizadas com italianos e descendentes de italianos residentes no Brasil, em comunidades ítalo-brasileiras. Nossa releitura desses estudos visa a uma reflexão sobre a língua usada pelo entrevistado, no momento da entrevista, bem como a língua do entrevistador, isto é, a oralidade dos envolvidos nesses processos de entrevistas e transcrições, assim como a metodologia e as análises. Além da voz predominante nessas dissertações (BRONCKART, 1999), uma hipótese pertinente seria a de que todos os trabalhos analisados registrassem uma busca teórica particular para a análise do *corpus*, proposições e conclusões diferenciadas com base nos objetivos e análises efetuadas.

Como em nossa pesquisa tratamos da análise de textos orais dos descendentes de italianos da cidade de Jundiaí, essa reflexão, com base nos conceitos acima destacados e com ênfase na variedade oral, destaca a finalidade de analisar como as pesquisas sobre o contato linguístico, em um contexto de imigração, apresentam-se diante de seu objeto, nas dissertações, cujo *corpus* é o discurso produzido pelo contato linguístico entre o português brasileiro e as variedades linguísticas italianas. Este estudo se justifica para evitar em nosso trabalho a repetição de análises e conclusões de investigações já elaboradas. Além de poder “traçar um programa de estudos que possa apresentar suas particularidades” (BARZOTTO, 1996, p. 38), e uma contribuição para a área.

As particularidades destacadas por Barzotto (1996) fazem referência aos avanços da pesquisa em relação aos estudos já empreendidos no tema. No nosso caso, as pesquisas sobre o contato linguístico entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro ocorreu por meio da Análise do Discurso

de linha francesa.

Nesse contexto de análise linguística, como é entendida a variedade oral dos descendentes de italianos que, ao construirem o discurso segundo eles, em língua portuguesa ou italiana, insere sem sobressalto ou correções, termos da língua materna dos imigrantes italianos ou do país adotado. O que constitui desse discurso analisado como línguas em contato, além da alternância de códigos, empréstimos totais ou parciais, comutações, decalques e extensão semântica, uma concepção mista e em outros momentos uma nova língua. Isto é, desses contatos surgiu uma nova variedade linguística que, às vezes, é submetida à língua *standard*. Outro aspecto relevante, para nossa investigação, é refletir sobre as pesquisas brasileiras entre o português brasileiro e a língua italiana. Devido à metodologia empregada nesses estudos sobre o contato linguístico, os estudos aqui examinados, estão delimitados à exploração da análise lexical.

As línguas minoritárias dos imigrantes italianos, das comunidades por nós pesquisadas, trentina e vêneta, cedeu espaço à língua oficial do Brasil e também à língua *standard* italiana. Todavia, o sentimento de pertencimento, o reconhecimento, mesmo tardio, das contribuições desses imigrantes na economia, na cultura e no social trazem consigo a língua. Embora, tal língua, não seja mais a variedade falada pelos imigrantes ou aquela constituída pelas confluências entre as variedades das línguas minoritárias italianas e as variedades do português brasileiro. E, sem nos apoiarmos em termos como “erosão” (RASO, 2003; BIZZONI, 2003), ou outros que apresentam conceitos de certo e errado embasados nas bases de uma variedade *standard* ou padrão, buscamos, por meio da memória, do sentimento de pertencimento e da identidade o que se observa, nos discursos dos descendentes de italianos, das línguas minoritárias italianas.

Como destacado anteriormente, na sequência, mostraremos um estudo com base em quatro dissertações, sobre o contato linguístico entre a língua italiana e o português brasileiro, coordenadas e orientadas pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas. Estudo que, em parte, direcionou nossa pesquisa para um contexto que examina a língua como um sistema inerente ao sentimento de pertencimento, à identidade e à memória.

É importante salientar que nosso objetivo, com as reflexões sobre essas

dissertações, não é o de avaliar ou questionar os métodos empreendidos em cada uma dessas pesquisas ou os resultados, mas especialmente, evidenciar nossa reflexão de que a língua em situação de imigração passa por um processo de interferências positivas e negativas (SPINASSÈ, 2006).

O discurso acadêmico das pesquisas sobre o contato linguístico, com ênfase na análise lexical entre a língua italiana ou as variedades linguísticas italianas e o português brasileiro, orientadas no programa de Pós-Graduação Língua, Literatura e Cultura italianas, foram realizados por meio de entrevistas, priorizando os conceitos de oralidade.

A análise lexical advém dos estudos linguísticos. Vale comentar que Bilia (1998), sobre as interferências lexicais analisadas em sua pesquisa tem como referencial teórico as pesquisas de Uriel Weinreich (1974). Porém, mesmo após várias décadas de busca, ainda não se chegou a uma perspectiva unânime, como a divergência com relação ao termo “erosão”, empregado por Tommaso Raso (2011), Bizzoni (1992), e discutido por Maggio. Para esta pesquisadora, a alternância de código, empréstimos parciais ou totais, o decalque e comutações, por exemplo, não devem ser vistos como uma imagem de erosão, mas recursos linguísticos ou uma adequação necessária para a comunicação oral ou escrita⁷. No entanto, como as pesquisas orientadas pelo Programa Língua, Literatura e Cultura Italianas, aqui limitadas à análise lexical, apresentam as interferências analisadas?

Em 1993, tiveram início os estudos sobre o italiano falado na cidade de São Paulo, coordenados pelas professoras e pesquisadoras da Universidade de São Paulo, Olga Alejandra Mordente, Loredana Caprara e, posteriormente, Giliola Maggio. Foi nesse período, que Marilisa Bertechini Bilia começou sua pesquisa sobre o italiano falado intitulado “Análise lexical das interferências da língua portuguesa na língua italiana falada por italianos de nível universitário residentes na cidade de São Paulo”.

Bilia (1998, p.1) apresenta como objetivo de pesquisa “analisar as características mais marcantes do léxico dos italianos, que atualmente moram

⁷ Maggio apresentou essa concepção sobre as interferências nas discussões durante as aulas da disciplina “As variedades do italiano falado no Brasil”, na Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2013.

na cidade de São Paulo e participam de sua comunidade de origem”. Para atender ao objetivo proposto, assim como as demais pesquisas sobre a análise lexical anteriormente destacada, principia a redação de seu texto com o contexto histórico da imigração italiana, com ênfase na então denominada segunda Grande Imigração (entre as décadas de 1945 a 1960), seguido do processo de *standartização* da língua italiana. Essa estrutura se repete nas pesquisas de Marisa Castelano Tsai (2006), Sonia Maria Galuchi (2008) e Raffaella Caira (2009). Outro aspecto em comum entre esses textos é o público alvo, porque as entrevistas deveriam ser em língua italiana e só seriam possíveis com os italianos que chegaram ao Brasil, a partir de 1945.

Para compor o *corpus* de sua pesquisa, Bilia (1998) dividiu os inquéritos orais em cinco grupos: conversas telefônicas, diálogos entre documentador e informante (DI), diálogo entre dois documentadores e um informante (2DI), diálogo entre três documentadores e um informante (3DI) e diálogos entre informantes (II). Classificados como empréstimos totais e parciais, comutações, extensão semântica e decalques, a autora ao fazer referência à extensão semântica, afirma apenas estimular análises mais profundas, porque se delimita à “análise dos fenômenos linguísticos lexicais que surgem na fala dos nossos informantes” (BILIA, 1998, p. 32). As interferências foram classificadas por Bilia da seguinte forma: tipos de interferências (grupo a – empréstimos totais) palavras simples (PS), unidades lexicais múltiplas (ULM), expressões (E) e Locuções (L), Correspondência em italiano das (PS), (ULM), (E) e (L), Correspondência em português das (PS), (ULM), (E) e (L), Frequência de uso, Nº do inquérito e Tipo de Inquérito.

Para a pesquisadora, “embora apresente marcas de contaminação pelo português, trata-se de uma língua que foi preservada, não apenas no registro coloquial, mas também no registro formal que, às vezes, aproxima-se do padrão culto” (BILIA, 1998, p.81), e apresenta como possíveis causas para as interferências destacadas o esquecimento; a proximidade entre a língua italiana e o português brasileiro; a distância da comunidade de origem e, por fim, o empobrecimento lexical.

Com base nesses resultados, é interessante destacar a ideia de purismo linguístico pelos termos “contaminação” e “empobrecimento lexical”, porque mesmo em um ambiente da comunidade de origem, as línguas analisadas

receberam e recebem influências de outras variedades linguísticas. Todavia, isso não é visto como uma contaminação, e sim tal qual um processo evolutivo criador de cultura, aceito e discutido pela comunidade linguística.

A expressão “empobrecimento lexical” é vista a partir daquilo que é dito, todavia Mey (2001), destaca que os estudos linguísticos não deveriam concentrar suas análises unicamente no papel do falante, mas questionar “se é possível entender isso ou aquilo na língua em questão, enfatizando o dito em detrimento daquilo que é entendido”. Nesse contexto, os informantes são considerados bilíngues. E, de acordo com Schlieben-Lange (1985), a língua encoberta pode-se revelar em diferentes contextos ou situações.

O fato de os documentadores serem brasileiros favorece a inserção de termos do português brasileiro, pois o entrevistado tem consciência de que será compreendido, independente do léxico empregado. Como destacado por Bilia (1998, p. 63), ao referir-se aos termos *taxistas*, *motoristas de táxi* e *policiais*, “é possível que, se os documentadores fossem italianos, tais empréstimos não teriam sido utilizados”. Essa questão seria muito pertinente para as futuras pesquisas sobre o contato linguístico entre as variedades do italiano e o português brasileiro.

No entanto, por uma questão de método, embora varie o público, imigrantes italianos da cidade de São Paulo (TSAI, 2006), São Bernardo do Campo (GALUCHI, 2008), e Curitiba (CAIRA, 2009), a estrutura e as análises registram objetivos, metodologias e considerações finais semelhantes ao estudo de Marilisa Bertechini Bilia.

Tsai (2006), que também trabalha com sujeitos da cidade de São Paulo, delimita sua pesquisa a seis italianos sem formação superior e um com curso universitário para contraponto, com o objetivo de “analisar as características do léxico de um grupo de italianos que emigrou rumo ao Brasil, após o término da Segunda Guerra Mundial” (TSAI, 2006, p. 9). Outro contraponto com a pesquisa de Bilia é não procurar os informantes em associações italianas.

Para sua análise, com base em um quadro comparativo, Tsai (2006), elege os termos: português/italiano “correto”, português/italiano “incorreto” e “linguagem mista”.

Após as análises, priorizados os conceitos de certo e errado, embora classifique as variedades italianas em “padrão”, “regional”, “popular”,

“italiano/dialetto”, “dialetto regional”, “dialetto local”, “bilinguismo” e “plurilinguismo”, Tsai (2006), a partir da norma padrão, conclui sua pesquisa, destacando o empobrecimento do léxico em relação ao país de origem, e aponta como causas a distância do país de origem, a baixa escolaridade e a falta de participação nas associações.

Na mesma perspectiva de certo e errado, Sonia Maria Galuchi tem como objetivo “analisar as características do léxico de um grupo de italianos que emigrou para o Brasil, especificamente para a cidade de São Bernardo do Campo, na grande São Paulo, após o término da Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1948 e 1960”. (GALUCHI, 2008, p.10). Nas análises, Galuchi considerou as seguintes interferências: empréstimos totais e parciais, comutações, mudança de sentido (denominado *valor semântico* por Bilia), decalques e verbos. Embora apresente algumas particularidades como os gráficos das interferências e uma exploração morfossintática, os resultados diferenciam-se apenas na estrutura da apresentada por Bilia (1998). Além disso, nas análises, enfatiza os termos “correto” e “incorreto”.

Ao fim das análises, Galuchi (2008, p.49), considera empobrecida a língua italiana, dos entrevistados, devido à adaptação, à baixa escolaridade e à ausência de contatos com a comunidade linguística de origem. Destaca, ainda, como características marcantes desse empobrecimento,

o discurso desconexo causado pela falta de algumas conexões gramaticais e ordem indevida das palavras usadas; confusão quanto ao uso do sujeito; uso incorreto quanto ao uso dos verbos; o uso indevido das preposições ou o uso das preposições baseado no modelo do português; o uso indevido ou a ausência dos artigos qualificadores.

Após essas observações, Galuchi considera a comunidade italiana de São Bernardo do Campo como bilíngue. A segunda geração, em função dos estudos da língua portuguesa, não deu sequência à língua italiana, mas a terceira geração, junto com os eventos patrocinados pela comunidade e poder público, tem inserido a língua italiana nos estudos.

Rafaella Caira (2009), também desenvolveu sua pesquisa sobre o contato

linguístico delimitado à análise lexical, com o objetivo de “estudar o léxico utilizado por alguns indivíduos pertencentes à comunidade italiana que se estabeleceram na cidade de Curitiba ao final da Segunda Guerra Mundial; de verificar, então, quanto a língua italiana se conservou depois de muitos anos de vida no Brasil” (CAIRA, 2009, p.2), com a metodologia, o *corpus* e referencial teórico semelhantes aos textos de Bilia, Tsai e Galuchi.

A partir do contexto histórico da imigração italiana para o Brasil, Paraná e mais especificamente Curitiba, Caira (2009), assim como nos trabalhos anteriores, destaca a situação linguística vivida pela Itália antes, durante e depois da Unificação Política.

Com sua pesquisa delimitada à análise lexical, Caira (2009), assim como Bilia (1998), Tsai (2006), Galuchi (2008), não destaca a possível influência dos dialetos regionais e locais nas interferências e emprega, como base para seu estudo, a norma padrão das línguas analisadas. A classificação dos termos explorados está, também, embasada nos conceitos de “correto” e “incorreto”. Para suas análises Caira (2009), faz usos, com base na norma padrão exigida para a modalidade escrita.

Na exposição dos resultados, Caira (2009) afirma, considerando apenas as seis entrevistas, que é possível a manutenção e conservação da língua materna, e, mesmo após décadas, empregando a L2, não apresenta as possíveis causas das interferências. Por uma questão de delimitação e metodologia, nessas pesquisas, não são consideradas as variedades linguísticas dos informantes ou entrevistados e suas possíveis influências na escolha do léxico, contudo apenas a variedade standard da língua italiana e a norma padrão do português brasileiro. E, com base nesses elementos de análise, classifica a língua dos entrevistados como “suficiente” e “insuficiente”. Em contrapartida, a língua do informante, de uma das entrevistas, é classificada como *perfeita*.

Percebemos com a leitura dessas pesquisas, as semelhanças quanto aos objetivos, metodologia, estrutura, referencial teórico, normas de transcrição, público ou informantes, *corpus* e análises. Mesmo revelando algumas particularidades, a sequência de estudos sobre o contato linguístico entre a língua italiana e o PB, delimitada à análise lexical nos textos aqui analisados, permite um conhecimento sobre a manutenção e conservação da língua italiana

em algumas regiões do Brasil; no entanto, as análises e resultados não comprovaram mudanças significativas em relação às apresentadas por Bilia (1998).

Uma das influências desses resultados pode ser destacada no processo de transcrição, porque na passagem do código oral, para o escrito, elimina-se a realização multissêmica. E, nas palavras de Marcuschi (2007, p. 51):

O texto oral transcrito perde seu caráter originário e pessoal e passa por uma neutralização devido à transcodificação. Assim na passagem da oralidade para a escrita realizada pela transcrição, dá-se a transcodificação em que se passa da substância e forma da expressão escrita com todas as consequências iminentes a esse processo.

Na leitura das análises lexicais, é perceptível que uma das consequências desse processo, mesmo contemplando um discurso autorizado por outros pesquisadores, e das tentativas de aproximar a oralidade da escrita, por meio da transcrição linguística, o léxico é analisado a partir de um discurso único pautado na gramaticalização da expressão escrita. Porém, o desvio da norma é uma forma de identidade: “Parece que a fala, por atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma tem caráter identificador. É possível que a identidade seja um tipo de desvio da norma padrão” (MARCUSCHI, 2010, p.36). Por isso, alguns desvios são oriundos de fatores que extrapolam as normas exigidas para variedade escrita, porque essas são impostas por um pequeno grupo que privilegia a escrita e o monolinguismo.

Quando há a presença de termos do português brasileiro ou a alternância de código (BERRUTO, 2006), no discurso dos imigrantes italianos, revela-se a identidade ou a língua materna desses falantes, porque nas palavras de Palloti (2012, p.61),

pode acontecer que um aprendiz consiga um ótimo controle do sistema fonológico da L2, e, assim, conseguir pronunciar palavras isoladas de forma (quase) indistinguível dos nativos, mas no momento em que produzirá frases ou discursos mais longos a sua identidade de estrangeiro se revelará imediatamente: aquilo que não foi ainda apreendido e que vem

transferido da língua materna é todo sistema que governa a entonação, o ritmo e as acentuações da frase.⁸

Assim, é possível identificar a etnia por meio da língua, seja italiana ou brasileira por origem ou pertencimento.

Os estudos de análises lexicais aqui destacados procuraram atender aos objetivos propostos. Todavia seguiram uma estrutura pautada apenas na norma padrão para explicar as variações e os desvios.

Nos textos das dissertações analisadas, a língua empregada para as entrevistas foi a italiana, mas os entrevistadores e os entrevistados são bilíngues. Por isso, os empréstimos totais ou parciais, comutações, extensão semântica e decalques não comprometeram a compreensão dos termos empregados como nas alternâncias de códigos. Devido à proximidade dos resultados das análises, baseadas nas normas de transcrições semelhantes, um diferencial seria observar um discurso, ou entrevistas, entre um dos informantes ou entrevistados com um sujeito que não domine o português brasileiro. Assim, poderiam ser oferecidas as interferências e a capacidade de compreensão.

A língua, quando aplicada ao discurso, torna-se dinâmica e procura atender às expectativas dos interlocutores. A inserção de termos linguísticos do país do documentador não descaracteriza a língua, porque, se assim aceitarmos, estaremos descaracterizando o sujeito que se manifesta por meio da ideologia, a qual tem como base a língua para se concretizar. Propomos, então, uma visão linguística desses estudos, mas com um encaminhamento discursivo. Ao extrapolar o contexto linguístico para o discursivo, sentimos a necessidade de inserirmos outros recursos de análises para discutirmos com mais particularidades uma variedade oriunda de contatos linguísticos. Nas palavras de Bagno (2003, p. 16-17), “a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano. Somos a língua que falamos”. E devemos atentar para o fato de que, além da língua pertencer ao falante e que

⁸ *Può accadere che un apprendente raggiunga un ottimo controllo del sistema fonologico della L2, così da riuscire a pronunciare parole singole in modo (quasi) indistinguibile dai nativi, eppure, nel momento in cui produrrà frasi o discorsi più lunghi, la sua identità di straniero si rivelerà immediatamente: ciò che non è stato ancora appreso, e che viene trasferito dalla lingua materna, è tutto il sistema che governa l'intonazione, il ritmo, le accentuazioni della frase* (PALLOTTI, 2012, p.61)

a análise da oralidade apenas com base na gramática, reduz o sentido do discurso, não se considera a realização multissêmica. E, para Leroy (1971, p. 170),

o léxico, em contraposição, é essencialmente instável: enriquece-se constantemente de palavras novas, ao passo que outras caem em desuso e outras ainda se veem revestidas de novas significações. E essa natureza peculiar dos elementos significativos da linguagem, os torna aparentemente rebeldes a toda classificação rígida.

Contudo, qual(is) análise(s) a partir dos avanços científicos nas questões linguísticas melhor responderia aos nossos anseios quando estudamos o contato linguístico ou uma língua de imigração? Essa será a questão sobre a qual nos debruçaremos nas nossas análises.

E para atendermos à estrutura proposta para nossa pesquisa apresentamos, em seguida, o contexto histórico sobre a imigração italiana em Jundiaí e à formação dos bairros étnicos do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, atual bairro Colônia, e do bairro Traviú.

CONTEXTO HISTÓRICO

1. CONTEXTO HISTÓRICO

A imigração italiana para o Brasil, com algumas exceções, tem seu grande contingente de imigrantes a partir de 1875. O Brasil, entre 1819 e 1947, recebeu 4.903,991 imigrantes. Desses, os italianos foram 1.513,151. Esse número de imigrantes italianos demonstra superioridade em relação aos imigrantes espanhóis, portugueses, japoneses e alemães (KREUTZ, 2010). Todavia, ao iniciar a imigração italiana, para o Brasil, em 1875, a orientação oficial (KREUTZ, 2010, p 349):

foi de evitar grandes extensões de colônias etnicamente homogêneas, separando-as por terras particulares pertencentes à população luso-brasileira. E a partir do período republicano a orientação foi pela formação de colônias mistas. Porém, da parte dos imigrantes, houve uma tendência continuada à formação de núcleos etnicamente homogêneos, pois favorecia sua organização religiosa, social e escolar em perspectiva comunitária.

O Núcleo Colonial Barão de Jundiáí, atual bairro Colônia, é um exemplo desse processo, de formação de um bairro étnico no período republicano, o que favoreceu, além da organização religiosa e social, a grande contribuição, por parte dos imigrantes italianos ao desenvolvimento social, econômico e cultural de Jundiáí e região.

A região de Jundiáí, até o início do século XVII, era habitada apenas por indígenas. Conhecida como Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, foi elevada à categoria de vila em 14 de dezembro de 1655. Entretanto, os primeiros colonizadores chegaram em 1615; foi elevada à categoria de cidade, em 28 de março de 1865, cinco anos, antes da Unificação Política Italiana. Todavia, os primeiros imigrantes italianos só chegaram à cidade de Jundiáí, em 24 de setembro de 1887, o que “mudou rapidamente as características da cidade, da população e da produção industrial e rural – ao ponto de ser referenciada no começo do século como cidade italiana” (FILIPPINI, 1988, p. 20). Tal influência

está presente até mesmo na descrição das cores da bandeira da cidade, pois o azul representa o Rio Jundiaí, a cor vermelha, a verde e a branca são referências aos imigrantes italianos.

1.1 Da Itália à cidade de Jundiaí

Como em outras regiões do Brasil, durante o período da Grande Imigração italiana, a região de Campinas necessitava de serviços braçais na manutenção das fazendas de café, porque quase todos os trabalhadores utilizados, anos antes da chegada dos imigrantes italianos, eram escravos. Devido às pressões internas e externas, com relação ao trabalho escravo, os governantes e alguns latifundiários começaram a buscar trabalhadores aparentemente livres.

Uma das possibilidades para a manutenção da mão de obra era a criação dos núcleos coloniais. Por isso, em 1823, ocorreu a implantação do primeiro núcleo colonial no Brasil. Esses núcleos coloniais constituídos por pequenas propriedades, na realidade, tinham a intenção de servir como “um viveiro de mão de obra” (FILIPPINI, 1990, p.18). No entanto, devido à falta de estrutura e aos interesses dos grandes proprietários, que necessitavam desses braços para a manutenção de suas lavouras, esses núcleos não prosperaram.

Somente a partir de 1886 houve uma reestruturação dos núcleos já existentes e uma política necessária para a instalação e prosperidade local. Houve uma política de incentivo, e promessas nem sempre cumpridas, mas legitimada com a implantação da Lei Áurea e a proibição definitiva do trabalho escravo no Brasil.

Foi durante esse momento de mudanças que se deu o início à criação do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, em 4 de outubro de 1886, organizado com o incentivo do governo. A origem desse núcleo por Antonio Queiroz Telles, Conde de Parnaíba, com base nas novas normas de reestruturação dos núcleos já existentes, deu início a primeira microssociedade étnica, em Jundiaí, formada por imigrantes italianos, o atual bairro Colônia.

Este núcleo foi formado a partir da aquisição de uma área de 221 alqueires, pelo governo da província, conhecida na época como Fazendinha. Os

primeiros vinte e dois imigrantes chegaram a esse núcleo em 24 de setembro de 1887. Devido aos incentivos e “com a possibilidade de se tornarem agricultores independentes”(COSTA,2008, p. 80), muitos italianos foram atraídos para o Brasil, sobretudo, para o Estado de São Paulo.

A intenção da maioria desses imigrantes era economizar para investir na Itália. Assim, pretendiam permanecer como imigrantes, apenas o tempo necessário para conseguir o suficiente e retornar ao seu país. Mesmo não atingindo esse propósito, ou realizar as próprias prioridades, muitos imigrantes italianos retornaram à Itália por não aceitar as condições de trabalho ou as ofertas de terras e incentivos não cumpridos pelos contratantes (COSTA, 2008).

O desejo de retornar à pátria tornava a conservação da língua materna italiana uma necessidade, tanto para os italianos, quanto para os filhos e netos nascidos no Brasil, mesmo em um contexto de confluências entre a língua materna do país receptor e as línguas dos imigrantes. No contexto dos bairros Colônia e Traviú, como elucidado neste estudo, destacam-se as línguas minoritárias da região do Vêneto (Figura 1) e do Trentino Alto Adige.

Figura 1: Mapa da região vêneta

Fonte: Viaggiaalex (2016)

“O vêneto é historicamente a língua do povo vêneto”⁹ (ZULIN, 2016). Composta por diversos falares, essa foi a variedade empregada em numerosos documentos referentes à história da Itália. De acordo com Zulin (2016), em vêneto “escrevia um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, Carlo Goldoni, representado em todo o mundo”. Também reconhece Andrea Zanzotto, um dos grandes poetas vivos que escreve em vêneto. Outro destaque da língua vêneta é que, antes mesmo do italiano, foram registrados, por séculos, os contratos comerciais internacionais, com a Grécia, Turquia e toda área do Mediterrâneo.

Cabe ressaltar que o vêneto é uma língua falada por sete entre dez habitantes da região vêneta. A pesquisa realizada pela *Demos Sviluppo Ricerca* (2009) sobre o número de usuários, informa que 78% dos entrevistados, em 1998, afirmavam utilizar a língua vêneta. Em 2006, embora não apresente o mesmo percentual, o número de usuários continua muito significativo, pois três em cada quatro pessoas recorreram à língua vêneta com os conhecidos e amigos. Esse número só é inferior no contexto doméstico (71%). E, 80% da população adulta e da terceira idade empregam a língua vêneta. Entre os mais jovens a porcentagem está entre 65-67%, isto é, dois em cada três jovens continuam a utilizar a língua vêneta em relações mais estreitas.

E, esse número de falantes de vêneto tende a aumentar, porque foi aprovada, em 2008, a lei que o institui como língua do povo vêneto. A questão de ser facultativo o ensino da língua vêneta pelas instituições educacionais é visto como um fator negativo, porque, como questiona Acquaviva (2009), como uma língua de um povo pode ser ensinada facultativamente? Dessa forma, a relação da língua vêneta e a identidade é comentada por Acquaviva (1999, p.27), da seguinte forma:

Se a língua não é protegida, a identidade morre. Lembro que quando os pais falam com os filhos uma língua que não é a língua deles, quando impedem os filhos de falar a língua deles, quando lhes dizem que não é correto exprimir-se na língua que entendem como dialeto, e sobretudo, quando os filhos se envergonham de falá-lo fora de casa, nesse ponto a sobrevivência da identidade daquele povo está no fim. Portanto,

⁹ “il veneto è storicamente la lingua del popolo veneto” (ZULIN, 2016).

o *Veneto* é uma língua que tem que ser tutelada e ensinada na escola, e não uma hora por semana, mas massivamente, quase como o italiano¹⁰.

Cabe fomentar que, no processo de manutenção de uma identidade, a língua é primordial, ou seja, a identidade étnica dos descendentes e o sentimento de pertencimento devem estar atrelados, mesmo que de forma fragmentária, aos sentidos e valores das línguas minoritárias empregadas pelos imigrantes italianos, haja vista que, todo sistema composto por regras gramaticais, sintáticas e morfológicas que se utiliza de um set lexical e fonético configura-se uma língua, mesmo que esse sistema não seja reconhecido ou composto pelos registros da modalidade escrita.

A dicotomia dialeto/língua é, por razões científicas, históricas e sociais, eliminada, pois são esses critérios que caracterizam as línguas. O dialeto é a variante de uma língua (MOCELLIN, 2010), expressão que se relaciona aos conceitos de dialeto vêneta e dialeto trentino, atribuídos pelos descendentes de italianos e trentinos dos bairros Colônia e Traviú.

Outro aspecto evidenciado por Mocellin (2010), relacionado à língua vêneta, e que adequamos aos nossos objetivos e teorias, é o fato de uma língua com base oral só se transformar com a oralidade e ser silenciada quando não houver mais usuários.

Logo, a língua vêneta, assim como em sua importância à amplitude histórica, predominou na formação de uma variedade denominada pelos descendentes de italianos entrevistados, como “dialeto da Colônia”. A língua, os elementos paralinguísticos, os sentidos e valores culturais propiciaram a formação de uma sociedade étnica estruturada, conforme o exposto no item 1.2.

¹⁰ *Se non viene tutelata la lingua, l'identità muore. Ricordo che quando i genitori parlano con i figli una lingua che non è la loro, quando impediscono ai figli di parlare la loro lingua, quando gli dicono che non è corretto esprimersi in quello che ritengono un dialetto, e soprattutto quando i figli si vergognano di parlarlo fuori casa, a quel punto la sopravvivenza dell'identità di quel popolo è alla fine. Quindi il Veneto è una lingua che va tutelata e insegnata a scuola, e non un'ora alla settimana, ma massicciamente, quasi come l'italiano* (ACQUAVIVA, 1999, p.27)

1.2 A estrutura social do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí

O Núcleo Colonial Barão de Jundiáí possui uma constituição diversificada, pois nem todos os imigrantes são, em maioria, originárias da mesma região, como a microssociedade italiana do bairro do Traviú.

Nas famílias de imigrantes italianos que conseguiram os lotes do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí, mesmo oriundas de diferentes regiões como Lombardia, Campania, Calabria e Abruzzo, havia o predomínio de imigrantes de origem vêneta. (FILIPPINI, 1998)

Ainda que não tenhamos registros das variedades escrita ou oral, no período da fixação dessas pessoas, a comunicação entre os imigrantes era estabelecida por discursos permeados por várias línguas minoritárias, o que caracterizava uma situação de contato entre as línguas maternas: as variedades da língua italiana em situação de uma língua de imigração – italiano/português, ou português/italiano – e as línguas de fronteiras: as línguas minoritárias das regiões italianas acima destacadas.

Em uma das comunidades analisadas nesse estudo, esse contato é descrito por um descendente de italiano entrevistado:

Aqui no Traviú...é... se falava dois dialetos... o.. dialeto da Região do Trento e o dialeto da Região di Veneto.... eles tinham muitas semelhanças... mas algumas palavras um pouco diferente né.. **allora se ciapa non se prende**¹¹... come noi parliamo in italiano... então *ciapare*.... ciapa quel bicchiere per me... è lo stesso di dire ... prende quel bicchiere per me... então era.. um dialeto que eles até.... vamos dizer assim... aqui no Traviú ficou uma coisa engraçada porque eles misturavam esses dois dialetos e.... tinham diferenças de algumas palavras... por exemplo... no italiano se fala *salsiccia* e... no dialeto Vêneto também... mas no dialeto trentino é *lucanega*.... então palavras bem diferentes.... porque o dialeto trentino tem muita coisa da influência da língua alemã.. né... é isso.... aqui no bairro tinha... assim... essa diferença entre as duas... é.. as duas regiões.. mas que se juntaram e **eles acabaram se entendendo**.... assim... quando eu era pequeno meu pai se juntava com os amigos dele e falava somente esse dialeto.... vamos chamar agora de um

¹¹ Destacamos em itálico as palavras em língua minoritária, sublinhadas aquelas em língua italiana *standard* e negritadas as frases ou palavras que remetem ao contato linguístico entre as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro.

dialeto Traviú né.. então eles falavam esse dialeto que era praticamente cruzamento entre... entre a... né..... as duas regiões da Itália **e a gente ouvia e entendia tudo**.... mas a prática de falar a gente não tinha.. mui...to a prática de falar o dialeto.... mas entendia ele perfeitamente.... meu pai só falava em dialeto e eu entendia perfeito... mas respondia em português.. é... ou... a... obedecia aquilo que ele estava pedindo... normalmente ele.... *vien qui matelotti*...allora... venga qua bambino....(risos) *veni qui matelotti*... então a gente já obedecia... (risos)... por que... porque a gente a.... vou falar assim.... só ouvia eles falando isso e acabava aprendendo por tabela... entendeu...¹²

Essas informações, mesmo que representem uma situação particular, destaca o aspecto linguístico em várias comunidades formadas por imigrantes italianos oriundos de diferentes regiões da Itália.

Entretanto, a língua materna, em uma posição de língua minoritária, para uma microssociedade de imigrantes, pode servir de veículo de comunicação que garante, desde o sigilo de determinadas informações à identidade de seus integrantes. Como o exemplo apresentado por Hagège (2000), sobre os aborígenes australianos que, após abandonarem suas línguas e, consequentemente, a cultura, para se adaptarem, retomaram-nas com a finalidade de “afirmar a sua identidade, nomeadamente, nas situações em que podem, além disso, desafiar a autoridade dos seus adversários, os policiais brancos, face aos quais os idiomas aborígenes são empregados como línguas secretas” (HAGÈGE, 2000, p. 185-186).

Além disso, a língua é um fator de identidade que pode corresponder ao pertencimento, por meio de textos orais e escritos, do emissor, e por outro lado, pode representar um obstáculo na interação com os falantes da língua materna local. Vale lembrar que com relação aos imigrantes italianos, esses contatos linguísticos, durante a Grande Imigração, também se estabeleciam como “língua de fronteira”.

Embora, nos espaços de fronteiras, as trocas linguísticas sejam constantes e necessárias devido às relações sociais, econômicas e culturais, a

12 Parte da entrevista concedida, ao pesquisador, por O.S., descendente dos imigrantes trentinos e membro ativo da comunidade para a conservação da memória por meio do patrimônio cultural material e imaterial do bairro Traviú.

língua materna do imigrante e de seus descendentes, caracteriza-se “tanto um poderoso veículo de comunicação como um obstáculo aos contatos pessoais. [...] A língua funciona também como forma consciente ou inconsciente de integração” (FAUSTO, 2010, p. 53).

E, para os italianos provenientes de um país unificado apenas em 1861, um grande percentual dos imigrantes não falava a variedade eleita como língua oficial, mas línguas minoritárias ou dialetos. Situação que se repetiu nas comunidades dos atuais bairros Colônia e Traviú. Ademais o contato com a variedade definida como língua oficial, para muitos imigrantes, ocorreu fora da pátria.

Como destaca Fausto (2010), ao afirmar que a maioria dos imigrantes italianos, do século XIX, aprendeu o italiano, estes indivíduos superaram as dificuldades de comunicação dos diferentes dialetos no país de destino “por meio da leitura da imprensa italiana local e do ensino ministrado pelas escolas que a comunidade fundou” (IDEM, 2010, p. 53). Mas algumas comunidades mantiveram e mantêm a variedade regional ou a língua minoritária. A comunidade de Piracicaba é um exemplo dessa manutenção linguística. (LEME, 2011; ALTMAYER, 2014)

É fundamental conceituarmos a língua de imigração aqui como uma variedade constituída pela confluência das variedades linguísticas italianas com o português brasileiro, e o contato linguístico entre as línguas minoritárias das diferentes regiões da Itália nas comunidades étnicas italianas criadas no Brasil, como ocorreu no bairro do Traviú com os imigrantes trentinos e vênetsos.

Outro motivo para manter a língua materna da região dos imigrantes, conforme destacado acima, além da identidade étnica, era garantir o sigilo das conversas íntimas fora do alcance de terceiros. Porém, o domínio da língua portuguesa pelos filhos dos imigrantes, devido às relações interpessoais com os brasileiros e ao acesso às escolas, nas comunidades de Jundiaí, promoveu o distanciamento e, conseqüentemente, um bilinguismo desigual, em relação à língua dos mais velhos que procuravam preservá-la e o português brasileiro. Todavia, vale reiterar que muitos imigrantes italianos preservaram a língua materna com a intenção de retornarem à pátria, como destacado por Fausto (2010) e por Caprara (2003, p. 201 – 202), em seu estudo com os imigrantes italianos na cidade de São Paulo.

Na comunidade formada pela criação do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí, as variedades oriundas da confluência entre a língua materna (português brasileiro), as línguas de imigração (línguas minoritárias italianas ou dialetos) e de fronteiras (línguas minoritárias italianas/línguas minoritárias italianas), foram empregadas entre seus pares até a metade do século XX, como comprovam as entrevistas com os moradores do bairro São João e adjacentes com relação ao emprego da língua italiana no bairro Colônia.

Sim.. pra assim não teve nenhum problema... quando vinha para aqui todos ficavam na Colônia... falam até que era Colônia italiana... eu mesmo só aprendi a falar português com nove anos... quando saí dali... porque ali só falava italiano.... até hoje eu falo melhor italiano do que português.... lá não se falava outra língua... só italiano.¹³

sim.. principalmente com relação ao trabalho... o meu avô ia todos os dias nas fábricas pedir emprego... e o patrão sempre dizia.. volte amanhã... era uma das poucas coisas que ele sabia... foi muito difícil... mas ele superou isso.¹⁴

Houve dificuldade sim.. no entanto.. que seu país que... trabalhavam fora.. aprenderam mais ou menos a língua portuguesa.. no passar do tempo.. mas.. sua mãe que não saía de casa... só sabia falar a língua italiana.[...] o cotidiano era muito bom.. havia ajuda.. solidariedade.. amizade.. sim.. pois.. a língua não atrapalhava.. porque os poucos moradores do bairro em quase todos italianos.¹⁵

Outro aspecto que contribuiu para o processo de substituição das línguas minoritárias italianas, no antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiáí e atual bairro Colônia, foi a proximidade com o centro urbano como se verifica na figura referente à localização atual do antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiáí.

Na figura dois, expomos um mapa que possibilita a visualização da localização e distância entre o Núcleo colonial Barão de Jundiáí e o centro da cidade de Jundiáí

¹³ Fragmento da entrevista do Senhor I. M., filho de pai brasileiro e mãe italiana, em 1991. Na data da entrevista estava com 74 anos.

¹⁴ Fragmento da entrevista da Senhora A.M., filha de pais italianos, em 1991. Na data da entrevista não foi informada a idade.

¹⁵ Fragmento da entrevista do Senhor A.B., filho de pais italianos, em 1991. Na data da entrevista não foi informada a idade.

Figura 2: mapa do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí

Fonte: Eduardo Carlos Pereira (p. 14, 1988)

A imagem seguinte (Figura 3) apresenta uma visão parcial da cidade de Jundiáí, na qual se inclui o atual bairro Colônia e sua integração ao contexto urbano da cidade.

Figura 3: Bairro Colônia

Fonte: Google Maps (2016)

Essa proximidade com o centro urbano, em acordo com as diretrizes para a formação de núcleos coloniais desse período, contribuiu para a integração e um contato linguístico mais intenso com os brasileiros, pois, além do contato com os brasileiros e imigrantes de outros países, moradores dos bairros adjacentes ao Núcleo colonial Barão de Jundiáí, segundo um levantamento da Secretaria

da Agricultura em 1892, (anexo B), a população do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí era constituída por seiscentos e cinquenta e um (651) imigrantes de diferentes regiões da Itália, cento e cinco brasileiros (105) e doze (12) imigrantes de origem portuguesa, correspondentes a uma população de setecentos e sessenta e oito habitantes.

Outros dados relevantes desse relatório são as informações sobre a religião e a taxa de alfabetizados e de analfabetos. Dos imigrantes italianos, seiscentos e cinquenta e um (651) todos se declaravam católicos e trezentos e oitenta e sete eram analfabetos. Dos doze (12) imigrantes portugueses, todos se declararam católicos e onze (11) eram analfabetos. A religião dos cento e cinco (105) brasileiros não está declarada, porém todos eram analfabetos.

Dentre os imigrantes italianos 41,62% tinham algum grau de escolaridade, logo não podemos afirmar, com base em registros documentais, mas certamente houve grande influência desses imigrados na comunidade.

Além desses dados o referido relatório também divulga uma divisão por idade, sexo, estado civil e profissões. Devido à formação, não foram contempladas informações documentais sobre os itens destacados anteriormente dos imigrantes trentinos e vênets, os quais formaram, no final do século XIX, o bairro étnico do Traviú.

1.3 Traviú: uma representação do Trentino Alto Adige e do Vêneto

A segunda comunidade italiana de Jundiáí, de acordo com os registros de Caniato (1998), foi em seu início formada pelos imigrantes da região do Trentino Alto Adige, que chegaram ao Brasil em 1881, para trabalharem em uma fazenda de café, na região de Campinas e, após dez anos de trabalho, compraram a Fazenda Traviú na cidade de Jundiáí, em 1893.

As línguas minoritárias vêneta e trentina não revelaram, conforme Caniato (1987), dificuldades de interação entre os imigrantes trentinos e vênets. O contato linguístico presente na comunidade linguística do bairro do Traviú, se aproxima da realidade autóctone da região do Tirol, a qual era “habitada por três grupos linguísticos principais: falantes do alemão, do italiano e do ladino

dolomítico (língua aparentada ao romanche suíço) (ALTMAYER, 2016).

Ao falar das variedades linguísticas existentes no bairro do Traviú, Caniato (1993) faz referência às pesquisas e envolvimento com a cultura local dos imigrantes trentinos e vênets e às diferenças entre essas línguas minoritárias trentina e vêneta. Caniato (1993), considerando o contexto histórico, destaca que

[...] Áustria e se vamos entrar mesmo na história um pouco mais antiga.. podemos verificar que o Trento durante oitocentos anos.. foi considerada uma província autônoma com.... regendo lá... o administrador... governando essa parte por um príncipe chamado.. Bispo.. príncipe... daí.. a predominância... senão a totalidade do italiano.. então.. o dialeto... formou-se o dialeto vênets que se estendeu dali... do litoral da Adriático.. às margens do Adriático... se estendeu mais para o norte.. até a divisa da Áustria... a predominância do italiano.. mas o dialeto conservado... pel::o.. conservado os dois dialetos do vênets e do trentino.... conservados e que vêm até hoje... mesmo aqui... nota-se uma pequena diferença nos dois grupos... entre o vênets e o trentino.. que alguns dizem tirolês.. dialeto tirolês.. e.. de fato tem uma ou outra palavra do Tirol... pouquinha diferença do dialeto vênets... mesmo aqui no bairro nota-se ainda essa pequena diferença dos dois dialetos.. por exemplo... no vênets o /l/ nas palavras quase que desaparece... como desaparece as letras geminadas.. a não ser o /s/ e os dois /z/... ao passo que isso é mais conservado no trentino.. daí.. então.. essa diferença... hoje nós temos até obras que são escritas nesses dialetos... no dialeto trentino e no dialeto vênets... e esse vênets com grande predominância... e da província de Treviso... é onde é mais acentuado esse dialeto..¹⁶

Essas diferenças também foram exploradas nas pesquisas de Altmayer (2008; 2011; 2014). Outro aspecto destacado, com base no contexto histórico é o fato de que a língua minoritária italiana falada pelos imigrantes trentinos de língua italiana, como apresentado na sequência, não é uma variedade da língua italiana, pois a língua *standard* italiana é uma Koinè “com base na língua minoritária da Toscana” (Idem, 2008, p.55)

¹⁶ Fragmento da entrevista de I. C. (1987), concedida à pesquisadora e historiadora Elisabeth Filippini.

Figura 4: Grupos linguísticos no Tirol

Fonte: Adaptado de Altmayer (2008)

Embora a região autóctone dos imigrantes tirolese falantes da língua italiana apresente uma variedade que difere, mas não muito da língua minoritária vêneta, os discursos dos descendentes de italianos e trentinos do bairro do Traviú, afirmam que, desse contato linguístico entre as línguas minoritárias italianas (trentina e vêneta) e o português brasileiro, surgiu o “Dialeto do Traviú”.

Essa variedade linguística, um pouco afastada do centro urbano da cidade de Jundiaí (figura 5), fez com que os descendentes entendessem, principalmente, e a utilizassem no âmbito familiar e nos momentos de relembrar os fatos vividos ou presenciados em vários contextos sociais.

No mapa seguinte, além da distância em relação ao centro percebemos que o bairro do Traviú se encontra nos limites da área que compõe o município de Jundiaí.

Figura 5: Mapa de Jundiaí

Fonte: (FERRÃO; BRAGA, 2008, p. 75)

Devido à localização, o bairro do Traviú, é considerado, pela prefeitura de Jundiaí, uma região rural. Mesmo próximo de importantes rodovias (Anhanguera e Bandeirantes) e de uma área industrial e comercial representativa, nas imagens atuais dessa localidade podemos, ainda, observar as características de uma localidade rural e o conservação de algumas videiras.

Figura 6: Imagem do bairro do Traviú (2012)

Fonte: Fábio Barros (2012)

A região ilustrada foi habitada primeiramente pela família Steck, seguida das famílias Carbonari, Brunelli, Condini e Pompemayer. Todas provenientes de Romagnano, uma pequena fração de Trento, entre o monte Bondone e o rio Adige. Depois, a convite de Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, chegaram as famílias Tomasetto e Lorenzon, oriundas de Maserada Sul Piave, pequena cidade vêneta da Província de Treviso.

De 1881 a 1893, esses imigrantes trabalharam como colonos na fazenda Sete Quedas, na cidade de Campinas, cultivando café. Após esses anos de trabalho, conseguiram comprar uma área denominada Fazenda Traviú, que pertencia a Joaquim Bonifácio do Amaral, um defensor do trabalho livre. O.S. Filho, presidente do *Circolo Trentino* de Jundiaí, denomina essa compra o primeiro exemplo de cooperativismo no Brasil.

Em um contexto que procurava representar alguns elementos do país de origem, após a divisão das terras, iniciou-se no bairro do Traviú, pelos imigrantes da região do Trentino Alto Adige, o cultivo da uva, com destaque para a plantação da espécie Niagara Branca. E, por acaso, no plantio da família Carbonari, descobriram a espécie rosada. Além do aspecto cooperativista

dessas famílias, com a compra da Fazenda Traviú, deu-se início à formação da segunda microssociedade de imigrantes italianos na cidade de Jundiáí.

A proximidade entre esses imigrantes, em relação à língua e hábitos culturais, caracterizou a referida região como uma representação das lembranças para não se sentirem distantes da cultura italiana.

A constituição de bairros por imigrantes nos remete aos conceitos elucidados por Fausto (2010), nos quais a representação e a constituição dessas microssociedades, os bairros étnicos, promovem a proximidade com os pares, em virtude da língua e da identidade. O conceito de identidade, segundo Orlandi (2002), muda, dependendo das pressões do país escolhido e das imposições em situação de imigração.

Mesmo vivendo em uma microssociedade, como em situação de imigração, o contato com os nativos era/é inevitável e, nesse momento, a língua que, entre os imigrantes caracterizava uma forma de identidade cultural, tornava-se um entrave às relações interpessoais e econômicas, como destaca Maria Luísa de Almeida Leme (2011), ao referir-se à compra da Fazenda Santa Olímpia, na região de Piracicaba, haja visto o fato de ter passado por três processos até sua aquisição definitiva.

Nesse âmbito, além da ingenuidade e forte religiosidade católica desses imigrantes ao assinarem os documentos, a língua foi um fator decisivo, porque “como não entendiam a língua portuguesa, ficavam muito difíceis as transações comerciais” (LEME, 2011, p.58).

Para os imigrantes trentinos, vênnetos, e descendentes da primeira e segunda gerações do bairro do Traviú, de acordo com Caniato (1987), conforme destacado anteriormente, as variedades linguísticas constituídas pelas línguas minoritárias ou dialetos não atrapalharam as relações, mesmo em um contexto que envolvia, além das línguas minoritárias, as línguas de imigração (a língua italiana, como eram concebidas pelos brasileiros as línguas minoritárias das diferentes regiões da Itália) e o português brasileiro, a língua materna do Brasil.

O atual bairro do Traviú, constituído, inicialmente, pela união de imigrantes trentinos e vênnetos, teve origem com a aquisição, pelos próprios imigrantes, de uma Fazenda, no morro do Traviú. É considerado um bairro rural por não estar integrado à área urbana. A localização, aliada às características da geografia local, ao cultivo de uva e à resistência em aceitar a presença de

não descendentes de trentinos e vênnetos, proporcionou a manutenção das variedades linguísticas desses sujeitos. Porém, mesmo empregadas pelos descendentes até as décadas de 1970 e 1980, de acordo com os depoimentos orais dos entrevistados, as línguas minoritárias dos trentinos e vênnetos, por falta de interlocutores e outros fatores que serão incluídos, no decorrer desta pesquisa, como o ocorrido no bairro Colônia, são silenciadas com a morte dos descendentes de primeira e segunda gerações.

Cabe aqui frisar que os contatos linguísticos contribuíram para a constituição de um patrimônio cultural material e imaterial e mantêm a memória dos antepassados e o sentimento de pertencimento. Mesmo não apresentando todas as características das regiões de origem, devido às geografias linguística e territorial, ao contato com a cultura brasileira, o patrimônio cultural material e imaterial promove o sentir-se parte da etnia dos imigrantes, independente da região italiana de origem.

1.4. Patrimônio material e imaterial dos descendentes de italianos em Jundiaí

Com relação às comunidades de Jundiaí, podemos verificar esse, contexto, tomando como base a “*Festa Italiana di Jundiaí*” que, no ano de 2016, apresentou na vigésima nona edição.

Figura 7: Cartaz da vigésima nona edição da *Festa Italiana di Jundiaí*

Fonte: TV tem (2016)

Com o tema “Nossa Missão é Servir”, “o objetivo da *La Più Bella Festa* é celebrar as tradições da cultura italiana por meio da gastronomia, da música e da dança”. (TV TEM, 2016).

Segundo os organizadores, no início, além da questão econômica, seria um elemento de resistência cultural, ou seja, a festa seria um pretexto para manter e mostrar às novas gerações a herança dos primeiros vinte e dois imigrantes, que chegaram a Jundiaí em quatro de setembro de 1887, no Núcleo Colonial Barão de Jundiaí. Era uma área de duzentos e vinte e um alqueires, hoje denominada bairro Colônia (PEZZATO; MARTELLI; MARQUES, 2007).

Devido ao seu crescimento e destaque para a cidade, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, a “*Festa Italiana di Jundiaí*”, por meio da

Lei Municipal 3235, passou a fazer parte do calendário turístico da cidade.

É importante salientar que no entorno do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí outras microssociedades de imigrantes italianos foram surgindo, a partir da aquisição de sítios e fazendas. Entretanto, esses grupos eram formados pela família que, conforme crescia, construía uma espécie de “*piccolo paese*” familiar. Podemos destacar os bairros Caxambu, Toca e Roseira, criados ao entorno do Núcleo Colonial Barão de Jundiáí.

É curioso destacar que, de acordo com a ata referente à construção da Igreja Sagrado Coração de Jesus, de 10 de outubro de 1897, Borin (2011, p. 2) afirma “que o bairro Caxambu é anterior a 1900” (BORIN, 2011, p.2), porque nela consta o nome do senhor Silvestre Xavier da Cunha, como morador do bairro Caxambu.

De origem africana, Caxambu significa “batuque”, “rito/celebração”. Proibido pela igreja, mas permitido pelos senhores de escravos. O desenvolvimento desse bairro começou com a divisão da Fazenda Caxambu a partir da chegada dos imigrantes italianos, no final do século XIX.

Outro evento cultural, com início em 1932, é a “Festa da Uva do Bairro Caxambu”, realizada junto à Paróquia Bom Jesus, que acontece anualmente entre os meses de janeiro e fevereiro. Considerada “a mais tradicional, está incluída no calendário municipal de eventos pelo projeto de lei número 7.546, de 10 de agosto de 1999” (BORIN, 2011, p. 10). Além do caráter religioso, este evento também revive algumas das tradições dos primeiros imigrantes italianos do bairro; dentre as quais podemos destacar a “Pisa da Uva”.

Quanto ao Bairro Toca, de acordo com a História Oral passada de geração em geração, seu nome deriva da atividade da caça de animais silvestres, como porco do mato, tatus e coelhos, pois era um grande vale com nascente. Quando os animais silvestres vinham beber água, entocados, tornavam-se presas fáceis dos caçadores. Dessa atividade, surgiu o nome do bairro Toca. A influência dos descendentes italianos nesse local é marcada com a construção da primeira Capela do bairro pela família Marquezin.

Já o bairro Roseira surgiu com a compra do “Sítio Roseira”, pertencente ao bairro Caxambu, pela família de Luiz Mingotti, morador do bairro Toca. O nome deriva das rosas brancas que existiam no local. A compra ocorreu (BORIN, 2011, p.19),

em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, quando Luiz prometeu construir uma capela em homenagem ao santo. Concluída em 1921, a capelinha tinha 2,5 x 3 metros. Lá, ele rezava o terço todas as terças e sextas-feiras, em italiano”.

A religião católica ainda é uma característica muito marcante entre os descendentes de italianos na cidade de Jundiaí, assim como a religiosidade intensa dos imigrantes italianos, preconizada por Leme (2011, p. 60 – 62), na comunidade tirol-trentina de Piracicaba. A maioria dos eventos relacionados à cultura italiana está ligada aos princípios religiosos das comunidades ítalo-brasileiras, como demonstrado no trabalho elaborado por João Borin (2011), referente às construções das capelas pelos primeiros imigrantes italianos em suas respectivas comunidades, em Jundiaí a *Festa Italiana di Jundiaí*, no bairro Colônia; a Festa da Uva, no bairro Caxambu e a Missa da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro Colônia, rezada, em italiano, ainda hoje, uma vez por mês.

Como destacado por Hagège (2000), quando há o predomínio a religião pode favorecer a manutenção de uma variedade linguística. Por outro lado, o enfraquecimento da religião ou a interferência de outros princípios podem contribuir para o processo de substituição ou de silenciamento.

Nas comunidades dos bairros Colônia e Traviú a unidade religiosa contribuiu para a conservação da língua italiana *standard*, porque as demais variedades italianas ficaram restritas às comunicações familiares e aos amigos mais próximos.

A influência da imigração italiana na cidade de Jundiaí também tem destaque na bandeira do município. Os símbolos e cores são assim descritos (PREFEITURA DE JUNDIAÍ):

O campo verde recorda o velho “Mato Grosso de Jundiaí”, ao mesmo tempo em que simboliza a viticultura do município. A roda dentada é o símbolo de seu parque industrial e o baluarte no centro, com o escudete, evoca Jundiaí como “Porta do Sertão”, assim como o nome de sua padroeira Nossa Senhora do Desterro. Os dois milésimos

- 1615 e 1655, lembram a fundação do povoado e sua elevação à vila respectivamente. A roda dentada é em vermelho porque assim reunindo-se sobre o verde, o vermelho e o branco, compõe-se o conjunto das cores da bandeira italiana, e desta forma fica constando uma homenagem a colônia que tanto concorreu para o progresso da cidade. A faixa azul claro representa o rio Jundiaí.

Vemos que, dada a semelhança das cores das bandeiras, a definição pormenorizada pela simbologia das cores enobrece a influente participação desse povo no desenvolvimento de Jundiaí. Embora as línguas minoritárias dos imigrantes trentinos e italianos não recebam o mesmo prestígio, a língua italiana *standard* recebe atenção em algumas instituições públicas e privadas de Jundiaí.

1.5. A língua italiana em Jundiaí

A cidade de Jundiaí conta com o *Circolo Italiano*, o *Circolo Trentino* e o Consulado, como representantes oficiais da cultura italiana.

Com relação à manutenção e ensino da língua italiana, algumas instituições, públicas e particulares, inseriram a língua italiana em seus componentes curriculares. O curso Superior de Tecnologia em Eventos, da Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – Deputado Ary Fossen (FATEC), oferece aos alunos, a disciplina de língua italiana. A escolha dessa disciplina deu-se pelo número de descendentes de italianos na cidade de Jundiaí e as contribuições dos imigrantes italianos no desenvolvimento econômico, cultural e social de Jundiaí. E, até o momento é a única unidade da Fatec que mantém um curso de língua Italiana, dada a importância da cidade e força política eu diria.

O Centro Municipal de Línguas “Antonio Houaiss” também oferece o curso de língua italiana para os interessados em conhecer, além da língua italiana *standard*, a cultura italiana e seus reflexos na sociedade jundiaiense. Outra instituição que oferece aulas de língua italiana para o público da terceira idade, é o Centro de Estudo e Lazer da Melhor Idade (CELMI). Além dessas instituições, a cidade de Jundiaí também conta com um número representativo de escolas e professores particulares que oferecem, aos interessados, cursos de língua italiana.

Com relação ao ensino da língua italiana *standard*, em Jundiaí, tomamos como base a entrevista com a professora M. E. S. que atua no ensino da língua italiana desde o seu ingresso no curso de Letras da Universidade de São Paulo. No entanto, o estudo da língua italiana, conforme a seguinte transcrição de uma entrevista concedida na sala ambiente de língua italiana do Centro de Estudo de Línguas Antonio Houaiss, teve início por meio de uma permuta com o pai.

meus avós tive pouco contato com a língua italiana porque meu avô paterno que era filho de italiano morreu eu tinha seis anos minha vó morreu pouco depois... aí o outro avô não era de origem italiana... era de origem alemã a outra avó até era de origem italiana... mas... sabia pouca coisa.. assim... chegou. a conta algumas coisinhas que a mãe dela falava.. mas assim era pouca coisa.. eu também não me interessava na época pelo

italiano.. daí uma tia minha.. que é irmã de meu pai.. era professora de italiano e hoje ainda.. ela foi morar na Itália.. trabalhou como babysiter.. tudo.. quando ela voltou começou a dar aula de italiano... e eu.. nessa época tinha uns quinze.. aí ela dava pra uma mocinha que os pais tavam meio que obrigando ela estudá.. e a menina ia meio sem vontade.. né.. ai minha teve a ideia.. ela falou assim.. vou chamar a M. E. .. porque a M. E. é animada.. vai gostá né di.. di.. está junto com a menina.. quem sabe anima essa mocinha.. ai minha tia me chamou.. na época eu não queria muito não... eu queria inglês.. mas o meu pai foi sábio.. meu pai falou assim.... ó.. você que aprender o inglês eu deixo.. mas você vai aprender o italiano... vai á faz o italiano que eu te pago o inglês.. ai eu fui pras duas coisas.. comecei a fazer o italiano e meu pai pagava o inglês.. mas eu gostei do italiano.. o inglês não foi pra frente.. aí eu parei de fazer o inglês e continuei com o italiano.. a mocinha que fazia aula com a gente largou.. acho que ela não tinha mesmo a vontade do italiano.. e eu fiquei desesperada.. falei nossa a minha tia não vai dar aula pra mim.. mas. aí minha tia me colocou em outro grupo.. até um grupo mais avançado.. precisei estudá.. e foi.. daí sim.. dos quinze aos dezessete quase dezoito.. estudei com a minha tia..¹⁷

Na sequência da entrevista, M. E. S. afirma que:

.. aí eu até parei de fazer aula com a minha tia.. aí eu fiquei só com as aulas da USP.. mas também Célio.. rapidinho.. já comecei a trabalhar.. porque como eu já falava quando eu entrei.. já sabia.. isso me deu um deslanche assim.. fui muito bem na faculdade né.. enquanto o pessoal entra cru sem saber nada eu já sabia.. não é porque a família é italiana.. mas porque eu tinha estudado mesmo três anos.. antes de entrar..

Durante o depoimento oral, a professora M. E. S. afirmou dominar a língua italiana *standard*, devido aos estudos, todavia, seria interessante o questionamento: o entusiasmo ao aprender e ensinar a língua italiana está alicerçado em décadas de estudos e de ensino ou no sentimento de pertencimento construído pela herança cultural, da qual a língua é primordial?

Assim como nas demais línguas estrangeiras, com relação ao ensino, observamos que, mesmo com uma metodologia pautada na comunicação e interação facilitadas pelo emprego das mídias, a segunda língua tem um forte apreço à escrita e ao monolinguismo. No entanto, esse enfoque que as atuais

¹⁷ Excerto da entrevista realizada com a professora M. E. S. no Centro de Estudos de Línguas Antonio Houaiss de Jundiá.

instituições de ensino dão às línguas estrangeiras modernas não reflete a situação enfrentada pelos imigrantes do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. As fronteiras geográficas que, no contexto da digitalização e da globalização não são consideradas, eram um grande obstáculo para o imigrante manter e atualizar a sua língua materna. Pela ausência de escolas étnicas ou bilíngues, o sentimento de pertencimento e a identidade étnica não foram incentivados, assim como, há pouco material escrito produzido pelos imigrantes.

A manutenção de uma língua, em situação autóctone, dentre outros fatores, pode ocorrer por meio de uma súbita prosperidade. Val d'Osta e Tirol do Sul, ambas regiões do norte da Itália são exemplos destacados por Hagège (2000). Porém, o Val d'Osta apresenta um processo que contraria a conservação pelo distanciamento dos grandes eixos, como o ocorrido no Vale de Ayas (HAGÉGE, 2000, p.188),

região autônoma do Val d'Osta, em Itália, conhecia uma economia agrícola e pastoral até os últimos decênios. Mas a passagem a uma economia baseada no esqui e no turismo instalou a prosperidade e tornou-se possível financiar um programa pré-escolar de ensino trilingue para as crianças de 3 aos 5 anos; nesse programa, o dialecto franco-provençal, cuja situação geral é precária, tem o seu lugar a par do italiano e do francês.

Situação semelhante é destacada por Hagège (2000), na região dos falares ladinos, Grisões Suíços, a oeste e os do Frioul, a leste, agrupados sobre o título de reto-românicos. No entanto, segundo Hagège (2000, p.189),

os distritos do tirol Meridional (ao norte da Itália) onde se encontram esses falares são pequenos e descontínuos: trata-se de quatro vales formando uma cruz em torno de um maciço montanhoso dos Dolomitas. Mas a indústria turística florescente desenvolveu-se aí, articulando-se em torno do esquecido lusco. O turismo, sendo largamente internacional, introduziu não uma língua ameaçadora única, mas várias e que, além disso, não podem exercer um efeito duradouro, porque trata de uma atividade sazonal, permanecendo os habitantes durante as outras épocas do ano. Não se exclui que esses fatores tenham

agido em favor do esforço dos falares ladinos, que se observa desde algum tempo.

Vale compreendermos que, diante da afirmação que comprovam distinção entre os falares de diferentes regiões, a transformação, a substituição e a extinção são fenômenos que, aliados às causas físicas, às econômicas / sociais e às políticas são determinantes no processo de extinção de uma língua ou de uma comunidade linguística (HAGÈGE, 2000).

Embora a transformação não seja considerada como “caso pertinente de morte de uma língua” (HAGÈGE, 2000, p.77), por caracterizar as modificações, exemplificadas por esse autor pelo surgimento das línguas somâncias, refere-se a um processo que, além de não propiciar a extinção de uma língua ou de uma comunidade linguística, pode garantir a sua existência por meio do léxico, de expressões idiomáticas e de algumas estruturas morfossintáticas, como ocorreu com as variedades linguísticas das comunidades examinadas nesse estudo.

As variedades da língua italiana não são, com poucas exceções, nas comunidades por nós analisadas, as mais apreendidas de forma natural e, portanto, não mais empregadas como língua materna. Conforme destacado nos excertos seguintes:

... precisava manter né.... essa tradição de conversar... antigamente a turma conversava né... hoje perdeu... fala alguma palavra... tem meus tios que trabalha junto aí que... tem (incompreensível) fala alguma palavra... mas perdeu muito... perdeu.. se não ficar registrado essas coisas se acaba NÉ... [Entr. 13]¹⁸

é mas o dialeto foi muito esquecido..(incompreensível).. é uma pena porque.. que nem por exemplo.. o avô dele (apontando para o A.).. e o meu pai sentavam aí e conversavam aí horas né... era tudo em dialeto.. tudo em dialeto..[Entr. 11]

em que o Nilson que... não.. nada. Nunca falou nada.. você não escuta ela falar... nem uma palavra em dialeto.. nada. É o mais velho da família... então o restante foi perdendo... se ele desse continuidade naquilo que o pai falava... [Entr. 12]

¹⁸ Excertos, respectivos, das entrevistas com A.T. e O.S. concedidas ao outor da pesquisa.

Por meio do contato linguístico entre a língua autóctone e a língua dos imigrantes italianos, inicia-se um processo de substituição, assim, “trata-se de uma fusão crescente, no termo do qual nem as estruturas nem as palavras da língua de origem se mantêm no uso geral, sobrevivendo apenas, no melhor dos casos, numa reduzida quantidade de utilizações” (HAGÈGE, 2000, p.78), o que pode levar uma língua ao processo de quase extinção.

Quando toda a comunidade, independentemente da idade, deixar de usar a língua, ela se extingue e, conseqüentemente, os valores semânticos e culturais. A partir desse momento, a extinção termina em substituição e, quando isso acontece, “tal como acontece muito frequentemente, as gerações seguintes abandonam por completo a língua em questão e adoptam (sic) uma outra” (HAGÈGE, 2000, p. 78).

A substituição da variedade da língua italiana para o português brasileiro, no bairro Colônia, de acordo com os relatos orais, ocorreu a partir da década de ‘50. Porém, ainda encontramos alguns descendentes que falam e entendem a variedade aprendida, de forma natural, com os membros da primeira e segunda gerações de descendentes de italianos, conforme o excerto seguinte, extraído da entrevista com uma descendente de imigrantes italianos do atual bairro Colônia.

... e só se falava italiano.. quer dizer o dialeto vêneto né... porque eles vieram de lá.. Treviso e.. minha outra vó era di Pádua... quer dizer minha bisavó... minha vó nasceu aqui... mas a mãe e o pai dela eram de lá... e.. a gente só.. a minha vó dificilmente entendia português... falar português ela foi aprendendo... porque quando ela ficou viúva.. ela.. teve que tomar conta de tudo... NÉ... dos negócios tudo... então ela que ía no banco.. que fazia compra... ela que fazia tudo... então ela já dominava mais o português... mas em casa era só italiano... esse italiano... agora as coisas que a gente lembra.. por exemplo.. quando nasceu a segunda filha da minha tia mais nova... a outra tia.. que estava com ela no hospital ligou e falou assim... a... fala pra nonna che nasceu uma menina aí ... minha tia que atendeu o telefone falou... Nena vai falar pra nonna que nasceu una menina da tia Neném... eu cheguei lá e disse NONna è nata uma bambina... una bambina... Ah.. Dio la benetite la voglio tanto una bambina.... né.. então ela ficou feliz porque esses é um dos termos que a gente usava cotidianamente se falava o Vêneto.. [Entr. 07] ¹⁹

¹⁹ Excerto da entrevista com a senhora M.B.M. concedida ao autor da pesquisa.

Com base nesse excerto, a memória étnica (LE GOFF, 1990), e o processo de substituição (HAGÈGE, 2000), fazem-se presentes, pois a língua interage com a historicidade do sujeito, com as vivências, os sentidos e os valores.

Situação semelhante ocorre na comunidade linguística do bairro do Traviú, assim como no da Colônia, no processo de substituição. Com algumas exceções, um aspecto relevante na manutenção das línguas minoritárias italianas das comunidades dos bairros Colônia e Traviú, é o fato de não haver mais locutores de nascença, isto é, utilizadores que aprendem a língua desde o início de sua vida no meio familiar e social, uma aprendizagem, denominada por Hagège (2000), “uma competência nativa”.

A competência nativa, como verificamos no contexto linguístico analisado, ocorreu até a segunda geração, porque as línguas minoritárias italianas eram as línguas maternas dos imigrantes italianos.

A primeira geração teve a oportunidade de aprender/apreender e usar as línguas minoritárias trentina e vêneta de forma natural e espontânea. Essa naturalidade de abstrair e praticar o idioma elegeu-as como instrumentos adequados a todas as manifestações linguísticas e culturais, nos contextos individual e coletivo.

Apesar de renová-las por meio do contato com a língua autóctone do país receptor, no início das primeiras décadas do século XX, precisam garantir a comunicação com os brasileiros, dessa forma esses descendentes de italianos tornaram-se bilíngues. Todavia, a necessidade do contato (escola, trabalho, compra e venda, dentre outros fatores) com os falantes do português brasileiro configurou esse bilinguismo desigual.

Nesse aspecto, o bairro Colônia passou pelo processo de substituição mais rápido por estar próximo aos demais bairros que integram a cidade de Jundiaí, e como já mencionado, por se tratar de um Núcleo Colonial, deveria estar próximo ao centro urbano (FILIPPINI, 1998). Outrossim, essa norma não se aplica ao bairro do Traviú.

Formado pela aquisição de uma fazenda por imigrantes vênets e trentinos, o bairro do Traviú se localiza a treze quilômetros do centro de Jundiaí.

A distância do centro urbano aliada às tradições culturais e o emprego das línguas minoritárias italianas entre os imigrantes vênets e trentinos fez com que

as variedades linguísticas, vêneta e trentina, passassem pelo processo de substituição de forma mais lenta. E, até o momento, alguns descendentes de vênetos e trentinos, quando solicitados, revelam uma memória linguística, ou seja, conseguem relacionar os fatos à língua, porém, com um predomínio da oralidade, já que a modalidade escrita depende do domínio assimilado com o auxílio das instituições de ensino ou de uma pessoa preparada para essa tarefa.

Na sequência, na etapa referencial, explicitamos as bases teóricas de nossa pesquisa.

ETAPA REFERENCIAL

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil recebeu, principalmente a partir da libertação de pessoas escravizadas, imigrantes de vários países. Dentre esses imigrantes, destacam-se os italianos que, durante a Grande Imigração, final do século XIX, formaram colônias em vários estados brasileiros²⁰. E como a língua é “um dos principais fatores que estabelecem a identidade étnica” (MEY, 1998, p. 71), as variedades dialetais italianas, por pertencerem à língua materna, foram por várias décadas mantidas pelos seus pares e substituídas ou mescladas pelo português brasileiro, fora dessas microssociedades. O contato das variedades italianas dos imigrantes, oriundos de diferentes regiões da Itália, mas unidos no país adotado, e a variedade do português brasileiro local foram e são fontes de várias pesquisas linguísticas. No entanto, pode gerar alguns questionamentos: como são realizadas essas pesquisas? Quais são os objetivos gerais? No caso de usar a entrevista, qual é a língua do entrevistado? Qual é a língua da entrevista? Qual é a língua do entrevistador?

Por ser um “fato social” (LEROY, 1971, p. 123) e tratar de um contexto de língua de imigração, a língua da entrevista, entende-se aqui, a variedade escolhida pelo entrevistador a partir do objeto de pesquisa, e a língua do entrevistador e entrevistado as línguas maternas de ambos.

É importante salientar que a opção por esses teóricos da linguagem, da memória e do contato linguístico, em uma situação de imigração, busca destacar nossa posição de que as interferências, como a alternância de código, o decalque, os empréstimos, por exemplo, não são apenas negativos, porque outros fatores contribuíram e contribuem com os processos de substituição e silenciamento das línguas minoritárias dos imigrantes italianos nas comunidades discursivas por nós analisadas.

Dentre os fatores que promovem a substituição e o silenciamento da língua materna, em circunstâncias de imigração, no desenvolvimento de nossa

²⁰ Para esse contexto da imigração italiana sugerimos a leitura do texto *Do outro lado do Atlântico* (1989), de Angelo Trento.

pesquisa ressaltamos o preconceito linguístico. A falta de amparo por meio de políticas públicas e o reconhecimento, por parte do imigrante e da população local sobre a importância de assimilar a língua materna do país receptor e manter, por meio das práticas linguísticas, as línguas minoritárias maternas de diferentes regiões da Itália, com seus sentidos e valores, foram relevantes para promover os processos de substituição e esquecimento/silenciamento dessas variedades linguísticas (HAGÈGE, 2000).

Para melhor entendermos os processos de substituição e esquecimento/silenciamento, das línguas minoritárias dos imigrantes italianos, iniciaremos nosso referencial teórico com o português brasileiro, uma vez que essa nomenclatura, por nós empregada, passa por um momento de conceitualização.

2.1. O português brasileiro

A língua portuguesa, assim como as demais línguas, é um forte marco identitário do povo brasileiro, entretanto, foi imposta de um modo incomum na história. Em seu início, o contato entre as variedades linguísticas dos índios, de portugueses (colonizadores) e dos escravos africanos possibilitou “o surgimento de uma língua de contato, sistematizada especialmente pelos Jesuítas, particularmente José de Anchieta em sua Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil: a Língua Geral” (GERALDI, 2005, p. 05).

A Língua Geral teve combatentes e passou por um processo de transformação e de substituição com a vinda da família Real Portuguesa ao Brasil o que consolidou a língua portuguesa e a cultura europeia no território brasileiro.

Todavia, a consolidação da língua e da cultura portuguesas, em território brasileiro, não eliminou a formação de uma língua que começou a ser descrita como português brasileiro, em vista da caracterização preponderantemente lexical, por meio do diplomata brasileiro Pedra Branca, que tratou das diferenças com o português europeu, já em 1826 (NOLL, 2008).²¹

²¹ Para outros esclarecimentos pertinentes ao emprego dos termos português brasileiro sugerimos a leitura da obra **O português brasileiro**, de Volker Noll. Essa obra está inserida nas referências bibliográficas deste estudo.

O português brasileiro, denominação por nós adotada nessa pesquisa, devido à formação acima mencionada, mesmo com um sistema linguístico baseado no português europeu, sobretudo com a chegada da família Real Portuguesa, também foi influenciado pelas línguas de imigrantes, dentre esses, os italianos, principalmente, no período da então denominada fase da Grande Imigração italiana, no final do século e início do século XX, haja vista que entre 1819 e 1947, o Brasil recebera 4.903.991 imigrantes. E desse contingente 1.513.151 eram italianos (KREUTZ, 2010).

Nesse contexto, é importante destacar o emprego dos termos “nacional” e “oficial”, atribuídos à língua materna brasileira, em parte por questões políticas, e suas consequências, em relação às línguas minoritárias dos imigrantes italianos em um contexto de imigração.

2.2. Língua nacional e língua oficial

A língua oficial foi e continua a ser, quando assim denominada, a língua materna de uma comunidade linguística, um “instrumento de exercício de um outro novo poder utilizado para combater as novas variedades que surgiram com novas artes, comércios e ofícios” (GERALDI, 2005, p. 01), e cabe acrescentarmos a essa relação o processo de imigração.

O “outro novo poder” se caracteriza pelo fato de o termo “nacional” não considerar a existência de outras variedades (línguas minoritárias) no espaço geográfico determinado à variedade instituída para todos os segmentos da sociedade. Poder claramente exercido durante o governo de Getúlio Vargas (1924-1945) que, mesmo marcado por avanços econômicos e industriais, tinha em seu pano de fundo, por meio da Nacionalização, a repressão das línguas minoritárias dos imigrantes e a obrigatoriedade de empregar a língua portuguesa, denominada nesse período, de “Nacional”. No entanto, essas repressões políticas e sociais não eliminaram a memória linguística, os sentidos e valores presentes no patrimônio material e imaterial, constituídos e produzidos pelos imigrantes italianos de diferentes regiões da Itália, conferidos em Jundiá e região.

O contato linguístico entre as línguas minoritárias dos imigrantes italianos e trentinos, sobretudo dos bairros Colônia e Traviú, com o português brasileiro,

desde o início do Núcleo Colonial Barão de Jundiá em 1887, (PEREIRA, 1988) até a metade do século XX, propiciou o surgimento de variedades linguísticas que, mesmo em uma situação de bilinguismo desigual (HAGEGÈ, 2011), foram preservadas pelos descendentes de italianos. Destarte, a influência e a confluência entre as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro na fonética, no léxico e na estrutura, essa variedade linguística, originária desse contato linguístico, representa a identidade étnica para os imigrantes e o sentimento de pertencimento das gerações atuais (FABIETTI, 2002; BAUMAN, 2005).

O dialeto do Traviú, assim como o dialeto da Colônia, variedades linguísticas que surgiram pela confluência entre as línguas minoritárias italianas, o português brasileiro e o predomínio da modalidade oral não se enquadram na variedade padrão das línguas em questão: o português brasileiro e a língua italiana *standard*. O que não nos permite uma análise linguística baseada nas normas exigidas para a modalidade escrita, no entanto, para seus usuários, essas variedades linguísticas eram consideradas línguas maternas por serem assimiladas por meio das práticas linguísticas e das vivências, isto é, uma “competência nativa” ou natural.

Ao considerarmos as práticas linguísticas, devemos reconhecer as variedades na linguagem, especialmente, na oralidade, e a presença das línguas minoritárias. Embora não sejam, em sua maioria, reconhecidas as línguas minoritárias, mesmo em uma situação de bilinguismo desigual, dependem do uso para se sistematizarem, isto é, necessitam de reconhecimento dos valores e sentidos para que os usuários as transmitam às novas gerações.

2.2.1. Língua minoritária e língua *standard*

Poucos países apresentam uma rica diversidade linguística, tal qual a Itália. Porém, uma unificação política para ter êxito em todo seu território geográfico precisa de uma unificação linguística, como esclarece a declaração de Manzoni (1870), *sia lecito sperare che l' unità della lingua in Italia possa*

essere un' utopia come è stato quella dell' unità d' Italia"²², sobre o fato de ter um país e a necessidade de uma língua, uma língua que, além de representar uma identidade, também facilite o avanço econômico e, principalmente, o poder político.

Conforme destacado anteriormente, uma língua, mesmo não reconhecida pelo sistema político, traz consigo todo um contexto de valores e sentidos, por meio de uma aquisição natural e práticas linguísticas. Por outro lado, a aquisição de uma língua pode ser intermediada por instituições, como escolas, e pelos recursos das mídias secundárias e terciárias, porém esses fatores não superam a significação construída pelas práticas linguísticas entre os membros de uma determinada comunidade discursiva.

O contato humano e a mídia secundária²³ foram alterados pelos avanços tecnológicos e, sobretudo, pelo predomínio das mídias terciárias. O ponto positivo do uso das mídias terciárias é a possibilidade de auxiliar na conservação e manutenção das línguas minoritárias. É importante salientarmos que, em nosso estudo, os dialetos são, conceituados como línguas minoritárias.

As línguas minoritárias, quando entram em contato com outras variedades linguísticas, enfrentam um bilinguismo desigual. Em uma situação de bilinguismo não desigual, "diversos factores (sic) compensam a troca elevada de importação de palavras estrangeiras, essa importação não é sinal de uma ameaça para a língua autóctone" (HAGÈGE, 2000, p.86). Essa importação positiva vai ao encontro de nossa concepção de que as alterações provocadas por meio dos contatos linguísticos, podem representar um fator positivo para línguas *standards* ou minoritárias.

²² Seja lícito esperar que a unidade da língua em Itália possa ser uma utopia como foi aquela da unidade da Itália. (Tradução nossa)

²³ Na mídia primária os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo. É na mídia primária que se inicia toda comunicação e toda comunicação retornará a este ponto. A mídia secundária se constitui como meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que esse necessite de um aparato para captar seu significado. E com a mídia secundária começa a ruptura do tempo e do espaço para o emissor. Com a reprodução em série, a partir da invenção da imprensa, por exemplo, o pensamento começou a sair do mestre, isto é, o conhecimento foi registrado nos livros. Assim, não era mais necessário que o discípulo acompanhasse o mestre. E, na mídia terciária tanto o emissor quanto o receptor necessitam de um determinado aparelho para emissão e recepção. (PROSS, H. Apud: BAITELLO, 2000, p. 1-2).

Em uma situação de imigração, como aconteceu com as línguas minoritárias italianas no território brasileiro, a percepção de que as línguas, quando tratadas como representação de uma identidade; como também as trocas, ou alternâncias de códigos, por exemplo, estão longe de ser uma ameaça à língua materna, à cultura e às representações simbólicas. Todavia, enfatizamos que esse processo ou concepção depende, também, do poder político, social e econômico do país, nesse caso, do Brasil. No entanto, o poder político brasileiro, poucas décadas após o período denominado Grande Imigração, final do século XIX e início de século XX, usou de sua autoridade, por meio de decretos, para inibir o processo de manutenção das línguas maternas dos imigrantes e forçar a aprendizagem do português brasileiro ou o monolinguismo.

Assim como a língua *standard* italiana, constituída com a base da língua minoritária florentina, conta com as contribuições das outras línguas minoritárias italianas em sua evolução e manutenção, o português brasileiro, em seu início conceituado como Língua Geral, recebeu em sua formação o contato e as interferências das línguas indígenas, as línguas dos colonizadores e das várias línguas minoritárias do continente africano, dos denominados escravos. Isso nos faz questionar, especificamente, sobre os decretos em defesa do monolinguismo, ou do suposto nacionalismo, defendia-se de quê?

E esse “desejo monoliguístico” incentivado pelas causas políticas, econômicas e sociais, não contribuíram com as línguas minoritárias para um futuro reconhecimento, tampouco para sua preservação. Embora em uma situação de bilinguismo desigual, tal qual no caso das línguas minoritárias italianas em várias regiões do Brasil, os italianos cederam espaço ao português brasileiro, mas mantiveram a defesa dos elementos culturais e o sentimento de pertencimento. A exemplo, destacamos o estudo apresentado por Doris Natia Cavallari e Giliola Maggio (2008), ao analisarem o discurso de Dom Ernesto, pároco da comunidade italiana de Pedrinhas Paulista – SP. De acordo com as autoras, “Dom Ernesto muda de língua, mas a entonação de seu discurso é sempre a mesma. Ele busca agora preservar uma outra identidade, não mais a dos imigrantes, mas a dos pedrinhenses” (CAVALLARI; MAGGIO, 2008, p. 100).

Situação semelhante ocorre com os bairros Colônia e Traviú: enquanto os descendentes de italianos dessas comunidades tiveram contato com os

imigrantes italianos, mesmo que em contextos como apresentados por Fausto (2010), mantiveram a língua italiana por décadas. O emprego das línguas minoritárias dos imigrantes entre os descendentes, até entre os familiares e amigos mais íntimos, e o uso do português brasileiro nos contextos sociais e familiares, não são semelhantes, pois os motivos, muitas vezes, não se dão apenas por falta de interlocutores, como veremos no exemplo da família do senhor A.C. Contudo, a falta de usuários das línguas minoritárias ou dos dialetos, dos bairros Traviú e Colônia, constituídos pelo contato entre as línguas de diferentes regiões italianas, cede espaço à língua italiana *standard*, a qual tem sua aprendizagem mediada por instituições de ensino e, por isso, a aquisição dos sentidos e valores deixa de ocorrer de forma natural.

2.3. Língua materna e língua natural

É notório que o português brasileiro é uma variedade do português de Portugal. Sabemos que, a partir do momento em que os colonizadores chegaram ao território brasileiro, o contato entre a língua materna dos colonizadores, as línguas que já existiam no território brasileiro, integradas às línguas dos escravos africanos, formaram, no Brasil, uma língua denominada “Geral”. Trata-se de uma língua não reconhecida que evidencia as interferências “positivas” e “negativas” denominadas por spinassè (2006), entre as várias línguas maternas dos indígenas, a língua e variedades do colonizador e, com o grande fluxo de escravos, as africanas. Embora não fora reconhecida como língua materna é a base do português brasileiro.

A língua conceituada como materna é a primeira língua e a sua aprendizagem se constitui por meio do contato com membros da família e da comunidade, isto é, nas práticas linguísticas e, por isso, seus usuários dominam seus sentidos e valores (SPINASSÉ, 2006).

A língua natural, por sua vez, é aquela assimilada por meio da interação e é o suporte para a aprendizagem de outras línguas. Por conseguinte, as variedades da língua italiana empregadas nas comunidades discursivas, por nós analisadas, e o português brasileiro, podem ser considerados como línguas maternas, para os descendentes da primeira geração, porque as assimilavam,

simultaneamente, nas interações com imigrantes e com os brasileiros.

E, esse contexto bilíngue, mesmo que desigual, propiciou o surgimento de variedades linguísticas com particularidades que sobreviveram ao tempo, e ainda são percebidas nos discursos dos descendentes de italianos²⁴ que tiveram a oportunidade de conviver com os imigrantes e com os descendentes de primeira e segunda gerações. De acordo com os entrevistados, tanto o bairro Traviú, quanto o bairro Colônia, devido às particularidades advindas do contato linguístico das variedades da língua italiana, ou das minoritárias com o português brasileiro, são denominadas dialeto do Traviú ou dialeto da Colônia. Logo, essas variedades são constituídas pelas línguas minoritárias, pelo português brasileiro e, no discurso dos descendentes entrevistados, pela língua italiana *standard*. Porém, é importante confirmarmos que, nas entrevistas, há o predomínio do português brasileiro.

O predomínio da língua italiana *standard* empregada nas entrevistas, caracteriza-se pela aprendizagem mediada pelas instituições de ensino, uma vez que uma língua oral só pode ser apreendida por meio do contato com os usuários.

2.3.1. A aprendizagem natural da língua e a língua mediada por instituições de ensino

A aprendizagem natural de uma língua se constitui pelas práticas linguísticas, as quais envolvem a fonologia, a morfossintaxe e o léxico. Esses elementos constituem a gramática internalizada dos usuários de uma determinada língua. Nesse contexto de aprendizagem natural, também se evidenciam as variedades linguísticas, principalmente, na fonética e no léxico. E os erros são mais positivos ou efetivos em relação à aprendizagem de uma língua mediada por instituições de ensino.

²⁴ Mesmo que os imigrantes das diferentes regiões da Itália, não tenham como princípio se identificarem como "italianos", empregamos, por uma questão de método, o adjetivo pátrio italiano para os imigrantes das diferentes regiões do território italiano.

Como enfatiza Perini (2016, p. 3), “a língua falada por um povo é parte da imagem que esse povo tem de si mesmo, em certos casos, ainda mais significativa que as unidades políticas em que o povo se organiza”.

Outro aspecto relevante, da aprendizagem natural é a predominância da oralidade em detrimento da modalidade escrita, como ocorre com a assimilação dos fonemas nas primeiras lições da maioria dos métodos empregados para a compreensão/apreensão de uma língua estrangeira. Além da ênfase na oralidade durante a aprendizagem, por meio das práticas linguísticas naturais, ocorre uma manutenção da língua, seja *standard* ou minoritária. Já a aprendizagem mediada por instituições de ensino, em grande parte, estimula o monolinguismo.

Interpretado como uma variedade, que nos torna capazes de nos comunicarmos com todos os cidadãos das diferentes regiões de um país rico linguisticamente, como a Itália, o monolinguismo das instituições de ensino faz com que alguns descendentes de italianos não valorizem a língua minoritária dos imigrantes italianos e considerem a língua *standard* como a única possibilidade de língua italiana.

O que é importante salientar é que as variedades podem ser mantidas, igualmente e com o mesmo peso, conjuntamente ao italiano. É claro que uma instituição vai priorizar o “padrão”, mas isso não quer dizer que não se possa recuperar, junto à(s) comunidade(s) a língua de cada grupo. Como descrito nos excertos das transcrições seguintes:

QUAn..do fui estudar a língua italiana eu na verdade tive que deletar aquilo que eu... achava que sabia de italiano.. porque não era.... era... praticamente um dialeto... não eu imagino... eu ouvia falar que **aquilo era italiano**... depois eu vim a saber que o italiano é o dialeto da região da Toscana... **NÉ...** então vamos falar assim... o italiano de Firenze... é que se tornou o italiano oficial hoje na Itália... apenas com algumas atualizações.... mas... praticamente é isso e... aqui o dialeto trentino e o dialeto vêneto... era completamente diferente dessa... então quando eu fui aprender **a GRAMÁTICA** mesmo... e que não aprendi direito até hoje... mas me esforço pelo menos né... é... a gente viu que era difícil eu querer manter certas palavras e certas concordâncias assim do dialeto... para querer falar italiano... hoje.. hoje... se eu ouvir alguém falando só no dialeto eu pos..so ... eu entendo perfeitamente quando e... como entendo perfeitamente quem fala em italiano... a gente só tem um pouco

de dificuldade em falar **em italiano... clássico... o italiano de atual...** é por uma questão de não praticar muito... entendeu...embora minha esposa tem uma fluência que ela dá aula é... tem uns grupos de italiano..[Entr. 11]²⁵

Esse excerto é de uma entrevista concedida por O.S., descendente de tirolese que, devido ao contato linguístico com os vênets e influenciados pelos pais, passou a usar o vênets. Porém, quando teve acesso à aprendizagem institucional, não estabeleceu uma relação étnica com a língua de seus ancestrais e a língua oficial italiana.

Diante das diferenças, em relação à língua italiana *standard* e a língua minoritária dos imigrantes, esse descendente não foi estimulado a perceber os sentidos e valores que se perderiam com o esquecimento ou a substituição da variedade linguística empregada pelos pais e avós.

Outro aspecto relevante desse excerto, é a ênfase dada à gramática e à percepção de que a língua assimilada oralmente não atendia às normas da língua italiana. Contudo, essa variedade empregada pelos pais e avós relaciona-se com a afirmação de Masi (2010), de que falar uma língua não significa dominar as estruturas gramaticais, lexicais e sintáticas, mas apropriar-se de um sistema de conceitos e valores que influenciam nossa visão de mundo.

Na sequência, outro excerto da entrevista com A.M., um descendente de italianos de origem vêneta:

ho mandato una lettera a questo mio cugino.. a quel tempo io non parlavo niente in italiano.. e.. io ho scritto in portoghese e chi ha fato la traduzione è è(stato) padre Giuseppe Bortolato... la lettera.. allora ho detto.. bene ho trovato cugini in Italia preciso parlare... imparare l'italiano e... tra parlare veneto dialetto e l'italiano ufficiale.. ho scelto l'italiano ufficiale perché.. perché... con l'italiano ufficiale io vado in tutta l'Italia e mi faccio capire.. non con il dialetto veneto non.. perchè se io parlo con un napoletano è un arabo.. è un cinese.. (risi) non si capisce niente non.. allora.. allora.. io ho scelto di studiare l'italiano ufficiale.. io ho studiato con un amico che è venuto dell'Italia.[Entr. 6]²⁶

²⁵ Excerto da entrevista com O.S. (2014).

²⁶ Excerto da entrevista de A.M. (2014). Mandei uma carta para esse primo meu... naquele tempo eu não falava nada em italiano... e ... escrevi em português e quem fez a tradução foi padre Giuseppe Bortolato... a carta.. então disse... bem encontrei primos na Itália preciso falar..

E, com isso, não consideram a questão da identidade dos imigrantes que se apresentavam como *veneto, siciliano, veneziano, romano ou tirolese* dentre outros. Logo, os descendentes de italianos que participaram das entrevistas, não se identificaram com a origem dos antepassados, mas se vêem como descendentes de italianos. Entretanto, num domínio significativo da língua *standard*, quando se reúnem com os amigos descendentes dos imigrantes italianos, a memória dos acontecimentos reflete as línguas minoritárias. Assim, a língua italiana é o “meio” para “dar voz” e “forma” à memória particular de cada um.

Mesmo em um contexto de bilinguismo desigual, entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro, percebemos a presença de vários elementos culturais e memorialísticos dos descendentes dos imigrantes de diferentes regiões da Itália e do território austríaco que, a partir do final da Primeira Guerra Mundial, “foram anexadas ao então Reino da Itália” (ALTMAYER, 2015, s/p).

Tendo como base a língua natural para a aprendizagem de outras línguas, os descendentes de primeira e segunda gerações dos imigrantes italianos, das comunidades linguísticas examinadas, tinham como línguas maternas as variedades da língua italiana e o português brasileiro. E, mesmo em um contexto de bilinguismo desigual, essas variedades foram influenciadas e influenciaram porque, de acordo com Iñiques (2004, p. 42-43):

Nós seres humanos, formamos nossos idiomas com base em uma determinada relação com o mundo. Essa relação com o mundo estabelece um espaço tridimensional habitado por uma variedade de objetos cujas propriedades se definem com base em nossos mecanismos sensoriais e perceptivos ampliados por nossas capacidades de análise, abstração e generalização.

aprender o italiano e... entre falar dialeto vêneto e o italiano oficial.. escolhi o italiano oficial... porque.. porque... com o italiano oficial eu vou em toda a Itália e sou compreendido.. não com o dialeto vêneto não.. porque se eu falo com um napolitano parece árabe.. é chinês.. (risos) não se entende nada não.. então.. então.. escolhi estudar o italiano oficial.. eu estudei com um amigo que veio da Itália. (Tradução nossa)

Os mecanismos sensoriais e perceptivos presentes nos discursos, dos descendentes entrevistados tornam-se mais perceptíveis com os conceitos da Análise do Discurso, pois essa “procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2009. p. 15).

A língua assimilada de forma natural pelos descendentes de italianos e trentinos, por nós analisadas, traz consigo os sentidos e valores que envolvem o sentimento de pertencimento, a identidade e a memória. O simbólico se faz presente de forma natural. A língua institucionalizada ou assimilada por meio de estabelecimentos de ensino contextualiza esses princípios, mas somente a vivência e o pertencimento, com base na memória, constituem os valores e sentidos apreendidos pela língua natural.

2.4. Língua, memória e identidade

As línguas minoritárias italianas, a língua *standard* e o português brasileiro são aqui conceituados com base nos princípios salientados anteriormente, e fundamentadas nas condições de produção, na memória, no sentimento de pertencimento e na identidade. Esses conceitos, por meio do referencial teórico empregado, não são concebidos com base na noção de reflexo do meio social, mas pela determinação entre o funcional, a enunciação, o formal e o enunciado.

Foucault (2011, p. 143), esclarece que, enquanto "a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva".

Um aspecto importante, referente ao enunciado, é como conceituá-lo. Para tanto, Foucault (2011), apresenta um estudo sobre o enunciado dividido em cinco partes. Assim, o enunciado se caracteriza, a partir do momento em que uma série de signos se torna "enunciado com a condição de que tenha com outra coisa (que lhe pode ser estranhamente semelhante, e quase idêntica como no exemplo escolhido) uma relação específica que se refira a ela mesma - e não à sua causa, nem a seus elementos". O exemplo escolhido, nesse caso, foi o teclado de uma máquina de escrever que, ao transpor suas letras para uma

folha, constitui um enunciado pela relação entre essas duas séries. E, acrescenta: "por mais que uma frase não seja significativa, ela se relaciona a alguma coisa, na medida que é um enunciado" (FOUCAULT, 2011, p. 109-128).

Por conseguinte, quando uma frase é significativa e se relaciona com alguma coisa ou fato, pode produzir e/ou fomentar relações de sentidos diferentes nos sujeitos, ao considerar o contexto de produção e o campo da memória, como a relação do sintagma nominal *Festa italiana di Jundiaí*. Tal sintagma, para os milhares de participantes que, durante o período dessa comemoração, frequentam o espaço para desfrutar dos produtos e serviços oferecidos pela comunidade de descendentes de italianos do bairro Colônia, pode significar apenas um evento com músicas e pratos típicos italianos. Não há, portanto, uma relação com os sentidos e valores como para os descendentes que vivenciaram momentos de confraternização, embora em menor proporção, mas ainda presentes na memória, visto que compartilharam com os familiares e amigos.

E apenas uma análise dos termos empregados nesse sintagma nominal não propiciaria ao pesquisador uma reflexão da dimensão dos sentidos e valores ali representados. Nesse sentido, a título de exemplo, podemos destacar a análise apresentada por Orlandi (1983), sobre o discurso presente em uma faixa, na década de Setenta, na Universidade de São Paulo, durante um processo de eleição do reitor. Nesse estudo, além dos termos empregados, são incluídas as cores, o momento histórico e os interlocutores envolvidos nesse contexto linguístico. Assim (ORLANDI, 1983, p.122),

essa relação de forma mais imanente, considerando as condições de produção (exterioridade, processo histórico-social) como constitutiva do discurso. Nesse contexto, a formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção, de modo que aquilo que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica.

Diante do exposto, o que também faz da linguagem parte constituinte da memória, ao questionarmos o processo de contato linguístico configura-se a necessidade de um estudo sobre a memória e suas intersecções com as

variedades linguísticas.

No dicionário de língua portuguesa (SARAIVA, 2010, p. 712), memória é conceituada como uma

Faculdade mental que possibilita conservar e reconhecer imagens, ideias, sensações e conhecimentos já adquiridos; lembrança ou recordação de algo ou alguém; homenagem que se presta a alguém que já morreu ao evocar sua lembrança; Inform. Em um computador, unidade que recebe, conserva e recupera dados, além de controlar o funcionamento e a velocidade dos programas executados.

Esses conceitos abrangem os principais contextos oriundos da etimologia do termo que significa “Do Latim memória, de memor, aquele que se lembra, de uma raiz Indo-Europeia men- “pensar”, que nos deu também mente (CONSULTÓRIO ETIMOLÓGICO, s/p).

Embora o desenvolvimento de novas tecnologias tenha influenciado, por meio das gravações e estocagem, as análises discursivas, a memória é constitutiva pelos planos da textualidade e da história (MAINGUENEAU, 2012, p. 325). Ao reportar-se ao estudo de Kleiber (1994), Maingueneau enfatiza que as teorias recentes do contexto não o concebem mais como algo exterior, mas como uma realidade cognitiva e, pela representação interna, esse contexto linguístico, ou seja, a situação extralinguística, os conhecimentos gerais reencontram-se tratados de forma memorial.

A relação da identidade com a memória é constituinte, porque (CANDAU, 2012, p. 16),

ao mesmo tempo em que nos modela, e também por nos modelada. Isso resume a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento.

Em Candau, percebemos que a memória constitui a identidade do indivíduo, pois, uma pessoa sem memória é um indivíduo sem identidade. Na concepção apresentada por Orlandi (2012), a identidade muda, de acordo com as relações estabelecidas entre sujeitos, espaço e tempo. Todavia, para Candau

(2012, p. 16) as identidades

não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de traços culturais - vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais - situação, contexto, circunstâncias - de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de visões de mundo identitárias ou étnicas.

Ao considerar a identidade dialógica com a memória, a qual se nutre dos novos contextos e do esquecimento, no contexto linguístico, pode ser voluntário ou involuntário, o que depende da situação em que a língua é assimilada pelo sujeito, porque de acordo com Menzinger (2000, p. 89),

quando se aprende uma outra língua, de fato, ali se confronta com sistemas de pensamento, de expressões e de categorização da realidade diferentes das próprias. Falar uma outra língua é um ato que envolve profundamente a pessoa, tanto que o processo de aprendizagem de um idioma estrangeiro foi descrito também como a assimilação de uma nova identidade.²⁷

A resistência em manter a língua materna, portanto, coincide com o desejo de não querer manter a própria cultura, ou melhor, não esquecer os sentidos e valores culturais estabelecidos e mantidos pela(s) língua(s) materna(s). O fato de o imigrante conservar a sua língua materna relaciona-se à resistência cultural ou mesmo à aculturação. Característica essa que não se faz presente na expressão dos descendentes da terceira geração, ao termos como parâmetro a Primeira Grande Imigração, com raríssimas exceções, e das demais, porque a identidade de imigrante transmuta para a brasileira. Assim como a língua materna dos imigrantes passa a exercer, devido às causas sociais, econômicas, políticas (HAGÈGE, 2000), o papel de uma língua.

Na relação de força com o português brasileiro, as línguas minoritárias

²⁷ Quando si impara un'altra lingua, infatti, ci si confronta con sistemi di pensiero, di espressione e di categorizzazione della realtà diversi dai propri. Parlare un'altra lingua è un atto che coinvolge profondamente la persona, tanto che il processo di apprendimento di un idioma straniero è stato descritto anche come l'assunzione di una nuova identità. (MENZINGER, 2010, p. 89)

italianas sofreram com os recursos da substituição e, conseqüentemente, com um processo de silenciamento, daquilo que não é proibido dizer, porém quando dito, não se relaciona aos propósitos da comunicação: promover trocas.

Em um contexto de censura imposto por meio da língua materna do país receptor, como ocorreu/ocorre com a língua de imigração, emerge a capacidade de ressignificar com termos já segmentados pelo discurso social. A língua de imigração passa por esse viés de censura, não para burlar o que está censurado, mas para estabelecer as relações com o outro. A não ressignificação torna a língua materna do imigrante uma espécie de “língua-de-espuma” (ORLANDI, 2002, p. 102), isto é, o discurso social de uma comunidade linguística, passa a

uma língua vazia, prática, de uso imediato em que os sentidos não ecoam. É uma língua em que os sentidos batem fortes, mas não se expandem, em que não há ressonâncias, não há desdobramentos. [...] os sentidos se calam. [...] não produzem repercussão. [...] trabalha o poder de silenciar.

Para nosso estudo, esses sentidos não são considerados, quando o discurso, nas línguas minoritárias italianas é elaborado com os pares, mas entre língua materna do país escolhido pelos imigrantes e a língua de imigração. E esses conceitos da “língua de espuma” perdurarão até que os usuários consigam significar ou subjetivar com a língua do outro ou do grupo social, no qual estão inseridos.

E, por uma questão de problematização e objetivos, essa concepção está presente em algumas análises sobre contatos linguísticos, isto é, a riqueza da variedade das línguas minoritárias italianas, ou línguas de imigração, pode ser reduzida às normas da variedade escrita padrão, segundo os métodos e teorias empregados. Esse processo de análise também não enfatiza a historicidade do sujeito, o contexto de produção discursiva e, especialmente, no contexto da imigração italiana, as línguas minoritárias.

Dessa forma, a identidade étnica e o sentimento de pertencimento, percebidos e mantidos pela língua são obscurecidos com bases nas normas gramaticais e, em alguns casos, pelo preconceito linguístico expresso, com base nos conceitos da gramática normativa de “certo” ou “errado”.

Por conseguinte, era e é inevitável que em um contexto de imigração os contatos linguísticos propiciem o surgimento de novas variedades linguísticas.

2.5. Variedades linguísticas

No Brasil, assim como em vários países, mesmo tendo como língua oficial o Português Brasileiro, não se fala apenas uma língua. “Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas” (BAGNO, 2012, p. 18).

Com relação às variedades linguísticas dos imigrantes italianos que vieram para a cidade de Jundiaí, atualmente há o predomínio da língua italiana *standard*.

Semelhante à formação da língua portuguesa, a língua italiana convive com as demais variedades, influenciando e sendo influenciada. Berruto (2011, p. 17), afirma que “comportamentos linguísticos desse gênero, com alternância no uso falado e no mesmo discurso de italiano e dialeto são muito frequentes na Itália de hoje, e nota-se tal fato, um pouco em todas as regiões²⁸.

Nos discursos das entrevistas percebemos que na expressão linguística da maioria dos entrevistados predomina a variedade não padrão do português brasileiro, ou seja, devido à dinamicidade da modalidade falada, não há ênfase nas normas estabelecidas pela variedade padrão. Esse português não padrão, embora apresente traços linguísticos comuns, diferencia-se “de acordo com as diferentes regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias e níveis de escolarização em que se encontram as pessoas que o falam” (BAGNO, 2012, p. 28).

Bagno também considera a linguagem, em relação às variedades dialetais, como um fator social. E, com base nos princípios da linguística, compartilhamos o princípio de que “nenhum dialeto, ou variedade dialetal é inerentemente superior a qualquer outra similar como meio de exposição, de

²⁸ *Comportamenti linguistici di questo genere, con alternanza nell'uso parlato e nello stesso discorso di italiano e dialetto, sono molto frequenti da trovare nell'Italia di oggi, un po' in tutte le regioni* (BERRUTO, 2011, p. 17).

narração, de comunhão fática ou de qualquer outro tipo de comunicação verbal” (CAMACHO, 2013, p. 19). Assim, percebemos o português não padrão como uma variedade comunicativa tão eficaz quanto a variedade padrão. Em ambas verificamos a variação e a alternância de códigos e, nas palavras de Camacho (2013, p. 18), as

pessoas que mudam de uma região dialetal para outra se acham frequentemente expostas ao ridículo por conta do sotaque e por isso, obrigadas a adaptar-se tanto quanto possível às normas de variedade local. Essa situação por que passa o recém-chegado a uma comunidade linguística diferente de sua própria, não tem outro significado social senão o de obrigá-lo a curvar-se às preferências locais.

Essa questão não se refere apenas aos falantes da variedade “não padrão”. Um falante da variedade culta, em um contexto em que predomine a variedade coloquial, também é pressionado a mudar alguns códigos para estabelecer um canal de comunicação dialógico e eficaz.

Os imigrantes italianos, apesar de, em alguns momentos, terem sido expostos ao ridículo pelas diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais e semânticas da língua ou do dialeto do país de origem, conseguiram, por várias décadas, manter no contexto familiar e nas sociedades linguísticas, a variedade da língua materna.

No contexto social, fora do espaço das comunidades, os imigrantes empregavam, ainda com algumas limitações, o português brasileiro. Foi esse contato linguístico que caracterizava o bilinguismo presente até a segunda e a terceira gerações dos descendentes de imigrantes italianos, nos bairros de Jundiá por nós analisados.

Em contrapartida o bilinguismo dos netos e filhos dos imigrantes italianos, citado pelos moradores dos atuais bairros Colônia e Traviú, pode ser verificado em vários momentos das falas dos entrevistados, por meio da alternância de códigos de termos da língua italiana durante as falas em português brasileiro.

O bairro do Traviú, formado por descendentes de trentinos e vênets, não apresenta, em seu início, uma diversidade linguística como o Núcleo Colonial Barão de Jundiá. Todavia, com base no discurso dos entrevistados do bairro do Traviú, as variedades linguísticas dos imigrantes trentinos e vênets revelam-se

nos empréstimos linguísticos, nas alternâncias de códigos, no sistema fonológico, nas construções sintáticas e nos marcadores conversacionais, sobretudo, na modalidade oral, porque da modalidade escrita não conseguimos apenas um registro produzido por Ilário Caniato na ocasião do centenário do bairro do Traviú.

Esse fato não significa que não exista, com algum descendente, discursos na modalidade escrita produzidos pelos imigrantes vênéticos e trentinos desse lugar, porque a população desses grupos era constituída por cidadãos alfabetizados e analfabetos. E, mesmo não tendo um relatório com tais informações, é inerente a presença da modalidade escrita em uma comunidade que constituiu uma variedade linguística, “o dialeto do Traviú”, predominantemente oral.

2.6. As modalidades oral, escrita e a memória

Antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.
Le Goof

Em razão da importância atribuída pela sociedade à variedade escrita, após o surgimento da imprensa, a fala, que caracteriza a primeira expressão humana, passou a exercer, em várias pesquisas acerca do contato linguístico, um papel secundário, ou seja, passou a ser analisada segundo os parâmetros da modalidade escrita. E essa espécie de submissão incentivou vários estudos linguísticos a examinar a fala individual, de acordo as normas gramaticais gerais, exigidas para a expressão escrita, bem como em situações formais da oralidade.

Embora na linguagem, a modalidade escrita também exija o domínio de vários elementos, para se fazer entender, para Câmara Junior (1986, p. 14), não passa de “um sucedâneo, de um *ersatz* da fala”, pois é a variedade oral que consegue abranger

a comunicação linguística em sua totalidade, pressupondo, além da significação dos vocábulos e das frases, o timbre da voz, a entonação, os elementos subsidiários da mímica, incluindo-se aí o jogo fisionômico. Por isso, para bem se compreender a natureza e funcionamento da linguagem humana oral e examinar em seguida a escrita como uma espécie de linguagem mutilada, cuja eficiência depende de maneira por que conseguimos obviar à falta inevitável de determinados elementos expressivos.

Esses elementos expressivos da oralidade também são evidenciados por Lucia Santaella (2013, p.8), ao afirmar que “como código híbrido, a oralidade só pode ser perfeitamente descrita nos cruzamentos que nela se estabelecem entre as três grandes matrizes: sonora, visual e verbal”.

Além dessas matrizes, o contexto de produção também merece destaque,

porque na comunicação em mídia primária, ou trocas, há os “fenômenos psíquicos de simpatia e antipatia” (Idem, p. 8), os quais podem determinar as escolhas das matrizes sonoras, visuais e verbais.

Outra característica da variedade oral é o discurso não planejado (PRETI, 1995; URBANO, 1988), no qual é possível determinarmos a individualidade do falante relacionada à pronúncia e ao vocabulário. O idioleto, mesmo considerando o direcionamento do discurso pelo entrevistador que não deixa o entrevistado tão livre, é relevante para uma pesquisa que busca analisar os processos de interferências entre duas línguas neolatinas, marcadas por diferenças quanto às suas organizações sintagmáticas e pragmáticas. Essa situação gera uma espécie de conflito, pois o domínio da língua representa um poder no grupo. No entanto, esse poder deixa de existir, quando está em uma geografia linguística, na qual a língua materna passa a ser uma língua de imigração ou uma língua minoritária que, em vários lugares, não é reconhecida. De todo modo, independente do reconhecimento ou não, produz cultura e mantém os próprios conceitos e valores.

O que constituía uma variedade para superarem as dificuldades de comunicação entre os imigrantes italianos e os brasileiros. Todavia, as variedades linguísticas, quando conceituadas pelo viés da Análise do Discurso da escola francesa, pelos pesquisadores, apresenta uma riqueza de sentidos e valores.

Devido à influência social e econômica, como ocorreu na cidade de Jundiaí (FILIPPINI, 1998), onde há um percentual de setenta e cinco por cento de descendentes de italianos, o prestígio de alguns termos italianos ou sobrenomes em determinadas áreas comerciais, de alimentos e de produtos são valorizados contemporaneamente.

No contexto italiano, embora a variedade eleita como língua oficial, em algum período, como nacional, seja falada e compreendida em todo o território italiano, sua relação com as línguas minoritárias já é uma questão estabilizada, pois, em algumas regiões, essas variedades são empregadas sem nenhum problema, quando adequadas aos discursos e aos interlocutores, uma vez que o número de italianos que fala a língua italiana *standard* ou as línguas minoritárias não é uma cifra importante.

Segundo Benicà (1994, p. 157-165), há aqueles que afirmam falar o

italiano; outros que constroem uma Koinè dialetal regional e os que falam o dialeto por não se sentirem seguros que aquela variedade não corresponda a uma norma, contudo falam uma variedade regional de italiano.

Em algumas regiões, percebemos, como os dados sobre a língua minoritária vêneta (DEMOS, 2009), a manutenção de falantes de dialetos. Para exemplificar essa afirmação, Benicà (1994) cita a cidade de Milão e a Universidade do Veneto, na qual se emprega o dialeto em diferentes contextos comunicativos. Após analisar alguns elementos sintáticos, concluimos que (BENICÀ, 1994, p. 165):

É presumível que na mesma fase de bilinguismo, o bilíngue construa uma gramática que seja maximamente compatível com os resultados superficiais de ambas as línguas, uma gramática comum, com uma série de dispositivos menores por tratar as partes das duas línguas que são divergentes.

Esse excerto de Benicà (1994), nos remete ao conceito destacado por Barzotto, ao afirmar que “independente da variedade linguística, empregada pelo sujeito, se produz cultura”²⁹. A saber, a independência da variedade, na produção de cultura, está justificada, por exemplo, no processo do *Talian* até seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial. Um discurso oral que, ao ser transferido para a modalidade escrita, proporcionou a criação de dicionário e gramática e, com bases nestes, a elaboração, na variedade escrita, de textos literários e não literários.

A sistematização dessa variedade oral, originária do contato linguístico, tornou possível seu emprego na modalidade escrita, porque a escrita impõe alguns limites quanto à estrutura e ao gênero discursivo empregado (CÂMARA JUNIOR, 2010), e, de acordo com Preti (1995) e Urbano (1988), a possibilidade da elaboração do discurso planejado. E, sabemos que, a modalidade escrita permite várias alterações na estrutura e nos sentidos, no entanto, o desrespeito às normas, de acordo com as teorias empregadas nas análises, pode ser considerado fora dos padrões aceitos e conceituados como certo ou errado, além

²⁹ Conceito apresentado, pelo professor Valdir Heitor Barzotto, durante as discussões dos conteúdos da disciplina “Discurso, língua e metalinguagem”. Universidade de São Paulo, segundo semestre de 2013.

de evidenciar, em alguns resultados de pesquisas sobre contato entre duas ou mais línguas, o preconceito linguístico (BAGNO, 2010).

Esse contexto fecundo de línguas em contato tem fomentado várias teorias linguísticas, com a finalidade de entender e explicar questões pertinentes às variedades orais e escritas. Embora algumas teorias sejam criticadas por apresentar critérios insuficientes para responder ao proposto (WEINREICH, ERZOG, LABOV, 2000), contribuíram e contribuem para explicar fenômenos linguísticos que extrapolam as normas impostas pelas gramáticas.

Neste estudo, aplicaremos em nossas investigações o quadro teórico da Análise de Discurso, de linha francesa, inaugurado por Pêcheux, de acordo com conceitos apresentados por Foucault, que tem como principal expoente, no Brasil, os estudos de Eni Pulcinelli Orlandi.

Le Goof (1990), seguindo os estudos de Leroi-Gourhan, distingue três sentidos à memória, ou seja, memória específica, memória étnica e memória artificial. A primeira se refere ao comportamento das espécies animais; a segunda, que trazemos para nossa pesquisa, assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, a terceira, a memória artificial que, mesmo sem “recurso ao instinto ou à reflexão, assegura a reprodução de atos mecânicos” (Idem, p. 368).

Outro aspecto pertinente à memória artificial relaciona-se à modalidade escrita, pois esta permite, além do armazenamento, a possibilidade de extrapolar o tempo e o espaço, ademais “fornece ao homem um processo de marcação, de memorização e de registro que, por meio “da esfera auditiva à visual, permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavra” (GOODY, 1997, p. 78).

Com o aparecimento da escrita (LE GOOF, 1990, p. 372-373), a memória coletiva, pautada, na oralidade sofre uma transformação profunda e

assim, enquanto que a reprodução mnemônica palavra por palavra estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita, executando certas práticas de memorização “ne varieteur”, das quais a principal é o conto, atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas.

As práticas linguísticas, destacadas nesse excerto, com relação às

variedades italianas, ou às línguas minoritárias, nos bairros Colônia e Traviú, caracterizam o que Le Goof (1990) denomina de memória linguística essencialmente oral. Embora a oralidade configure mais liberdade e possibilidades criativas, a falta desse registro e a diminuição dos interlocutores acelerou o processo de substituição e o predomínio do monolinguismo, isto é, o predomínio do português brasileiro ou da língua italiana *standard*. Tais alterações são evidenciadas, sobretudo, pelas oposições que caracterizam as modalidades escrita e oral.

A oposição entre os enunciados nas modalidades oral e escrita ou a sonoridade e a grafia das palavras, de acordo com Maingueneau (2000, p. 55 - 56), “é uma fonte de equívocos permanentes, pois misturam diferentes registros”, e estabelece as seguintes oposições: “uma oposição entre enunciados dependentes do contexto não verbal, mas independentes também; uma oposição entre o estilo escrito e estilo falado; a oposição escrita/oral”.

Cabe esclarecermos que os enunciados orais, embora possam também não depender do contexto verbal, quando não há a interação entre emissor e receptor, apresentam dependência do contexto não verbal ou dos elementos “paraverbais”. Já, “um enunciado independente do contexto tende a se fechar muito mais sobre si mesmo, e pode construir um jogo de marcações intratextuais; a subordinação sintática aí se desdobra com um máximo de rigor” (Idem, p. 56).

Com relação à oposição entre o estilo escrito e falado Maingueneau (2000), salienta que um discurso gráfico pode se apresentar como independente do contexto, mas simular uma dependência e essa relação de significado.

A oposição escrito e oral (MAINGUENEAU, 2000, p. 56):

serve, igualmente, para caracterizar os dois polos entre os quais oscila o discurso numa sociedade. De uma parte, o polo escrito dos enunciados estabilizados, proferidos nos contextos ritualizados; os participantes têm aí um status fortemente limitado (escritor, padre, político...) e seus enunciados, uma forte carga simbólica para a coletividade. De outra parte, o polo das trocas instáveis e espontâneas das interações cotidianas.

Nesse quadro, a Análise do Discurso deu ênfase aos discursos estabilizados, isto é, à modalidade escrita. Esta que, na variedade padrão,

mantém um paradigma que unifica os discursos, quanto à norma e à estrutura, de acordo com a tipologia e o gênero textual empregado. Isso torna a variedade escrita, para alguns pesquisadores, um discurso planejado como apresenta Urbano (1998, p.131–150), ao analisar o texto falado e escrito. Para tanto, Urbano, com base em um texto falado (entrevista) e um texto escrito (crônica) produzidos por uma pessoa culta, revela as diferenças e individualidades entre as modalidades escrita e falada.

Maingueneau (2000, p. 55), destaca que a modalidade escrita “permite estocar informações e transportá-las no tempo e no espaço”. Por outro lado, Pêcheux (2011), apresenta-nos o universo dos discursos estabilizados e não estabilizados, porque a Análise do Discurso (PÊCHEUX, p. 143) se caracteriza por sua relação com a língua e os que

praticam a Análise do Discurso concordam, geralmente, sobre a necessidade de distinguir, de um lado, os universos discursivos logicamente estabilizados e por outro lado, os espaços discursivos não estabilizados logicamente (destacando-se os espaços do filosófico, do sócio histórico, do político, da estética e dos múltiplos registros do cotidiano).

Como o nosso objeto de pesquisa busca analisar o discurso de descendentes de italianos em duas comunidades discursivas de Jundiaí, nossa ênfase será ao discurso oral, pois é no discurso não estabilizado³⁰, ou seja, na oralidade que se percebe a historicidade e a ideologia dos sujeitos por meio da língua e dos elementos paraverbais, pois as variedades linguísticas denominadas de dialeto do Traviú e dialeto da Colônia são essencialmente orais. E, de acordo com Meihy (1998, p.8), “a História Oral é a história do tempo presente”, uma afirmação que também serve para caracterizar a oralidade como expressão do agora, isto é, o resultado das confluências linguísticas entre a língua materna do país receptor e a língua materna em um contexto de imigração.

³⁰ É importante salientar que as entrevistas são, em partes, conduzidas pelo entrevistador. Portanto, não são discursos totalmente espontâneos. Todavia, a liberdade presente na oralidade em relação às normas é perceptível, porque os discursos dessas entrevistas não passaram por um processo de reestruturação ou correção como é comum ocorrer com os discursos na modalidade escrita. Por isso, empregamos os conceitos de discurso estabilizado para os gêneros textuais acadêmicos, por exemplo, e não estabilizado para a modalidade oral.

A expressão “a história do tempo presente” relaciona-se à História Oral instrumental, plena e híbrida: respectivamente, a primeira considera apenas as narrativas e, por fim, o cruzamento documental. Em contrapartida, o tempo presente, na segunda e na terceira, também pode significar a presentificação da história familiar, do outro mundo, da outra língua, da outra terra, do sonho e do sangue que corre nas veias e convida a uma fidelidade a uma outra cultura que talvez esteja cada vez mais esquecida no mundo de origem³¹.

A presença de discursos na modalidade escrita em língua italiana, dos primeiros imigrantes, nas comunidades dos bairros Traviú e Colônia, de Jundiáí, são raras, porque, supomos que, não houve uma preocupação dos descendentes em guardar esses textos como fontes de pesquisas. Outro aspecto, em relação à escrita, é o fato de a maioria dos imigrantes não dominar essa modalidade.

Embora as necessidades das relações interpessoais e profissionais com os brasileiros, por parte dos descendentes de italianos da terceira e quarta gerações, tenham diminuído o interesse pela revitalização e manutenção dessas variedades linguísticas italianas (oral e escrita), alguns descendentes ainda buscam, com certa resistência cultural, passar para as novas gerações esse patrimônio cultural imaterial. E, nesse contexto, é inegável a contribuição da língua italiana na expressão do português brasileiro desses bairros constituídos pelos imigrantes e por seus descendentes na cidade de Jundiáí.

Para Delgado (2010, p. 45), a oralidade ou narrativas:

sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizados pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e um reconhecimento do homem como ser no mundo.

Nesse sentido, enfatizamos a importância dos textos orais para o entendimento dos fatos históricos que tornam possível uma relação com nosso

³¹ Observações feitas pela professora Dóris Natia Cavallari durante o processo de qualificação.

estudo, porque é na variedade oral, discurso não planejado (URBANO, 1998), no qual os elementos paraverbais constituem um “funcionamento mais solto, onde abundam justaposições, rupturas, elipses e redundâncias” (MAINGUENEAU, 2000, p. 56), que encontramos os subsídios para nossas análises de confluências e os acontecimentos que levaram os membros das terceira e quarta gerações aos processos de substituição e de silenciamento das variedades linguísticas italianas dos pais e avós italianos, ou seja, a historicidade do sujeito (ORLANDI, 2012), além da relação entre memória e identidade (DANDAU, 2013).

2.7. Discurso, língua, metalinguagem

Ao mudar de região ou de um país, a fala ou o idioleto, tende a sofrer alterações na fonologia, no léxico e, até mesmo, na sua estrutura, pois novos contextos, objetos e paisagens inexistentes na língua materna não podem ser traduzidos e, para atender às necessidades dos interlocutores, são acrescentados novos termos ao discurso em uma língua já elaborada socialmente. Todavia, isso não descaracteriza a língua materna ou a segunda língua (doravante L2), mas torna-a mais eficaz na sua função de dar suporte ao discurso, porque a língua “é um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos” (MARCUSCHI, 2010, p. 125), ou seja, “um conjunto de práticas sociais”. Independentemente da variedade linguística empregada, é importante salientar que o discurso que se manifesta pela língua é capaz de produzir cultura.

Para Jelena Filpovic³², a língua não pode ser considerada isoladamente e fora do contexto cultural, étnico, religioso, nacional entre outras, porque “a língua é aquilo que seus falantes querem que seja: e, neste caso, é um símbolo muito importante da identidade étnica, nacional e religiosa”. E, destaca que a língua não pode se separar dos fatores extralinguísticos. Porém, para atender aos

³² Palestra apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 25 de setembro de 2013.

objetivos e às metodologias dos textos explorados, sobre a análise lexical, não são destacados os fatores extralinguísticos e, após as transcrições, empregam, como base de análises, as normas unificadas da variedade escrita dos manuais e gramáticas, mesmo que o informante não tenha formação e domínio da norma culta e da variedade escrita da língua materna ou da L2.

Uma sociedade ou um cidadão podem ser totalmente orais, quando não utilizam ou não dominam a variedade escrita. Em função dessa ocorrência, a comunidade é conceituada como oralidade primária. Entretanto, a comunidade linguística brasileira é classificada como uma comunidade de oralidade secundária, devido ao “intenso” uso da variedade escrita (MARCUSCHI, 2010). Na oralidade, as realizações multissêmicas são modos diferentes de representar a língua. Todavia, na transcodificação da variedade oral para a variedade escrita, as realizações multissêmicas da oralidade não são consideradas, isto se torna possível quando as entrevistas são registradas em vídeos e a transcrição é baseada em normas que registram esses modos que compõem o discurso oral. Porque, para Marcuschi (2010, p.25),

a oralidade sempre será a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isso se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos.

Essa expressão “de modo particular” deve ser considerada para entender as particularidades das falas. As análises pautadas nas normas da língua padrão planificam a oralidade, exigências dos gêneros textuais da modalidade escrita. Vale incluirmos que Agamben (2013, s/p.), ao referir-se ao nascimento da literatura italiana, destaca sua íntima relação com a oralidade e a caracteriza como o

escrever o que não foi jamais lido e ler o que não foi jamais escrito, isto é aquele falar materno” analfabeto, que existia apenas na dimensão oral. E tentar colocar por escrito o falar materno o obriga não simplesmente a transcrevê-lo, mas, como vocês sabem, a inventar aquela língua da poesia, aquela língua vulgar ilustre, que não existe em nenhuma parte, mas como

pantera dos bestiários medievais espalha em toda parte o seu perfume, mas reside em lugar nenhum.

Nesse comentário, o autor destaca o florescimento da literatura italiana a partir da língua oral. Uma variedade presente nos idioletos, porém ausente dos manuais e gramáticas que prestigiam a escrita em detrimento da oralidade. Assim como Schlieben-Lange (1985), destaca as variedades de prestígio e aquelas que existem, todavia não são ouvidas e são conceituadas como “língua encoberta”.

Brigitte Schlieben-Lange (1985, p. 93-94), em seu estudo para verificar se o Ocitano ainda era falado em Bagnols-sur-Cèze, uma comunidade linguística denominada por ela como falantes de um “bilinguismo encoberto”, questiona sobre como denominar um falante da variedade Ocitano, porque o falante seria aquele que

usa no seu dia a dia, aquele que usa de vez em quando, aquele que entende, mas que não usa mais? Ou seria aquele que diz de si mesmo que sabe falar o ocitano fluentemente e que usa diariamente, mas que, na realidade, somente domina algumas expressões idiomáticas? Ou finalmente aquele que diz que não fala e não entende nenhuma palavra em ocitano (ou provençal ou patais ou como for que ele denomine a língua em questão), mas, mal viramos as costas para ele, já começa a falar? Como se pode, então, contar os conhecedores e falantes do ocitano?

Com base no discurso de Schlieben-Lange (1985), é possível enquadrar o falante em uma dessas categorias para análise lexical? As pesquisas, aqui por nós explicitadas sobre a análise lexical, não apontam o conceito de domínio e as influências das variedades locais e regionais das línguas comparadas. Esse parâmetro propiciaria às pesquisas um embasamento para melhor entender as interferências.

Agrupar todos os entrevistados, na tentativa de nivelamento, não trabalharia as variedades presentes em uma mesma comunidade linguística e, dificilmente, proporcionaria ao estudo a possibilidade de contribuir para a área de pesquisa, visto que, em concordância com Orlandi (2010, p. 53), uma linguagem constitui o discurso porque

ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam o sentido, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.

Orlandi (2010), também acrescenta que as marcas na análise de discurso não interessam tanto quanto o seu funcionamento. Isso oferece à análise do texto oral possibilidades para superar as análises já sistematizadas, a partir do discurso autorizado.

A língua minoritária dos imigrantes italianos, das comunidades por nós pesquisadas, cedeu espaço à língua oficial do Brasil e também à língua *standard* italiana. Todavia, o sentimento de pertencimento, o reconhecimento, mesmo tardio, das contribuições desses imigrantes à economia, à cultura e ao social, traz consigo a língua. Embora não seja mais a variedade falada pelos imigrantes ou aquelas constituídas pelas confluências entre as variedades das línguas minoritárias italianas e as variedades do português brasileiro, sem empregar termos como erosão (RASO, 2003; BIZZONI, 2003), ou outros que apresentam conceitos de certo e errado com as bases de uma variedade *standard* ou padrão, buscamos, por meio da memória, do sentimento de pertencimento e da identidade o que se apresenta, nos discursos dos descendentes de italianos, das línguas minoritárias italianas, e como o nosso trabalho pode contribuir para o registro e a manutenção de um patrimônio linguístico ameaçado pelo esquecimento.

Ainda que a Análise do Discurso tenha, em seus estudos, privilegiado o *corpus* na modalidade escrita, seus conceitos se fazem relevantes em nossa pesquisa, porque há o predomínio da interação. E, durante uma interação oral, como as entrevistas com os descendentes de italianos e trentinos dos bairros Colônia e Traviú, é que, em simultaneidade com os índices linguísticos, os índices paralinguísticos ou paraverbais são determinantes para a compreensão da enunciação. E uma análise com foco apenas na língua não atenderia nossos objetivos.

E, de acordo com Maingueneau (2000, p. 53), com base nos conceitos de Benveniste (1974), a enunciação é a “colocação em funcionamento da língua

por um ato individual de utilização”. Também discorre que, os usuários de uma língua, só atingem uma determinada variedade linguística por meio das particularidades dos gêneros discursivos empregados em uma interação. Nesse sentido, o silêncio é um enunciado e designa o produto da enunciação, mas se constitui com a atenção nos índices paraverbais e nas oposições.

Dessa forma, a ideologia é vista como reflexões sobre o que é e como funciona. O conceito de língua também se diferencia da linguística, por meio da não autonomia da língua (ORLANDI, 2002), isto é, a relação do discurso com a historicidade, o assujeitamento e a subjetivação.

Foucault, sem a pretensão de apresentar aqui seus conceitos filosóficos que estabeleceram mudanças no pensamento, nas análises e nos métodos dos historiadores, contribuiu para a análise de discurso ao problematizar “a atualidade na relação com a memória, [...] o que se passa, o que somos, o que fazemos e o que estamos nos tornando”. (FONSECA-SILVA, 2004, p. 64). Essa autora também menciona que os trabalhos de Foucault ainda são fundamentais para a análise de discursos.

Em relação à distinção entre a descrição dos acontecimentos discursivos e o sistema da língua, Foucault assevera que (2015, p. 33), “uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos”. Mas, acrescenta que (FOUCAULT, 2015, p.33-34),

esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que se disse ou a quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstruir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima o interior, a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarrumam. [...] A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem.

É com base em conceitos como os apresentados nesse excerto que, o quadro teórico, apresentado por Pêcheux, tem sua base filosófica nos estudos de Foucault.

Ao escrever sobre a sustentação do conceito de discurso e explicitar algumas lacunas nas análises linguísticas, Pêcheux (1973, In.: PECHEUX, 2011 p. 214), destaca que o

fato da linguística, e não se trata absolutamente de incriminá-la nesse ponto, não levar em conta nem as diferenças introduzidas por aquele que fala, nem as diferenças introduzidas pela variação do referente, ela considera a produção fonológica, morfológica e sintática de um sujeito pensado como um sujeito da língua.

Como observado, para Pêcheux, a Análise do Discurso não se contrapõe às análises das diferentes correntes linguísticas e nem tem a intenção, com base em seus “pontos fracos”, como faz Weinreich; Labov e Erzog (2006, p. 214), criticar os interstícios dessas análises. Contudo, insere o termo discurso como

uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso.

As condições de produção, destacadas acima, levam Pêcheux à reflexão sobre o termo “produção”. Em primeiro lugar, é destacado o sentido utilizado pelos linguistas ou psicolinguistas, isto é, como produção de uma frase ou de uma expressão. Em seguida, o sentido empregado pelo setor econômico, atribuído em parte a Althusser, e por fim, à produção de um efeito que possa intervir na reprodução das relações, no nível político ou ideológico e suscetível de ser, por conseguinte, ele mesmo a causa de outro fenômeno, de outra transformação na configuração, seja no nível econômico ou no nível das superestruturas. (1973, In.: PECHEUX, 2011 p. 214).

A proposta de análises que extrapolem o que está posto pelo léxico e pela

estrutura de diferentes gêneros textuais, orais e escritos, incentivou vários pesquisadores a empregarem os conceitos da Análise do Discurso, de linha francesa, em suas explorações linguísticas.

Nessa linha, Eni Puccinelli Orlandi, depois do contato com os estudos e com o próprio Pêcheux, apresenta várias análises com base na (re)construção e reconfiguração das teorias inauguradas por Pêcheux.

No texto intitulado *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (ORLANDI, 2002), dentre as várias questões apresentadas pela autora, elegemos, para nossa pesquisa, a questão da censura. No referido texto, (ORLANDI, 2002), a censura é analisada entre os discursos e as imposições de um regime ditatorial – Regime Militar – que perdurou no Brasil entre as décadas de 60 a 80.

A relação de nossa pesquisa com essa perspectiva se dá pela imposição linguística, devido ao bilinguismo desigual entre as variedades italianas e o português brasileiro, promovido pela língua materna brasileira, por meio de fatores político, econômico e social, em relação às diferentes línguas minoritárias estrangeiras presentes no território brasileiro, dentre elas as variedades da língua italiana.

As pressões externas, política, social e econômica, favoreceram, no contexto da Grande Imigração italiana, o uso restrito da língua materna dos imigrantes. Por isso, quanto mais isolada a comunidade, a manutenção da língua materna dos imigrantes sofria menos interferência. No entanto, esse desejo de manter os valores e a identidade produzidos pela língua não permitia uma imersão no novo idioma – o português brasileiro. E, como destacado por Masi (2010, p. 22), falar um determinado idioma:

não significa somente aprender as estruturas gramaticais, lexicais e sintáticas, mas quer dizer sobretudo apropriar-se de um sistema de conceitos e valores que necessariamente interferem sobre nossa visão de mundo. Em outras palavras, língua e cultura são dois âmbitos inseparáveis, que se promovem em sucessão, cada pressuposto é consequência do outro.³³

³³ *Come è noto, parlare un determinato idioma non significa soltanto imparare le strutture grammaticali, lessicali e sintatiche, ma vuol dire soprattutto appropriarsi di un sistema di concetti e valori che necessariamente influiscono sulla nostra visione di mondo. In altre parole, lingua e*

Como mensuramos, as estruturas gramaticais, sintáticas e o domínio lexical, também presentes no idioleto por meio da então denominada gramática internalizada, são temas importantes no que se refere ao domínio de uma língua materna ou estrangeira. No entanto, quando desvinculados dos conceitos e valores produzidos pelos signos linguísticos e paralinguísticos, os quais permitem ao sujeito entender o seu interlocutor e se fazer entender, podem levar o usuário a abandonar o bilinguismo e se dedicar ao domínio da variedade de mais prestígio social. A língua materna é assimilada de forma natural, isto é, os signos linguísticos e paralinguísticos são empregados em um contexto impregnado de sentidos, valores (elementos culturais) e de práticas linguísticas.

Esse processo natural corresponde aos sistemas de conceitos e valores que influenciam nossa visão de mundo. Logo, a língua é um dos fatores que auxiliam na manutenção, no patrimônio cultural material e imaterial de uma sociedade, quando imbuída pelo sistema de conceitos e valores. Por outro lado, as estruturas gramaticais, lexicais e sintáticas, carentes de conceitos e valores não constituem um fator de pertencimento, uma vez que o léxico, a sintaxe e as normas gramaticais, quando estudados como língua estrangeira, não trazem consigo os conceitos e valores que se constroem e se mantêm, por meio das práticas linguísticas e interações de um grupo étnico. E, em situação de imigração – diáspora – devido ao bilinguismo desigual, às causas econômicas, sociais e políticas, o número de usuários da língua materna dos imigrantes tende a diminuir, a partir da segunda geração.

A falta de usuários nativos pode interferir na manutenção e promover o processo de substituição ou o silenciamento de uma língua, em um contexto de imigração, especialmente, para os descendentes da terceira e quarta gerações. E, ao considerarmos a língua, na análise de discurso, percebemos que esses acontecimentos se relacionam à memória, à identidade e à situação de produção do discurso. As práticas discursivas constituídas por um conjunto de regras anônimas e históricas, são "sempre determinadas no tempo e no espaço, os quais definiram em uma época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercícios da função enunciativa"

cultura sono due ambiti inscindibili, che si promuovano a vicenda, ciascuno presupposto è conseguenza dell'altro. (MASI, 2010, p. 22)

(FOUCAULT, 2011, p. 144).

Foucault (2011), também destaca a relação entre os autores e as obras, norma gramaticais e a construção dos enunciados, enunciado e sua relação com outros enunciados. Segundo Foucault (2011), até mesmo a frase, só pode ter seu sentido produzido por sua relação com o contexto, o que justifica, em alguns momentos, a confluência entre a língua de imigração e a língua materna do país que recebeu os imigrantes. E, (FOUCAULT, 2011, p. 119),

o modo de presença dos outros enunciados na consciência do sujeito não será o mesmo, não é nem no mesmo nível, nem na mesma forma de experiência linguística, da memória verbal, de evocações do já dito que são utilizados. O halo psicológico de uma formulação é comandado de longe pela disposição do campo enunciativo[...] não há enunciado que de uma forma ou de outra, não utilize outros enunciados; proposições já admitidas em uma demonstração, frases conversacionais em uma conversa.

Logo, para se distinguir um enunciado de um conjunto de palavras sem sentido claro, depende da relação que, determinado enunciado mantém com outros, de modo que o campo enunciativo transforme o enunciado em um elemento singular. Foucault (2011, p. 121) acrescenta que

não há enunciados que não suponham outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que extrapola.

Com base no excerto acima, o enunciado não individualiza, mas propicia a multiplicação e o acúmulo dos significantes.

Em outra característica, Foucault (2011), discorre sobre a existência material do enunciado, sua relação com a memória e em determinado espaço. De acordo com essa característica, a singularidade de uma frase, embora seja constituída com as mesmas palavras e mantendo sua identidade sintática e semântica, seu sentido será distinto, dependente da situação de sua formulação

e uso. A exemplo, ao empregar uma frase como *veni qui matelotti*, lembrado por um entrevistado do bairro do Traviú, observamos que tem sentido determinado pelo momento histórico e pelo espaço em que foi pronunciado. No contexto familiar, quando era usado pelo imigrante italiano, como uma forma natural de chamar um filho, passou a ser replicado pelo filho, no contexto da entrevista, apenas como uma forma de lembrar a língua dos pais e avós e para dizer o que essa expressão significa na língua italiana *standard*, porque na sequência completou, em italiano quer dizer *Veni qui bambino*.

Ressaltamos, antes de adentrarmos nos termos “substituição” e “silenciamento”, a importância de nos preocuparmos com as línguas minoritárias, com base na “Escala de vitalidade linguística”, (Anexo b), de Lewis e Simons (2009). Assim, no mesmo sentido, Eberhard (2013, p. 6-7), salienta em cinco tópicos os diversos âmbitos que, com o silenciamento, uma língua minoritária pode atingir. Nas considerações deste linguista: 1) A perda de um vocabulário rico em domínios de conhecimento cultural, incluindo conhecimentos medicinais e biológicos, de flora e fauna. O nosso conhecimento do mundo (a ciência) perde. 2) A perda de uma cosmovisão única, com perspectivas sobre o mundo que também são únicas. O nosso conhecimento das culturas humanas (antropologia) perde. 3) A perda de um sistema linguístico único, que nunca mais será repetido (sem ele a tarefa de descrever as línguas humanas fica empobrecida pela falta de diversidade). Nosso conhecimento da linguagem humana perde. 4) A perda de identidade histórica, deixando um povo sem o seu passado, sem as suas raízes (o resultado disso pode ser visto nas etnias onde os jovens estão sofrendo uma crise de suicídios, vivendo numa sociedade desligada com seu passado e sem esperança para o futuro). O povo perde. 5) A perda de oportunidades para o povo ser multilíngue. O povo perde de novo. Esta última perda implica perdas sofridas pelas crianças e jovens dessas comunidades: i. perda de oportunidades para as crianças dessas comunidades terem um desenvolvimento intelectual melhor (sendo o multilinguismo um dos mais fortes alicerces acadêmicos). ii. perda de oportunidades para as crianças dessas comunidades terem a vantagem no desenvolvimento da cidadania e caráter civil e moral – pois o multilinguismo ajuda a promover uma perspectiva de inclusão e de tolerância a outros, evitando uma sociedade etnocêntrica e língua-cêntrica.

O contexto das línguas minoritárias explorado por Eberhard (2013), é o das línguas minoritárias indígenas, no entanto, as perdas são semelhantes às línguas minoritárias dos imigrantes trentinos e italianos, da cidade de Jundiáí, por nós analisadas, especialmente, o item três.

2.8. Da substituição ao silenciamento

Pêcheux (1999), ao pensar a inscrição do acontecimento na memória, contempla que essa pode ocorrer de duas formas: a primeira é aquela em que o acontecimento escapa à inscrição e não chega a inscrever-se; a segunda, refere-se ao acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido. No entanto, Orlandi (2013), em seu texto, apresenta uma terceira possibilidade “justamente aquela que a censura intervém”. É a relação entre o sujeito e a memória que, em função da intervenção da censura, a que Orlandi se propõe a pensar ao questionar “o que é preciso calar (esquecer) para que apareça o novo? O que é calado para impedir novo sentido? ” (Idem, p. 55)

Ao considerar a língua como um sistema, com corporeidade e materialidade constitutivos da história, o esquecimento, nesse contexto (ORLANDI, 2013, p. 56-65), é conceituado como

o que se sabe e o que não se sabe – não em relação à biografia ou à história, nem tão pouco em relação às intenções ou às vontades do sujeito, mas em relação ao político: imprime a direção dos sentidos, o que eles recortam, instituem, põem em silêncio, o que incluem, o que excluem.[...] em relação à memória. Há formações discursivas que desaparecem: são regiões que deixam de estar configuradas. As delimitações entre uma formação discursiva e outra são necessárias para a significação.

A autora ainda acrescenta que a falta de memória social se reflete na memória individual, como ocorreu com os bairros Colônia e Traviú. Até a década de oitenta, no bairro do Traviú, os descendentes de imigrantes italianos que conviveram com os membros da primeira e segunda gerações (O. S., 2015) empregavam as variedades da língua italiana nas relações familiares e com os membros da comunidade. No bairro Colônia, devido à proximidade com o centro

urbano, as línguas minoritárias, cujo predomínio era a variedade vêneta, foram empregadas até a metade do século XX (A. M. 2015). Até esses períodos o bilinguismo se manifestava, porque as línguas maternas eram as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro.

No entanto, com o processo de aculturação, ao qual incluímos os processos de substituição (HAGÈGE, 2000), de silenciamento e de esquecimento, as línguas minoritárias italianas cederam espaço à língua italiana *standard* e ao português brasileiro. Outro aspecto relevante nesse processo é o predomínio do monolinguismo nas instituições de ensino. As variedades da língua italiana deixaram de ser assimiladas com a mesma naturalidade com que os sujeitos aprendem a língua materna.

Logo, o processo de substituição ou de esquecimento de uma língua materna, em um contexto de imigração, está relacionado à falta de memória social, porque a necessidade de comunicação/interação pode conduzir o imigrante ao assujeitamento à língua do país receptor.

E em uma situação de bilinguismo desigual, o que será retomado no decorrer desta pesquisa, em várias circunstâncias, trata-se da dependência da criatividade para se fazerem entender, a que os imigrantes são forçados, em função da ausência de vocábulos adequados à comunicação. Esse processo pode levar uma comunidade linguística de imigrantes a renunciar parte de seu patrimônio cultural material e imaterial. E quando uma população ou uma comunidade linguística (HAGÈGE, 2000, p. 112)

renuncia ao seu modo de vida por razões econômicas e sociais, um dos efeitos dessa escolha é a redução e, em breve o abandono, das actividades antigas. Ora, a língua em que essas actividades se exprimiam era a da tradição, conjunto dos símbolos culturais em que se reconhecia a etnia. A língua étnica está, portanto, exposta a desaparecer, ao mesmo tempo que a cultura de que era o veículo.

Nas comunidades linguísticas analisadas neste estudo, o patrimônio cultural material e imaterial e o sentimento de pertencimento garantiram a manutenção das variedades linguísticas dos imigrantes italianos por várias décadas. Dentre outros fatores, a coesão familiar e a religiosa contribuíram para

a manutenção da língua dos imigrantes italianos em Jundiaí, porque não houve mudanças significativas, quanto aos princípios da religião do país de origem. Todavia, quando há mudança de princípios, isto é, os valores são diferentes, a religiosidade pode contribuir para os processos de transformação e de substituição.

A religiosidade, transmitida principalmente oral, é uma marca dessa manutenção como no exemplo da *preghiera* seguinte, recitada por uma descendente de italianos, moradora do bairro Colônia,

*A letto me ne vo
L'anima mia Dio la do
A Dio San Giovanni
Che er demonio de modo non ci ingane
Nè di notte nè di dia
Anche al punto di morire
Ando a letto mio
Che stà l'angelo di Dio
Ma detto che dormisse
Paura non l'avessi
Di qua e di là
A Madonna mi possa assistere e pergerà
Venite er santi tutti
Venuti la mia morte
Fossade altri tanti
E venuti tutti quanti
Amèm.³⁴*

A memória linguística oral dessa entrevistada se aproxima mais da língua italiana dos *nonos*, porque a exemplo do que ouviam, conseguiam pronunciá-la com facilidade; até os fonemas são característicos das variedades da língua italiana.

Por outro lado, a modalidade escrita pode significar fatores de promoção e de opressão. A promoção ocorre quando a língua é reconhecida pelas causas políticas, sobretudo pela Constituição. Fato que designa a preservação de uma língua. Já, a opressão acontece, quando a imposição é posta por um grupo que não representa os falares de uma determinada comunidade linguística e, nesse

³⁴ Texto recitado pela senhora I.C.M., descendente de italianos da região do Lazio, em entrevista concedida ao pesquisador. Vou dormir / a minha alma entrego a Deus / a São João / que o demônio de modo algum nos engane / nem de noite nem de dia / mesmo ao ponto de morrer / vou ao meu quarto / onde está o anjo de Deus / Disse-me que dormisse / medo não tivesse / daqui e de lá / nossa Senhora possa assistir e / Venham os santos todos / venha a minha morte / Fossade como outros / e vieram todos / Amém. (Tradução e adaptação nossas)

aspecto de opressão, nas comunidades linguísticas formadas por imigrantes, em sentido amplo, não restrito às comunidades linguísticas analisadas de Jundiáí, as quais sofreram com o fechamento das escolas étnicas durante o período Vargas.

De acordo com o levantamento da Secretaria da Agricultura, entre 1908 e 1932, o índice de imigrantes italianos alfabetizados, com base nos imigrantes que passaram pelo Porto de Santos, era de 71,3%. Índices semelhantes são apresentados por Bosi (1921), com relação aos italianos que imigraram para os Estados Unidos da América. Nas pesquisas apresentadas por Bosi (1921), os italianos alfabetizados representavam 70% dos imigrantes.

Apesar desses dados, no censo realizado em Alfredo Chaves (RS), dos 22.707 habitantes, 16.110 não eram alfabetizados; o que representa uma porcentagem de apenas 36,5% (KREUTZ, 2010).

Um dos fatores que, no período da imigração destacado nesse estudo, poderia contribuir para a manutenção da língua dos imigrantes e para a alfabetização seria a criação e manutenção, por meio de políticas públicas, das escolas étnicas. Porém, cabe reproduzirmos fielmente o decreto 406 de 4 de maio de 1938, em seus artigos 85, 86 e 87, os quais determinavam que,

Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrado em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.

§ 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos.

§ 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos.

§ 3º Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em língua portuguesa.

§ 4º Nos programas do curso primário e secundário é obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil.

§ 5º Nas escolas para estrangeiros adultos serão ensinadas noções sobre as instituições políticas do país.

Art. 86. Nas zonas rurais do país não será permitida a publicação de livros, revistas ou jornais em línguas estrangeiras, sem permissão do Conselho de Imigração e

Colonização.

Art. 87. A publicação de quaisquer livros, folhetos, revistas, jornais e boletins em língua estrangeira fica sujeita à autorização e registro prévio no Ministério da Justiça.

Com o emprego do termo “nacionalização” foram impetrados outros decretos para inibir o uso da língua dos imigrantes e, com prioridade, o fim das escolas étnicas.

Em 10 de outubro de 1939, o presidente da República assinou o decreto de número 1.006, no qual estabelecia o Ministro da Educação, supervisor de todos os livros usados na rede de “Ensino Elementar” e de “Segundo Grau”. Entretanto, o “Decreto de Nacionalização” mais importante foi o de número 1.545, de 25 de agosto de 1939.

Em 08 de março de 1940, o decreto de número 2.072 criava a “Organização da Juventude Brasileira” e tornou obrigatório para todas as escolas étnicas o ensino unificado de “Educação Física”. Dessa forma, todos os jovens entre 11 e 18 anos, deveriam sujeitar-se à educação física, como instrumento importante para uniformizar diferenças étnicas, por meio de um exercício em comum.

Já, o Decreto 3.580, de 03 de março de 1941, proibia a importação de livro-texto de língua estrangeira para o “Ensino Elementar” e sua impressão em território nacional.

Esses decretos aliados às pressões dos grupos sociais, à necessidade de estabelecer comunicação com os brasileiros e/ ou outros imigrantes, à raiva³⁵ de estar em uma situação de imigração, conduziram, com exceção de algumas comunidades linguísticas mais isoladas em colônias rurais, por exemplo, a uma busca pelo domínio do português brasileiro.

Aqui, referenciamos necessariamente o contexto escolar, porque a falta de informação ou formação adequada para trabalhar com filhos de imigrantes, incentivava os professores a pedirem aos familiares que parassem de falar na sua língua materna para não atrapalhar o desenvolvimento das crianças com

³⁵ Comentário, da professora Dra. Dóris Cavallari, durante o processo de qualificação (ABRIL, 2015).

relação à língua materna brasileira. Com isso, impediram o bilinguismo, que poderia ser desenvolvido de forma natural.

Por outro lado, o sentimento de pertencimento dos italianos, das comunidades linguísticas analisadas, fez com que empregassem, entre os pares, a língua materna dos imigrantes italianos. Porém, não sentiam necessidade de que os filhos também utilizassem a língua ou as variedades da língua italiana.

Esse comportamento bilíngue, falar na língua materna e aceitar as respostas no português brasileiro, propiciou aos membros da terceira e quarta gerações dos descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú, a compreensão da língua dos pais e avós, mas não promoveu seu uso nas diferentes situações de comunicação.

Mesmo depois de um século, no campo da memória, de alguns descendentes de italianos e trentinos entrevistados, parte do léxico utilizado pelos imigrantes italianos, mesmo que fragmentado, surge, às vezes, mesmo sem perceber. A presença desse léxico será explorada no capítulo em que analisamos os textos transcritos das entrevistas.

Outro aspecto que impulsionou, recentemente, os processos de substituição e esquecimento, foi o conceito valorativo atribuído à língua *standard*, em detrimento das várias línguas faladas pelos imigrantes italianos oriundos de diferentes regiões da Itália. Como essas línguas minoritárias eram e são, em algumas literaturas, consideradas dialetos, portanto, imbuídas de menor valor, os descendentes, em especial, da quarta geração, não perceberam a importância cultural desse patrimônio imaterial.

É importante salientarmos que, em nenhum dos bairros analisados da cidade de Jundiaí, foram instituídas escolas étnicas para a manutenção das línguas minoritárias italianas ou da língua italiana para os descendentes de italianos. O destaque aqui das escolas étnicas se refere às possibilidades e importância das políticas públicas e mesmo privada, para a conservação dessas variedades linguísticas e, conseqüentemente, da identidade étnica e do sentimento de pertencimento.

Conforme já evidenciado, nas comunidades linguísticas dos bairros do Traviú e Colônia, por meio de eventos culturais, como a *Festa Italiana di Jundiaí*, que acontece uma vez por ano, no bairro Colônia, a busca pelas origens e o

sentimento de pertencimento promoveram o desejo de aprender a língua italiana dos *oriundi*. Todavia, com o conceito de que a língua dos *nonos* italianos não propiciaria a capacidade de interação com italianos de todas as regiões da Itália, os descendentes de italianos, das comunidades analisadas por nós, da terceira e quarta gerações optaram por aprender a língua italiana *standard*. E, aqueles que falavam ou falam a língua minoritária foram ficando sem interlocutores. Vale exemplificarmos que, nas entrevistas, quando eram solicitados para que falassem na língua *italiana* o que ouviam e falavam com os italianos ou com os descendentes da primeira e segunda gerações dos descendentes de italianos, sempre afirmavam não conseguirem por falta de uma temática e de interlocutores, pois a língua predominante nas entrevistas é o português brasileiro.

Diante desse fato, promovemos uma entrevista com um grupo de descendentes de italianos do bairro Colônia e uma outra, também coletiva, com os descendentes de bairro do Traviú. Vale aqui lembrarmos que, embora o atual bairro Colônia e antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiá tenha recebido, conforme exposto no contexto histórico, imigrantes de diferentes regiões da Itália, predominou o uso da língua dos imigrantes vênnetos.

Os resultados dessa inserção, que serão expostos mais adiante neste estudo, não ocorreram de forma inesperada, porque essas famílias já coabitavam desde a chegada, dez anos antes da compra da fazenda que deu origem ao bairro do Traviú, na Fazenda Sete Quedas, em Campinas, e por um período, na fazenda adquirida por eles, no morro do Traviú.

As comunidades linguísticas do bairro do Traviú e do bairro Colônia, com relação às variedades linguísticas, mostram uma riqueza e particularidades produzidas pelo contato linguístico entre as línguas minoritárias dos imigrantes de diferentes regiões da Itália, com o português brasileiro e, em alguns casos, com outras línguas, por meio da endogamia. Mas, alguns elementos culturais são comuns, principalmente, os eventos que promovem um reconhecimento das realizações dos imigrantes italianos, em relação ao patrimônio cultural material e imaterial e à religiosidade.

No bairro Colônia, além da missa rezada em italiano uma vez por mês, o grande destaque relacionado à cultura italiana é a “Festa italiana di Jundiá”. No seu início, tinha como objetivo comemorar o centenário da imigração italiana em

Jundiaí e contribuir para a manutenção da Igreja Sagrado Coração, localizada na parte central do referido bairro.

Esse conjunto de eventos políticos e históricos não contribuiu para uma sociedade que ali convivia com as diferenças culturais, linguísticas, étnicas e, ao contrário de algumas colônias de imigrantes no Brasil que mantinham escolas étnicas e que viabilizava o bilinguismo nos contextos de imigração, em Jundiaí isso não ocorreu. Além disso, a falta desses processos incentivava a manutenção da modalidade oral que, destituída de sua territorialidade exerceu/exerce influências sobre a formação identitária étnica e também para o sentimento de pertencimento.

2.9. Identidade étnica e pertencimento

A identidade étnica ou a etnia pode ser analisada por diferentes fatores, dentre os quais podemos destacar: a religiosidade, a língua, o patrimônio cultural material e imaterial, porém, segundo Fabietti (2002, p. 14), para a antropologia, a identidade étnica se estabelece, quando pertencemos a um determinado grupo ou etnia e é

aquilo que pertence antes de tudo à ordem do simbólico. Não basta apenas ter uma certa cor de pele para fazer parte de uma etnia; mas não basta nem mesmo falar uma certa língua, ou dividir determinados valores ou comportamentos. A identidade étnica ou etnicidade, isto é, o sentimento de pertencimento a um grupo étnico ou etnia, é, como temos ao modo de ver, definição de si e/do outro coletivo que tem quase sempre as próprias raízes em relação de força entre grupos formados em torno de interesses específicos³⁶.

Essa relação da identidade étnica com o simbólico, no contexto da imigração italiana, como destacado por Maggio e Cavallari (2008, p. 96), ao analisarem o discurso do padre Dom Ernesto no qual, as autoras fazem a afirmação seguinte: “Dom Ernesto domina o discurso religioso e privilegia-se dele para definir o comportamento ideológico, não só religioso, pois apela ao patriotismo e à necessidade de o grupo manter a própria identidade”, e acrescentam que ele mudou a língua, mas não o modo de ser italiano, isto é, comprova que a língua é um fator de identidade, porém o sentimento de pertencimento é o que concretiza a identidade étnica ou a etnia. E,

³⁶ *Qualcosa che appartiene prima di tutto all'ordine del simbolico. Non solo non basta avere un certo colore della pelle per far parte di una etnia; ma non basta nemmeno parlare una certa lingua, o condividere determinati valori o comportamenti. L'identità etnica o etnicità, cioè il sentimento di appartenere a un gruppo etnico ou etnia, sono, come avremo modo de vedere, definizione del sè e/dell'altro collettivi che hanno quase sempre le proprie radici in rapporto di forza tra gruppi coagulati attorno ad interessi specifici* (FABIETTI, 2002, p. 14).

parafraseando Fabietti (2002), a identidade étnica, isto é, o sentimento de pertencimento caracteriza-se por definições do individual e do coletivo, mas com raízes simbólicas numa relação de forças entre grupos coagulados e com interesses específicos. Esse autor ainda acrescenta que "os nomes dos grupos, dos povos e das etnias são frequentemente o resultado de uma representação externa, fruto de uma elaboração cultural por parte de um grupo dominante"³⁷ (Idem, p. 18).

Ainda nesse contexto, Fabietti (2002), destaca a capacidade de um grupo étnico falar positivamente sobre a própria identificação e, de maneira negativa, de uma outra etnia.

Situação essa que nos remete à afirmação de Bauman (2011, p. 4-5), ao questionar sobre sua identidade e seu pertencimento, ao ter de escolher sobre qual hino nacional seria executado durante uma cerimônia de doutor *honoris causa*, ao afirmar que

tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. Em outras palavras, a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas, enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.

Enquanto os italianos estavam em seu território, não questionavam ou percebiam a necessidade de uma manutenção identitária cultural em relação ao sentimento de pertencimento, porque é inerente ao indivíduo e ao grupo, quando em seu território materno, há a ordem do simbólico. Isso, em acordo com os pressupostos de Bauman, tornou-se uma tarefa a ser realizada, quando se viram em uma condição de pressão pelo grupo dominante. Em nosso estudo, o grupo étnico dominante é formado pelos brasileiros.

³⁷ *i nomi dei gruppi, dei popoli e delle etnie sono spesso il risultato di una rappresentazione "esterna", frutto di una elaborazione culturale da parte di un gruppo dominante".*

E, sem o apoio de políticas públicas para exercerem a manutenção, sobretudo da língua, gerou conflito ao sentimento de pertencimento, o qual poderia ser melhor assimilado, em relação à língua, com um incentivo ao bilinguismo: sentir-se italiano e, ao mesmo tempo, interagir com os falantes do português brasileiro.

A etapa seguinte, denominada analítica, compreende o capítulo em qual pormenorizamos as análises do *corpus* nas modalidades orais constituídas pelos discursos na modalidade oral, isto é, as entrevistas realizadas com os descendentes de italianos e trentinos dos bairros Colônia e Traviú e, na sequência, em relação à modalidade escrita, os discursos produzidos pelos imigrantes de diferentes regiões da Itália e por descendentes de italianos, também pertencentes à mesma localidade.

ETAPA ANALÍTICA

3. DISCURSOS E ANÁLISES

Neste capítulo apresentamos as análises dos discursos nas modalidades oral e escrita. No entanto, antes das análises do *corpus*, as entrevistas, com os descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú, da cidade de Jundiaí, e alguns discursos na modalidade escrita produzidos pelos imigrantes italianos e por descendentes, cujos discursos são testemunhos das variedades linguísticas permanentes entre esses falantes, expomos o processo de contato com os descendentes de italianos e trentinos entrevistados.

3.1. O contato com os descendentes dos bairros Colônia e Traviú

O primeiro contato com os descendentes de italianos da cidade de Jundiaí se deu com os alunos de Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – Fatec Jundiaí. E esse princípio foi primordial para a realização das entrevistas com os descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú.

No bairro Colônia, o primeiro descendente que se dispôs a conceder uma entrevista foi o senhor A.M. Após a entrevista e conhecimento do projeto de pesquisa, Mantovani nos auxiliou no contanto com outros descendentes de italianos que ainda tinham uma memória linguística dos imigrantes italianos.

No bairro do Traviú, considerado uma localidade rural da cidade de Jundiaí, mesmo com a intermediação de uma aluna residente no referido bairro, não foi fácil a realização da primeira entrevista, uma vez que os descendentes dos imigrantes tirolese se mostraram muito resistentes. Apenas depois de um contato mais próximo com a proprietária do restaurante *Travitália*, foi possível agendar uma entrevista com o senhor O.S. descendente de tirolese e presidente do *Circolo Trentino di Jundiaí*, que também trabalha para preservar a memória e a cultura do bairro do Traviú, por meio da digitalização de imagens, pesquisas históricas e preservação do acervo cultural material e imaterial e, além de apresentar a participação e contribuição dos imigrantes tirolese e vêneto

na constituição e formação do atual bairro do Traviú, assim como para Jundiaí e região.

Após a apresentação do projeto e esclarecidas às dúvidas, percebemos que a resistência, em parte se estabelecia pela insegurança quanto à língua, isto é, por não utilizarem mais a língua dos imigrantes, não se sentiam à vontade para falar. No entanto, a entrevista com O.S. foi realizada na língua italiana *standard*, a qual também serviu para traduzir os termos trentinos e vênetsos utilizados pelo entrevistado.

Ainda no bairro do Traviú, foi realizada, pelo pesquisador, mais uma entrevista com quatro descendentes, cujo objetivo era superar a dificuldade apresentada, ou seja, segundo os entrevistados, em razão da falta de interlocutores, como será observado, nas análises discursivas, mesmo com a presença de quatro interlocutores, a memória linguística se apresentou nos discursos de fatos ocorridos e presenciados, bem como na relação de substantivos utilizados pelos imigrantes trentinos e vênetsos e pelos descendentes da primeira e segunda gerações.

O mesmo procedimento foi empregado com os seis descendentes do bairro Colônia, cuja reunião foi realizada na casa do senhor Pd. B.. A entrevista foi pautada com fatos históricos vivenciados, como eram as relações familiares e a língua utilizada pelos pais e avós. O senhor Pd. B., o mais velho do grupo, revelou uma língua muito próxima a da língua minoritária dos imigrantes italianos, porque ao contrário dos senhores S. C. e A.M., ele frequentou a escola para aprender o português brasileiro e não para aprender a língua italiana como os demais participantes dessa entrevista.

Logo, as práticas linguísticas com os familiares e amigos fazem do senhor Pd. B. um brasileiro que caracteriza a real situação dos descendentes de italianos da primeira e segunda gerações. Mesmo não sendo um falante fluente da variedade linguística que identificava os pais e avós, no discurso do senhor Pd. B., a língua minoritária se manifesta pela memória, fatos e vivências, e em especial, pelo sentimento de pertencimento.

3.1.1. A língua dos imigrantes nas comunidades linguísticas: Traviú e Colônia

A língua, independentemente de sua posição e classificação, isto é, seja oficial, *standard*, minoritária, materna ou estrangeira, faz parte de um sistema e, em seu processo de aquisição, os indivíduos não a recebem como um produto pronto, mas de acordo com Bakhtin (2006, p.111),

eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar [...] os sujeitos não adquirem sua língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Esse penetrar na corrente da comunicação verbal, quando se trata das línguas maternas, corresponde a um processo natural, pois o domínio dos valores e sentidos dos signos é adquirido por meio das práticas discursivas e, nesse contexto linguístico, devido às causas políticas, sociais, econômicas, culturais e da geografia linguística, as questões sobre a etnia e pertencimento e o despertar da consciência não são ressaltados. Todavia, em uma situação de imigração, o contato linguístico entre as línguas minoritárias e a língua *standard*, o sentimento de pertencimento e de identidade podem gerar conflitos individuais e coletivos.

3.2. O que se faz presente na variedade italiana falada pelos descendentes de italianos e trentinos entrevistados

As variedades da língua italiana das duas comunidades discursivas de Jundiaí SP, por nós analisadas, com poucas exceções, são essencialmente orais. A falta de interlocutores, às línguas minoritárias dos imigrantes italianos e trentinos, promoveu e promove uma língua mista e rica de interferências. O que podemos observar nos fragmentos extraídos das entrevistas com grupos de descendentes de italianos e trentinos. O excerto seguinte, coletado pelo pesquisador, foi produzido por descendentes de italianos do bairro Colônia.

Basta de portuguese.. solo dialeto adesso.. (I2)
[talian... (I1)
[talian

(I3)

[io

non sono muito taliano.. um tempo eu só conversava taliano.. fui na escola pra aprender brasileiro..e veio Suíço.. Otto.. Varte e Francisco.. o mais veio e a Isabel.. um dia se sentava a Isabel comigo e outro dia o Francisco.. depois o Otto.. o mais veio non.. tri.. tri.. (I1)³⁸

[solo trè.. Varte era o putaneto più novo non.. più giovane.. (I2)

[più giovane... (I3)
[più giovane.. (I1)

[Varte.. Chico era più vecio né.. allora dopo vecio non bisogna più petinar i capei non..(I2)

[tira su.. tira su...i cavi con le man... (I2)

[i cavin com le

man non havia petene non...non tinha petene non.. (I1)

[solo le mani.. (I2)

[petene é com a mão..

passava uma aguinha.. e tchau... e via (I1)

[petenar e capei con le mani... (I2)

[pietro come si ciamava

quando che g`aveva i piogi in testa e passava una più fina non.. (I3)

era piogi.. (I1)

[petene fini..

(I2)

³⁸ Por facilitar a compreensão e análises distinguimos em **itálico** os termos mistos entre as variedades das línguas minoritárias italianas e o português brasileiro; em **negrito** as palavras reconhecidas como pertencentes às línguas minoritárias italianas e, **itálico/negrito**, para os vocábulos pertencentes à língua italiana *standard*.

[quando aveva i piogi.. (I3)³⁹

A turma ciapava i piogi e.. passava remédio e... cabava..
finia tudo.. (I1)

Querosene... (I4)

Querosene.. (I2)

Sì ma c'èra una petenella che ciamava... la
petenella... (I3)

La petenella... (I1)

Così.. piccola... (I3)

La petenella passava assim tirava e.. (gestos com
as mãos como matando os piolhos).. (I1)

Tutti pisseti... (I3)

³⁹ *Chega de português... agora só dialeto.. (I2)*

[talian... (I1)

[talian (I3)

[eu não sou muito taliano.. um

tempo eu só conversava taliano.. fui na escola pra aprender brasileiro..e veio Suíço.. Otto.. Varte
e Francisco.. o mais véio e a Isabel.. um dia se sentava a Isabel comigo e outro dia o Francisco..
depois o Otto.. o mais veio *não.. três.. três.. (I1)*

[somente três.. Varte era o rapaz mais novo não.. mais jovem.. (I2)

[mais jovem... (I3)

[mais jovem.. (I1)

*[Varte.. Chico era mais velho né.. então mais velho não precisa mais pentear os
cabelos não..(I2)*

[puxe para cima.. puxe para cima...e arrume com as mãos... (I2)

[e arrume com as mãos não havia pente não...não

tinha pente não.. (I1)

[só as mãos.. (I2)

[pente é com a mão.. passava uma aguinha.. e tchau... e

vamos (I1)

[pentear os cabelos com as mãos... (I2)

*[Pedro como se chamava quando tinha os piolhos na
cabeça e passava uma mais fina não.. (I3)*

era piolhos.. (I1)

[pente fino... (I2)

[quando tinha os piolhos.. (I3)³⁹

A turma caçava os piolhos e.. passava remédio e... cabava.. acabava tudo.. (I1)

Querosene... (I4)

Querosene.. (I2)

Sì mas tinha um pentinho que chamava... o pente... (I3)

O pente... (I1)

Assim .. pequeno... (I3)

*O pente passava assim tirava e.. (gestos com as mãos como matando os piolhos)..
(I1)*

Todos piolhinhos... (I3)

(incompreensível) (I1)..

*Todos piolhos.. piolhos.. todos piolhos que se
chama se chama minha vó dizia piolhos né... (I2)*

Piolhos (I1)

*Piolhos com cuidado sabes o que é piolhos com pulcini...
dos frangos os piolhinhos que tinha no galinheiro... (I2)*

*Piolhos dos pintinhos... que
falava..[Entr.1,5,6,7] (Tradução nossa)*

(incompreensível) (I1)..
 Tutti pinoci.. tutti
 pinoci che se chiama mia nonna dizia pinoci né... (I2)
 Pinoci (I1)
 Pinoci con pulini sai
 cos'è pinoci con pulini... dos frangos os piolinhos que tinha no
 galinheiro... (I2)
 Piogi dei puldini... que falava..[Entr.1,5,6,7]⁴⁰

Vemos que os informantes alternam os códigos entre a língua minoritária (**capei, tri, petenar, ciamava**), a língua italiana *standard* (**chiama, con le mani**), o português brasileiro (*um dia se sentava a Isabel comigo e outro dia o Francisco.. depois o Otto*) e outros constituídos pela confluência dessas línguas (*dizava, cabava, finia, putaneto, taliano*). Os códigos empregados, nesse enunciado, refletem o contexto de comunicação, porque além dos descendentes que conviveram com os imigrantes italianos e com os descendentes de primeira geração, estavam presentes algumas pessoas que não dominam as línguas minoritárias.

A ciência de que alguns participantes não entendiam alguns códigos da língua minoritária parece exigir, dos interlocutores, o esclarecimento ou a tradução / adaptação para o português brasileiro ou para a língua italiana *standard*: “*La petenella passava assim tirava e.. (Gestos com as mãos como matando os piolhos)..*” Nesse discurso, a alternância dos códigos entre a língua dos imigrantes e o português brasileiro, e os elementos paralinguísticos, por meio dos gestos completam o sentido. Assim a língua vai se revelando à medida que interagem.

A substituição dos códigos não distancia os interlocutores do sentimento de pertencimento, apenas reflete o processo destacado por Hagège (2000), isto é, uma língua não elimina a outra, mas a falta de interlocutores propicia o silenciamento, não daquilo que não se pode dizer (ORLANDI, 2013), mas do que não produz sentido. Outro aspecto relevante ao processo de esquecimento é a falta de registro, uma vez que a variedade linguística constituída, nessas comunidades discursivas, é essencialmente oral.

⁴⁰ Excerto da entrevista, concedida ao autor da pesquisa, com os descendentes de italianos do bairro Colônia. O senhor Pd. B. (I1), A.M. (I2) e S. C. (I3).

Situação semelhante ocorre com o grupo de descendentes de vênetsos e trentinos, do bairro do Traviú, entrevistados.

[palavra tem bastante (I2)
[palavras NÈ.. agora frases...
(I3)
[frases é difícil viu... (I3)
[NOS..sa se for falar... você não vai nem entender (riso)...
gorbagliola... quando você está abaixado e dá aquela zonzura..
gorbagliola... (I1)
[é porque
você diventa gorbo e gorbo e cego.. (I3)
[quando dá aquela zonzura né..
gorbagliola... potema... ferida na boca... squassera.. aquela
vassourinha de varrer o fogão... é... que MAIS... picarobi.. (I2)
[picarobi é aquele de pendurar roupa é
(incompreensível)... (I3)
[o cabide lá (I3)
[piantola.. de bater enxada... (I2)
[como falava a cartola do
vinho.. bote... (I3)
[bote.. que mais eles falava.. que VÊ... (I2)
[a tampa da cartola... (I3)..
[sgrisilone...
(I2)..
[a tampa da cartola era boron... (I2)
[o boron (risos).... (I3)
[o que você falou... (I3)
[SGRISILONE... (I2)
[arrepio é...(risos) o que MAIS..morbin.. agitação...(I2)
[essa boa.. (I4)
[rabbia (I1)
[rabbia
também quando fica rabioso... (I2)
[mal di testa.. (I1)
[dor de cabeça... mal di schia... (I2) [Entr.
3,11,12,13]⁴¹

Os códigos da língua trentina e da língua vêneta indicam, por meio de fatos e eventos memorialísticos, o sentimento de pertencimento, porque mesmo empregando o português brasileiro nas entrevistas detectamos uma identidade

⁴¹ Excerto da entrevista com o grupo de descendentes de trentinos e vênetsos do bairro do Traviú: N.C. (I1), O.S. (I2), N.S. (I3) e A.T. (I4)

étnica revelada, principalmente, nas alternâncias de códigos propositais ou involuntárias, conforme segue:

gorbagliola... quando você está abaixado e dá aquela **zonzura.. gorbagliola.**
SGRISILONE... (I2)

[arrepio é...(risos) o que MAIS..morbin.. agitação...(I2)

[essa boa..

[quando dá aquela zonzura né.. **gorbagliola... potema...** ferida na boca... **squassera..** aquela vassourinha de varrer o fogão... é... que MAIS... **picarobi..** (I2)

[**picarobi** é aquele de pendurar roupa é

(incompreensível)...

dor de cabeça... **mal di schia...** [Entr.11,13]

Nesses excertos a alternância de código se apresenta com o recurso da tradução para o português brasileiro ou para a língua italiana *standard*. Semelhantemente, esses recursos linguísticos se apresentam nos discursos dos entrevistados do bairro Colônia:

[aí.. o Egidio.. o Egidio era uma figura.. memo né.. ele falava assim bom.. vamo sentá se sentemo un poco qua va.. sentou lá a Gigia falou.. **Si è ora di andare via Romai...** né ela falava sì sí **è ora di andare via... dai a letto...**

[**é dai a letto..** (I2)

[aí

o Gidio falava.. **che letto o che... buon ora ancora..** é.. ela falava assim... sia la nuvola che sia **seren** in casa di altri non si sta mia ben.. entendeu que esteja nublado ou esteja serenando em casa dos outros a gente não fica bem.. ela falava.. e ele deu o troco.. ela falava sì **in casa di altri non si sta mia ben...** e o Egidio virou.. e disse saio.. saio Gigia **che cosa è questo..** che sai nuvola che sai **seren** e pure in casa di altri si sta proprio ben.... ela disse...**sì sì se fossi casa di altri non faria vergogna andare a via..** e o Egidio falou assim.. ma noi non **ghemo vergogna...**[Entr.5]⁴²

Nas expressões, acima destacadas, a memória é parte integrante do emprego das línguas minoritárias italianas e da língua italiana *standard*. Quando as vivências são destacadas a língua se apresenta com seus sentidos e valores. Narrar esses acontecimentos sem empregar a língua dos interlocutores não

⁴² Entrevista concedida pelo Sr. S.C. (2015).

causaria o mesmo impacto. Ao falar a língua minoritária e traduzi-la, simultaneamente, o entrevistado, descendente de imigrantes italianos, evidencia seu sentimento de pertencimento.

3.2.1. A alternância de códigos, a memória e o pertencimento

Alternância de código (em português), *commutazione di codice* (em italiano) ou *code-switching* (em inglês), é a passagem de um sistema linguístico para outro sistema linguístico, no interior do mesmo discurso, proferido por um mesmo falante. E, quando essa alternância ocorre no final de uma frase e no início de outra é conceituada como interfrasal. Quando a alternância acontece no interior da frase, isto é, começa com uma variedade e termina com outra na mesma frase, sendo, portanto, constituída por dois sistemas linguísticos diferentes, é denominada alternância de códigos intrafrasal ou enunciação *mistilingue*, *code-mixing*. (BERRUTO, 2011, p. 16-17). No entanto, consideramos esse processo, como enfatizado anteriormente, um dos fatores positivos da manutenção e sobrevivência das línguas (HAGÈGE, 2000; BAGNO, 2012).

Durante as entrevistas em português brasileiro, a alternância de códigos em italiano, apresenta-se em momentos em que o discurso faz referência à memória afetiva e “numa fala afetiva, a atenção do falante recai quase que completamente sobre o assunto discutido, a transferência de palavras é particularmente comum” (WEINREICH, 1974, p.60). Nas falas dos entrevistados, são vários os momentos em que a memória linguística, a identidade étnica e o sentimento de pertencimento afloram, a exemplo, a lembrança sobre a comida:

si tudo talian..... tudo talian..... tudo talian... meu sogro
non queria nem ver feijão... ma non sei porque era taliano
non gostava ... non queria nem ver ... si ho ele era MAM:::ma
mia CADA cove-flor plantava ... vem da família

a hora que terminava de arrumar a cozinha era sempre
às nove horas da noite / a polenta,... tinha que aprontar
a janta, sabe com`é... tinha que fritar alguma coisa sabe
com`é.... agora é diferente... agora faz o arroz e o

feijão a mais.... guarda e depois esquentá né, ma noi non...
noi..... *sempre sempre* polenta e janta na hora.... non porque
noi non...a gente a gente fazia [Entr.4]⁴³

A alternância de código, nesse discurso, reflete o campo da memória afetiva do falante e as práticas linguísticas empregadas e assimiladas de forma natural. Em vários momentos do texto oral, os entrevistados empregam a alternância de código para explicar o termo empregado na língua materna dos imigrantes.

Os entrevistados do bairro Colônia em não raros momentos, elegem a língua italiana para explicar ou traduzir um termo da língua minoritária usado no discurso e, alguns entrevistados do bairro do Traviú, quando priorizam termos da língua dos imigrantes trentinos, empregam a língua italiana standard para explicá-los ou o português brasileiro, quando percebem alguma dificuldade de compreensão dos interlocutores.

Constatamos assim que, a memória linguística dos entrevistados das comunidades linguísticas dos bairros da Colônia e do Traviú está sempre relacionada aos acontecimentos vivenciados e ao léxico utilizado em situações específicas.

Nesse discurso oral, evidenciamos o contato linguístico entre as duas línguas minoritárias dos imigrantes e, também, com o português brasileiro, o que deu origem a uma variedade oral, conceituada como “dialeto do Traviú”; mesmo funcional, este apresenta uma estrutura, um léxico e um valor semântico, dependente do contexto e da enunciação, o que nos remete ao conceito de etimologia social. Dessa forma, ao questionarmos os sentidos trazidos por uma palavra, destacamos que as unidades do discurso ou as palavras transformam “essa questão em uma série de interrogações que remetem à origem da memória, à situação e aos referentes, ao projeto sobre o sentido e sobre o destinatário, contidos em um enunciado” (CHARANDEAU, 2012, p. 221).

Além da memória linguística, ao mencionarmos que um termo como *ciapa* pertence à língua minoritária dos imigrantes trentinos, torna-se evidente a

⁴³ Entrevista com a senhora N.Z.C. em 1987. Na data do depoimento estava com 88 anos. Ela nasceu no bairro Colônia. Tinha instrução e era doméstica também cuidava das criações e plantações de uva e verduras. Os pais da senhora Narcisa eram de nacionalidade italiana. O pai de Treviso e a mãe de Modena.

referência ao pertencimento e à etnia (FABIETTI, 2002), e ao fato de que falar uma língua não depende unicamente do conhecimento de sua estrutura gramatical, lexical e sintática, mas se apropriar de um sistema de conceitos e valores (MASI, 2010).

Outro aspecto relevante do texto do senhor O.S. é a expressão “*só ouvia eles falando isso e acabava aprendendo por tabela... entendeu*”, trata-se de uma aprendizagem natural, porém o fato de ele não responder na mesma língua empregada pelos falantes das línguas minoritárias, levou ao predomínio do português brasileiro e à falta de interlocutores para a manutenção e a conservação do patrimônio imaterial linguístico dos imigrantes vênets e trentinos do bairro do Traviú.

Na expressão dos descendentes de trentinos e vênets, a variedade linguística criada por essa comunidade linguística presentifica o léxico e nas expressões que, por meio da memória, surgem, quando destacam alguns fatos vividos ou presenciados pelos interlocutores entrevistados, como nos exemplos a seguir:

..vivi muito com vovôs com *nonno* né.. descendentes e a gente lembra alguma palavra... por exemplo.. que eu falei agora com você.. QUAndo ia pescar me chamava *ciapà la bacheta e vamo ciappar sgardoli*... que eram os lambaris.. *pesce*.. então a gente ia passava as horas lá junto.. *poi adesso vamo a casa vamo via BASTa*.. por hoje chega né... então essas coisinhas... mas eu não lembro muita coisa pra falá do meu vô.. muito pouco eu via mais o meu vô com a minha vó fala..a.. a.. o dialeto a gente só capitava mas a gente mesmo não conversava... não o dialeto com eles muito difíci... ouvia.. falar as palavras.. por exemplo.. sapatão falava *scarpe*... cueca *mudande*.. chapéu.. capel... né.. (risos) la fursina.. o garfo... e a colher *cucciara*... né... é dialeto *cucciara* né... então todas essas palavrinhas aí.... tem muito pra lembrar.. mas no momento.... o alimento nosso bastante era polenta com leite.. *la polenta*... *latte*.. que falavam né... *luganeghe*.. era língua de porco [Entr.3]⁴⁴

O termo ***ciappa*** presente na expressão ***ciappa la bacheta e vamo ciappar sgardoli***, faz referência ao verbo *prendere* (= *prendi*), e pertence ao léxico da língua minoritária trentina. *Vamo* e *capitava* são termos produzidos como

⁴⁴ Excerto da entrevista concedida, ao pesquisador, por A. N. C., descendente de imigrantes vênets e morador do bairro do Traviú, que na data da entrevista estava com 83 anos.

resultado do contato linguístico entre as variedades da língua italiana, trentina e vêneta, presentes no bairro, e o português brasileiro, porque a primeira faz referência à variedade coloquial do verbo *ir*, na primeira pessoa do singular **vamos**. *Capitava*⁴⁵ reflete a presença do português brasileiro por meio do acréscimo da vogal **a** entre o tema do verbo **capire** e a desinência de modo, tempo, número e pessoa.

Assim, como enfatizado por O.S., nesse excerto, a expressão “*mas eu não lembro muita coisa pra falá do meu vô.. muito pouco eu via mais o meu vô com a minha vó fala..a.. a.. o dialeto a gente só **capitava**, mas a gente mesmo não conversava*”, demonstra a mudança do sentido de pertencimento, pois o fato de falar o português brasileiro representava a etnia brasileira. No entanto, ser brasileiro e descendente de imigrantes trentinos ou vênets, isto é, dominar as variedades dos imigrantes trentinos e vênets e o português brasileiro era possível, uma vez que esses descendentes eram naturalmente bilíngues, haja vista que assimilavam a língua minoritária, com os imigrantes trentinos e vênets e descendentes da primeira geração, constituída pelo contato entre variedades vêneta e trentina; e, o português brasileiro, era abstraído via instituições escolares e a das relações sociais com os brasileiros monolíngues.

Por conseguinte, o bilinguismo, embora desigual, teria mantido um número significativo de interlocutores com capacidade de entender e se fazer entender, nas variedades presentes na comunidade linguística do bairro do Traviú.

E, nesse processo de manutenção do bilinguismo, como descrito por Hagège (2000, p. 97 -100), ao se referir ao não desaparecimento do gaélico escocês, as variedades linguísticas trentina e vêneta, do bairro do Traviú, não estariam, atualmente, restritas às palavras que exprimem “emoção ou um assentimento vigoroso, ou a uma reação humorística ou, enfim, saudações, obscenidades ou fragmentos de velhas lendas”, ou ainda, a uma posição de alteridade.

Quando autóctone, uma língua, com a morte de seus locutores, pode desaparecer, mas em circunstâncias de imigração, os imigrantes são forçados a

⁴⁵ É importante salientar que na língua italiana há o verbo *capitare* que significa *giungere in un luogo per caso o per trattenersi poco; giungere inopportunamente*. (DIZIONARIO OLIVETTI ONLINE)

mantê-la por meio da “invenção e com formulações defeituosas, embora compreensíveis, a ignorância crescente, quando são de uma língua em vias de se estiolar sob a pressão de uma outra e se encontram fora de seu país de origem” (HAGÈGE, 2000, p.100).

Uma conjuntura que, aliada às causas físicas, econômicas, sociais e políticas (HAGÈGE, 2000), contribuiu para a manutenção de um grupo étnico que procura, com os eventos culturais, manter a memória dos imigrantes e seus legados com a participação no desenvolvimento cultural, social e econômico da cidade de Jundiaí e região. Todavia, a língua com seus valores e sentidos não apenas com seus traços fonológicos, característicos das variedades da língua italiana, não é ainda vista, como um patrimônio imaterial que mereça ser retomado para melhor representar o sentimento de pertencimento.

De modo igual, os descendentes de imigrantes italianos do bairro Colônia, incentivados por eventos como a *Festa Italiana di Jundiaí* e a religião dentre outros, passam por um processo de busca pela descendência, pela dupla cidadania e pelo pertencimento. No entanto, as variedades linguísticas dos imigrantes italianos do antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, estão restritas à memória dos descendentes mais velhos. Observamos que os mais jovens, quando têm interesse pela língua, por questões anteriormente apresentadas, buscam aprender a língua italiana *standard*.

Além das causas, já destacadas, com base no ocorrido com a família de um entrevistado, o silenciamento (ORLANDI, 2013, 2012; PONZIO, 1994), pode ocorrer por questões emotivas. Como exposto por S. C., a variedade linguística italiana falada no contexto familiar foi silenciada, quando no ano de

setenta e nove.. porque motivo paramo de falar.. o meu pai falou.. não se fala mais nisso.. porque faleceu minha mãe nesse ano e ela não falava português con nois.. tudo dialeto italiano.. e daí então o que a gente fez.. meu pai falou eu não quero mais que fale.. que a gente fica lembrando muito da mãe.. então ele falou vamo procura evitar de falar.. daí pra frente a gente foi diminuino diminuino.. até a época em que... depois que eu já era casado.. tempos né.. aí a gente começou a faze os grupo de canta italiano.. aí então nois precisamo aperfeiçoá um pouco o vocabulário pra podê a gente como se diz..[Entr.5]⁴⁶

⁴⁶ Excerto da entrevista com o senhor S.C., descendente de italianos e morador do bairro Colônia.

Na família Chinelato, o bilinguismo foi silenciado por questões afetivas, visto que a língua da mãe não seria mais falada sem a presença dela. Um sentimento que pode ser relacionado aos imigrantes que, contra sua vontade ou desejo, deixaram a pátria para se estabelecerem e, em maioria, sem perspectivas de retornarem ao país natal.

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos evidenciam-se, principalmente, em função das limitações impostas pelo contato linguístico, além da falta de reconhecimento social e da exploração elevava, o desejo de pertencimento ao Brasil, país receptivo, descrito em nosso estudo. E, na condição de imigrante, no final do século XIX, o fato de a pessoa pertencer à etnia italiana não era visto como um prestígio. Como a língua pode unir, separar e estabelecer a identidade do falante, no ambiente familiar e nas comunidades étnicas, os imigrantes empregavam a língua materna, mas não incentivavam a prática aos filhos brasileiros.

Os traços linguísticos que levavam à identificação dos italianos foram, conforme alguns registros orais dos entrevistados, em vários momentos, utilizados para satirizar as línguas desses imigrantes, como o fato descrito no registro seguinte:

io andavo a piedi da Colônia dopo un chilometro e mezzo un altro amico.. dopo un altro e quando si arrivava ali... onde.. c'è oggi il viaduto São João... San Giovanni Batista.. non ali c'era una porteira grande non c'era quel viaduto.. allora.. quando passava il treno si la porteira era chiusa e non si fermava... e un giorno ho detto in portoghese.. là oi que carga ta vin vindo... perchè.. perch'in italiano veneto dialetto a GUARDA CHE TRENO GRANDE CHE ATRIO VENIRE... la traduzione che atrio venire.. está vindo.. ma io ho detto in portoghese sta vin vindo (risi)... allora.. un mese è stato l'assunto della.[Entr.6]⁴⁷

⁴⁷ Excerto da entrevista do senhor A. M. (2015), concedida ao pesquisador. Eu ia a pé da Colônia depois de um quilômetro e meio um outro amigo.. depois outro e quando chegava ali... onde há hoje o viaduto São João... São João Batista.. não ali tinha uma porteira grande não tinha aquele viaduto.. então.. quando passava o trem fechava a porteira e não parava... porque.. e um dia disse em português.. lá oi que carga tá vin vindo... porque.. porque em italiano veneto dialetto a *guarda che treno grande che átrio venire*.. a tradução che atri venire... está vindo.. mas eu disse em português sta vin vindo (risos)... então.. isso foi o assunto de um mês. (Tradução nossa)

Uma relação intrínseca entre a memória e o enunciado se estabelece com base nos signos que se organizam para formar e caracterizar sentido, o qual mantém relação imediata com a existência de algo que se corresponda ao enunciado, ou seja, a memória nos signos contida.

Percebemos, com base nesses fragmentos índices referentes às diferenças fonéticas, sintáticas e, em alguns discursos, semânticas, em relação à pronúncia do português brasileiro.

3.2.2. Fonologia e fonética como fator de identidade

Os traços fonológicos são, sem dúvida, a parte cuja influência da língua materna é mais evidente e mais difícil de ser eliminada, mesmo sob a influência da materna do país receptível, em uma comunidade linguística de imigrantes. O falante pode até ter um conhecimento quase perfeito, em relação à segunda língua sob todos os pontos de vista, mas dificilmente conseguirá eliminar o acento característico da L1 na L2 (PALLOTTI, 2012, p.61). E, esse autor acrescenta que:

pode acontecer que um aprendiz consiga um ótimo controle do sistema fonológico da L2, assim conseguir pronunciar palavras simples em modo (quase) imperceptível pelos nativos, mas, no momento no qual produzirá um discurso mais longo, a sua identidade de estrangeiro se revelará imediatamente: aquilo que ainda não foi assimilado, e que vem transferido da língua materna é todo sistema que governa a entonação, o ritmo, as acentuações da frase⁴⁸.

Como os entrevistados pela professora Filippini conviveram por vários anos com avós e pais italianos, mantiveram, na oralidade, algumas características fonológicas das línguas minoritárias italianas. Dentre essas

⁴⁸ *Può accadere che un apprendente raggiunga un ottimo controllo del sistema fonologico della L2, così da riuscire a pronunciare parole singole in modo (quasi) indistinguibile dai nativi, oppure, nel momento in cui produrrà frasi un discorsi più lunghi, la sua identità di straniero si rivelerà immediatamente: ciò che non è stato ancora appreso, e che viene trasferito dalla lingua materna è tutto il sistema che governa l'intonazione, il ritmo, le accentuazioni della frase.* (PALLOTTI, 2012, p. 61)

marcas fonéticas, podemos destacar a mudança da vogal nasal, peculiar do português brasileiro, e a manutenção do /R/ fricativo. Bagno (2012, p. 103), referindo-se à oralidade, argumenta que a língua italiana

não apresenta as reduções de E em I e do O em U que caracterizam o português. Em italiano, o que se escreve E é sempre pronunciado E, o mesmo acontecendo com O [...] os imigrantes recém-chegados tiveram que aprender o português e nessa aprendizagem, como sempre acontece com línguas em contato, eles transferiram para a sua nova língua algumas características do italiano.

Essa distinção das vogais E e O é bem marcada na variedade oral da língua italiana, porque nos sintagmas nominais, por exemplo, são utilizadas como desinências de gênero e número, bem como nos verbos, como desinências de modo, tempo, número e pessoa, pois na língua italiana, devido às particularidades de cada pessoa, o uso dos pronomes pessoais é facultativo.

Outra característica na oralidade do português brasileiro dos entrevistados é a pronúncia do fonema /R/ fricativo. Mesmo com o predomínio da variedade não padrão, o erre desses descendentes de italianos e trentinos, que tiveram, por décadas, contato com os imigrantes italianos do Núcleo Colonial Barão de Jundiá, não cedeu ao /R/ retroflexo característico da oralidade do interior do Estado de São Paulo. Porém, em algumas situações comunicativas, esses sons característicos das línguas minoritárias italianas, como o exemplo do fonema /R/, pode ser intencional e não natural, como o ocorrido, no primeiro contato com O.S. que, no início ou nas primeiras frases, antes da entrevista, a pronúncia caracterizava o bilinguismo, por ele vivenciado, por meio do contato com os imigrantes das regiões do Vêneto e do Trento Alto Àgide. Outrossim, o sentimento de pertencimento, por meio da pronúncia de alguns fonemas característicos das línguas minoritárias italianas, está registrado na fala, da proprietária do restaurante Travitália, uma descendente de imigrantes italianos do bairro do Traviú.

A alternância de código e as interferências fonéticas, para alguns pesquisadores de línguas em contato (BETTONI, 2002; RASO, 2011), são conceituadas como erosão, porém as alterações, principalmente, na questão

fonética são necessárias para evitar uma erosão na interação. Ainda que os traços fonéticos da língua materna sejam percebidos, quando um falante utiliza a língua dois (PALLOTI, 2012; SPINASSÉ, 2006), há uma necessidade de adequação, para que a comunicação se concretize, pois, a resistência caracterizaria um hiato na comunicação.

Ao se referir às expressões utilizadas pelos descendentes de trentinos e vênetsos do bairro do Traviú, os descendentes entrevistados descrevem o contanto linguístico e a alternância de código como um processo natural entre os trentino e vênetsos, tal qual na transcrição seguinte:

Una bella toseta (tosata) era una bella ragazza...

[putini (putin) era
criança

[mateloti (matelote) era tirolês...

.. E é putini mais do vênetsos.... simultâneo falava... UM falava mateLOti e o outro putini... Todo mundo sabia o que significava.... Isso nas décadas até Setenta...Oitenta.. Depois..

[como chamava a molecada para o almoço.. Eles falavam venham *disnare*⁴⁹... hoje...[Entr. 11,12]⁵⁰

As diferenças fonéticas como em *mateloti*, *toseta* e *putini*, sobretudo em *mateloti*, assemelham-se a uma característica da fonética do português brasileiro que tende, na oralidade, a trocar o fonema /e/ para /i/ em sílabas finais átonas.

Outro aspecto referente às interferências fonéticas é a constante necessidade de tradução dos termos das línguas minoritárias dos imigrantes trentinos e italianos. Sempre que empregam um termo considerado do dialeto, apresentam uma tradução para a língua italiana *standard* ou para o português brasileiro. Como descreve O.S., nos excertos seguintes de sua entrevista:

⁴⁹ Grifos nossos.

⁵⁰ Excerto da entrevista com os descendentes de trentinos e vênetsos do bairro do Traviú.

o dialeto.((referente a afirmação de que não há mais o uso do dialeto)).. pleno não tem mais aquilo... fala pra mim no italiano é.. eu tenho fome... Migo fame... mio nonno.. mio nonno diceva... é... mio padre... migo fame... Che goda magna... cosa c'è da mangiare... che che goda.... lo non rieco vedere più.. hai capito... eu não consigo enxergar mais... dialeto é... non gue vedo pu... non guevedo pu.. allora è lo stesso di non riesco vedere di più... (risi) è vero... e soltanto na regione che se..sì... ricordi che ti ho detto che quando sono andato a studiare l'italiano um pó di italiano.. e... io pensavo che sapevo mo non... (risi).. peeche era uma lingua diversa non... già della storia io conosco una comunità che parla solo il dialetto tentino ma parlano veramente il dialetto trentino... non c'è mescola... Santa Olímpia.. e Sant'Anna... Sí ci mettiamo d'accordo un appuntamento um'altra volta... possiamo.. **ma si ti gola voca da capire....** é... mi ricordo che mia nonna é... per esempio diceva... daí.. daí quel tchá per quel mateloti... hai capito che cós'è.. te... daí quel tchá... allora tchá era in português.. era veneto.. o.. era tentino... non lo so.. ma era così lei diceva.. daí quel tchá per quel mateloti... è lo stesso di un per dire un bambino... di dieci anni.. per esempio uma storia bella che c'era una donna é .. erano tutti al tavolo per il pranzo e lei con.. non so come se dice in italiano quella "tábua di carne".. com uma lingüiça assim (gesti)... com a faca e ela não cortava a lingüiça... diceva vuoi tochetti di luganega.. ma non cortava pra dar pra visita... ti vuoi tichetini di luganega... allora tochetini di luganega è lo stesso de un pezzeto di salsicia ... tocchetini di luganega è così che parlavamo... mas o Marlei... è melhor você sair daí.. ele entra no tanque... tá molhado... ti piace il cane... questo è di mio fratello.. ma è sempre qui.. è che mia moglie mette un pó di cibo.. va bene.. io aspetto un contato.. ok.{Entr. 11}⁵¹

Constatamos que, a falta da prática oral, isto é, os filhos e netos dos imigrantes trentinos e vênnetos, do bairro Traviú, entendiam os sentidos e valores dos signos das línguas minoritárias italianas, mas não eram incentivados a responderem no mesmo código linguístico. E de acordo com Hagegè (2011), além das causas políticas, sociais e econômicas, a falta de prática de uma língua é o processo que promove a substituição e, mesmo que de forma lenta, o esquecimento.

Cabe elucidarmos que a prática da tradução dos signos linguísticos das línguas minoritárias para a língua italiana *standard* ou para o português brasileiro também ocorre com os entrevistados do bairro Colônia. Porém, no excerto

⁵¹ Parte da entrevista concedida por O.S., descendente dos imigrantes trentinos e membro ativo da comunidade para a conservação da memória cultural do bairro. * (Grifos nossos)

seguinte, são empregados signos da língua minoritária do dialeto vêneto, da língua italiana *standard* e do português brasileiro.

Embora os usuários da língua italiana *standard* tenham tido sua aprendizagem mediada por instituição de ensino, o português brasileiro como a língua materna, a diferença, em relação ao excerto da entrevista com O.S., é a presença da língua italiana minoritária do senhor Pd. B. que, mesmo precisando de aulas para aprender a língua portuguesa, ainda conserva, na oralidade, a pronúncia, o sentido e os valores da língua minoritária dos pais, imigrantes italianos.

Basta de portuguese.. solo dialeto adesso.. (I2)

[talian... (I1)

[talian

(I3)

[io

non sono muito taliano.. um tempo eu só conversava taliano.. fui na escola pra aprender brasileiro..e veio Suíço.. Otto.. Varte e Francisco.. o mais veio e a Isabel.. um dia se sentava a Isabel comigo e outro dia o Francisco.. depois o Otto.. o mais veio non.. tri.. tri.. (I1)

[solo trè.. Varte era o putaneto più novo non.. più giovane.. (I2)

[più giovane... (I3)

[più giovane.. (I1)

[Varte.. Chico era più vecio né.. allora dopo vecio non bisogna più petinar i capei non..(I2)

[tira su.. tira su...i cavi con le man... (I2)

[i cavin com

le man non havia petene non...non tinha petene non.. (I1)

[solo

le mani.. (I2)

[petene é com a mão.. passava uma aguinha.. e tchau... e via (I1)

[petenar e capei con le mani... (I2)

[pietro come si

ciamava quando che g`aveva i piogi in testa e passava una più fina non.. (I3)

[era piogi.. (I1)

[petene fini..(I2)
[quando aveva i piogi.. (I3)
A turmo ciapava i piogi e.. passava remédio e... cabava.. finia tudo.. (I1)
Querosene... (I4)
[Querosene.. (I2)
Sì ma c'èra una petenella che ciamava... la petenella... (I3)
[La petenella... (I1)
[Così.. piccola... (I3)
La petenella passava assim tirava e.. (gestos com as mãos como matando os piolhos).. (I1)
[Tutti pisseti... (I3)
(incompreensível) (I1)..
Tutti pinoci.. tutti pinoci che se chiama mia nonna diceva pinoci né... (I2)
[Pinoci (I1)
[Pinoci con pulini sai cos'è pinoci con pulini... dos grangos os piolinhos que tinha no galinheiro... (I2)
[Piogi dei puldini... que falava.[Entr.1,5,6,7]⁵².

O que destacamos, nesse excerto, é o fato de o senhor A.M., (I2), empregar alguns signos linguísticos na língua minoritária dos imigrantes italianos do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí e atual bairro Colônia, porque, em sua entrevista, afirmou ter se esquecido totalmente da língua que os nonos e pais falavam. Porém, quando dialogava com Pd.B., como em *Tutti **pinoci**.. tutti pinoci che se chiama mia nonna diceva **pinoci** né...* a língua italiana *standard* e os signos das línguas minoritárias se intercalavam com o português brasileiro.

No enunciado anteriormente destacado, é clara a presença dos signos e da prosódia das línguas minoritárias italianas (*pinoci, diceva*), da língua italiana *standard* (*tutti, che, chiama, mia, nonna*) e do português brasileiro (se, né).

⁵² Nesse excerto, por ser uma entrevista com um grupo de descendentes de italiano do bairro Colônia, identificamos os entrevistados como: Pedro Balestrin (I1), Antonio Mantovani (I2) e S.C. (I3). (Traduzido na p. 115)

Essa identificação prosódica também pode ser percebida em outro momento da entrevista, com alguns descendentes vênéticos e trentinos do bairro Traviú, ao se referirem à pronúncia de uma outra família de descendentes de italianos, ao afirmarem que

[tataraneto italiano pelo Tomazzetto... mas pelo Trevisan bisneto.. bisneto dele.. não dá para fala que meu pai é neto de italiano.. (I2)

[sim.. (I3)

[mas tem um sotaque puxado né... ele fala o erre diferente... (I2)

[a família do Mizeto é mais acentuado... (I3)

[mais acentuado.. (I2)

Eles ainda puxam bastante o sotaque do italiano né... e até falam um pouco mais né... eu acho... o pessoal deles.. entre eles né... perdemo muito né Nilo..(I3)[Entr.11,13]

Assim, a identidade étnica (FABIETTI, 2002), brasileira e o sentimento de pertencimento à cultura italiana, desses interlocutores, revelam-se pela escolha dos signos empregados e pela prosódia.

3.2.3. Análise Morfossintática em textos orais

Na morfossintaxe, evidenciam-se as concordâncias verbais e nominais pela ausência do fonema /S/ indicador de plural na língua portuguesa, na fala dos entrevistados. Mesmo não sendo o /S/ o indicador de plural da língua italiana, no contexto do português brasileiro a ausência desse fonema na formação do plural pode ser entendida pelas hipóteses destacadas por Bagno (2012), como marca “redundante de plural”. Embora a norma de concordância de número, na variedade padrão do português brasileiro, envolva todos os elementos da frase na dinâmica da oralidade, às vezes, uma só palavra, “a primeira ou o artigo”, que a determina, é suficiente para indicar a ideia de plural de um enunciado.

Em relação à concordância verbal, “os pesquisadores que estudam os falares regionais e não padrão têm verificado que, de Norte a Sul do Brasil, existe uma tendência generalizada a reduzir as seis formas do verbo conjugado a apenas duas” (BAGNO, 2012, p. 65). Utilizando, na variedade não padrão, uma forma para a primeira pessoa do singular e uma para as demais pessoas, aqui a E, nesses casos, o emprego do pronome pessoal ou um termo equivalente é necessário para distinguir a pessoa do discurso.

3.2.4. Marcadores conversacionais

Os marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 2001), são classificados em três grupos: verbais, não verbais e suprasegmentais.

Os recursos verbais, com alguns não lexicalizados, “operam como marcadores, formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas de grande ocorrência e recorrência” (MARCUSCHI, p. 62).

Já, os denominares não verbais ou paralinguísticos: os gestos, os olhares, os movimentos da cabeça têm “um papel fundamental na interação face a face” (Idem, p. 63). Embora sejam recursos importantes para manter e entender o discurso, pois, como afirma Marcuschi (2001, p. 6), a análise da conversação “preocupa-se sobretudo com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida”, estes não serão analisados por nós nesse estudo. As imagens são fundamentais para essa análise, mas, nos registros, por nós transcritos temos apenas o áudio.

O tom da voz e as pausas são conceituados como recursos suprasegmentais. As pausas podem ser curtas, médias ou longas e auxiliam na organização do texto falado, como também indicam mudança de turno e organização do pensamento. Com base nos estudos de R. Rath (1979), Marcuschi divide as pausas em sintáticas, e não sintáticas, as que são subdivididas em dois grupos: aquela de ligação e separação e essa de hesitação e ênfase. Salienta também que, às vezes, as pausas não sintáticas de hesitação e ênfase podem ter função semelhante, mas “uma correta e atenta demarcação

das pausas nas transcrições de protocolos será sempre fundamental para a análise do texto” (MARCUSCHI, 2001, p. 64).

Os sinais verbais podem ser subdivididos em sinais do falante e sinais do ouvinte. Os sinais do falante, os quais orientam o ouvinte, podem ser pré-posicionados (no início do turno ou no início de uma unidade comunicativa) e pós-posicionado (no final do turno ou no final de uma unidade comunicativa). Os sinais do ouvinte, que orientam o falante, podem ser convergentes, indagativos e divergentes.

As formas, funções e posições são assim relacionadas por Marcuschi (2001): sinais de tomada de turno; sinais de sustentação de turno; sinais de saída e entrega de turno; sinais de armação do quadro tópico; sinais de assentimento ou discordância e sinais de abrandamento. Como o eufemismo que tem a intenção de minimizar uma comunicação desagradável, os sinais de abrandamento são manifestos, por meio da forma passiva, por marcadores de distanciamento, por marcadores de rejeição, por verbos parentéticos, por indagações propostas e evasões. As funções sintáticas “podem ser responsáveis tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estrutura linguística” (MARCUSCHI, 2001, p. 72).

Há presença da língua italiana em discursos de pessoas que conviveram com os imigrantes italianos, mas não descendentes, como no excerto seguinte extraído de uma entrevista com um ex-ferroviário da antiga Companhia Paulista:

Cada trabalhador tinha de trocar uma média de vinte dormentes por dia. Ganhava por produção. Se não conseguisse não recebia pelo trabalho. Quando as trocas eram próximas com a ajuda da *tenaia* era mais fácil. Vocês sabem o que uma *tenaia*? (GARCIA, 2014. P. 103)

Expressão semelhante é destacada no discurso de um descendente de trentino durante a entrevista. De acordo com O.S., ao se referirem à ferramenta “turquesa” o temo empregado era *tenaia*. No entanto, esse termo não foi registrado durante a entrevista pelo fato do sr. O.S. empregá-lo antes do início da gravação. No entanto, como destacado por Ecléa Bosi (1994, p. 37), “este registro alcança uma memória social, familiar e grupal” e [...]“nosso interesse está

no que foi lembrado, o que foi escolhido” para atribuir ou explicar sentidos que estão silenciados.

3.3. Textos na modalidade escrita produzidos em língua italiana pelos imigrantes e descendentes dos bairros Colônia e Traviú

A escrita, iniciada com os sumérios e egípcios, ou a materialização visual da palavra capaz de produzir trocas e ampliar a comunicação, nessa modalidade não foram muito explorados, ou não foram preservados, pelos imigrantes italianos e descendentes dos bairros Colônia e Traviú. Uma das causas se relaciona à escolaridade e ao pouco domínio da modalidade escrita pelos italianos que imigravam (KLEUTZ, 2010; BOSI, 1921).

E, a falta de instituições que formalizassem a modalidade escrita na língua de imigração pode ser representada no excerto seguinte. O mesmo texto declamado, durante a entrevista, foi passado ao entrevistador pela mesma entrevistada, na modalidade escrita, o qual reproduzimos na sequência:

*A leto me ne vó
L`anima mea lhe do
A Dio e San Joane
Che er demonio não me engane
Nem de note nem de dia
Hanca il punto de morì
An tourno a leto mio
Che sta l`angelo de Dio
Ma deto que dormisse
Paura non avisse
De qua e de la
A Madona me possa assiste e pegurá
Venite er santi tute
Venite la mea morte
Fossade altre tante
Venite tute quanti
Amém⁵³*

É perceptível a diferença entre as modalidades oral e escrita. Essas diferenças podem ser entendidas pelo predomínio da modalidade oral, pela

⁵³ Texto escrito pela mesma entrevistada. Quando enviei o convite para a entrevista, ela se adiantou em escrever uma pequena história familiar e entregou-me o texto no dia da entrevista.

forma natural da aprendizagem das variedades da língua italiana e pela falta de instituições de ensino, como as escolas étnicas para auxiliar na manutenção das variedades linguísticas dos imigrantes italianos. No entanto, mesmo com algumas limitações, em relação ao domínio da modalidade escrita, a entrevistada afirma utilizar a língua dos avós, na modalidade oral, em encontros familiares, conforme o excerto seguinte, transcrito de sua entrevista:

Entre nós...entre nós.. a gente fala bastante italiano... eu e meus irmãos.. agora com os outros assim... tem um.. eu vou na hidroginástica e tem uma que é... ela é italiana daqui ma napolitana né... ela.. ficou um anon a Itália... e.. Eu.. falo tudo direto em italiano com ela.. na piscina.. a música né.. que nem essa *Mamma so tanto felice... conhece... perchè ritorno da te... solo per te la mia canzone vola... mamma con me non sarà più sola... conhece.... Nossa...ma entre os italianos.. Tutti quanti... la polenta... te tudo aí la polenta...*[Entr.9] ⁵⁴

Pela expressão apresentada no decorrer da entrevista, notamos que se trata de um bilinguismo desigual, isto é, a então denominada língua italiana é utilizada com a presença ou o auxílio do português brasileiro. Não se trata, aqui, de uma língua encoberta, pois é evidente o esforço para estabelecer uma comunicação na variedade empregada com e pelos imigrantes e descendentes de italianos da primeira e segunda gerações.

Ao relacionarmos as modalidades escritas e oral, dessa entrevistada, percebemos o predomínio, no uso da língua minoritária italiana, da modalidade oral, dependente do contexto de sua produção e dos elementos paraverbais ou paralinguísticos.

Como elucidado anteriormente, nessa pesquisa, os textos na modalidade escrita, produzidos pelos imigrantes italianos, são raros. Durante as entrevistas, perguntamos sobre algum material (carta, livro de receitas, por exemplo), mas conseguimos apenas uma carta do século XIX, uma caderneta de controle de entradas e saídas e as atas da Società di M. S. G. Garibaldi, produzidas pelos italianos que imigraram para os bairros Colônia e Traviú.

⁵⁴ Excerto da entrevista com a senhora Inez...

As atas não são por nós analisadas, todavia, mesmo com a estrutura e termos similares, o que caracteriza esse gênero textual, são produções na língua italiana *standard*, como expomos nas duas atas seguintes:

Figura 8: Ata da Società di M. S. G. Garibaldi de 1902

Fonte: Arquivo da Società di M. S. G. Garibaldi

Assim como nos demais textos desse gênero textual, há apenas a alteração dos nomes, mas o texto, mesmo na língua italiana *standard*, não apresenta particularidades de quem o produz, tampouco elementos linguísticos que justifiquem uma análise.

Todavia, quando a produção textual apresenta algumas alterações em relação à produção da ata, é possível verificarmos na língua italiana, produzida por italianos que já conviviam a mais tempo com os brasileiros, a presença de termos característicos do português brasileiro, como observamos, na figura 9, no texto da página 78, datado em 1929.

Figura 9: Ata da Società di M. S. G. Garibaldi de 1929

Tarocco Alessandro
Socio Benemerito

In riunione del Consiglio Direttivo, oggi 11 di luglio dell'anno 1929, essendo presenti tutti i componenti, dietro proposta fatta dal signor Presidente, Benari Luigi, di concedere il titolo di socio Benemerito al signor Tarocco Alessandro. Il Consiglio dando le opportune disposizioni esaminando bene la condotta del suddetto signor durante molto anni che fosse partito alla Società ha constatato che, la condotta sociale è stata esemplare, specialmente quando per diversi anni che copiere la carica da Presidente, si è impegnato per l'interesse sociale e per bene dei soci, non soltanto per il passato tempo, infine è stato il capo morale della Società. Il Consiglio ha deliberato, dando le opportune disposizioni, in osservanza dell'articolo 8º (pº d) dell'attuale statuto in vigore, il titolo di socio Benemerito al suddetto signor.

Núcleo B.^o Jundiáhy, 15 di luglio 1929

Il segretario
Spiridione Morato.

Fonte: Arquivo da Sociedade de M. S. G. Garibaldi

Apesar de esses textos apresentarem um espaço temporal de vinte e sete anos, no entanto, com relação à língua empregada em ambos, há o predomínio da variedade *standard*. Um elemento que se destaca, no segundo texto, é a forma como está grafada a data “Núcleo B.^o Jundiáhy, 15 di luglio 1929”. Tanto no início, quanto no final do texto, nos termos que se relacionam à data não são inseridos o artigo determinativo antes do número que indica o dia do mês, por outro lado, está evidente a preposição *di* entre o mês e o ano.

O emprego da preposição *di* entre o dia do mês e o ano pode ser relacionado ao contato linguístico entre a língua italiana *standard* e o português brasileiro. Logo, esse procedimento relaciona-se à influência com a característica do português brasileiro, em consonância à norma, haja vista o uso

da preposição de entre o mês e o ano, na inserção de datas em documentos ou em outros gêneros textuais que necessitam ou exigem uma determinação temporal.

A presença da preposição entre os termos destacados, anteriormente, está também relacionada ao contato linguístico entre as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro, bem como ao bilinguismo dos imigrantes italianos e de seus descendentes da primeira e segunda gerações.

O contato linguístico e o bilinguismo, na modalidade escrita, são notórios nas anotações de uma caderneta de controle de estoque, outro gênero textual, preservado pelos descendentes de italianos dos bairros analisados que, de acordo com a passagem dos anos, demonstra a tentativa de seu produtor textual as empregar termos das variedades da língua italiana associados ao português brasileiro, figuras 10 e 11, como destacado nos exemplos seguintes:

Figura 10: página de uma caderneta de imigrante italiano

	trasporto	122.600
15 marco	1 lata petrolio	4.700
	2 @ feijão	5.000
21 "	1/2 alg. milio	5.600
	1 Sacco farina	15.000
15 abril	1 sacco farina	15.000
22 "	resto de spesa	4.600
26 "	1 Sacco farello	3.800
	1 alg. milio	4.000
29 "	1 Sacco farina	15.000
	1 lata petrolio	4.600
	30 k.º sal fino	4.000
1º maio	1 S.º farello	3.800
6 "	1 " "	3.800
	1 quarta feijão	3.000
	leis	214.500

Fonte: arquivo do pesquisador.

Figura 11: página de uma caderneta de imigrante italiano.

	transporte	247.600
25	7mbro 1 sacco farelino	3.500
27	" " " milio	6.800
2	outubro 1 sacco farina	12.000
3	" " " Calce	3.800
16	" " 1 lata petrolio	4.500
27	" " 1 S. ^{to} farina R. ^a	13.000
6	9mbro 1 " "	12.500
13	" " 1 alg. milio	3.700
18	" " 1 sacco "	7.500
21	" " 1 sacco Rappa	13.000
25	" " 1 lata petrolio	4.500
"	" " 1 1/2 alg. milio	5.600
29	" " 1 alg. milio	3.700
1	dezanbro 1 sacco farina	12.500
	Reis	354.200

Fonte: arquivo do pesquisador.

Essa caderneta está datada entre o período de 1912 a 1915. O léxico *transporte* e *trasporto* se alternam entre os registros. Os outros vocábulos também oscilam entre a língua italiana (*trasporto*, *sacco*, *farina*, *farello*), as suas variedades (*milio*, *calce*, *farelino*, *petrolio*, *roppa*) e o português brasileiro (feijão, transporte, outubro, dezembro, lata, réis), a exemplo. A alternância de código

como na expressão *resto de spesa*, pois os termos *resto* e *spesa*, língua italiana, estão relacionados à preposição **de** do português brasileiro.

A variedade do léxico presente nesse texto reflete o contato linguístico entre as variedades da língua italiana e o português brasileiro, assim como a identidade de seu autor: um italiano que mantém uma relação comercial com os brasileiros e procura, à medida do possível, empregar o português brasileiro na modalidade escrita.

Outro texto da modalidade escrita trata-se de uma “tragédia em quatro atos”, escrita por Ilário Caniato (s/d) intitulada “Os vinhateiros”. Como o texto foi escrito por um representante da comunidade do Traviú e, também representado pelos moradores do bairro e descendentes de italianos (vênetos) e trentinos, o dialeto do Traviú exacerba-se em vários discursos das personagens: Checco (italiano do norte – Nóno), Giggia (sua mulher – nona), Béppi (filho de Béppi – vinhateiro), Pina (mulher de Béppi), Joanim, Pedrinho, Anita (filhos de Béppi), Benedito (cagôlo – visinho), Ditinha (filha de Benedito), Dr. Pereira (agrônomo), Pascoale, (negociante), Dona Margarida (professora), Zelão da Sanfona, Nhô Fino (músicos), Representante do Estado e o representante da Prefeitura.

Além dos nomes das personagens que são referências ao dialeto do Traviú, nas falas das personagens também reconhecem as variedades linguísticas que constituem os discursos dos descendentes de italianos e trentinos do bairro da Traviú, como destacado no excerto seguinte:

Checco – (sentado, soletrando uma carta)... e cosi, finisco questa mia lettera, inviandovi tanti salutti a tutti voi altri e aspéto una breve risposta peril vostro molto amico Giovanni Mástélla. Via Maghagatti, - cinquenta séi, Trénto. (Pensativo e triste) É... quanti ricórdi... Pierin... Toni Fregavin... Giggio Patata... e...

Giggia – (sentada, fazendo meias) “Ma si, tutto passa; la nostalgia, - la passará anche quella”.

Checco – “Quei béi tempi... i amici... le campagnate... e...

Giggia – Si, si, le sbórnio. Quelle maledette sbórnio.

Checco – “É... é vero, (para o público, faz gesto de quem bebe) anche que lle. (apanha a caixa de tabaco, cheira, e vai até a porta e ver – se chega alguém. E spirra e em seguida assôa o nariz, estrepitosamente)

Giggia – “Dominus téco”

Checco – “E co spiritu tuo” CANIATO, s/d, p.1)

Uma das características da língua minoritária vêneta que exemplificamos nesse fragmento é a acentuação gráfica, visto que na língua italiana standard são acentuadas apenas as palavras oxítonas ou *tronche*.

Na sequência das falas Caniato (s/d), mantém-se a coerência entre a fala e as personagens, como vemos nas falas das personagens Checcho e Giggia:

Checcho – “*haaa nó, nó, e nó. (Ofendido) questa nó!*”

Checcho – (Mostrando os punho cerrados e investindo para joanim) “*Te spaco la testa farabuto*”.

Checcho – “*Ma quante ciacole*”

Giggia – “*Va berechin, va via*”

Checcho – (que esteve ouvindo atentamente, adianta-se com um copo na mão) e viva Noé, *salvato nel’arca!* (volta a sentar-se)

Checcho – *La prima “ciucca”!*

Giggia – (que esteve entrando e saindo a cada instante adireita) “*He sí, é già tutto pronto, solo manca l’insalata*”. [...] (CANIATO, s/d, p. 2-3)

O texto de Caniato (s/d), por meio das falas e dos elementos paralinguísticos (Imagem 3), as quais representam a manutenção da identidade dos descendentes de italianos e trentinos, além desse aspecto da identidade étnica (FABIETTI, 2002), fortalecem os discursos em que os descendentes, tanto do bairro do Traviú, como os da Colônia, afirmam entender as línguas minoritárias dos imigrantes italianos e trentinos, todavia não correspondem aos diálogos fundamentados nessas línguas minoritárias, isto é, não empregavam em seus discursos o recurso principal de manutenção de uma variedade linguística, essencialmente oral, a prática discursiva.

Figura 12: Os Vinhateiros

Fonte: O.S. (Facebook)

Na imagem percebemos, além do contexto linguístico, os elementos paraverbais (CHARAUDEAU; MAIGUENEAU, 2012), que nos remetem aos imigrantes por meio das caracterizações das personagens; a indumentária que transparece as hierarquias; o cenário com elementos da religiosidade e a arquitetura predominante nas primeiras construções (PEREIRA; FILIPPINI, 1988). É importante salientarmos que as personagens são membros da comunidade de descendentes de trentinos e vênets do bairro do Traviú.

Outro gênero textual preservado, a que tivemos acesso, é uma carta⁵⁵ endereçada a um amigo, porém não identificamos a família do autor, devido à falta de informações no corpo do texto, conforme observamos a seguir.

⁵⁵ Essa carta familiar foi-nos doada pela pesquisadora Elizabeth Filippini.

Figura 13: Carta pessoal

Caro Giuseppe

Von Paolo 24 Agosto 89

Il giorno 20 ricevetti la tua lettera e sento col dispiacere che tu ti lamenti che io non ti scrivo; sappi caro Luigi che questa è la terza lettera che t'ho scritto, si vede proprio che è mancanza della posta.

La mia salute invece di migliorare va peggiorando, stavo all'ospedale a curarmi, ma stante la poca assistenza che io aveva Dovetti sostenere.

Ora mi trovo in casa di un nostro patriotta il quale avendo avuto compassione del mio stato di salute mi fa come un padre, egli si chiama Giuseppe Poggi se mi a ricoverato in casa per carità.

Qu mi dici se io tengo bisogno; tu stesso poi immaginabile, io attendo da te un soccorso come la mamma dal cielo.

Il medico mi a detto che posso
guarire, ma Debbò respirare aria
marittima e andare all' Ospedale
di Santos. ma con qual mezzo
Luigi?

No voglio tentare anche
questo, il medico mi a promesso una
lettera di raccomandazione per quello
Ospedale.

Dunque Luigi, in questo
momento non tengo altro che te, manda
mi subito qualcosa onde possa
fare il viaggio, e appena sarò guarito
saprai circumferirti, perche non mi
abbandonare. La soprascritta della
lettera affinché io l'abbia sicura
la farai così.

Al Vener
Vosè Poggi
ferma in Costa
di
V. Paulo

Addio caro Luigi rispondimi subito,
saluta tua moglie ed amici e credimi
Tuo povero fratello
Giuseppe

Esse texto foi produzido na língua italiana *standard* e demonstra domínio de normas gramaticais, sintáticas e lexicais, assim como os traços característicos da oralidade comum em cartas familiares, como nas análises apresentadas por Sozzi (2016).

Outro gênero textual que destaca a língua italiana *standard* e o monolinguismo é a expressão poética de dois poemas musicalizados em homenagem aos imigrantes italianos. O primeiro em comemoração ao centenário da comunidade do Traviú e, o segundo, sobre a *Festa italiana di Jundiaí* que, assim como aquele também faz referência ao centenário da imigração italiana, no atual bairro Colônia e antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiaí.

Cento anni di Traviú

*C'è un posto caro e bello
Che vá dal Monte oltre i valli
Tanti viti nei vegneti
Mille fronde nei viali
Verde e fiori nei **quintali***

*Libian, libian, libian...
È ora, e cantan tutti
In omággio ai nostri cari
Per i cento anni bem vissuti.*

*Da lontano son venuti
De `sto posto **li** abitanti
D'oltre mare furan i primi
Che belle cose hann fato tante
Delle quali siamo amanti.*

Libian,[...]

*In questo anno giubilare,
Del Traviú faccian la festa
Ricordiamo **li** antenati
Del suo posto il cpmpleanno
Pur presente tutti li anni.*

Libian, [...]⁵⁶

Na letra do hino, referência aos cem anos da chegada dos imigrantes ao bairro do Traviú, percebemos a presença do sentimento de pertencimento e gratidão aos imigrantes da região do Vêneto e do Tirol Alt`Adige, porém, em

⁵⁶ “Cento anni di Traviú”, foi composto, na década de 80, para a comemoração do centenário da chegada dos imigrantes trentinos e vênetsos ao bairro do Traviú.

relação à modalidade escrita, como enfatizado por O.S., existem as influências dos contatos linguísticos, isto é, a formação de uma variedade que evidencia o predomínio da oralidade.

A oralidade das línguas minoritárias pode ser relacionada ao emprego, como destacado no texto, do artigo *li*, porque em acordo com a norma gramatical, seria indicado o emprego de *gli*, com substantivos masculinos plurais iniciados com vogais. Outros termos que refletem a riqueza linguística dessa comunidade são *quintali*, *omággio* e *delle quali*.

O termo *quintali* está em acordo com as normas da língua italiana pelo emprego da vogal -i, para indicar o plural dos substantivos masculinos. Todavia, o termo *quintali* é uma estrutura gramatical da língua italiana com um termo quintal do português brasileiro. Vale informarmos que, em italiano *standard*, o termo mais próximo é *cortile*.

O acento da palavra *omággio* está em acordo com a grafia da língua minoritária da região do vêneto, como *òcio*. Já, *delle quali* refletem uma estrutura gramatical conforme as normas da língua *standard* em relação ao gênero e número. Um texto que caracteriza a riqueza linguística dessa comunidade corresponde às transferências e as interferências.

O texto produzido para a *Festa Italiana di Jundiaí*, a qual está também relacionada ao centenário da chegada dos primeiros imigrantes, no Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, no entanto, apresenta um texto misto. A letra é de A.M. e a música de Cláudia Queiroz.

A festa italiana

1ª estrofe

Mil novecentos e oitenta e oito
Primeiro centenário da imigração
Padre Beppi Bortollatto convocou a reunião
Quis ideias deferentes pra marcar a ocasião.
O Paoletti, iluminado, sugeriu entusiasmado:
“*Cari amici avanti tutti, facciamo una festa*
Come quella di San Vito, San Genaro e [Casaluce”.

Refrão

E a Colônia despertou! E a Colônia festejou!
2ª estrofe
Fizemos uma festa lembrando nossa história
Contando as glórias de nossos avós
“*Che cantavano in coro dopo lavoro:*
Ma in Brasile c'è di tutto, pane vino e d'alegria”.

3ª estrofe

Fizemos uma festa que já é uma tradição
Italianos. Brasileiros, hoje um só coração.
*‘Tutti cantano in coro in festa fra loro:
L’Itália é bela, ma il Brasile l’ho in cuore,
Viva il vino, tarantela, pastasciutta, pace e amore’.*

Refrão

4ª estrofe

Fizemos uma festa, e que festa minha gente,
Pra criança, juventude, meia idade e pros avós.
Epopeia de uma raça, na cantina e na praça,
Ano a ano comemora a lembrança dos pioneiros
Que passaram por aqui a lançaram as sementes
Da festa italiana
A festa de Jundiaí!
A festa de Jundiaí!
A festa de Jundiaí! (MATOVANI, 2013, p. 58)

Assim como a homenagem aos imigrantes, presente no texto sobre o centenário do bairro do Traviú, Mantovani também promove a integração da comunidade com os brasileiros, por meio de um texto bilíngue. No entanto, pela proporção dos termos revela um bilinguismo desigual ou a alternância de códigos necessários nesse contexto.

A não alternância de código entre o português brasileiro e a língua italiana provocaria o silenciamento e não o “calar”, porque o calar representa se colocar na posição de ouvinte e o silêncio a uma impossibilidade de comunicação. Não que o silêncio não seja uma forma de comunicação (PONZIO, 1994), porém em um contexto de imigração e de contato linguístico entre a língua materna e as línguas minoritárias, sim. A mudança explícita de código, no texto “A festa italiana”, também destaca a relação entre a identificação e compreensão, como escreve Ponzio (1994, p. 26):

Se o interpretante relativo ao sinal e à sinalidade é o interpretante de identificação, o interpretante específico do signo, aquele que o interpreta o sentido, no qual o significado propriamente sótico, é o interpretante de compreensão correspondente. Tal interpretante não se limita a identificar o interpretado, mas instaura com isso uma relação de envolvimento, de interpretação: responde a isso e toma posição nos seus confrontos. Os interpretantes de compreensão respondentes de um mesmo signo são múltiplos e não podem

ser predeterminados por um código, como ocorre com os interpretantes de identificação.

Inferimos que, os códigos linguísticos ou o léxico misto, relacionados à identificação, enaltecem as culturas italiana e brasileira e a identidade dos interlocutores, autor e público, pois a letra se destina àqueles que dominam os sentidos e os conceitos dos termos na língua italiana e àqueles que, mesmo se reconhecendo como descendentes de italianos e com sentimento de pertencimento, não compreenderiam os sentidos e valores, caso a letra estivesse apenas em língua italiana.

Porém, a compreensão dos sentidos e conceitos, mesmo considerando os códigos mistos, depende de outros elementos paralinguísticos e da multiplicidade dos sentidos expressos pelos signos, na produção desse gênero textual. Pois, apenas os sentidos da identificação, se o texto fosse monolíngue, não estabeleceriam uma relação com os sentidos e conceitos criados pelo texto misto, uma vez que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2010, p. 30)

Nesse contexto, não se trata de alternância de código, decalque, mas reflete-nos a língua italiana falada pelos descendentes que não frequentaram instituições de ensino para aprender a língua italiana standard, isto é, nas falas dos descendentes, o código misto se faz presente em vários momentos, sobremaneira, quando empregam termos da língua minoritária conceituada, pelos descendentes entrevistados, como dialeto.

Ainda que a modalidade escrita tenha um papel importante referente às normas, nas comunidades linguísticas por nós analisadas, nesse estudo, há o predomínio da modalidade oral. Como destacado, pelos entrevistados, cada comunidade linguística, por meio do contato entre as variedades da língua italiana e do português brasileiro, criou-se uma nova variedade. No bairro Traviú, essa nova variedade é intitulada “dialeto do Traviú”, assim como no atual bairro Colônia “dialeto da Colônia”. Como destaca Stuart Hall (1996, p.1)

As identidades compõem-se a partir de discursos de pertencimento que os sujeitos criam sobre si, de forma a se identificarem com os grupos sociais. Esses discursos são

transitórios, isto é, modificam-se ao longo da vida, e múltiplos, uma pessoa se coloca como pertencendo a vários grupos.

Consideramos que, o sentimento de pertencimento apresentado no texto do Hino é o reflexo atual dos descendentes dos imigrantes italianos e trentinos dos bairros Traviú e Colônia, porque sentem, atualmente, orgulho das conquistas e influências culturais, econômicas e sociais de seus antepassados, mas isso não interfere na identidade brasileira desses descendentes. Uma identidade que se manifesta, principalmente, por meio da língua, ao empregarem o português brasileiro nas modalidades escrita e oral. No entanto, as línguas minoritárias dos fundadores dessas comunidades, são facilmente reconhecidas na oralidade, mesmo que fragmentadas, e na pronúncia de alguns fonemas característicos das variedades da língua italiana.

Embora a Escola francesa privilegiara a modalidade escrita, Maingueneau (2000, p. 56-57), destaca que a oposição entre escrita e oral

serve, igualmente, para caracterizar os dois polos entre os quais oscila o discurso de uma sociedade. De uma parte o polo escrito dos enunciados estabilizados, proferidos nos contextos ritualizados; os participantes têm aí um status fortemente limitado (escritor, padre, político...) e seus enunciados, uma forte carga simbólica para a coletividade. De outra parte o polo das trocas instáveis e espontâneas das interações cotidianas.

E essa espontaneidade da modalidade oral, em especial, na produção de fonemas que remetem às variedades das línguas minoritárias dos imigrantes italianos, os descendentes, quando desejam, utilizam-na para revelar sua origem e o sentimento de pertencimento às comunidades fundadas por imigrantes italianos e trentinos da cidade de Jundiaí.

Esse sentimento de pertencimento, como já apresentado nesse estudo, também se revela na culinária, nos símbolos, na música, nos eventos culturais que, mesmo com o predomínio do português brasileiro, apresentam uma resistência para conservar o patrimônio material e imaterial para as atuais gerações de descendentes dos imigrantes trentinos, vênnetos, lombardos dentre outros.

Além da oposição escrita / oral, Maingueneau (2000, p. 55), também enfatiza as diferenças “entre os enunciados que passam pelo canal oral, as ondas sonoras, e enunciados que passam pelo canal gráfico”, sejam eles dependentes e os independentes do contexto verbal. E, por fim, a oposição entre os estilos escrito e oral.

Mesmo que enunciados orais possam ser independentes do contexto (quando o co-enunciador não interage com o discurso), em uma interação oral, os enunciados são marcados pelos índices paralinguísticos ou paraverbais e são mais soltos, com relação à sintaxe. O emissor também pode ser interrompido a qualquer momento, retornar ao que caracteriza a interação oral como dependente do contexto. Já, os enunciados independentes do contexto “tendem a se fechar mais sobre si mesmo, e podem construir um jogo de marcações intertextuais; a subordinação sintática aí se desdobra com um máximo de rigor” (Idem, p. 56).

As oposições entre os enunciados dependentes e independentes do contexto, o estilo escrito e falado, entre o oral e o escrito, e principalmente, o emprego, nas interações orais, dos índices paraverbais ou paralinguísticos, exigem do pesquisador de contatos linguísticos, uma atenção especial com a análise do texto oral transcrito, pois os índices multissêmicos (MARCUSCHI, 2010), não são passíveis de transcrição, somente contextualizados. Outro aspecto importante e, às vezes, não necessário, é empregar o rigor sintático dos enunciados escritos para analisar enunciados orais e dependentes dos índices paraverbais.

Com base nas características sobre o enunciado, mencionadas por Foucault (2011), com destaque sobre as relações de proximidade e semelhança dos signos para constituí-lo; do sujeito com o enunciado; de sentido; do dito e do já dito; do contexto e do sujeito e, por fim, da existência material do enunciado podemos salientar, em nosso estudo, o sintagma nominal "*Festa Italiana di Jundiaí*".

No seu início, a *Festa italiana di Jundiaí* teve como objetivo comemorar o centenário da imigração italiana para o Núcleo Colonial Barão de Jundiaí. Ademais, conforme Pezzato; Martelli e Rivelli (2007, p.21),

trata-se de um evento que, embora proporcione cultura, lazer e possua uma dimensão hoje estadual, está ligada principalmente à promoção e divulgação do produto turístico jundiaense, pois a *Festa Italiana di Jundiaí*, junto com outras festas tradicionais [...] atraem, aproximadamente 500.000 pessoas ano, sendo que desse número, 120.000 vêm para a festa da Colônia.

Sem desconsiderarmos o apelo econômico das instituições envolvidas na produção e execução, esse evento cultural trouxe para os descendentes de italianos do bairro Colônia, o sentimento de pertencimento e busca pelas origens. Conforme expostos por A.M.:

começou despertar então aquela italianidade na pessoa.. que tava praticamente zero.. né.. e aí ficou.. é.. começou então o interesse pra aprender o italiano.. o interesse pela cozinha italiana.. né.. o interesse pros caras descobri a origem deles.. quantas famílias depois começaram a pesquisa né.. e.. e.. então começou aquilo lá de quere a nacionalidade italiana.. a nossa saiu em quinze dias.. porque em noventa e quatro não tinha ninguém praticamente pedindo a nacionalidade.. tinha pouca gente..[Entr. 6]⁵⁷

No início de cada evento, nas primeiras edições, uma família de origem italiana era homenageada, o que motivou ainda mais o sentimento de pertencimento e a busca pelas origens, pela culinária e pela língua. Mesmo não sendo mais as variedades empregadas pelos imigrantes, a língua significa uma identidade, descrita por Mantovani como italianidade.

Outro elemento importante em relação à memória dos descendentes de italianos do bairro Colônia, é o próprio espaço físico do evento, porque nesse local havia uma figueira que serviu de abrigo para vários imigrantes que, ali, esperavam a construção da casa ou a liberação do lote adquirido. A Figueira (PEREIRA; FILIPPINI, 1988, p.26):

símbolo deste Núcleo Colonial, árvore que existiu na região central da colônia, tornou-se lendária ao cumprir, nos primeiros tempos, a função de alojamento dos imigrantes. Segundo depoimentos, as famílias permaneciam sob a figueira protegidas por panos, lençóis e barracas, enquanto esperavam a liberação de seus lotes, ou a construção do barracão projetado. Citada em

⁵⁷ Excerto da entrevista com a Senhora M.B.M, na qual A. M. participou e colaborou com várias informações históricas e linguísticas.

versos, livros, história e estórias, a Figueira permanece na memória da cidade, remetendo aos primeiros tempos dos imigrantes, ao seu contato com as terras novas, depois de uma viagem dura, carregada de emoções e de fatos dramáticos.

Esse campo da memória, revivido pelos sentidos e valores, como a Figueira, também se faz presente nos signos dependentes do contexto verbal (língua nas modalidades escrita e falada, letras de músicas) e dos signos independentes (cores, objetos, símbolos dentre outros), como o próprio título do evento *Festa italiana di Jundiaí*.

Os termos empregados no referido sintagma, devido à similaridade entre os termos do português brasileiro e a língua italiana, não apresentam dificuldade de compreensão para o público visitante do evento, mesmo sem nenhum conhecimento da língua italiana.

No entanto, a compreensão dos termos desse enunciado, pela proximidade e pela semelhança, com exceção da preposição *di*, não configuram os mesmos valores e sentidos para todos os visitantes, com relação entre o dito e o já dito, ao contexto da memória, ao sujeito e a materialidade do enunciado.

Embora a preposição *di* seja um forte indicador de que esse enunciado está grafado em língua italiana, também pode passar despercebido por um visitante que não tem domínio ou conhecimento da língua italiana, porque é uma tendência na oralidade, principalmente do português brasileiro, pronunciar o som /d/ɪ/ para a pronúncia da preposição de.

A diferença dos termos *festa* e *italiana* se faz no campo semântico da memória. Mesmo mantendo relação de proximidade e semelhança entre as culturas italiana e brasileira, o contexto dos referidos termos, advindos pelas cores, músicas e, principalmente, pela culinária, apresenta um tom nostálgico e um incentivo pela busca das origens. Vale enfatizarmos que, a compreensão dos sentidos e valores presentes na expressão *Festa Italiana di Jundiaí*, por meio da língua e do discurso se relacionam ao sentimento de pertencimento, à identidade e à memória.

Em seguida com base nos conceitos e teorias, empregados nesse estudo, expomos e discussões sobre o quadro atual das línguas minoritárias italianas nas comunidades dos bairros Colônia e Traviú.

A partir de nossas reflexões e análises, é possível destacar a influência da língua italiana no português brasileiro por meio do léxico, ou seja, mesmo com o emprego da língua portuguesa, são inseridos, no discurso, alguns termos da língua materna dos imigrantes italianos, o que está de acordo com as afirmações dos relatos orais dos moradores do bairro Ponte São João, porque, aproximadamente, até a metade do século XX, havia o predomínio da língua italiana (variedade linguística do Vêneto) nos contextos familiares e sociais do antigo Núcleo Colonial Barão de Jundiá e atual bairro Colônia.

Outro aspecto que caracteriza a influência da língua italiana no português brasileiro dos entrevistados é a fonologia/fonética, pois trata-se uma marca comum a todos os imigrantes, independente do país de origem, alguns fonemas /morfemas típicos da língua italiana, **enton, ma...**, estão presentes na oralidade dos descendentes entrevistados nas décadas de 80 e 90.

Entretanto, a ausência do /s/ final, por exemplo, além da proximidade com a língua italiana, pode representar o predomínio da variedade falada e não a *standard*. Na oralidade, o domínio e a estrutura das normas gramaticais do português brasileiro confere mais liberdade em relação às normas exigidas pela variedade padrão.

O processo de substituição e silenciamento nas comunidades por nós analisadas, pode ser relacionado à “Escala de vitalidade linguística (EGIDS)”, apresentada por Lewis e Simons (2010), a partir da 6ªb, porque com a morte dos imigrantes italianos, e das línguas minoritárias, de acordo com as práticas linguísticas dos italianos imigrantes, o idioma era “utilizado por via oral, por todas as gerações, entretanto apenas alguns membros da geração fértil o transmitia aos filhos”. Essa escala pode ser atribuída até os membros da primeira geração.

Constatamos que, os membros da primeira e segunda gerações “conhecem suficientemente bem a língua para usá-la entre si, mas nenhum deles está transmitindo aos filhos”.

... e meu pai é dessa segunda leva.. e só se falava italiano.. quer dizer o dialeto vênето... porque eles vieram de lá.. Treviso.. e minha outra vó era de Padua... quer dizer minha bisavó.. minha vó nasceu aqui.. mas a mãe e o pai dela eram di lá.. e.. a gente só.. a minha vó dificilmente entendia português.. falar português ela foi aprendendo... porque quando ela ficou viúva ela teve que tomar conta de tudo NÉ... dos negócios.. então ela que ia no

banco.. que fazia compra.. ela que fazia tudo... então ela já dominava mais o português.. mas em casa era só o italiano.. esse italiano.. agora as coisas que a gente lembra por exemplo... quando nasceu a segunda filha da minha tia mais nova.. a outra tia que estava com ela no hospital.. ligou e falou assim... fala pra nonna que nasceu uma menina.. aí minha tia que atendeu o telefone falou.. Nena vai falar pra nonna que nasceu uma menina da tia Neném... eu cheguei lá e disse.. nonna è nata una bambina.. una bambina.. Ah Dio benedete la volia tanto una una bambina.. então ela ficou feliz... porque esses é um dos termos que a gente usava cotidianamente.. se falava o vêneto...[Entr.7]⁵⁸

Em seguida, senhora M.B.M afirma que, com os filhos. a língua italiana minoritária era falada com a finalidade de omitir algumas informações.

Outro fato interessante, em relação ao processo de substituição e silenciamento, é descrito pelo senhor S. C., porque enquanto a mãe estava viva, no contexto familiar, a língua usada era a língua minoritária vêneta. Segundo o senhor S. C.:

[é setenta e nove.. porque motivo paramo de falar.. o meu pai falou.. não se fala mais nisso.. porque faleceu minha mãe nesse ano e ela não falava português con nois.. tudo dialeto italiano.. e daí então o que a gente fez.. meu pai falou eu não quero mais que fale.. que a gente fica lembrando muito da mãe.. então ele falou vamo procura evitar de falar.. daí pra frente a gente foi diminuino... diminuino.. até a época em que... depois que eu já era casado.. tempos né.. aí a gente começou a faze os grupo de canta italiano.. aí então nois precisamos aperfeiçoá um pouco o vocabulário pra podê a gente como se diz..[Entr. 5] (I1)

[divulgar.. (I2)

[divulga não.. entender o que você está cantando vai que uma terceira pessoa pergunta.. mais o que significa isso... então a gente.. entendeu não sabia.. aí a gente fez três ano o curso de italiano no Circolo aí.. foi que a gente melhorou um pouco ...

[o italiano.. mas o vêneto é.. (I2)[Entr.6]⁵⁹

Com base na expressão “daí pra frente a gente foi diminuino.. diminuino...”, que representa o processo de substituição e silenciamento das

⁵⁸ Excerto da entrevista da Senhora M.B.M.

⁵⁹ Entrevista com o senhor S.C.. Também participaram dessa entrevista o senhor A. M. e a senhora M. B. M..

línguas minoritárias italianas das comunidades por nós estudadas, torna-se possível estabelecermos uma associação com as escalas de Lewis e Simons (2010).

Ao relacionarmos os processos que podem levar uma língua ao esquecimento, com base na escala de Lewis e Simons (2009), destacamos as 8ªa, 8ªb e 9ª. As demais escalas estão relacionadas no anexo B.

Na escala 8ª “os únicos falantes ativos da língua ainda vivos são membros da geração dos avós”. Nesse momento, a língua passa por um estado classificado como moribunda.

A 8ªb elucida que “os únicos falantes ativos da língua ainda vivos são membros da geração dos avós e dos bisavós, as quais tem pouca oportunidade de usar a língua”. Os entrevistados, dos bairros Colônia e Traviú, embora tenham uma memória linguística das línguas minoritárias italianas, afirmam ser a falta de interlocutores o principal fenômeno responsável pelo processo de substituição e quase esquecimento das línguas desses imigrantes trentinos e italianos. Quando a língua atinge esse estágio na Escala de Vitalidade Linguística é classificada como “quase extinta”.

No estágio da 9ª escala a língua “serve como lembrete da identidade ou herança cultural para uma comunidade étnica. Ninguém tem mais do que uma proficiência simbólica em termos de usar a língua” (LEWIS; SIMONS, 2013, p. 14). E, todos devemos entender que “qualquer tentativa de manter ou preservar uma língua minoritária será um esforço tremendo pois a tendência nessas situações é sempre perder vitalidade e nunca ganhar. Precisa ser um esforço intencional, contínuo e comunitário” (EBERHARD, 2014, p. 6-7).

CONCLUSÃO

A fala sempre está pautada em convênios social e cultural e a percepção da língua como meio privilegiado de expressão e veículo de identidade cultural é o que deve nortear seu estudo.

Thaís Nicoletti de Camargo

A língua em um contexto globalizado e, principalmente, capitalista, em que as fronteiras físicas não apresentam mais os limites, físicos e geográficos característicos, durante o período de imigração dos italianos para os locais originou as comunidades linguísticas dos bairros do Traviú e Colônia, por nós analisadas, do município de Jundiaí (final do século XIX). Por conseguinte, o fator econômico torna-se, em várias comunidades discursivas formadas por imigrantes, o principal parâmetro para determinar a língua que o Estado ou as políticas públicas instituem como a Língua Estrangeira Moderna a ser ensinada pelas Instituições de Ensino, uma vez que, “a língua é, sintomaticamente, um dos instrumentos mais importantes na mão dos governantes que, para o bem ou para o mal, procuram enfatizar a unidade de um povo ou de uma nação” (PERINI, 2016).

No contexto da imigração italiana para a cidade de Jundiaí não houve, em relação à língua, um incentivo de políticas públicas para conceber a manutenção das comunidades discursivas desses imigrantes. E, da parte dos descendentes, a partir da terceira geração, o bilinguismo, mesmo no interior das comunidades linguísticas dos atuais bairros Colônia e Traviú, foi cedendo espaço ao português brasileiro e, conseqüentemente, ao monolinguismo.

Mesmo que as variedades linguísticas da língua italiana se apresentem nos discursos dos descendentes entrevistados, por meio dos traços fonológicos, lexicais e, em algumas estruturas morfossintáticas, o português brasileiro, devido às causas física, econômica, política e social, como elucidadas por Hagège (2000), parece não perder a resistência ao patrimônio cultural imaterial, representado pelas línguas minoritárias.

No entanto, as variedades linguísticas dos imigrantes italianos, mesmo que fragmentadas, perpertuam-se na memória dos descendentes que tiveram

contato com os imigrantes ou com os membros da primeira e segunda gerações, visto que, a primeira e segunda gerações de descendentes aprenderam, de forma natural, a variedade linguística dos imigrantes e o português brasileiro, por meio das relações com os brasileiros e, principalmente, pelas questões social, política e econômica, bem como pelo acesso às escolas.

Como destacado anteriormente nesse estudo, as políticas públicas brasileiras, nas primeiras décadas do século XIX, não incentivaram a criação e permanência de escolas étnicas para a preservação, atualização e manutenção das línguas e, conseqüentemente, da cultura dos imigrantes, dentre esses, dos italianos.

Por parte dos próprios imigrantes italianos em Jundiaí, assim como destacados em outros estudos (CASTRO, 2002; ORTALE, MAGGIO, BACCIN, 1015; ALTMAYER, 2015), o contato linguístico entre as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro, formou o que os descendentes de italianos denominam de dialeto da Colônia e dialeto do Traviú. As variedades linguísticas, compostas pelo contato linguístico, facilitou a comunicação entre os membros dessas comunidades discursivas (ORTALE, MAGGIO, BACCIN, 1015, p. 151).

Como designado por Altmayer (2015), no período denominado de Grande Imigração, a região do Tirol Alto Adige não pertencia à Itália. E, mesmo um século depois, sobretudo, no bairro do Traviú, o qual foi constituído por imigrantes vênets e tirolezes, os descendentes entrevistados reconhecem as diferenças linguísticas entre termos da língua minoritária do Vêneto e do Tirol Alto Adige, aqueles considerados italianos e esses austríacos, o que não nos permite caracterizá-los como imigrantes italianos. Mesmo assim, de acordo com Caniato (1980), na comunidade discursiva do bairro do Traviú, as diferenças foram superadas e a língua não configurou um obstáculo entre os vênets (italianos) e os tirolezes (austríacos).

O bilinguismo destacado por O.S. (2014), ao afirmar que a família tirolesa assimilou a variedade linguística dos imigrantes vênets, por ser a única família tirolesa a receber o lote na parte destinada aos vênets, destaca a possibilidade de manter a língua, a cultura e a identidade, mesmo em contexto geográfico e social diferentes do original.

Vale informarmos que, a identidade e o sentimento de pertencimento são enfatizados em vários eventos culturais, na preservação do patrimônio material

e imaterial construídos pelos imigrantes italianos e mantidos pelos descendentes. Todavia, no bairro Colônia, pela proximidade do centro urbano, inicialmente, formado por imigrantes italianos, a língua reflete os conceitos destacados por Hagège (2000), sobre o bilinguismo desigual e suas consequências, pois o desejo de se integrar ao contexto brasileiro não manteve o equilíbrio entre as línguas em contato.

Dentre os processos que promoveram o uso do português brasileiro em relação às variedades da língua italiana, destaca-se, para os descendentes das terceiras e quarta gerações, a falta de interlocutores na variedade linguística empregada pelos imigrantes italianos dos bairros Traviú e Colônia.

Mensurarmos ou sabermos qual é o domínio real das variedades linguísticas dos descendentes de trentinos e italianos entrevistados não foi possível, porque aqueles que movidos pelos eventos, como a *Festa Italiana di Jundiaí*, a missa em língua italiana; o contato com as tradições e costumes, por meio da culinária, da música “*dopo lavoro*” e contemporâneas; a aproximação com a Itália propiciada pelas mídias e, sobretudo, pelo sentimento de pertencimento, porque ser descendente de italiano ou ter a cidadania italiana, no contexto atual, trata-se de um privilégio. No entanto, o predomínio pela aprendizagem da língua italiana *standard*, pelos descendentes de imigrantes de diferentes regiões da Itália, aliada à percepção de que com essa variedade favorece estabelecer contato com italianos de todas as regiões da Itália, propicia o monolinguismo. E, a falta de consciência sobre os valores e sentidos das línguas minoritárias dos imigrantes italianos, oriundos de várias regiões da Itália, atribui-se o desinteresse pelo multilinguismo, promovido pela chegada, destaque dessa pesquisa, à Jundiaí de imigrantes das várias regiões italianas e do Tirol Alt’Agide.

Por conseguinte, inferimos que, o interesse pela memória linguística pode e deve ser promovido por pesquisas que evidenciam a presença dessas variedades, mesmo que de forma inconsciente, na expressão dos falantes que conviveram com essas línguas minoritárias e, devido às causas destacadas por Hagège (2000), cederam espaços ao monolinguismo.

Ademais, a presença de termos da língua italiana, de forma inconsciente, pode ser ressaltada pelo excerto de uma entrevista de um ex-ferroviário, “*a tenaia*” ao se referir a um objeto utilizado nas atividades diárias.

Esse mesmo termo é lembrado por O.S. (2014), na sua entrevista cedida ao pesquisador, ao relatar sobre o fato de entender o “dialeto do Traviú, mas não o utilizarem nas respostas ou nas relações sociais com os outros descendentes de trentinos e italianos.

No contexto das comunidades discursivas analisadas por nós, nesse estudo, não é possível estabelecer um aprendizado dessas línguas minoritárias como ocorreu nas regiões italianas comentadas por Hagège (2000), pois não se trata de línguas autóctones. A própria geografia linguística tornou e torna obrigatória a inserção de termos do português brasileiro, na estrutura das línguas minoritárias vêneta e trentina. Todavia, mesmo ao considerarmos a variedade linguística dos bairros do Traviú e Colônia uma confluência entre as línguas minoritárias italianas e o português brasileiro, a presença de valores e sentidos continua nos termos empregados e nas memórias individual e coletiva nos fatos e eventos que se presentificam nas expressões e mesmo nas palavras isoladas como a relação apresentada por A. T., já que as palavras estavam relacionadas à memória afetiva.

A identidade tiroleza e vêneta, que predominam nos bairros Traviú e Colônia, presentifica-se quando identificamos determinada palavra como vêneta ou tiroleza ou quando, mesmo que a alteridade predomine, apresentam-se como descendentes de italianos. Este termo genérico serviu e serve para identificar e fortalecer os costumes e tradições que uniam e ao mesmo tempo individualizava essas etnias.

Mesmo que a língua, como fator de identidade, atualmente, seja a língua italiana *standard*, já que as identidades confluíram para italiana, no Brasil, os sentidos e valores das línguas minoritárias devem ser registrados para não serem totalmente esquecidas ou silenciadas.

As várias formas de registros e o fim das fronteiras geográficas propiciam a possibilidade de confluências entre as várias línguas oficiais, nacionais e minoritárias; no entanto, como sustentado nesse estudo, as confluências criam novas possibilidades e, cabe aqui retomarmos a fala do professor Valdir Barzotto “independente da variedade empregada, a língua é um fator de identidade e gerador de cultura”. E, mesmo que as instituições de ensino fortaleçam o monolinguismo, por questões didáticas, as identidades linguísticas ficam

evidentes, quando um falante tem a oportunidade de se manifestar (BERRUTO, 2010).

O dialeto do bairro Traviú e o dialeto do bairro Colônia foram constituídos pelo contato linguístico entre as línguas minoritárias italianas e português brasileiro, mas esses contatos não eliminaram o sentimento de pertencimento. E, assim como destacado por Maggio e Cavallari (2008), ao se referirem aos pedrinhenses, os italianos dos bairros Traviú e Colônia, ainda que se apresentem como brasileiros ou ítalo-brasileiro, neles evidencia-se a memória linguística das línguas minoritárias. Basta um mote, para surgir o vocabulário e as lembranças.

E, concordamos com Hagège (2000), pois, com o interesse dos descendentes, o apoio de políticas públicas, aliados às pesquisas acadêmicas, a língua não morrerá, apenas ficará diferente, porque a etnia, a identidade, a cultura podem ser representadas por uma só palavra. E, o registro dessa língua, mesmo fragmentada, pode constituir, por meio de empréstimos linguísticos, alternância de código e decalque, um fator de reconhecimento de que o purismo linguístico intencionado, pelas vias das normas gramaticais da modalidade escrita, não inibe a presença da confluência linguística e seus resultados positivos, constituídos por análises que não considerem a língua como desvinculada dos contextos históricos, dos elementos paralinguísticos e da historicidade do sujeito.

As variedades da língua italiana nas comunidades analisadas, em função dos fatores destacados nessa pesquisa, cederam espaço à língua *standard*, quando o descendente busca aprender a língua dos imigrantes italianos e o português brasileiro, em razão de questões de identidade e pertencimento.

O patrimônio material e imaterial, aliados aos eventos culturais, sobretudo à religião, mesmo representando uma resistência cultural em relação à memória linguística e aos elementos culturais, estão proporcionando a oportunidade de registrar o que ainda se faz presente, bem como evidenciar que os valores e sentidos dessas variedades linguísticas são importantes para entendermos as particularidades linguísticas dessas comunidades.

Enfatizamos que se pronuncia o monolinguismo, quando os descendentes optaram pelo português brasileiro ou pela língua italiana *standard*. Todavia, a percepção de que a riqueza linguística está nas particularidades, conceitos e valores que as línguas, independentemente de serem minoritárias

ou oficial, são criadoras de culturas. Culturas que se perdem junto com a língua, quando deixam de ser usadas. Desta forma, a cultura, quando desvinculada da língua, pode exercer um papel de alteridade.

Logo, o ato e o desejo de falar as variedades da língua italiana, durante as entrevistas, os descendentes de italianos dos bairros Colônia e Traviú, que, assim colaboraram com o *corpus* para nossa pesquisa, propiciam às instituições de pesquisas uma aproximação maior dessas comunidades discursivas para, além de analisar, auxiliar no registro, na manutenção e na conservação desse patrimônio imaterial, pois retomando Bolognini e Payer (2005), a língua silenciada pelos processo de substituição, bilinguismo desigual que, aliados aos fatores econômico, social e político, com base no *corpus* dessa pesquisa, ainda fulgura na memória dos descendentes de italianos, oriundos de várias regiões da Itália, e dos trentinos que chegaram, em maioria, ao Núcleo Colonial Barão de Jundiá e à Fazendinha do Traviú, no final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ACQUAVIVA, Sabino. *Identità veneta*. Venezia:1999. Apud: Língua. Disponível em: <<http://www.linguaveneta.it/lingua-veneta/lingua/>>. Acesso em: 13 out. 2016.

AGAMBEN, Giorgio. **Um filósofo para o século 21**: Dossiê. In.: Revista Brasileira de Cultura. Junho 2013, ano 16.

ALTMAYER, Everton. *Aspectos identitários da imigração tiroleza no Brasil*. In.: Revista Blumenau em Cadernos. Nov./dez. 2015. Disponível em: <www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2287/1774> Acesso em: 10 jan.2016.

_____. *Características do dialeto trentino*. In.: Organon, Porto Alegre, jan. – dez., 2008. p.53-60. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/39649/25332>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ANÇÃ, Maria Helena. **Da língua materna a língua segunda**. Disponível em: <area.dgdic.mim-edu.pt/inivbasic/edcoes/noe/noesi/dossier1htm> Acesso em: 12 jan. 2015.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: contexto, 2010.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: UCITEC, 2006.

BARROS, Fábio. Traviú: **foto aérea com GPS**. Disponível em: <[Http://mapio.net/a/14419978/](http://mapio.net/a/14419978/)> Acesso em: 10 mar. 2016.

BARZOTTO, Valdir Heitor. *Recursos linguísticos e tempos modernos*. In _____ . **Leitura de Revistas Periódicas**: forma, texto e discurso. Um estudo sobre a revista Realidade. (1966-1976). Tese de doutorado. Instituto de Estudos da linguagem. Unicamp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENINCÀ, P., G. SALVI, L. FRISON. *L'ordine degli elementi della frase e le costruzioni marcate*, in L. Renzi (a c. di) **Grande grammatica di consultazione**. Bologna, Il Mulino, 1988, vol I, pp. 115-270.

BETTONI, Camila. *Italiano fuori d'Italia*. In.: **Introduzine all'italiano contemporâneo** – la variazione e gli usi. Laterza: Bari, 2002.

BERRUTO, Caetano. **Prima lezione di sociolinguística**. Bari: Laterza & Figli, 2011.

BILIA, Marilisa Bertechini. **Análise lexical das interferências da língua portuguesa na língua italiana falado por italianos de nível universitário residentes na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado. USP-Universidade de São Paulo: 1998.

BIZZONI, Franca. Il “matrix language Frame Model”: um’applicazione all’italiano di immigranti di 1ª generazione in Messico. In.: FINA, Anna de.; BIZZONI, Franca. **Italiano e Italiani fuori d'Italia**. Perugia: Edizioni Guerra, 2003.

BOLOGNINI, Carmem Zink.; PAYER, Maria Onice. **Línguas de imigrantes**. Ciência e Cultura. Vol. 57 n. 2. São Paulo, Abr. / Jun. 2005. Disponível em: cienciaecultura.bvs.br> Acesso em: 10 jan. 2015.

BORIN, João. **Capela do Bom Jesus do Caxambu**. Jundiaí: Expediente, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: companhia da Letras, 1994.

BRASIL. **Decreto Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938**. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Diário Oficial da União - Seção 1 - 6/5/1938, p. 8494. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. **Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938**. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Diário Oficial da União - Seção 1 - 5/1/1939, p. 277. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. **Decreto-Lei Nº 1.545, de 25 de agosto de 1939**. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/7/1939, p. 20674. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

_____. **Decreto-Lei nº 2.072, de 8 de março de 1940**. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases, e para ministrá-la organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Diário Oficial da União - Seção 1 - 11/3/1940, p. 4239. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940->

1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 ago. 2015.

_____. **Decreto-Lei Nº 3.580, de 3 de setembro de 1941.** Dispõe sobre a Comissão Nacional do Livro Didático e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 5/10/1941, p. 17347. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3580-3-setembro-1941-413560-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

BRONKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, texto e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Ana Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CAIRA, Raffaella. **O italiano falado em Curitiba por um grupo de falantes nativos que vivem no Brasil há cerca de cinquenta anos.** Dissertação de mestrado. USP- Universidade de São Paulo: 2009.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** Petrópolis: Vozes, 1986.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Trad. Maria Letícia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CANIATO, Ilário. **Os vinhateiros:** tragicomédia em 4 atos. Jundiaí, 1988. (Não publicado).

_____. **Bairro do Traviú: no seu centenário.** Jundiaí, 1980.

CAPRARA, Loredana S. *Brasile: l'Italiano degli italiani alla fine del XX secolo.* In: Bizzoni, F. & De Fina, A. **Italiano e Italiani fuori d'Italia.** Perugia. Guerra, 2003, p. 199-216.

CASTRO, Giliola Maggio. **Pedrinhas Paulista:** comunidade italiana que ainda permanece ligada à língua. *Italianística*, v. v n. 5, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/116218/113856>> Acesso em: 22 jan. 2014

CAVALLARI, Doris Natia; MAGGIO, Giliola. **Discurso e memória:** identidade na língua, no tempo e no espaço. *Italianística*, nº 17, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/116218/113856>> Acesso em: 21 jan. 2014.

CHARANDEAU, Ptrick; MANGUENEAU, Domenique. **Dicionário de Análise do Discurso.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CONSULTORIO ETMOLOGICO. **Origem da palavra** – site de etmologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/consultorio-etimologico/>> Acesso em: 20 jan. 2015.

CORAL Itália Canta. **Um pouco de nossa história**. Disponível em: <<http://italiacanta.hd1.com.br/integrantes/integrantes.html>> Acesso em 20 dez. 2011.

COSTA SILVA FILHO, Walter da. **Jundiá na história**. São Paulo: Porto da Ideias. 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DE MAURO, Tulio. **Prima lezione sul linguaggio**. Bari: Laterza & Figli, 2011.

_____.(org) **Come parlano gli italiani**. Firenze, La Nuova Italia, 1994.

_____. **Storia linguistica dell' Italia unita**. Bari, Laterza, 1991.

DEMOS SVILUPPO RICERCA. I veniti e l'informazione. 2009. Disponível em: <http://www.demos.it/2009/pdf/0965informazione_veneto_-_demos.pdf>. Acesso em: 20 agos. 2016.

DIZIONARIO OLIVETTI ONLINE. Disponível em: <<http://www.dizionario-italiano.it/dizionario-italiano.php?parola=capitare>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

EBERHARD, David M. *Em defesa das línguas minoritárias do Brasil*. In.: Associação Internacional de Linguística SIL – Brasil - Anápolis – GO, 2013. Disponível em: <www-01.sil.org/americas/brasil/publicns/ling/lingdef.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2016.

FABIETTI, Hugo. **L'identità etnica**. 4ª ed. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 2002.

FAUSTO,

FERRÃO, Adré Munhoz de Argollo; BRAGA, Luci Mehry Martins. *Origem da denominação "Terra da Uva" para o município de Jundiá*. In.: Mauseion, vol. 2, n.3, jan-jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Celio%20Garcia/Desktop/bairro_traviu_v4.pdf> Acesso em: 12 jan. 2015.

FILIPPINI, Elizabeth. **À sombra dos cafezais**: sitiantes e chacareiros em Jundiá. Tese de doutorado - USP - São Paulo, 1998.

_____. **Terra, família e trabalho**: Núcleo Colonial Barão de Jundiá. Dissertação de mestrado - USP - São Paulo, 1990.

FILIPOVIC, Jelena. **Temas (conflictos) sociolingüísticos en los Balcanes en El siglo XXI**. Palestra. FFLCH- USP, 21 out. 2013.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. *Foucault e a arqueogenealogia do*

sujeito. In.: FERNANDES, Cleudemar Alves et al (Orgs.). **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GALUCHI, Sonia Maria. **São Bernardo do Campo**: imigrados italianos entre a língua materna e a língua adquirida. Dissertação de mestrado. USP- Universidade de São Paulo: 2008.

GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al*. Campinas – SP : Editora Unicamp, 1990.

GOOGLE MAPS. **Imagem parcial da cidade de Jundiaí**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-23.180088,-46.8542088,1566m/data=!3m1!1e3>> Acesso em: 22 maio 2016.

HAGÈGE, Claude. **Não à morte das línguas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IÑIGUES, Lupercinio. **Manual de Análise do Discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

KOCH, Ingridore Vilaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LEWIS, M. Paul; SIMONS, Gary F. **Assessing endangerment**: expanding Fishman's. GIDS, Draft: 11 Set. 2009. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/~simonsg/preprint/egids.pdf>>. Acesso em:

LEME, Luísa de Almeida. **Dio, che bruto estudá...** um estudo linguístico da comunidade tirol-trentina da cidade de Piracicaba. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1971.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chaves da Análise do Discurso**. Trad. Márcio Venício Barbosa; Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique.; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MANZONI, Alessandro. **Sulla unità della língua italiana**. Milano: Redaelli dei fratelli Rechiedei, 1870. Disponível em: <http://www.classicitaliani.it/manzoni/app_unit_lingua.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MEIHY, José Carlos *Sebe Bom*. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.
- MENSINGER, Costanza. **Italiano per principiante**. In.: LIMES – Revista Italiana di Geopolítica. Anno 2 n. 3. Roma: L'Espresso SpA, 2010.
- MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- _____. **Etnia identidade e língua**. Trad. Maria da Glória de Moraes. In.: SIGNORINI, Inês. *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- MOCELLIN, Alessandro. **Veneto: lingua o dialetto? Una lingua è...** 2010. Disponível em: < http://www.linguaveneta.it/news-articoli/page/2/?post_id=9412010>. Acesso em: 20 out. 2016.
- NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contraste**. Trad. Mário Eduardo Viário. São Paulo: Globo, 2008.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Discurso e leitura**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.
- _____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORTALE, Feranada; MAGGIO, Giliola; BACCIN, Paola. **Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos**. *Italianística*, nº 30, 2015. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/116218/113856>> Acesso em: 10 maio 2015.
- PALLOTTI, Gabriele. **La secanda lingua**. Milano: Bompiani, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni P. Orlandi. 4ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2009.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi.

5ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PEREIRA, Carlos Pereira. **Núcleos coloniais e construções Ruarais**. 1ª Ed. Jundiaí: Atrativa, 2006.

PEREIRA, Carlos Eduardo; FILIPPINI, Elizabeth. **Cem anos de imigração italiana em Jundiaí**. São Paulo: Estúdio RO, 1988.

PEZZATO, Alessandra; MARTELLI, Márcio; RIVELLI, Rosangela Marques. **Festa Italiana di Jundiaí**. Jundiaí: Editora In Hause, 2007.

PICCOLO. **Dicionário Trentino/italiano**. Disponível em:
<<https://arcopoesia.wordpress.com/piccolo-vocabolario-trentino-italiano/>>
Acesso em: 01 mar. 2016.

POSSENTI, Sírio. *Notas sobre a noção de acontecimento*. In.: In.: FERNANDES, Cleudemar Alves et al (Orgs.). **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004.

_____. **A cor da língua e outras crônicas de linguística**. Campinas: Mercado das letras, 2001.

PONZIO, Augusto. *Il silenzio e il tacere fra segni e non segni*. In.: AUGIERI, Carlo A (org.). **La retotica del seilenzio**. Lecce: Edizioni Millella, 1994.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ. **História**. Disponível em: <
<http://www.jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 2ª ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

RASO, Tommaso. **L'Italiano di parlanti madrelingua colti a San Paolo**. Rivista de Italianística 8, São Paulo. 2003, p. 9-49.

RIBEIRO, Suzana.; MEIEHY, José Sebe B. **Guia prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, família. São Paulo: Contexto, 2011.

SABATINI, Franceso. **Dalla letteratura alla Nazione**. Firenze: Accademia della Crusca, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Redação e leitura**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SCHILIEBEN-LANGE, Brigitte. *Uma proposta para o desvendamento da língua encoberta*. In.: _____. **História do falar e história da linguística**. Campinas: Edunicamp, 1985.

SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SOZZI, Rafael Cappelli. **Cartas familiares de imigrantes italianos residentes no Brasil**: um estudo sobre o léxico e o contato linguístico. 2016. Dissertação (mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/disponiveis/8/8148/tde-19082016-135215/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos da língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias do sul do Brasil**. Revista Contingentea. V. 1, p. 1-8, 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Celio%20Garcia/Desktop/SPINASSÉ.%20OS%20CONCEITOS%20DA%20LÍNGUA....pdf>> Acesso em: 10 mar. 2016.

TSAI, Marisa Castellano. **Palavras da memória**: uma análise lexical das interferências da língua portuguesa na língua italiana falada por italianos da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. USP- Universidade de São Paulo: 2006.

TV TEM. **29ª Festa Italiana di Jundiaí**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/noticia/2016/04/29-festa-italiana-di-jundiai-e-realizada-com-o-apoio-da-tv-tem.html>> Acesso em: 20 maio 2016.

URBANO, Hudenilson. *Variedades e planejamento no texto falado e no escrito*. In.: **Estudos de língua falada variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998.

VIAGGIALEX. Cartine geografiche del veneto (Italia). Disponível em: <<http://viaggidialex.altervista.org/imm/veneto-cartina.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZULIN, Giuliano. **La sereníssima alza la você e il veneto diventa língua**. 2016.

Disponível em: <http://www.linguaveneta.it/news-articoli/articoli-lingua-veneta/page/3/?post_id=894>. Acesso em: 12 out. 2016.

ENTREVISTAS

B., P. Entrevista concedida na própria residência na zona rural. Jundiaí, 2015. [Ent. 1]

B., A. Entrevista concedida à pesquisadora Elisabeth Filippini. Jundiaí, 1991. [Ent. 2]

C., N. Entrevista concedida na sala de vídeo da família Steck. Jundiaí, 2015. [Ent. 3]

C., N. Z. Entrevista concedida a pesquisadora Elisabeth Filippini. Jundiaí, 1987. [Ent. 4]

C., S. Entrevista concedida na residência de A.M.. Jundiaí, 2015. [Ent. 5]

M., A. Entrevista concedida na própria residência. Jundiaí, 2014. [Ent. 6]

M., M. B. Entrevista concedida na própria residência. Jundiaí, 2014/2015. [Ent. 7]

M., A. Entrevista concedida à pesquisadora Elisabeth Filippini. Jundiaí, 1991. [Ent. 8]

M., I. A. C. Entrevista concedida na sala do Núcleo de Tecnologia e Sociedade da Fatec Jundiaí. Jundiaí, 2014. [Ent. 9]

S., M. E.. Entrevista concedida na sala de língua italiana do Centro de Estudos "Antonio Houais". Jundiaí, 2016. [Ent. 10]

S., O. Entrevista concedida na própria residência. Jundiaí, 2014/2015. [Ent. 11]

S., N. Entrevista concedida na sala de vídeo da família Steck. Jundiaí, 2015. [Ent. 12]

T., A. Entrevista concedida na sala de vídeo da família Steck. Jundiaí, 2015. [Ent. 13]

APÊNDICES

APÊNDICE A: Normas para as transcrições

Transcrição de entrevista: normas empregadas nas transcrições.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de sinais ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	Maiúscula
Silabação	::: podendo aumentar
Interrogação	?
Qualquer pausa	
Comentários descritivos do transcritor	((maiúscula))
Superposição de vozes	[ligando as linhas
Citações literais de textos durante a gravação	“ ”

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas;
2. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;
3. Números por extenso;
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa);
5. Não se anota o cadenciamento da frase;
6. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: e:::... (alongamento da pausa);
7. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da modalidade escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido.

APÊNDICE B – EXCERTOS DAS ENTREVISTAS

Entrevista concedida pelo senhor O. S.

Entrevista realizada na casa de O.S. (Bairro do Traviú), no dia 08 de outubro de 2015. Este depoimento ocorreu após várias tentativas. Devido aos compromissos profissionais não foi fácil conseguir uma data que não coincidissem com outros afazeres.

Aqui no Traviú...é... se falava dois dialetos... o.. dialeto da Região do Trento e o dialeto da Região di Veneto.... eles tinham muitas semelhanças... mas algumas palavras um pouco diferente né.. ***allora se ciapa non se prende... come noi parliamo in italiano...*** então ***ciapare.... ciapa quel bicchiere per me...*** è lo ***stesso di dire ... prende quel bicchiere per me...*** então era.. um dialeto que eles até.... vamos dizer assim... aqui no Traviú ficou uma coisa engraçada porque eles misturavam esses dois dialetos e.... tinham diferenças de algumas palavras... por exemplo... no italiano se fala ***salsicia*** e... no dialeto Vêneto também... mas no dialeto trentino é ***luganega***..... então palavras bem diferentes.... porque o dialeto trentino tem muita coisa da influência da língua alemã.. né... é isso.... aqui no bairro tinha... assim... essa diferença entre as duas... é.. as duas regiões.. mas que se juntaram e eles acabaram se entendendo.... assim... ***quando eu era pequeno meu pai se juntava com os amigos dele e falava somente esse dialeto***.... vão chamar agora de um dialeto Traviú né.. então eles falavam esse dialeto que era praticamente cruzamento entre... entre a... né..... as duas regiões da Itália e a gente ouvia e entendia tudo.... mas a prática de falar a gente não tinha.. mui...to a prática de falar o dialeto.... mas entendia ele perfeitamente.... meu pai só falava em dialeto e eu entendia perfeito... mas respondia em português.. é... ou... a... obedecia aquilo que ele estava pedindo... normalmente ele.... *vien qui matelotti...allora... venga qua bambino....*(risos) *vieni qui matelotti....* então a gente já obedecia... (risos)... por que... porque a gente a.... vou falar assim.... só ouvia eles falando

isso e acabava aprendendo por tabela... entendeu... **QUAn..do fui estudar a língua italiana eu na verdade tive que deletar** aquilo que eu... achava que sabia de italiano.. porque não era.... era... praticamente um dialeto... não eu imagino... eu ouvia falar que **aquilo era italiano...** depois eu vim a saber que o italiano é o dialeto da região da Toscana... **NÉ...** então vamos falar assim... o italiano de Firenze... é que se tornou o italiano oficial hoje na Itália... apenas com algumas atualizações.... mas... praticamente é isso e... aqui o dialeto trentino e o dialeto vênето... era completamente diferente dessa... então quando eu fui aprender a GRAMÁTICA mesmo... e que não aprendi direito até hoje... mas me esforço pelo menos né... é... a gente viu que era difícil eu querer manter certas palavras e certas concordâncias assim do dialeto... para querer falar italiano... hoje.. hoje... se eu ouvir alguém falando só no dialeto eu pos..so ... eu entendo perfeitamente quando e... como entendo perfeitamente quem fala em italiano... a gente só tem um pouco de dificuldade em falar em italiano... clássico... o italiano de atual... é por uma questão de não praticar muito.... entendeu...embora minha esposa tem uma fluência que ela dá aula é... tem uns grupos de italiano.. então ela tem uma fluência.... o dia em que você encontrar com ela vai.. vai poder sentir isso... eu vi essa possibilidade ...agora o que está tendo dificuldade na questão do dialeto é... **com quem praticar** é quase você não encontra mais....né.. é... tem .. um colega aí na faixa de quinze... vinte anos mais velho que eu... né... é.. eles na verdade **quando se fala em italiano com eles... eles.... não entendem**....mas se você falar alguma coisa misturado um pouco de português e um pouco de italiano eles entendem perfeitamente... tem... aqueles que aprenderam de maneira natural.. de maneira natural.... mas tem sim .. tem... pessoas ainda que falam... que... consegue entender bem o dialeto... né.. se conversar alguma coisa com o Jacobe Carbonari o Nilo... o mui irmão Nilton... eles têm uma boa noção desse dialeto... né... o dialeto que prevaleceu... na verdade... como eu disse para você tinha os dois... os dois dialetos né.. mas o que mais ficou na memória do pessoal que... eu acho que nesse caso os trentinos... os **descendentes de Trento eles acabaram cedendo** e falando esse dialeto vênето ta... que o dialeto trentino é um pouco diferente.. é.. diferente.. isso era mais difícil... vamos falar assim... o próprio dialeto vênето tinha bastante semelhança até com o português né... tinha bastante coisinha muito parecido com o português entendeu.... então o que .. o que prevaleceu

mais foi um dialeto vênето com algumas modificações pequenas do... no.. agora meu avô que veio de lá com cinco anos e falava muito com o pai dele.... ele passou para a meu pai bastante coisa do dialeto trentino.... MAS meu pai conversava muito mais nesse dialeto com os vênетos... até porque nessa divisão geográfica aqui do bairro... nossa família... que é descendente de Trento... foi a única que ficou no lado dos vênетos... para.. isso por ocasião... por.. pelo.. jeito que foi divididas as terras entendeu... então meu pai quando saía fora daqui ele dava de topo com um vênето... entendeu né.... aqui no bairro sempre foi conhecidos como tirolezes e italianos.... italianos considerados os vênетos.. porque eram de territórios italianos e os tirolezes que eram descendentes do Império Austro-Húngaro.. né.. não sei se serve para você saber os sobrenomes né.. aqui que formaram a comunidade são Carbonari.. Brunelli.. Conдини... Pompermayer... Steck... esses são descendentes do Império Austro-Húngaro... já os Tomasetto.. lorenzon.. é.. Bartazzi.. Cabrini... e tantos outros aí... é.. são De Marchi.. esses são todos do.. da.. região do Vênето.. então eles eram considerados italianos... aqui no Sábado de Aleluia sempre teve o costume de ter uma partida de futebol... tirolezes versus italianos... gravação de som... não é vídeo né... não e VHS... se não a gente ia pedir emprestado para gravar.... apesar que eu ouvi dele... eu ia direto na casa dele... (comentário referente a Ilário Caniato) sempre que eu ia lá fazer uma pergunta ... um trabalho de escola ... né.. bom o bairro todo passou por isso né... ela brinca comigo (referente a senhora Dinah: proprietária do restaurante Travitalia) fica falando que eu sou o Caniato do.. da atualidade né.. nada vê... igual a ele acho que não vai existir outro não.. porque ele era muito dedicado ao.. e culto... uma pessoa culta...né... cinco idiomas... ele conhecia o mundo todo era... FanTÁstico... é lógico ele não foi egoísta não era para ele... ele sabia... ele sabia pra outras coisas né... seu Ilário foi fundamental no desenvolvimento no lado cultural... do lado religioso... e mesmo da sociedade né... a cabeça.. di... di... foi o primeiro bairro isolado de Jundiá a ter uma associação de amigos né... essa.. daí eu falo primeiro exemplo de cooperativismo foi quando que as famílias estando lá em Sete Quedas... trabalhando como colonos... eles NÃO eram capazes cada um de comprar seu pedaço de terra... mas quando eles se juntaram... juntaram as forças eles tiveram coragem de comprar uma fazenda que eles tinham dinheiro para dar a primeira parcela... é... ela foi dividida em seis parcelas para eles irem pagando com o

trabalho.. só depois que eles terminaram de pagar que eles dividiram as terras... então... é ou não é um cooperativismo... a igreja vo..cê fala... a ta... isso daí é assim.. (referente à questão sobre o local do museu).. aqui no Traviú a capela que foi... é.. a.. ela ta construída desde mil novecentos e quatorze que ela é desse formato... antes.. antes de mil novecentos e catorze eles já tinham lá uma capela menor... aí.. praticamente ela foi quase que desmanchada e.. no local.. feito uma capela que é a de mil novecentos e quatorze... funcionou até mil novecentos e cinquenta e sete como igreja.. mas não em um terreno da Curia... ela... ela.. servia pra.. pras coisas da Curia mas ela não era documentada da Curia.. era um terreno da família Lorenzon... depois de mil novecentos e cinqüenta e sete... QUAn..do a igreja passou para essa atual.. pra nova.. aquele prédio continua sendo da comunidade.. a família Lorenzon não quis pra eles... e.. permitiu que nesse espaço... também não foi passado para a Curia... permitiu que nesse espaço continuasse usando para o lado cultural.... então teve de mil novecentos e cinqüenta e nove... já teve peça teatral.. inclusive tem fotografias aí... que resgata esse momento... depois de mil novecentos e sessenta.. sessenta e um.. até mil novecentos e setenta e pouco... foram apresentadas várias peças teatrais... com a gente aqui do bairro... inclusive peça de seu Ilário Caniato escreveu... e.. essa... esse prédio.. que é a antiga capela... ele ficou.. focou da comunidade.. mas não tinha uma entidade.. que era dona dele.. é.. numa dessas visões do seu Ilário.. pra.. vamos falar.. pra garantir a coisa pra comunidade ele criou um.. estatuto próprio do Grêmio Beneficente do Traviú em mil novecentos e setenta e dois... mesmo... mesmo aquele prédio sendo usado antes pra essas finalidades... mas só em setenta e dois foi... instituído.. aí.. em setenta e dois a família Lorenzon doou o..u...u terreno com o prédio... né.. já construído pela comunidade... pro Grêmio Beneficente Traviú... só que depois de setenta e dois pra frente.. é.. que você deve de saber que é normal no.. no.. mundo inteiro está assim a juven...tude daí pra frente começou a ter outros costumes não mais aquela união pra teatro.. pra grupo de dança.. pra coral.. pra outra coisa e mesmo da área de.. di... trabalho beneficente é.. é... outra maneira de contribuir... existe outras entidades ONGs isso e aquilo... então o bairro.. também passou por esse mesmo problema de setenta.. vamos falar de setenta e cinco até oitenta e cinco... praticamente o Grêmio.. o Grêmio ficou sem função.. quase não usava.. só usava pra reuniões da comunidade... durante esse

período... aí ficou de oitenta e cinco em diante praticamente parado até pra reuniões... pra tudo o prédio foi... vamos... fisicamente se deteriorando já não teve mais aquela atenção da comunidade pra esse prédio... depois no ano de dois mil.. já chegando mais perto... dois mil.. nós fomos contatados pelo Província Autônoma de Trento... com ... através da Associazione del Trentino nel Mondo... pra.. que.. como aqui tem um grupo de descendentes di.. do.. Império Austro-Húngaro... descendentes da região do Trento... é... que a gente criasse o Circulo Trentino de Jundiaí aqui... então a comunidade achou por bem... depois de muita conversa.. que aquele prédio que tava parado e... a entidade que tava parada jê tinha um CNPJ.. que já tinha.. e tava tudo é... pra legalizar essa documentação.. porque ficou parado muito tempo.. a gen..te chegou a conclusão de fazer a mudança então da razão social... do Grêmio para o Circulo Trentino... então esse prédio.. eu contei tudo isso pra você entender que esse prédio hoje ele é do Circulo Trentino... que também nós estamos acertando a documentação dele porque... é difícil achar pessoas pra formar diretoria pra ter atividade... justamente porque hoje os costumes são outros... o pessoal é muito... de shopping já é muito de outras coisas não tem mais aquela... É.. vamos falar assim... até em outros lugares eu conheço... o Circulo Trentino de Piracicaba... lá eles estão isolados em um lugar... eles têm a necessidade de manter aquilo e... aquilo que traz os divertimentos ... o lado cultural... as coisas pra eles... aqui o pessoal encontra com muito mais facilidade em outras coisas... CE não consegue mais formar um grupo firme para trabalhar com isso... é difícil né... então já ta.. perdeu um pouco daquela união em torno da raízes... em torno de certos costumes que... tinha no passado... então é por isso que... nós tivemos uma reunião na semana passada é coisa nova agora... que... nós vamos fazer uma campanha pelo bairro aqui... pra gente fazer um restauro lá.... e se possível fazer ele virar um museu... agora.. com Jundiaí... Jundiaí hoje estão com uma ideia de fazer um museu da uva Niágara... e gostariam de fazer em função do.. da uva ter sido... vamos falar assim... ela apareceu aqui né.. essa mutação somática... aconteceu aqui no Traviú... então... a.. pode ser que agora a gente acerta entre Circulo Trentino e PREfeitura uma parceria pra esse fim e... fazer um museu da comunidade associado ao museu da uv... agora você sabe que tudo isso gera despesa... e nós estamos em uma fase muito difícil de conseguir contribuição pra fazer qualquer coisa.... seja de empresa.. seja de pessoas da

comunidade... então tamo na luta aí... na é mais a... ideia... a ideia ta sendo essa né... (com relação aos textos representados pela comunidade) eu fiz essa pergunta ao meu irmão Nilson essa semana... ele falou assim que.. que... é.. muita coisa perdeu mas ele.. ele falou... eu vou procurar porque bastante coisa aí ele guardou né... ele falou eu vou procurar depois eu te falo... foi lá uns quinze dias... que conversei com ele e falei sobre isso né... que eu inclusive tinha também bastante... como é que fala assim... esse esses programas que eram colocados nas comunidades para avisar que aqui tinha... como faz festa hoje né... tinha aquele panfleto né.. tinha dos teatros também... e isso foi guardado... agora eu tenho eles em... mãos o que era da igreja eu já deixei tudo escaneado... eu tinha eles é... material que vai estragando né que a traça vai.. é uma maneira de preservar... de divulgar não sei se você já viu... eu não sei se você já pode ver minhas coisas no Facebook... e eu tinha..então eu faço essas coisas por gostar... pra divulgar... porque eu acho que... educa um jovem olhar o que se passou né... não... não estão todos... eu vou colocando às vezes... conforme é... coincide com a época sabe... alguma coisa de festa junina na época de festa junina... alguma coisa referente a.. a.. religião em um evento religioso sabe.. eu vou colocando mais ou menos assim pra fazer uma ligação.... eu não entendi (referente a questão sobre elementos linguísticos dos dialetos nesses materiais) se sabe que... você falando agora.. é coisa que eu vi mas não tava atento a isso né... mas deve ter coisas sim.. desses.... principalmente naqueles do teatro né.... que no teatro tinha as pARtes né que seu Ilário fazia a... quando era peça que ele escrevia.. então que entrava alguma que entrava alguma parte em dialeto no Meio.... e o pessoal que ia assistir.. todo mundo entendia né... então.. era... e tem coisa que é mais engraçada em italiano ou no dialeto do que em português né... Quanta minestra você tomou hoje.. sette fetta.... quer dizer que é polenta mesmo... não é... ele tinha Vergonha de falar que tinha tomado... outra vez quanto... sete fetta... não tem jeito né... é eu acho assim... vamos falar assim de hoje no primeiro contato eu queria também entender aquilo que você realmente pretende... e tal... eu não sei quanto tempo você tem pra isso... porque nós fazemos bem nas horas de folga e elas estão muito escassas esses tempos né... é.. mais... eu poderia... por exemplo.. separar alguma coisa pra que a gente fizesse em segundo bate papo já olhando e vendo alguma coisa... não sei o que você pensa... de fazer... que nem é... de domingo você pode... pode... e porque

você vem pra dar aula quando... deixa eu tentar me adequar... então você fica em Jundiaí... mas todo dia você viaja... eu passo sempre por Sorocaba também... é porque nós temos um sítio em São Miguel Arcanjo... é passa lá... inclusive agora estava falando... o pessoal tá vindo.... eles estavam em Salto de Pirapora agora... passa por Sorocaba... então veja bem como eu falei pra você aquilo que tem... na verdade nasceu de um.. di um... di um motivo externo até... porque ali o grupo tal veio... então já se deixou registrado alguma coisa... então na verdade eu particularmente... mas isso até em nome da comunidade a gente tem que agradecer vocês que tem essa... vamos falar assim... necessidade... entre aspas... mas faz isso porque gosta e depois o que a gente pede é... se.. ficar um documento aí que... a gente tenha acesso a ele e possa passar pra frente... o que que ela disse que não tem mais... o dialeto.(referente a afirmação de que não há mais o uso do dialeto).. pleno não tem mais aquilo... fala pra mim no italiano é.. eu tenho fome... Migo fame... mio nonno.. mio nonno diceva... é... mio padre... migo fame... Che goda magna... cosa c'è da mangiare... che che goda.... lo non riego vedere più.. hai capito... eu não consigo enxergar mais... dialeto é... non guevedo pu... non guevedo pu.. allora è lo stesso di non riesco vedere di più... (risi) è vero... e soltanto na regione che se..sì... ricordi che ti ho detto che quando sono andato a studiare l'italiano um pó di italiano.. e... io pensavo che sapevo mo non... (risi).. peechè era uma lingua diversa non... già della storia io conosco una comunità che parla solo il dialetto trentino ma parlano veramente il dialetto trentino... non c'è mescola... Santa Olímpia.. e Sant'Anna... Sí ci mettiamo d'accordo un appuntamento um'altra volta... possiamo.. **ma si ti gola voca da capire....** é... mi ricordo che mia nonna é... per esempio diceva... daí.. daí quel tchà per quel mateloti... hai capito che cós'è.. te... daí quel tchà... allora tchà era in portoghese.. era veneto.. o.. era tentino... non lo so.. ma era così lei diceva.. daí quel tchà per quel mateloti... è lo stesso di un per dire un bambino... di dieci anni.. per esempio uma storia bella che c'era una donna é .. erano tutti al tavolo per il pranzo e lei con.. non so come se dice in italiano quella "tábua di carne".. com uma lingüiça assim (gesti)... com a faca e ela não cortava a lingüiça... diceva vuoi tochetti di luganega.. ma non cortava pra dar pra visita... ti vuoi tichetini di luganega... allora tochetini di luganega è lo stesso de un pezzeto di salsicia ... tocchetini di luganega è così che parlavamo... mas o Marlei... é melhor você sair daí.. ele entra no tanque... tá molhado... ti piace il cane... questo

è di mio fratello.. ma è sempre qui.. è che mia moglie mette un pó di cibo.. va bene.. io aspetto um contato..

Entrevista com a Sra I. C. M.

A senhora I. C. M., mãe de uma aluna do curso Tecnologia em Eventos, da Faculdade de Tecnologia de Jundiaí- Deputado Ary Fossen, concedeu a entrevista em uma das salas da referida faculdade, mas também me recebeu em sua casa para assinar o termo de cessão e, nessa ocasião, contou outras histórias familiares.

((ALLA VOLUNTÀ))

È... i miei.. os meus nonos é.. nasceram numa cittadella vicino a Roma che tchamava Riedi é... ele Castelli e ela Bernadinete e a mamma dela é. Angela.. Di Angeli. Si chiamava tutto questo.. mia nonna mi diceva né.. e io.. ho dormito.. a letto con la mia nonna até i.. diciotto anni.. per questo io tutto che ela **dicizia** che orava... orazione... tutto io m'amparava.. a .. posso dizer uma oraçãozinha... não sei se ta certo... A letto me ne vo.. l'anima mia mio Dio la do a Dio San Giovanni che de modo non ci ingani nè di notti nè di **dia** nè al punto di morire ando al letto mio sta l'Ângelo di Dio.. ma detto che dormisse.. paura non l'avessi di qua di là a Madonna mi possa assisti.. perdura venuti i santi tutti venuti la mia morte.. altri tanti e venuti tutti quanti .. Amem... Dopo di dia mi dogli la gamba.. Madonna mia mi fa più a sonara.. è questo ((RISI)).. È... i miei.. os meus é.. nasceram numa cittadella vicino a Roma che chamava Riedi é... ele Cstelli e ela ernadinetti e a mamma dela é... Angela .. de Angeli... se chamava Tutto questo mia nonna mi diceva né e... io ho dormito.... a letto con la mia nonna até i.. diciotto anni... per questo tutto che ela diceva che orava... orazione... tutto io m'amparava... a.... Posso dizer uma oraçãozinha... não sei se tá certo.... A letto me ne vo.. l'anima mia Dio la do.. a Dio São Giovanni che de modo non ci ingani.. nè di notte nè di dia niente al punto di morire.. ando al letto mio ... or stà angelo di Dio.. m'ha detto che dormisse... paura non l'avessi.. di qua di là.. a Madonna mi possa assisti... perdura... venite i santi... tutti venuti la mia morte... altri tanti.. venuti la mia morte...altri tanti e venuti tutti quanti Amèm... dopo di dia mi dogli la gamba...

madona mia mi fa più a sonare.. é questo (risi)... certo ma io ho conosciuto sola la mia nonna che il mio nonno non ho conosciuto... è morto presto.. nè ha lasciato quattordici figli... così... (risi) è..è.. solo mia nonna... mio padre... meus tios nè... che eles falavam.... como eu vou... dizer agora né... falavam italiano... principalmente quando eles queriam falar alguma coisa que eles não queriam que os outros não soubessem.... faziam muito isso... davam aquela resmungadinha assim Sabe... pra por exemplo diziam assim... RIGEDE.. stà na ora di... che più vuole saber... Da bambini parlavamo in italiano (entrevistador)... sì.. tutti monelli parlavano.. xingavam né... parlavano assim... CImia... RASchiavata... che era RASchiata... mercelosa... cê sabe o que è NÈ... morimbicada... è... serà... Depossi scabolila... scaborolo.... morrer com o pescoço quebrado em um barranco... ela xingava enquanto dizia orozione.. um pouco dizia orazione... não podia... as crianças tudo muito ativas NÈ... eles viviam brincando rondando nè... e ela um pouco orava... um pouco dizia orazione... lá do jeito dela e um pouco xingava... allo stesso... a Colônia meus eu... meus nonnos... eles vieram da Itália em 1901... e eles trabalhavam muito... e sempre um pouquinho do que eles ganhavam... o.. os.... fazendeiros davam sempre uma quantia de macarrão... por exemplo... os italianos sempre separavam um pouquinho.. SEGUravam e plantavam muito... e.. e.. davam pras formigas não comerem a plantaçoão... eles pegavam um monte de folhas e davam de comer para as formigas... nè.. e vendiam verdura..ovos.. assim que eles viviam trabalhando muito... tutti in italiano... tutti... Lei fa uso di alcune espresioni fino ad oggi? (entrevistador) ... alguma coisinha nè Margarete... com os netos.. até minha neta filha dela (apontando para a filha Margarete) se interessa... que que o cê falou agoRA.. é.. aí eu falo... alguma coisinha a gente fala... expressões... que vem assim... MAnaggia... La Madonna... essas coisas assim né... eu tenho alguma coisa aí (apontando para um caderno com algumas anotações) parolaCCE... palavras... AH.. palavrões...(risos)... eles falavam... sfrizzola... begorgola... culo... va piace il culo... ah.. va piace lá do sape il pegole... a nonna dizia... ela falava assim... va toma onde as ovelhas... pegoli é oveLHA... vai va pega.. vá tomá onde as ovelhas.... daí ela disfarçava e dizia... và piana l'acqua... ela dizia... nella acqua... tinha uma outra expressão assim... a comadre.. a comadre foi visitar a outra... ela viu de longe a comadre... pegou e sentou em cima da pizza... né... daí... a comadre entra e começou a conversar...

e a pizza começou a esquentar é claro né... e ela falava assim... non piove ma lo tempo è... na casa dei ladri non ci stà bene... pra outra né... daí...a outra respondeu... ma non è questo comadre che ti notte... è la pizza sul tuo culo che ti codi (risi)...questo raccontava l nonna... la sorella da nonna... la sorella.. non è sorella è fratello di nonna... isso aí nós aprendemos tudo na raça NÉ.. a gente ouvia... na escola quando eu comecei eu falava alguma coisa em italiano... até que uma professora... que falou assim... você é italiANA... não precisa ter vergonha de falar.... porque eu gostava de falar di... quando era adolescentezinha.... oitava série... por aí... sétima.. oitava série... eu gostava.. gostava... que as outros pensassem que eu era italiana... eu falava alguma coisa né... então a professora perguntou... você é ItaliANA... eu não soube o que responder né... eu MINto eu falo né.. ela falou pra mim... não precisa ter vergonha de falar... que é italiana... da piccola... non... tinha falava tranquilamente o português.... sì.. desde pequeninha... nem o nonno morreu.. puseram eu para dormir com ela.. depois eu achei de dormir sozinha numa caminha... ela não gostou muito não...Hanno parlato l'italiano, nel rione Colônia, fino quando? (entrevistador) eles sempre... era italiana minha nonna... CERTO.. e meu pai e o irmão dele... e os meus irmãos sempre... falaram em italiano.... fino a mo... até agora ele dizia.... fino a mo.. espressini... TALVEZ... por exemplo... ela (a nonna) falava assim... tá tudo aí no (apontando para o caderno com as anotações).. ela dizia assim... MAnaggia Cristoforo Colombo che há descoberto L`America... pure.. se não ela dizia assim.... porque lá não tinha muito banho né... MAnaggia culo (r)agno... ma nonna tem que tomar banho né.. ma tutti i giorni.. tutti i giorni... eles não eram muito de banho lá.. na europa toda né.. ela falava às vezes.. um pouco mistureba.. portigliano... orazione ela dizia... per questo che io non stia... non capiva... è... orazione... parece que eu estou vendo toda notte né... tuttta la notte.. non..non... ma imparato a parlare questo dialeto... nunca estudei não... só estudei francês... s'ì queria muito... não falta muito falar a gente fala um pouco né... entre nós... entre nós.. a gente fala bastante italiano... eu e meus irmãos... agora com os outros assim.. tem uma.. eu vou lá na hidroginástica e tem uma que é... ela é italiana daqui...ma napolitana né.. e ela ficou um ano na Itália... e eu falo tudo direto... em italiano com ela... na piscina... a música né... que nem essa MAMma so tanto felice... conhece... perchè ritorno da te.... MAMma solo per te la mia canzone vola... mamma sto com te non sarà

più sola... conheCE... NOSsa... ma entre os italianos tuti quanti.... la polenta... tá tudo aí la polenta... e também aquele...

Enrevista com o senhor A.M.

Primeira contribuição concedida ao pesquisador, isto é, o senhor A.M. foi o primeiro membro do bairro Colônia a conceder uma entrevista para nossa pesquisa. Além de me receber, em sua casa, forneceu materiais e estabeleceu contanto com outros descendentes que, também, concordaram em participar do projeto.

Solo io... solo io... è una curiosità perchè fino agli anni cinquanta parlava solo il veneto... dialetto... ho perso il nonno quando io avevo dodici anni .. allora il mio nonno ho conosciuto bene... sono stato il primo nipote dei due **ladi**... primo nipote.. allora tanto con il mio nonno Fortunato perchè era la casa di mio padre.. la sposa veniva abitare la casa dello sposo era costume... ogni figlio che si maritava .. sposava... veniva la sposa abitare insieme e.... allora si parlava il veneto il dialetto... ma dopo che.. che abbiamo cominciato la festa italiana è.. è... rifierita que..la brasi... italianità tan..ti discendenti hanno cominciato a cercare la cittadinanza... la sua origine... dove è venuto il mio nonNO.. allora cominciato a ach`io nel 1990.. nella terza fest italiana... io sapevo che mio nonno e mia nonna erano venuti di Provincia di Verona.. ma non diceva qualle comune... e Verona ha novantotto.. io ho mandato una lettera comuna capoluogo di Verona... e dopo un mese è ritornato la risposta... non.. trovato.... non c`è niente... allora ho mandato una lettera ogni comuna di Verona novantotto lettere... o padre aqui da Colônia.. è andato a visitare la familglia a ... BREscia..vicino di Verona... e há portato le lettere e ha portato là...(risi) per risparmiare un po di soldi...(risi) allora e... dopo due anni... un anno e mezzo... dopo sessanta e tamte letterre che non **havia** trovato niente è arrivato una da Albareto D`Aggi.. comune Albareto D`Aggi... e allora è arrivato il certificato di nascita del mio nonno... solo che è venuto col il nome (cognome) Mantuan... Fortunato Mantuan.. perchè quando è arrivato Mantuan ho (incomprensibile).. mi fermo qua... perchè per avere la citadina... la cittadinanza

dovevo cambiare tutti i nomi dei miei parenti... qua... Mantovani.. non questo è un lavoro per Hércules (risi).. mi fermo qua... in novantaquattro è andato in Italia **un amigo meu**.. architetto um amico mio... allora ho detto tu vai in Italia cerca di... Albareto **Dadigi a Verona**... perchè lui andava a Verona.. perchè come architetto è andato a visitare le scavi romani... scavi da Verona ci sono alcuni.. là non va..va.. a Verona se un cerchi qualcosa di questo... e lui è andato alla chiesa de Albareto Dadigi... allora il parroco ha deto tu sei arrivato in buon ora..ha speigato che mantun era il cognome di mio nonno nel.. nel dialetto Veneto... Mantovani nella chiesa... perchè la chiesa voleva unire l'italia ma i gruppi dialetti non... perche era tanto tradizionale e.. allo..ra Mantovani era ufficiale.. italiano ufficiale... mantuan dialetto.... allora questo parroco há dato il certificato di batesimo... io ho tenuto la cidadinanza mia che... mia famiglia un'altra cugina e... e dopo il padre ha detto... se tu prendi questa via.. trè chilometri tu trovi parenti di fortunato... allora.. lui è andato.... quando è arrivato alla casa di Italo Mantovani... Mantuan è... ha bussato alla casa.. allora è venuto fora un anziano.. Italo... settantatrè.. settantaquattro anni... há detto non voglio comprare niente... há pensato quando há bussaro alla casa... non.. non.. brasiliano.. FORTUNATO MANTOVANI..quando há detto Fortunato Mantovani quello anziano è divenuto bianco.. mamma mia Fortunato... há spiegato che Fortunato è venuto nel milleottocentoottantotto cun su papa e sua sorella... due anni dopo sono venuti trè cugini di Fortunato.. è... Pietro.. Tomaso.. e un altro.. questo non mi ricordo.. perchè non hanno trovato niente... TOMASO è andato a abitare Barra Bonita...è.. iniziato là un albergo.. a Barra Bonita.. Pietro dopo due anni che eera qui è diventato malato.. è..è ritornato in Italiaper far un tratamiento... ma quando è diventato ha trovato un'altra situazione... allora ha detto adesso rimango qua.. perche non ritorna più in Brasile.. e questo cugino è stato là... allora la famiglia di mio nonno.. perchè se lui non avesse ritornato non sarebe nessun.. nessuno parenti nostro non... e allora quando questo amico è ritornato ha portato fotografie della famiglia tutta.. e quando lui è andato ha portato il giornale con la foto mia.. della festa italiana **tal**... e allora.. è.. la prima cosa che ho fato.. ho mandato uma lettera a questo mio cugino.. a quel tempo io non parlavo niente in italiano.. e.. io ho scritto in portoghese e chi há fato la traduzione è è(stato) padre Giuseppe Bortolato... la lettera.. allora ho detto.. bene ho trovato cugini in Italia preciso parlare... imparare l'itaiano e... tra parlare veneto dialetto e l'italiano

ufficiale.. ho scelto l'italiano ufficiale perchè.. perchè... con l'italiano ufficiale io vado in tutta l'Italia e mi faccio capire.. non com il dialetto veneto non.. perchè se io parlo con un napolitano è un arabo.. e um cinese.. (risi) non si capisce niente non.. allora.. allora.. io ho scelto di studiare l'italiano ufficiale.. io ho studiato com um amico che è venuto dell'Italia con diciassette anni.. anche lui dopo la Guerra... perche il sua papa è stato soldato di Mussolini..non per volontà.. ma per dovere... e.. tutti quelli che hanno partecipato della Guerra.. nell'esercito do Mussolini.. dopo la Guerra sono stati là sai.. tu non sei italiano.. tu sei un tradittore.. allora.. suo papa è venuto in Brasile.. e dopo due.. trè anni ha chiamato tutta la famiglia.. e questo mio amico è nato nel Lido di Roma... adesso abita qui in Brasile... io lo chiamo di fratello.. perchè siamo amicissimi a Jundiaí.. a un chilometro di qua.. questo mi ha insegnato a parlare l'italiano... perchè lui è.. a novantaquattro.. andato in pensione porque lui há fatto in Italia fino al Liceo e.. dopo qui.. in Brasile.. ha studiato e imparato leggere in portoghese e dopo.. ha fatto amministrazione laureato... um bravo ragazzo... oggi lui há settantadue anni io ho settantasei e lui settantadue anni non... allora.. in novantaquattro ho cominciato a studiare italiano com lui... è.. in agosto.. primo agosto... quattro dicembre di novantaquattro.. l'anno che ho cominciato quelle gambe con i miei parenti.. è venuto un cugino mio.. Atilio.. un..è un celibe.. non.. non si è separato.. ancora oggi... um ingegnere chimico... lavora.. è stato specializzato nella arte bianca.. **trigo**.. pane.. massa.. e quando è arrivato qua.. quattro dicembre.. io già parlava bene l'italiano.. italiano ufficiale non e siamo.... lui è rimasto qua una settimana.. allora siamo andati a Barra Bonita.. porque... una delle lettere che lui mi ha mandato.. há detto che c'era um altro fratello di Pietro che abitava in Brasile.. Stato si San Paolo.. e lui quando è arrivato qua.. dopo l'immigrazione esiteva um albergo in Barra Bonita... io ho cercato nell'elenco telefonico di Barra Bonita.. ho trovato la Marilise Mantovani.. e era proprio uma figlia uma figlia... uma nipot di Tomaso .. allora ho spiegato lei e pronto.. e quando Atilio è venuto siamo andati um giorno a Barra Bonita per conoscere i parenti là e... è rimasto una settimana.. anche la Nena (moglie di A.M.) há detto.. Atilio tu spendi tanti soldi per um viaggio di italia .. Brasile e rimane una settimana solo... há detto ti spiego.. io non sapevo quello che io trovavo in Brasile e voi non **sapeve** chi vniva dell'Italia.. una settimana passa presto.. (risi) há fatto breve (incomprensibile) così... dopo ogni due anni lui viene con i fratelli cognati non... di tutto già sette..

adesso è andato in pensione.. ha detto che.. logo.. presto.. presto.. **vuoi**
 comprare uma casa al mare... perchè lui va bene (fa segnale con la mano per
 indicare che Atilio ha molto soldi) um engegnero.. non si è mai sposato.. sempre
 ha vissuto con il padre e la madre... papa in pensione.. mamãe pensione... lui
 sembrava bene porque lui assistiva una dita de... di... prodeceva farina di trigo..
 e.. e.. lui era il capo là.. assisteva quella dita ganhava bene... allora.. há
 risparmiato bene.. e... e comprerà una casa al mare che... quan... la prima volta
 che ho portato al mare.. Praia Grande.. quando lui è arrivato ANTONIO IN ITALIA
 NON C'È (apre le braccia per parlare questa frase) QUESTO SOLE CON UNA
 SPIAGGIA.. perchè in Italia le spiagge non so se tu conosci.. non c'è la sabbia...
 non è una spiaggia buona.. vero sessanta chilometri di spiaggia grande.. allora..
 allora.. lui.. ogni volta che vieni rimane una settimana al mare è.. questa là..
 Allora che abitavo Colônia in quel tempo è.. quelli che abitavano in cittàma io
 chiamavano quegli della Colônia CApira... perchè noi parlavamo italiano
 dialetto.. e il portoghese che abbiamo imparato nella scuola.. è... non abbiamo
 imparato bene.. allora parlavamo proprio come e... quando ho cominciato.. finito
 la scuola elementare qua Colônia io ho... sono andato a fare un'altra
 preparazione per il ginasio.. non a scuola città Francesco Ferri... allora.. io
 andavo a piedi da Colônia dopo un chilometro e mezzo un altro amico.. dopo un
 altro e quando si arrivava **ali... onde..** c'è oggi il **viaduto São João**... San
 Giovanni Batista.. non ali c'era una porteira grande non c'era quel viaduto..
 allora.. quando passava il treno sì la porteira era chiusa e non si fermava... e un
 giorno ho detto in portoghese.. là **oi que carga ta vin vindo**... perchè.. perchè in
 italiano veneto dialetto a GUARDA CHE TRENO GRANDE CHE ATRIO
 VENIRE... la traduzione che atrio venire.. está vindo.. ma io ho detto in
 portoghese sta vin vindo (risi)... allora.. un mese è stato l'**assunto** della né
 quegli amici era.. era questo perchè la Colônia oggi... oggi due minuti si arriva in
 città in macchina... ma quel tempo era una strada di terra passavano solo le
 carrozze e gli animali.. e.. quando si andava in città era a piedi.. non c'era **luz** né
 nacchina.. in quel tempo.... pochissimi c'era.. un taxi a Colônia.. Ma quel tempo
 non chiamava táxi era.. un segno cognome Palotti/// aveva uma macchina.. Allora
 lui andava a prendere le professoresse che venivano insegnare qui a Colônia e
 la portava là... riceveva della prefettura.. ma era l'unica macchina che c'era..

allora quando mi chiedano ma... come tu scrivi questi poesie.. lo ho due libri... te lo dato... allora è là ci sono anche poesie in italiano ... in novantaquattro neanche pensavo scrivere poesie in italiano perchè non parlavo niente.. e.. dopo... studiando...studiando oggi insegno um pò d'italiano.. perchè io dico in terra di cieco chi ha un occhio è re... allora.. se tu insegna e non sa dire nè ora in italiano tu sei un professore nè... ma io dico che sono insegnanti.. Insegna quello che sa... e.. oggi almeno um che há imparato con me già insegna... e... come tu fai queste poesie **falei** non so... quando viene quelle spirazioni io scrivo... dopo io lego questa poesia dieci notti.. Ma allora mi chiedo sono stato IO... Sono stato IO.. Non so perchè.. chi sai quello che ha dentro di me.. che metto fuori non e.. ho cominciato un giorno fare in italiano.. Ho riuscito a fare sette.. Otto poesie in italiano.. ma... non so dire perchè... dicono.. uno dice che è lo Spirito Santo.. di un santo **outro** dice che è poeta... non so ora... viene da me.. non so.. lo scrivo quello che sento.. se quello che sento è lo Spirito Santo che me diz... mi dice ancora sa bene... è una bella foto... io sono contento perchè non sono poesie di dire prima o dopo.. A.M.... ma sono messaggi buoni.. Mesaggi di amori.. Di speranza.. di età.. Allora... io penso che sempre che tu hai una buona seme tu devi seminare.. perchè nascerà una pianta che **vai** aiutare qualcuno... Tu há letto puoi dirmi... io dico se uma persona legge un libro mio e una frase fa bene a lei... io sono contento.... in italiano dico che si contenta gode non... allora è una ricetta di essere felice... se tu sei contento con quello che tu hai.. Tu sei felice.. Se tu vuoi ogni giorno alzarà un altro scalino e.. non arrivi più a quello che tu non sei mai felice... tu mai sarà felice.. allora. quello che tu hai già in mano... che tu hai già in mano... e.. alle volte tu hai già in mano cose che ti farano tanto felice... alle voltetu dimentichi di queste cose e vai cercare altre che Dio as se troverai o non (risi)

Entrevista com o senhor S. C.

Esta entrevista ocorreu após o convite do senhor A.M. para o senhor S. C. fosse até sua casa para um assunto ao qual ele tem muito interesse: a língua italiana.

Então meu nome é S. C. já tamo bem madurinho.. já tenho setenta e cinco ano.. né verdade.. gioven.. e a nossa família.. meus avôs vieram os quatro da Itália né.. lá de Martelago.. e.... além disso o... acabaram se casando aqui no Brasil né.. foram morar em Itatiba.. né na fazenda de café.. e depois então .. se casaram em Itatiba e foram morar em Jarinu e ultimamente quando eles ainda vivo.. vieram aí no bairro do Caxambu.. praticamente é Colônia mas todo mundo trata de bairro do Caxambu.. perto da divisa.. terminou de subir o morrão.. duzentos metro é aí o nosso local.. netão meus avós... eu me lembro muito bem que os dois.. por parte do meu pai.. morávamos juntos né.. eles quando faleceram eu tinha doze anos.. quando eles faleceram né.. mas agente até o ano de setenta e nove falava tudo dialeto.. vêneto..

[setenta e nove.. não lembrava o ano... (I2)

[é setenta e nove.. porque motivo paramo de falar.. o meu pai falou.. não se fala mais nisso.. porque faleceu minha mãe nesse ano e ela não falava português con nois.. tudo dialeto italiano.. e daí então o que a gente fez.. meu pai falou eu não quero mais que fale.. que a gente fica lembrando muito da mãe.. então ele falou vamo procura evitar de falar.. daí pra frente a gente foi diminuino diminuino.. até a época em que... depois que eu já era casado.. tempos né.. aí a gente começou a faze os grupo de canta italiano.. aí então nois precisamos aperfeiçoá um pouco o vocabulário pra podê a gente como se diz..

[divulgar.. (I2)

[divulga não.. entender o que você está cantando vai que uma terceira pessoa pergunta.. mais o que significa ISSO... então a gente.. entendeu não sabia.. aí a gente fez três ano o curso de italiano no Circolo aí.. foi que a gente melhorou um pouco ...

[o italiano.. mas o vêneto é.. (I2)

[o vêneto é..

[o italiano.. o vêneto é do coração... (I2)

[é do coração... a gente.. bom eu quando vou aí.. no Balestrin eu não converso com eles em português..

[o Balestrin.. (I2)

[(incompreensível) minha vó era vizinho deles..no sítio.. (I3)

[eram vizinhos lá..

[quem que tá de velho lá.. noventa anos fez O... (i3)

[noventa e um.. vai fazer noventa e dois o Pedro..

[esse é sobrinho da minha vó.. esse de noventa e um anos... (I3)

[isso o Pedro... e eu o Pedro o Santo..

[Santin.. (I3)

[o Santin tem oitenta e quatro ano.. nossa tá tudo (abaixando a cabeça)

[se agente fosse dar uma voltinha lá.. conversar você com ELES... (I2)

[tranquilo... vamo lá fazê uma volta com eles..

[essa aí você ia ouvi ele fala vêneto.. porque esses veinho aí quase não fala português...

[ele não fala.. fala tudo vêneto... nascido aqui tudo eles...

[nascido aqui.. mas
foram criados.. (I2)

[meu pai é nascido aqui...

[o pai deles é irmão da minha vó... (I3)

[meu pai
nasceu aqui em mil novecentos e cinco.. minha mãe em mil novecentos e três..
quer dizê.. naquele tempo meus avós tinha.. eles tinha oito filhos.. eu falo do avô
paterno porque do Batista lá eu nem sei quanto...

[a gente fala do avô paterno que
é que herdou o nome.. (I2)

[que a gente morava junto.. mas ia sempre lá conversa com
a outra nona.. e tudo mais.. mas nunca se interessamo em sabe.. a gente
conhecia os tio.. conhecia tudo mas nunca fizemo a conta de quanto era..

[e é o
típico do italiano.. qué dizê.. é o nome do homem que continua né... (I2)

[exatamente.. mas é por
aí.. se o ceis quis é uma hora aí é.. dois palito...

[marca com eles né Antonio... (I3)

[marca com
ele.. ele tá disponível de segunda-feira.. depois do almoço..porque ele mora em
Sorocaba.. então ele vem aqui para dar aula na Fatec e tal .. (I2)

[tá bom.. podemo
fazê.. se quis é marca pra segunda-feira.. eu vou lá esses dia aqui.. e converso
com eles... então a gente acabou por esquecer tudo realmente.. agora falando
com eles.. falando com eles a gente..

[é o caso da Nena né... (I2)

[não é verdADE...

[eu falei

pra ele (I3)

[agora eu pelo meno.. tanto quando a gente fala o italiano correto a gente..
eu misturo muito as palavra..

[começo a conversar em italiano oficial com a Santo
e já entra o vêneto no meio tamém.. mas aí você tem.. então quando a gente for
no Balestrin.. (I2)

[fala em italiano com ele.. (I3)

[quando andaimo da Balestrin.. (I2)

[quando

andema.. andema... (I3)

[andema...

[quando andema da Balestrin.. Santo e Nena..
parlando in italiano lá in veneto com i Balestrini.. allora lá cosa vien così facile
non.. facile..(I2)

[sì facile.. ma non è faci..

[si puó inventare um dialogo.. dialogo vien
quAndo c'è um'altra persona que parlano... (I2)

[ele tá um pouco atrasado né Santo..
se ele vinha quando tinha Beppe Casarin aí c~e ia vê os veio jogá truco..
(risos)(I3)

[pra você fazê uma ideia.. até a década de cinquenta .. aqui na Colônia..
(I2)

[joão Balestrin..

[o tio João... (I3)

[quem não falava o dialeto tana perdido... (I2)

[não tinha um negro na colônia.. (I3)

[não tinha um negro.. tinha o Cuica.. cê lembra do Cuica... (i2)

[Sì..

[o único negro qui.. um negrinho bonzinho.. (I2)

[é o que aconteceu comigo.. (com relação ao contato linguístico) eu misturo muito.. no fim eu acabo nem sabendo qual`è il vêneto.. qual`è o original...

[porque aí quando você.. na década de cinquenta eu tinha seis ano.. você já tá indo na escola tudo.. cê é obrigado então daí você começa misturar cê fala metade uma língua.. metade outra língua.. aí vem o italiano se mistura de novo né SanTO.. (I3)

[não você veja então quando eu saí daqui do grupo e fui pra escola pra cidade eu era o caipira da Colônia.. que tudo que morava aqui era caipira da Colônia.. e um dia a porteira tava fechando e eu falei vamo pará porque ta vin vindo o trem.. ta vin vindo.. ta vin vindo.. o trem pô.. que vem vindo o trem.. depois aí me tiraram um sarro.. **nunca mais errei**... aquilo.. aquilo pegou né.. ta vin vindo o trem.. e que a gente falava.. porque em italiano cê fala assim (I2)

[nois erramo até hoje.. muita coisa.. qué mais que o presidente do Corinthia lá.. como é que ele faLAVA...

[Vicente Mateus.. você falava è drio venire.. que nem o inglês.. is come.. está venire.. então o tá vin vindo.. é o drio venire.. que a gente né certo.. porque esse drio venire.. esse drio não quer dizer nada.. tá vindo o trem é o composto vem vindo o trem né.. e.. a gente eu saí pô daqui caipirão da Colônia.. (I2)

[bom nós

falava.. quando..

[Scote Barone.. che mi hai portato.. faz um café pro Santo... (I3)

[qué

um cafezinha SanTO... (I2)

[depois eu tomo... não tem pressa.. é... giagavano la futibola.. non se falava cálcio.. nem outra.. futibola.. tutte le sera buttavano le bole.. giogavano..

[le carte... (I2)

[le carte.. la briscola.. tutte queste.

[la bestia... bestia... (I2)

[aquele dos

números.. como se chaMAva... não lembro... (I3)

[è come si chiama questo qua.. nossa era coisa.. era coisa.. era Itália aqui..(I2)

[e quanto põe.. e quanto põe.. cinque.. e perché cinque.. trè.. due..

[e os caras.. os veinhos eram rápidos rapais.. um eles faziam e outro eles marcavam o ponto que fazia.. (I2)

[aqui que nem a nossa aqui.. cê tava falando né que criou problema fazendeiro.. migrante.. aqui na Colônia não.. porque aqui eles já vieram já receberam sua gleba de terra.. eles eram tratados como escravos.. porque os fazendeiros.. senhores de terra.. estavam acostumados com os escravos né.. escravos era peça.. agora os italianos veio com aquele senso de cidadania não aceitou.. (I2)

[Toninho vamo falar em vêneto.. vamo falar em vêneto pra ele escutá.. (I2)

[má é duro.. é duro...

[não o Toninho quando começa a contar história..
você já falou isso uma vez e tá falando de novo... ma dai...(I3)

[e... mas aqui na
Colônia.. nossa era lindo rapaz.. nossa.. (I2)

[quando nós ia lá na venda do
Benacchio.. enton né..

[meu avô... (I3)

[lembrou do Benecchio... (I2)

[eu era moleque tinha oito
ano..

[como é que seu pai pagava o Benacchio... (I2)

[com a caderneta..

[non mas todo mês..
(I2)

[não quando dava ele passava e pagava..

[tinha algum dinheiro pagava.. (I3)

[qué dizer
esse Benacchio era homem bom da Colônia.. então.. (I2)

[nossa eu tinha oito ano nós vinha
em cima da carrocinha né ... e.. entregava leite quando vortava passava pegá
mantimento.. né..

[arroz.. óleo... (I3)

[feijão.. macarrão era aqueles maços assim (gestos com as mãos) comprido né..

[brigoli.. (I3)

[brigoli.. (risos)

[spaghetti... (I3)

[spaghetti.. brigoli..

[e aí

Santo.. (I3)

[então e a gente.. toda vez que parava ali.. a gente pelo amor de Deus.. a pai dessa aqui.. E.. Chinellato.. como stè.. BENE...

[come stè.. (I2)

[come sté.. come stai.. come stà...

[a geração do pai dela ainda falava bem.. a Tiazinha Nené se a gente pusé no meio né.. a Tiazinha é sobrinha do Balestrin.. (I2)

[aliás.. Nena.. eu não sei levar tudo junto lá a tiazinha Nené com os Balestrin.. ia ser um golaço.. vamo vê se segunda-feira que vem nós podemos fazer isso.. (I2)

[cê qué vê.. eu todo ano pinto a capelinha que tem lá.. dia de Santo Antonio a gente faz a missa lá.. antigamente era a reza né.. só rezava o terço e tal.. mas agora vai o padre lá faz a missa.. mais eu vou todo ano pintá lá.. todo ano eu vou lá pintá.. um ano pinta por dentro.. outro ano pinta por fora..

[compromisso que ele assumiu né... quarenta ano que ele é pintor..(I2)

[esse.. cinquenta e quatro..

[cinquenta e quatro... (i2)

[tá atrasado Toninho... (I3)

[quatorze você não tinha carteirinha.. (I2)

[quarenta faiz que eu
saí da fábrica.. né.. eu trabalhei.. eu trabalhei treze ano... na fábrica e.. quando
eu saí eu fiz um propósito com Santo Antônio ... se me va bene vengo tutti anni
a farti.. agiustare a far dipingere.. biancare.. então todo ano eu vou lá e.. em troca
disso eles vem lá e me dão a chave pra abri a capela.. Santo bebemo um vino..
bebemo...

[bevemo... (I2)

[bevemo...

[bebiamo.. bevemo.. (I2)

[entendeu.. é por isso que.. e.. eles
vem lá traz vinho a gente senta lá um pouco bate um papo.. daí a pouco eles
sobe e eu mando bala.. quando termino eu vou lá entrega a chave.. eu sento..
bom bebemo um vino.. va.. va.. ele não fala **sedia te né.. ciapa la carrega..**

[ciapa la carrega.. sedia carrega..(I2)

[ciapa la carrega..

[Santo.. bevemo um mato bicho.. (I2)

[mata bicho...

[sabe o que é mata biCHO... (I2)

[aperitivo... aperitivo.. mata bicho..

[quer dizer então..
eles também criaram expressões.. aqui no Brasil... que não existia.. (I2)

[exatamente.. pra podê se entende também com o pessoal daqui.. eu penso.. porque um.. pouco.. é.. que nem nós tamo falando né.. nós quando vamo lá na Itália.. nós se vira bem.. porque.. porque a gente.. eu estudei um pouco ele estudou um pouco.. **o italiano legítimo**.. oficial é.. mas do contrário.. nós íamos lá.. íamos passa.. certa dificuldade em falá...

[é o caso da Natalina né.. a esposa dele não fala nem o vêneto nem o italiano.. então ela... (I2)

[ele entende tudo...

[ela entende... (I2)

[tem que falar meio devagar.. pra ela raciocinar.. mas eu quero dizer o seguinte.. por exemplo.. o Atilio vem aqui ele fala duas palavras em português.. né.. então quer dizer eu imagino... a dificuldade que esses nossos avós tiveram quando chegaram aqui...

[quando chegaram aqui... (I3)

[tudo bem eles falavam entre eles.. mas se precisava dialoga com um português.. um brasileiro...

[um fazendeiros... (I2)

[ele tinha dificuldade.. pois um dia nós entregando leite na cidade.. eu não esqueço... o meu irmão.. já não era mais com a carrocinha.. meu pai tinha comprado um Ford 29... e nós ia entregar leite com esse.. porque.. porque era muito mais rápido.. com a carroça saia de casa meio dia e meia.. ia pra cidade voltava sete.. oito hora da noite.. então quer dizer não tem como né... e quando nós já ia indo.. era meu irmão mais velho Geraldo... já falecido também... que pilotava né.. aí chegando num belo dia numa esquina lá.. ele ia passando assim.. um italiano falou assim.. Dove si trova l'autoBUS... o brasileiro falou assim.. eu não entendo o que o senhor tá falando... e o italiano falou ... io non chapisco quel che vuoi dire..

[cosa vuoi dire... (I2)

[qué dizer os dois tava falando a mesma coisa.. e nenhum entendia o outro.. e o Geraldo chegou perto e falou assim... falou pro italiano scusa..fa la domanda... então o italiano falou assim... sì.. voglio saper dove se trova l'autobus... ele quer saber onde que ele vai pegar o ônibus.. falou pro brasileiro... orra.. como é que eu vou entender o que esse homem fala... (risos).. então eu fico imaginando óia com oito ano.. eu imaginava como que o meu avô..

[conseguiu sobreviver... (I3)

[como que eles né... pelo amor de Deus.. eles devem ter passado una liscia.. una liscia.. quer dizer passou um apuro.. um aperto.. e.. o... dialeto fala una liscia...

[a poesia que eu fiz pro cem anos de imigração né.. é.. um dos estrofes lá.. no princípio muita luta.. adaptação lá pro outro idioma nostalgia... desafios a cada passo... venci o homem de aço... na vida do dia a dia... né.. você tem.. é isso aí.. o cê imagina o cara vem num navio.. no porão.. o cara.. nunca.. quando chegaram em Santos.. tinha os primeiros negro.. as crianças assustavam (em voz baixa).. (I2)

[nóis..nóis com seis.. sete ano.. que ia pra escola.. antes de ir pra escola com quatro cinco ano.. os pais diziam assim... vien dentro se non il negro te ciappa..

[sabe o que qué dizê... (I2)

[entra pra casa não fica lá fora.. entra pra casa.. se não o preto passa e te pega..

[era uma ameaça.. (I3)

[il nero te ciappa.. ciappar é pegar... (I2)

[vien dentro che il nero te ciappa...

[viene dentro se non il nero te ciappa... a família da Nena chegou a ter mais de vinte pessoas... (com relação à união matrimonial) (I2)

[nóis ficamo em dezesseis.. lá em casa...

[aí eu não sei sinceramente qual era a intenção... (I2)

[quando.. quando meus avós tiveram aqui...

[o seu lote lá.. tinha quanto.. cê sabe... (I2)

[três alqueire...

[três alqueires... (I2)

[era de três e cinco.... (I2)

[três alqueire de vinte e quatro mil metro quadrado... né..

[setenta e dois mil metros quadrados.... (I2)

[e o vô.. acabou comprando também... né.. muito bem.. daí.. ficou o meu pai morando com eles.. e os demais.. os mais velhos foram cassando.. foram saindo... né..

[se virando lá... (I2)

[e.. quando meu pai já casado tinha três quatro filho... ele se viu na obrigação de indenizá os irmão dele e fez acordo com os irmão.. foi pagando um pagando outro.. pra fica só pra ele.. porque ele tinha dez filho.. dez filho eles toca isso aqui como.. né..

[e o ceis trabalhava... (I2)

[nóis trabalhava no sítio..
basta dizê que eu ia no exército com dezessete.. dezoito ano né... eu tava
servindo o exército.. eu ia em casa e ia trabalha veio... de quarta-feira era meio
expediente.. ia em casa carpi.. passar carpideira na uva.. a... não tinha pra
ninguém.. a moleza não...

[nada cai do céu né Santo... (I3)

[não.. e olha eu agradeço a
cada chamada que o pai dava em nós.. por causa de puxá.. pra tê ideia nós
com sete oito ano tinha que acompanha ele na enxada.. rapaz.. o que que se
fazia a rua de uva o cê sabe como é que é.. tem uma carreira aqui e outra aqui
né.. aqui no meio passava a carpideira.. com animal.. meus irmão mais velho
que passava.. e sobrava uma tira assim cada lado da linha.. que tava os pé..
então cê tinha que carpi com a enxada.. então o pai ficava aqui no meio.. punha
eu dum lado.. meu irmão mais veio que eu do outro.. e.. por cima se nós ficasse..
ele não deixava nós fica perto.. porque se nós ficasse conversando.. é então
ele ficava no meio.. ficava no meio.. se nós ficava parado pra fala alguma coisa
ele pegava na enxada assim e com o caba ele batia a cabeça da gente.. era fogo
viu.. mas eu agradeço até hoje...

[era necessidade.. era necessidade.... (I2)

[necessidade...

[não

era maldade não.. (I2)

[não.. não...

[se fizesse mal pro filho pra você vê o velho... (I2)

[nossa...

[ele te

enforcava..

[vocês no sítio... nós no armazém.. (I3)

[é..

[aprendia ler e escreve.. tava trabalhando... tava atrás do balcão.. então o que que a gente.. por exemplo.. uma coisa que eu não esqueço.. era pequena não podia fazer muita coisa.. então vendia querosene por litro.. a turma comprava.. e tinha o tambor de duzentos litros deitado e torneirinha.. quero dezoito litros.. aquelas latas assim.. então os pequeno ia fazer o que.. enchia o litro punha na lata.. enchia o litro.. tinha que contar dezoito litro.. era coisa que a gente podia fazê.. entendeu.. cê era pequena mas tinha que trabalha.. (I3)

[não dava moleza pra ninguém...

[nascia atrás do balcão.. né..

(I2)

[nossa óia foi uma luta...

[tinha outro que quando tava colhendo uva.. ela fala pro fio eu quero que vocês colham uva assobiando.. (I2)

[pra não fica chupando... (risos)

[ocêis tem que assobia... (I2)

[pra isso nós tinha uma liberdade.. que até quando.. namorava eu e o Valdemá.. nós ia junto né.. numa bicicleta cada um.. nós morava perto.. quando um eu descia lá.. eu sobiava.. o Valdemá vinha e nós ia pra casa junto.. o que que nós fazia na época da uva.. nós passava em casa.. agora vou falar uma.. pegava uma cioppa di pan...

[una cioppa di pan.. sabe... (I2)

[deixa ele... (I3)

[não tá certo ele tem que ir
clariano.. una cioppa di pan e... nós ia embaixo do pé de uva chupá uva..
chupava uva e comia pão...

[era uma delícia.... (I3)

[era uma delícia... então nós se sem.. mais
nove e meia dez hora da noite.. mais tardá.. porque.. lá quando ia namorá.. não
ficava mais que nove hora.. é ia embora.. nossa Senhora não.. nós..

[e era um
tempo bom né Santo... (I2)

[nossa..

[esse tempo que dá saudade.. não tinha maldade... (I2)

[a única
maldade era o Gildo Balestrin que fazia..

[era né.... (I2)

[o Gildo Balestrin.. se nós for lá
vamo recordar.. hen...

[(incompreensível).. tio Gigio.. (I3)

[o gigio também era uma cria né.. e o
Gildo Balestrin.. nós.. nós.. jantava.. nós passava na casa dos Balestrin eu..
Valdemar.. Pascoal... Orfeu.. nós ia na vilinha do alto jogá.. jogá le carte.. jogar
baraio né..

[zuogare le carte... (I2)

[é.. zuogare le carte.. e nós que era mais novo se
sentava lá junto com nossos primo que moravam tudo ali né.. e.. fica contando
piada contando causo... né e tal.. e eles.. os mais veio jogando baraio.. quando
nós vortava os Balestrin junto.. e uma bela duma noite uma chuva né.. quando
nós subimo.. tava chovendo um pouco então... todo mundo foi com o guarda-

chuva.. e quando foi na volta..(risos) num tava mais chovenó.. aí viemo.. aí tinha uma ruazinha lá.. lá era a rua dos Balestrin..

[rua dos Balestrin.. exatamente é...

(I2)

[é.. só morava Balestrin e.. no fim da rua morava nós né..

[e o Piovesan passava antes... (I3)

[é.. o Piovesan passava antes.. quando passamo a casa do Piovesan logo.. o que.. uns vinte metro pra baixo tava uns cavalo lá e.. ele.. não tinha muito cerca era como na Itália memo.. não tinha muito cerca.. pra crecá as coisa.. e eles plantaro o milho.. e tinha uns cavalo que andava pra rua... né. cavalo memo esse.. esse Egildo Balestrin... rapaz.. uma noite sabe o que ele fez.. nós vem descendo com o guarda chuva.. ele não vai rapaz.. pera um pouco.. peta um poco.. te bastono.. te bastono.. ele falo né que ia bate no animal né.. em vez dele bate.. ele pegou o guarda-chuva e PAN.. debaixo do rabo do.. o bixo baixou o rabo (gestos com as mãos).. e tomou o guarda-chuva dele e ho...

[ah.. é.... (I2)

[e corre...

[ele

enfio o guarda-chuva... puta merda... (risos) (I2)

[levou o guarda-chuva do home... e esses cavalo.. esses cavalos correram morro abaixo.. e nós atrás..agora chegou lá em baixo o Gustin né.. o augusto né.. o pai dele...

[irmão da minha vó esse.. (I3)

[é.. ele ainda tava reinando lá pro terreiro ou batendo papo.. não sei o que.. quando viu.. quando viu.. esse barulho de cavalo ele já foi com coiso espantar né.. pra eles pará de corre.. aí os cavalo viraram e vortaram.. vortaram e toparam

com nós né.. e sei que por fim das conta o que que ele fez... eles prenderam esse cavalo.. conseguiu pegar o guarda-chuva..

[cavalo levou meu guarda-chuva...

(l2)

[o Gustin.. eu não esqueço.. essa passagem.. rapaz.. tinha o que catorze quinze ano.. o gustin.. eu não esqueço porque...

[essa é pra conta na Itália... (l2)

[é.. sabe o que que eles fizeram eles amarraram uma lata no rabo desse cavalo.. e aí pegaram ele né.. seguraram outro foi lá amarrou a lata.. e o Gustin falou.. non co tu ve che costa di fa.. cê que vê o que eles fazem... ele pegou formicida em líquido.. que jogava no formigueiro.. ele levantou o rabo do bicho e jogou..

[mais.. meu Deus do céu.. (l2)

[mais o que aquele cavalo.. e sortaram né... com a lata no rabo... o que aquele cavalo sortou de traque.. pé..pé..pé... trumm.. trummm.. e vai morro abaixo não tinha ninguém que segurava aqueles bicho... e o Gustinho deitou no chão de rir.. o tanto de peido que o bicho soltou...

[era tipo cavalo meio sem dono né... (l2)

[é.. porque tava sempre na rua né..

[tava sempre na rua.. lá em cima tava cheio.... (l2)

[meu Deus.. eu não esqueço essa passagem...

[não falei pra você que era uma figurinha essa... uma figurinha o Santo...(l2)

[nóis tem passagem...

[nóis ficamo quinze dias na Itália e que nóis demo de rizada por uns três anos seguido... (I2)

[nossa.... Ave Maria....

[mas é assim naquele quando encontrava uma rodinha de italiano.. meu amigo.. nossa Senhora.. era (I2)

[sabe o que não existe mais... hoje.. e antigamente era frequente.. era sempre.. nóis ia na vendinha do alto.. nóis se sentava lá conversa bate papo.. quem jogava jogava quem não jogava ficava conversando...

[tinha os pardinho também.. (I2)

[aí.. o Egidio.. o Egidio era uma figura.. memo né.. ele falava assim bom.. vamo sentá se sentemo un poco qua va.. sentou lá a Gigia falou.. Sì è ora di andare via Romai... né ela falava sì sí è ora di andare via... dai a letto...

[é dai a letto.. (I2)

[aí o Gidio falava.. che letto o che... buon ora ancora.. é.. ela falava assim... sia la nuvola che sia seren in casa di altri non si sta mia ben.. entendeu que esteja nublado ou esteja serenando em casa dos outros a gente não fica bem.. ela falava.. e ele deu o troco.. ela falava sì in casa di altri non si sta mia ben... e o Egidio virou.. e disse saio.. saio gigia che cosa è questo.. che sai nuvola che sai seren e pure in casa di altri si sta proprio ben.... ela disse...sì sì se fossi casa di altri non faria vergogna andare a via.. e o Egidio falou assim.. ma noi non ghemo vergogna...

[noi non ghemo...

(I2)

[non ghemo... memo vergogna...

[noi non ghemo vergogna.. noi non... (I2)

[nós não temos...

[non

abbiamo vergogna... noi non ghemo mi vergogna...(I2)

[eu sei que era essa as pantumina
que nós aprontava... e.. então vortando um pouco.. aquele tempo a gente se
visitava mais...

[é não tinha televisão nem rádio... (I3)

[é... televisão e agora celular
acabou com tudo..

[acabou com tudo... (I2)

[então a gente ia.. nós ia la na Balestrin.. nós
sentava no terreiro.. no chão lá.. sentava lá e ficava batendo papo..
conversando.. ma..

[minha casa tinha uma sala enorme né.. e tinha um rádio.. à
noite.. depois da janta.. arrumou a cozinha todo mundo sentava em volta da
mesa o rádio Direito de Nascer.. as mulher bordava.. criançaada escrevia.. (I3)
(risos)

[saber das notícia..

[ficava ouvindo a Voz do Brasil inteirinha.. porque era a única
notícia que a gente tinha... (I3)

[aquele tempo era a única notícia.. (I2)

[eu sei que a vida mudou
.. mudou muito nossa..

[sentava tutto alla tola il radio ligado non.. e se sentia la
novela lá... (I2)

[e quando puseram.. quando chegou os primeiro lá no sítio lá..

[não tinha

nem energia... (I2)

[não... era lampiãozinho.. lumini... (I2)

[lumini.. mas.. é.. foi em ano di..
quarenta e seis.. quarenta e sete.. que chegou a força lá né..

[é.. eu acho que por
aí.. ou um ano ou dosi a mais porque.. quando io andei dai miei nonni.. nelles
ferie camminava com quelle notte con lumini.. dopo dai miei doze treze anni che
è arrivato la luce... (I2)

[la forza...

[la forza.. (I2)

[allora quando è arrivato il primo radio in casa
g'há detto.. come fa parlare tutta quella gente lì di drio cosa.. quella casseta..
(risos) entendeu como é que poderia caber tanta gente dentro daquela caixa..
muito bem..

[mais olha esse encontro com os Balestrin vai ser muito bacana... (I2)

[vamo...

[vomas ver se leva Tiazinha e Tia Nenê porque elas são primas.. são primas..
(I2)

[eu vou.. vou conversar com o Pedro..

[isso.. (I2)

[vou fala pra ele que.. é de segunda né...

[segunda-feira depois do almoço...

Entrevista com Adolfo N.C., A. T., O.S. e N. S.

Essa entrevista, a princípio foi agendada apenas com o sr. N. S., mas no dia agendado esse grupo de amigos estavam reunidos para discutir alguns dados sobre a constituição do bairro do Traviú. Sobretudo, a divisão dos lotes entre as famílias que compraram as terras e por um período trabalharam juntas.

O Sr. A. N.C. (I1), A. T. (I2), O.S. (I3) e N. S. (I4).

Meu nome é A.N.C.... nascido em treze de outubro de 1932... hoje tô com oitenta e três anos... vivi muito com vovôs com nono né... descendentes e.. a gente lembra alguma palavra...por exemplo.. que eu falei agora pra você.. QUAndo ia pescar me chamava **sciapa la baccheta e vamo sciapare sgardoli che** eram os lambaris... **pesce** então a gente ia.... passava as horas lá junto... **poi adesso vamo a casa... vamo via...BASta** por hoje... chega né... então essas coisinhas... mas eu não lembro muita coisa.. pra falar do meu vô... muito pouco via mais o meu vô com a vó fala... a...a.. o dialeto.. a gente só **capitava...** mas a gente não conversava não.. o dialeto com eles muito difíci.... ouvia falar as palavras.. por exemplo... sapatão falava **scarpe**... pra cueca **mudande**... chapéu **capel**.. né... (risos) esses aí eu lembro... pra tigela **scudella**... e o que mais é... la **fursina** o grafo... e a colher cucciara.. né... é dialeto cucciara **NÉ**.... então todas essas palavrinhas aí tem muito para lembrar... mas no momento.... os alimento nosso bastante era polenta com leite viu... la polenta... latte... que falavam **NÈ**... luganeghe... era linguiça de porco..

[riso..

fasoi... (I4)

[riso.. fasoi é... arroz feijão... então... essas coisasa aí.. lembra alguma coisa pra falar

[palavra tem bastante (I2)

[palavras **NÈ**.. agora frases... (I3)

[frases é difícil viu...

(I3)

[NOS..sa se for falar... você não vai nem entender (riso)... **gorbagliola**... quando
você está abaixado e dá aquela zonzura.. **gorbagliola**... (I1)

[é porque você **diventa**

gorbo e **gorbo** e cego.. (I3)

[quando dá aquela zonzura né.. gorbagliola... potema...
ferida na boca... squassera.. aquela vassourinha de varrer o fogão... é... que
MAIS... picarobi.. (I2)

[picarobi é aquele de pendurar roupa é (incompreensível)... (I3)

[o

cabide lá (I3)

[piantola.. de bater enxada... (I2)

[como falava a cartola do vinho.. bote... (I3)

[bote..

que mais eles falava.. que VÊ... (I2)

[a tampa da cartola... (I3)..

[sgrisilone... (I2)..

[a tampa da

cartola era boron... (I2)

[o boron (risos).... (I3)

[o que você falou... (I3)

[SGRISILONE... (I2)

[arrepio

é...(risos) o que MAIS..morbin.. agitação...(I2)

[essa boa.. (I4)

[rabbia (I1)

[rabbia também quando fica

rabioso... (I2)

[mal di testa.. (I1)

[dor de cabeça... mal di schia... (I2)

[mal di schina... mal di

gambe... como é que a Ermínia Tomazzetto falava... mi go um mal di gambe che
non risco fare così (gestos com a perna direita e risos) (I3)

[não era capaz de fazer

mas fazia... (I4)

[(incompreensível) que era aquela machadinha né... que tem também... quando uma coisa está perdida é ingusà... tá perdida dentro do rancho... tá escondida.. tá unguzada.... que mais..

[tem aquela frase também do Bepe venga colazione se o te diz merenda se non vo (incompreensível).. quer dizer venha tomar café... mas se você fala no dialeto diferente dii.. que era o dele não o dela... colazione.. merenda... minha mulher falava colazione que que é o mesmo sentido de tomar café... Então fica aí... **dialeto falava colazione... merenda é italiano... é do vêneto..**

[é do vêneto é dois dialeto... um diferente do outro.. la cosa è merenda.. (I3)

[merenda.. (I4)

[de vez em quando sai alguma.. ma tia Sidnei.. nossa... quanto.. que era outra coisa que(r) vê... (I2)

[tem bastante... (I4)

Tem

bastante.. bastante.. (I2)

[tem frase assim.. que no momento a gente.... (I4)

[lampião é

lumin... (I1)

[bain... chumbo... (I2)

[balin era di boccia... (I3)

[(risos) boccia.. (I1)

[ciopetata... era tiro.. (I2)

[ciopa é a bala... (I3)

[espingarda... (I2)

[dare uma ciopetata... dar um tiro né.... (I2)

[aquelas

piadas o Nilo deve saber.. como que era... conta para ela aquela.. tá no livro do seu Ilário.. aquela do menino que tomava sopa... (I3)

[É.. não me lembro não.. (I1)

[como é

que era... ele só comia polenta.. (I3)

[é.. não sei.. (I1)

[ele contava na escola que ele... o que você coMEU... polenta... na outra vez a professora perguntava... o que você coMEU.. e um dia e... para ficar diferente ele resolveu falar que ele tinha comido e... uma ministra.. aí a professora perguntou quanTO... e ele SEtte fetto (risos)... então não era polenta.. (I3)

[(incompreensível)..

[(incompreensível).. não sabe daquela.. o rapaz andando com a mula e ... caiu.. então a mulher chegou perto e falou.. fiol di cane.. bebe e dopo come terra... ele levantou assim né.. negão.. fiol di un cane niente.. a mula morreu de repente. (risos).. fiol di un cane niente.. ele sabia o que era de tento escutar os italianos falar .. fiol di un cane... a mula morreu de repente... (I4)

[Anderson R. Tomazzeto.. trinta e dois... precisava manter né.... essa tradição de conversar... antigamente a turma conversava né... hoje perdeu... fala alguma palavra... tem meus tios que trabalha junto aí que... tem (incompreensível) fala alguma palavra... mas perdeu muito... perdeu.. se não ficar registrado essas coisas se acaba NÉ... (I2)

[parbin... chave de fenda... parbin.. que é de virar né... (I4)

[o Nilo pra enxada .. como é que falaVA... (I3)

[sapa... (I1)

[sapa.. (I3)

[pra

enxada.. (I1)

[tem uma história também do Bepe que foi na casa do Gianni passear.. e.. o Gianni falou a... resta qua.. vamo cenare insieme.... quer dizer junto... então entrou lá... e falou.. TI VUOI una pingheta avante cena o DOPO.. ele falou mi vuoi una avante e uma dopo (risos)... eu lembro dessa história... as pequenas piadinhas... (I1)

[si ricorda... tem uma história que tinha um rapaz que cuidava da mãe em casa e.... ele.. trabalhava na roça... ele tava trabalhando meio distante... e a mãe faleceu... saiu fora e chamou... Bepe venga a casa che è morta la mamma... aí o rapaz lá de cima... e... non ho cena stassera.. (risos).. quer dizer.. casos que

aconteceram mesmo de verdade.. é um fato... o problema dele era a janta não a mãe que tinha morrido... (I4)

Cena.. quer dizer.. cena é janta.. muito pouco.. eu só ouvia meus pais falr.. com os avôs dela lá... con nonno Gilberto né... é.. (I1)

[conversavam bastante e a gente só ficava ouvindo.. é.. porque conversavam.. muito pouca palavras...(I2)

[é mas o dialeto foi muito esquecido..(incompreensível).. é uma pena porque.. que nem por exemplo.. o avô dele (apontando para o Anderson).. e o meu pai sentavam aí e conversavam aí horas né... era tudo em dialeto.. tudo em dialeto.. (I3)

[aqui na escadinha.. (I2)

[é também.. (I1)

[Leonardo.. o pai.. o tio

Anilso.. só ficavam falando.. nossa geração... (I4)

[o Sérgio conta que da cama... já estavam dormindo e quando o Evaristo e o (incompreensível) ficavam conversando.. para o Evaristo entrar em casa... tudo no dialeto... nas calçadas.. sabia tudo que aconteceu no domingo inteiro e... ele na cama escutava.. (I1)

[na

cama ele ouvia e o Sérgio entendia perfeitamente.. (I3)

[perfeitamente.. (I2)

[hoje se for

conversar com o Sérgio ele não fala mais... (I3)

[não fala mais... (I2)

[se fosse voltar a turma em um vinho (incompreensível).. a língua era capaz de sair alguma coisa ainda... (risos).. eu sou a quarta geração Tomazzetto.. do Trevisan sou a terceira.. (I2)

[terceira... nós somos a terceira...nonno italiano.. pai brasileiro e.. eu.. mais brasileiro ainda... (I1)

[tataraneto italiano pelo tomazzetto... mas pelo Trevisan bisneto.. bisneto dele.. não dá para fala que meu pai é neto de italiano.. (I2)

[sim.. (I3)

[mas tem um
sotaque puxado né... ele fala o erre diferente... (I2)

[a família do Mizeto é mais
acentuado... (I3)

[mais acentuado.. (I2)

Eles ainda puxam bastante o sotaque do italiano né...
e até falam um pouco mais né... eu acho... o pessoal deles.. entre eles né...
perdemo muito né Nilo..(I3)

[perdemo.. (I1)

[ali em casa quem falava era a tia Severina... no
dia a dia ela falava bastante.. depois acabou (incompreensível) tudo bem alguma
palavra que sai no cotidiano... mas não di... mas ela falava... se fosse fazer uma
lista de todas as palavras que ela falava.. o significado.. cê ficava... tinha coisa
que eu não entendia o que era... (I2)

[em que o Nilson que... não.. nada. Nunca falou
nada.. você não escuta ela falar... nem uma palavra em dialeto.. nada. É o mais
velho da família... então o restante foi perdendo... se ele desse continuidade
naquilo que o pai falava... (I4)

[melhorando... a paisagem tá melhorando.. (risos) é
italiano.. (I1)

[são coisa do Facebook.. (I3)

[é.. (2)

[é isso aí.. é uma pena... tem muita história pra
trás né.. vai saber quantas que nós não sabemos né... (I1)

[é quantas ficou sim.. (I4)

[gavinha de uva... é gavinha (I2)

[gavignoti.. (I4)

[riso gaviotelli... (I2)

[risignonte meu pai..risi e
gaviotelli..(I4)

[a gavinha... (I2)

[e a tesoura de podá uva... como é que chaMA... forbisi.. (I1)

[forbise in italiano è forbice... no dialeto é forbise.. então se percebe um corte no na.. né.. tosatei é jovem.. (I3)

[jovem... lembro que meu nonno falava.. (I2)

[tosatei.. tosatei..

una bela toseta... era uma bela ragazza...(I3)

[una bela ragazza.. matelotti e i picini..

(I4)

[pucini era criança... matelotti era tirolês né... (I2)

[é pucini era mais do vêneto..

simultâneo falava matelotti e outro pucini... todo mundo sabia o que significava... isso nas décadas até setenta... sessenta.. setenta.. depois... (I3)

[como chamava a

molecada para o almoço.. eles falavam venham disnare... hoje... (I4)

[polenta e

formaggio... (I1)

[polenta.. formaggio.. polenta.. polastro...(I4)

[venite a pranzo... (I3)

[venga

disnare.. venga disnare... almoço.. (I3)

[gente ouvia ali agora... (I4)

[disnario.. disnario.. não

sei dizer se é do vêneto se é do trentino... (I3)

[acha que é mais da Áustria.... guarda-

chuva eles falavam ombrello.. (I4)

[galinha choca.. ciochè.. gavion.. poiana.. (I2)

[poiana...

meu avô falava.. (I1)

[vai aparecendo.. (I2)

[se continuar conversando vai lembrar de mais

coisas.. eu até coloquei umas fotografias para ver se vocês lembram de alguma coisa.. (risos) (I3)

[poiana... eles falam que plaina né... que por cima.. cê viu que o gavião vai poiana.. (I2)

[Nilo como falava maÇÃ... (I3)

[maçã... é.. pomo... porque pô tomate pomodoro...
maçã não lembro não... nós não comia maçã.. era pobre e não comprava (risos)..
(I1)

[é verdade... (I3)

[era coisa chique maçã... pelo amor de Deus... minha família era dez
irmão.. imagina meu pai comprar uma maçã cada um... mas nunca... tinha que
comer banana memo...(risos) (I1)

[banane... (I4)

[não me lembro disso não... (I1)

[non ricordo... (I4)

Entrevista com a Senhora M.B.M

Esta entrevista foi gravada na casa da Dona Nena, como é conhecida a Senhora M B.M.

Sou M. B. casada com A.M... então M. B. M. porque a gente sempre usava o nome do marido e... eu nasci na Colônia em dezoito de julho de 1944... faz tempo já né... cresci aqui e tô aqui até hoje... saí alguns anos quando casei... mas voltamos pra cá.. e.. a minha família.. todos descendentes de italianos.. tanto da parte de avô quanto de avó... o meu avô veio de Treviso com quinze anos de idade... em 1890 e.. o pai dele tinha um conhecido aqui.. da família Rappa.. que ajudou e.. ele foi trabalhando e progredindo.. e.. até que ele comprou... você quer que eu conte a história da compra do terreno... então aí ele ficou sabendo por esse amigo que ia ter um leilão de uma gleba de terra aqui na Colônia... um ponto estratégico e... ele era muito vivo e.. soube que ia ser leiloadado esse terreno.. naquele leilão... então ele juntou todas as economias que ele tinha.. e pra ninguém participar do leilão.. ele foi à estação esperar o jornal que vinha com esse anúncio do leilão.. e.. comprou todos os jornais.. então ninguém ficou sabendo do leilão... então na hora do leilão quem tava lá... só o Luiz Benacchio.. só teve a oferta dele..e ele conseguiu o que ele queria... uma gleba bem grande aqui na Colônia que.. que construiu a casa.. o armazém.. todos os filhos nasceram lá.. eu nasci lá.. e o prédio ainda está lá né.. que.. depois de toda essa parte dos filhos.. pertence ao meu irmão um pedaço do prédio.. e.. então em casa a minha vô.. por exemplo.. quase não sabia português.. porque ela também era filha de imigrante... que ela casou.. era bem mais nova que meu avô.. já era viúvo... ele tinha quarenta e dois anos e ela tinha vinte.. ele tinha sete filhos quando casou com ela e teve mais sete com ela.. e meu pai é dessa segunda leva.. e só se falava italiano.. quer dizer o dialeto vêneto... porque eles vieram de lá.. Treviso.. e minha outra vó era de Padua... quer dizer minha bisavó.. minha vó nasceu aqui.. mas a mãe e o pai dela eram di lá.. e.. a gente só.. a minha vó dificilmente entendia português.. falar português ela foi aprendendo... porque quando ela ficou viúva ela teve que tomar conta de tudo NÉ... dos negócios.. então ela que ia no banco.. que fazia compra.. ela que fazia tudo... então ela já

dominava mais o português.. mas em casa era só o italiano.. esse italiano.. agora as coisas que a gente lembra por exemplo... quando nasceu a segunda filha da minha tia mais nova.. a outra tia que estava com ela no hospital.. ligou e falou assim... fala pra nonna que nasceu uma menina.. aí minha tia que atendeu o telefone falou.. Nena vai falar pra nonna que nasceu uma menina da tia Neném.eu cheguei lá e disse.. nonna è nata una bambina.. uma bambina.. Ah Dio benedete la volia tanto una una bambina.. então ela ficou feliz... porque esses é um dos termos que a gente usava cotidianamente.. se falava o vêneto... ia fazer alguma coisa pra movimentar.. a comunidade.. aí com aquelas ideias.. vamos fazer quermesse.. fazer rifa.. não sei o que.. eu falei se for fazer quermesse.. rifa.. tô fora.. porque isso aí.. já tá muito batido..e o Pauletti que nasceu no Bexiga.. ele teve a feliz ideia de falar turma esse ano é o ano do centenário da imigração... vamo fazer uma festa pra comemorar o centenário tipo da San Genaro.. San Vito.. Casaluce né.. pô aí acendeu o estopim né.. porque tudo mundo NOSSA faz uma festa daquela aqui pá nossa .. que era né.. e aí a coisa pegou.. aí o Pauletti.. escolheu.. a primeira pessoa que ele escolheu fui eu.. pra.. pra fazer.. organizar a comissão.. então organizar o organograma.. a estrutura da festa.. aí eu e a Nena.. o Alfredo e a Nuria.. porque.. aí participaram os casais.. nós tivemos como base.. os cassais tinham feito o encontro de casais com Cristo.. que era uma comunidade que podia conta.. pra trabalha.. né.. porque todos tinham aquela mesma formação.. de apostolado.. di fazer coisa pra.. pro próximo.. pra paróquia.. pra comunidade.. e aí a coisa pegou no breu.. então nos organizamo.. a nena ficou responsável por formar as equipes de casais..

[de trabalho.. (I1)

[de trabalho.. não de casais.. equipe de trabalho.. a Nuria foi atrás de ver o cardápio.. né.. e.. eu e o Alfredo começamo então a organiza a comissão pra arruma a parte financeiro.. a parte publicidade.. parte contato com patrocinador.. né.. então nos montamo a comissão.. acho que tinha na ocasião.. na primeira uns dez casais né.. bem...

[é por aí já deu conta.. (I1)

[aí fizemo a festa e a... repercussão foi tão grande que.. o... vereador ele já entrou com o projeto de lei e o.. prefeito tava saindo o Benassi.. já assinou.. é.. pondo a festa já no

calendário turístico de Jundiaí.. e aquilo então ficou a primeira festa e hoje já
tamo na vigésima nona esse ano aqui.. né.. i.. pegou.. nós começamo lá em
baixo na igreja..

[a pergunta que ele fez.. ele já não contou tudo isso pra você.. a
importância da cidadania.. das pessoas procurarem as famílias... (I1)

[exatamente.. então veja bem .. quando a festa pegou no breu.. nós.. nós
começamo homenagear famílias.. começamo então a.. procurar raízes.. certo..

[que saiu tudo isso aqui né 9mostrando o livro sobre a Festa Italiana di Jundiaí)
(I1)

[é que saiu tudo aquele livro lá.. porque ai tinha até a vigésima festa.. hoje tem
mais nove..

[aqui então muita gente foi atrás de cidadania.. né. porque as famílias que
estavam meio separadas... (I1)

[despertou.. despertou aquele interesse.. (I2)

[pra vim na
festa.. não vamo todo mundo começaram se junta né.. de novo.. porque eram
sempre famílias grandes...

[porque quando a gente homenageava uma família a
gente pedia para eles fazerem um histórico da família.. então o que acontecia..
pô tinha nego que tinha parente Piracicaba.. Limeira..

[que foi embora.. (I1)

até Rio Grande do Sul..né.. e.. então começou aquele negócio.. puxa seu
Toninho.. ele falou.. pô tinha parente que não via a mais de dez.. quinze anos..
e essa oportunidade juntou.. começou despertar então aquela italianidade na
pessoa.. que tava praticamente zero.. né.. e ai ficou.. é.. começou então o
interesse pra aprender o italiano.. o interesse pela cozinha italiana.. né.. o
interesse pros caras descobri a origem deles.. quantas famílias depois
começaram a pesquisa né.. e.. e.. então começou aquilo lá de quere a
nacionalidade italiana.. a nossa saiu em quinze dias.. porque em noventa e
quatro não tinha ninguém praticamente pedindo a nacionalidade.. tinha pouca
gente.. em quinze dias os zoniano do Consolada de São Paulo arrumou pra
nós.. hoje cê leva mais de um ano.. dois anos.. então tudo isso.. uma expressão

também que o Pauletti falou e que é verdade.. antes da festa italiana você contava quantas pizzaria tinha em Jundiaí.. tinha a pizzaria do Castro.. tinha o Vesuvio..

[meia dúzia... (I1)

[é tinha meia dúzia de pizzaria.. a festa italiana mostrou que o jundiaiense adorava.. porque o cardápio principal da festa era o espaguete a pizza.. depois introduziu a fogazza né.. e.. aquilo.. o antipasto de berinjela que aquilo também pegou no breu.. né.. aí.. então hoje Jundiaí você conta aí deve ter amis de mil pizarias.. né.. tudo com aquela evolução que deu a festa italiana.. o Vice Consulado Italiano em Jundiaí era uma figura simbólica.. não existia.. e o Mario Magaglio na época era o nosso Vice Consul ele enxergou a coisa e ele então.. ele deu aquele cunho oficial pra festa.. então toda festa italiana vinha o vice Consul.. era rezada a missa em italiano.. pra abertura.. quer dizer a gente.. a gente falou então que aquele mês..entre maio e junho tinha que ser o mês da Itália em Jundiaí.. e realmente a gente alcançou isso aí.. né.. Buongiorno.. porque o Bom Dia faliu (sobre a edição bilíngue do jornal local)..então você Célio.. tudo isso aí a festa italiana despertou.. ela criou essa né.. exatamente.. e a Colônia.. a Colônia italiana.. eu te dei a letra do hino da festa italiana.. que eu fiz né.. o hino meu.. resumidamente.. ele conta a história né.. como é que eles faziam.. os nossos velhos né.. porque realmente os nossos velhos.. eu peguei isso de criança.. é.. depois do trabalho.. se reuniam nos botecos.. nos armazéns e tal e.. ficavam **ciacolando** como fala o vêneto né.. dopo lavoro.. exatamente.. e.. então é.. e a festa italiana despertou tudo isso aí.. exatamente e o bom disso aí é que foi passando pra geração dos jovens porque eles também participavam na cantina.. eu falava que os jovens eram o chantili do bolo né.. que eles é que se apresentavam e os que vinham na festa viu né.. isso aí despertou e a geração nova.. quer dizer hoje tem jovem daquela época das primeiras festas que já trabalham na cozinha.. no bar lá..

[casaram tem muitos que namoraram casaram..

(I1)

[quantos que se conheceram na festa e casaram..

[são vinte e nove

anos né.. que nem minha filha tinha quinze anos.. quando começou a festa ela era garçonete.. hoje tem filhos de vinte anos... (I1)

[o pai da minha netinha aí também..

[é ele também trabalhava... (I1)

[trabalhava era moço... mocinho né..

[bom vamo

lá..sabe que quando o Toninho começa filho.. tem que segurar ele (risos)..

[então

veja bem olhe aqui esse calendário vêneto.. i giorni dellla settimana.. zoba,,
venere.. segunda.. terça.. não zoba é quinta feira.. venere é sexta.. venerdì né..
sabo.. domenega.. luni.. marti..mercore.. zobo venere sabo domenega.. né.. i
mesi.. zenaro.. febraro.. marzo.. aprile.. porque qualche parole sono uguale all..
magio.. solo che maggio in italiano doppio g.. giugno.. luyo.. la i lunga.. agosto..
setembre.. otobre.. novembre.. dicembre.. né..

[então uma das coisas que a
gente.. hoje não tem mais.. era o dia da vecetta dia de reis.. a gente ganhava
presente nesse dia.. não era no Natal.. então dia de reis era o nosso Natal .. e
eu lembro que uma vez ganhei uma boneca que fiquei anos e anos com ela..
porque ela era linda né.. então.. porque na Itália isso ainda é muito forte né.. dia
de reis.. então isso eu tenho muito forte que dia de reis era dia de festa pra gente
até mais que o Natal né.. porque aí que a gente ganhava os presentes.. isso tudo
né.. e.. então falando em Natal e assim.. de reis aí tinha aquelas comidas todas
típicas que fazia o crustoli.. fazia aquelas latas assim.. porque quando vinham
as criançadas dava né.. e fazia comidas especiais tudo então.. as coisas assim
que a gente não vai esquecer nunca né.. agora de falar o que eu falo pro cê..
porque é meio complicado..

[e allora quando scendea a scuola.. quando scendea
a scuola la mamma portava la l'imbuto non .. o.. con pan formaio.. mortadella..
e se mangnava nel....

[intervalo.. recreio como se fala... (I1)

[nell'ora del recreio... il pan..

magnemo in versi....il canto della fame.. sinto suonar le dodize..

[dodize.. (I1)

[dodici..sinto suonar le dodize.. uno due tre quatro sinque.. sei sete otto nove undeze..

[dodeze.. (I1)

[dodeze.. tredeze.. quatordeze.. quindeze.. sedeze.. non é.. é.. allora.. sinto suonar le dodeze ecco gatrato il tiro ... o.. mezzogiorno al tavalò son qua che te suspiro ... al tavolo.. alla tola.. al tavolo... ora del dì magnifica al pasto destinada al fin (incompreensível) arrivata um uomo a consolar .. questo é un po' clássico non .. ma in tutto questo calendário.. se ti vuoi te lo presto.. non so se ti vuoi portare.. fare un.. perchè ... oroscopo.. amore ma non vardà.. non guarda.. vardà che ella non la te pensa come a un veccio.. non un vecchio.. ma un veccio.. ma come a un signor.. pra eu não te pensar como um velho.. mas como um senhor..

[un segnore... (I1)

[amore.. salute.. se non te sente nessun male in testa c'è perchè la c'è voda.. voda è vuota.. vazia..

[se você não tem nenhuma dor de cabeça é porque ela está vazia.. (I1)

[tá vazia.. você não sente nada porque ela tá vazia né.. lavoro.. ti cascarè dai copi di un campanile visto che saria sta meio non ie te assumesse.. você vai cair de cima de uma torre..

[uma torre.. (I1)

[uma torre.. un campanile .. visto que seria melhor se você não tivesse ido lá..

[meio.. tá vendo non é meglio.. é meio.. (I1)

[então é o que a Nena falou se tivesse outro aqui que fale.. o S. C...

[é precisava você ir falar com ele.. (I1)

[Chinelatto é.. o Vanderlei Amadine nem tanto.. S. C...

[esse Santo é esse aqui (mostrando o livro sobre a Festa Italiana di Jundiaí) .. que vê esse aqui.. nós fomos juntos pra Itália.. faz um ano em setembro já fez.. (I1)

[vai fazer dois anos em setembro...

[nós fomos em Veneza.. porque esse avô dele veio de Veneza.. né.. nós fomos.. lá procurar queria encontrar a família.. e nós encontramos.. eles tem um restaurante lá no centro de Veneza.. que a outra vez que ele foi.. foi lá no restaurante... e essa vez o primo levou a gente lá na terra em Veneza na terra.. e nós achamos a casa.. deles.. a família..

[suposta prima... (I2)

[só que é uma senhora bem idosa.. não tinha mais ninguém em casa.. só ela sabe.. e não retornaram nada ele tá até meio frustrado sabe.. (I1)

[é porque os filhos agora que tocam o restaurante que eles tem lá na piazza central de Veneza em frente ao Duomo.. (I1)

[então esse aqui ele fala até hoje italiano assim o vêneto ele fala mesmo.. sabe e a família dele era vizinha da minha vó.. tinha o sítio assim paralelo .. então eles falaram italiano.. até muito mais que a gente que morava no sítio né.. (I1)

[pra você ter uma ideia... a mãe dele morreu acho que nos anos sessenta.. cinquenta e pouco.. a mãe do Santo.. [mais Toni.. eu conheci ela perfeitamente..

[setenta.. oitenta.. bom é enquanto la mamma era viva parlava solo il veneto.. quando la mamma é morta suo papa ha detto... adesso non parleremo più italiano solo brasiliano.. (I2)

[pra não lembrar dela.. porque ela só falava vêneto.. (I1)

[la mamma non parlava nessuna parola portuguese... (I2)

[da mãe (ao se referir à língua como lembrança da mãe).. exatamente.. eles também são seis o sete irmãos... (I1)

Entrevista com Pd. B.

Esta entrevista, na casa do senhor Pd. B., foi uma tentativa de aproximar alguns descendentes de italianos para promover um eventual diálogo na língua dos italianos e dos descendentes de primeira e segunda gerações. Fizeram parte do grupo entrevistado: A.M., M. B. M., S. C., Pd. B., filho e nora, Tia Nenê. Porém, houve o predomínio das falas do senhor Pd. B. (I1), A.M. (I2) e S. C. (I3).

Basta de porqtuguese.. solo dialeto adesso.. (I2)

[talian... (I1)

[talian (I3)

[io non sono muito

taliano.. um tempo eu só conversava taliano.. fui na escola pra aprender brasileiro..e veio Suíço.. Otto.. Varte e Francisco.. o mais veio e a Isabel.. um dia se sentava a Isabel comigo e outro dia o Francisco.. depois o Otto.. o mais veio non.. tri.. tri.. (I1)

[solo trè.. Varte era o putaneto più novo non.. più giovane.. (I2)

[più giovane...

(I3)

[più giovane.. (I1)

[Varte.. Chico era più vecio né.. allora dopo vecio non bisogna più petinar i capei non..(I2)

[tira su.. tira su...i cavi con le man... (I2)

[i cavin com le man non havia

petene non...non tinha petene non.. (I1)

[solo le mani.. (I2)

[petene é com a mão.. passava uma aguinha.. e tchau... e via (I1)

[petenar e capei con le mani... (I2)

[pietro come si ciamava quando che g`aveva i piogi in testa e passava una più fina non.. (I3)

era piogi.. (I1)

[petene fini.. (I2)

[quando aveva i
piogi.. (I3)

A turmo ciapava i piogi e.. passava remédio e... cabava.. finia tudo.. (I1)

Querosene... (I4)

Querosene.. (I2)

Sì ma c'èra una petenella che ciamava... la petenella... (I3)

La petenella...

(I1)

Così.. piccola... (I3)

La petenella passava assim tirava e.. (gestos com as mãos como
matando os piolhos).. (I1)

Tutti pisseti... (I3)

(incompreensível) (I1)..

Tutti pinoci.. tutti pinoci che se
chiamava mia nonna diceva pinoci né... (I2)

Pinoci (I1)

Pinoci con pulini sai cos'è pinoci con
pulini... dos grangos os piolinhas que tinha no galinheiro... (I2)

Piogi dei puldini... que
falava..

02:34

Entreviata concedida pela professora M. E. S..

Este depoimento foi concedido no “Centro Municipal de Línguas Antonio Houaiss”, de Jundiaí.

então Célio meus avós tive pouco contato com a língua italiana porque meu avô paterno que era filho de italiano morreu eu tinha seis anos minha vó morreu pouco depois... aí o outro avô não era de origem italiana... era de origem alemã a outra avó até era de origem italiana... mas... sabia pouca coisa.. assim.. chegou.. a conta algumas coisinhas que a mãe dela que era italiana falava.. mas assim era pouca coisa.. eu também não me interessava na época pelo italiano.. daí uma tia minha.. que é irmã de meu pai.. era professora de italiano e hoje ainda.. ela foi morar na Itália.. trabalhou como babysiter.. tudo.. quando ela voltou começou a dar aula de italiano... e eu.. nessa época tinha uns quinze.. aí ela tava pra uma mocinha que os pais tavam meio que obrigando ela estudá.. e a menina ia meio sem vontade.. né.. aí minha teve a ideia.. ela falou assim.. vou chamar a maria Eugênia.. porque a maria Eugênia é animada.. vai gosta né di.. di.. está junto com a menina.. quem sabe anima essa mocinha.. aí minha tia me chamou.. na época eu não queria muito não... eu queria inglês.. mas o meu pai foi sábio.. meu pai falou assim.... ó.. você que aprender o inglês eu deixo.. mas você vai aprender o italiano... vai á faz o italiano que eu te pago o inglês.. aí eu fui pras duas coisas.. comecei a fazer o italiano e meu pai pagava o inglês.. mas eu gostei do italiano.. o inglês não foi pra frente.. aí eu parei de fazer o inglês e continuei com o italiano.. a mocinha que fazia aula com a gente largou.. acho que ela não tinha mesmo a vontade do italiano.. e eu fiquei desesperada.. falei nossa a minha tia não vai dar aula pra mim.. mas.. aí minha tia me colocou em outro grupo.. até um grupo mais avançado.. precisei estudar.. e foi.. daí sim.. dos quinze aos dezessete quase dezoito.. estudei com a minha tia.. aí quando eu tava para fazer o vestibular.. fiquei pensando o que eu queria fazer.. queria fazer jornalismo.. daí o meu ex-marido.. que na época era namorado.. falou assim.. NÃO mas você já fala italiano.. porque eu já me saía bem.. não falava super bem . mas falava.. sabe quando você aprende novo NÉ.. é diferente.. né.. eu tava assim né.. entendia tudo né.. já tinha ido uma vez para a Itália.. meu pai acabou

me pagando para ir na peregrinação da igreja.. ele falou assim.. não vai você tá falando italiano... vai.. aí lá na Itália todo mundo me colocou lá pra cima.. aí come ***parli bene l'italiano***... os italianos quando ouvem alguém falar um pouquinho eles colocam pra cima né... porque.. é.. eu acho que nem falava bem.. mas me animou e eu voltei mais animada ainda pra estuda... foi aí que eu entrei na USP.. daí eu fiz a USP.. aí eu até parei de fazer aula com a minha tia.. aí eu fiquei só com as aulas da USP.. mas também Célio.. rapidinho.. já comecei a trabalhar.. porque como eu já falava quando eu entrei.. já sabia.. isso me deu um deslanche assim.. fui muito bem na faculdade né.. enquanto o pessoal entra cru sem saber nada eu já sabia.. não é porque a família é italiana.. mas porque eu tinha estudado mesmo três anos.. antes de entrar.. daí o *Circolo Italiano* ligou pra mim.. assim o emprego bateu na minha porta.. ele ligou e falou olha.. tem uma professora que vai casar e nós precisamos de uma substituta.. cê não quer dar uma aulinhas.. fiquei sabendo que você está tendo aula na USP.. porque aqui em Jundiaí as notícias correm né.. daí eu falei ah não sei.. se eu quero ser professora..

Entrevistas realizadas por Elisabeth Filippini

Entrevista realizada no ano de 1987. Nessas entrevistas empregamos os termos informante 1 (I1) para a entrevistadora e informante 2 (I2) para o entrevistado. O depoimento seguinte conta com a colaboração da Senhora N.C. em 1987. Na data do depoimento estava com 88 anos. Ela nasceu no bairro Colônia. Tinha instrução básica e era doméstica, também cuidava das criações, plantações de uva e verduras. Os pais da senhora Narcisa eram de nacionalidade italiana: o pai de Treviso e a mãe de Modena.

É importante salientar que as variedades da língua italiana ou as línguas italianas minoritárias são expontâneas, isto é, a ênfase dessas entrevistas era o contexto histórico não a língua. Portanto, o emprego de termos e expressões nas línguas minoritárias italianas, desses entrevistados, refletem o contexto linguístico nas décadas de 80 e 90.

I1 viu dona Narcisa CONTA mais da época que a senhora vendia verdu::ra como é que era::: o relacionamento que a senhora fez:: com as pesso::as... sabe ... algum episódio interessante encima disso a:: senhora lemBRA... Alguma coisa assim::

I2 [quando
eu vendia verDURA...

I1 [é::

I2 (às vezes::)

I1 [(incompreensível)

I2 eu (a)lembro tanta coisa... ma não posso falar porque lembrar nome das freguesas... tinha uma que TINHA a pensão que chamava Ada...

I1 hum:::

I2 eu vendia bastante verdura... tinha bastante
ma::: (daí falar) ... todos os nomes é demais (risos)

I1 [ah não... NÃO é isso que eu quero que a
senhora fa:le

[

I2 tem Alice Croaro... um monte... MA tinha tanto...tinha dona Mulata
de (incompreensível)... tinha Maria Martini... tinha bastante né bastante a Maria
Belini... tinha bastante freguesa MAMM::A MIA do céu.. tinha Inês
(incompreensível) que morreu outro dia

I1 a senhora vendia também aqui na Ponte né

I2 na Ponte vendia bastante porque vinha descia de lá... de medo de ficar
sem verdura vinha esperar na Ponte

I1 a senhora conhecia a família (Fercondini)

I2 de QUEM...

I1 FerconDINI... Da Ponte... a senhora deve conhecer... não é possível a:::
bom fiquei de trazer até minha mãe um dia mas como ela está muito bem... meu
pai também está ruim... agora já está melhor (incompreensível) e a mãe da:: da
Eliete que é minha prima né a::: a::: ela cham::a Elvira...ela casou com Martini
né

[

I2 MarTINI

I1 Martini... mas e:::la.. ela é da família Filippini e Fecondini

I2 MARTINI morava na rua Marachal né .. ele era marceneiro né

I1 eu não sei porque são muitos martins (incompreensível) não sei se ele é desse ramo não viu... não sei acho que não é... mas viu dona Narcisa a senhora/então a senhora vendia mais... que tipo de verdura a senhora venDIA

I2 ah de tudo

I1 o QUE.. QUAIS...

I2 de tudo **almerão**.. couve.. salsinha de tudo... espinafre acelga.. pimentão.. de tudo... tudo que dava

I1 a senhora não ajudava planTAR ...

I2 ajudava... a regar.. a regar sempre eu... sempre eu que regava

I1 e como era que a senhora dividia a:: as funções da senhora... trabalho da senhora/ de manhã que horas que a senhora saía para venDER....

I2 verDURA

I1 verdura

I2 às seis horas sempre que está aí na descida... por aí.. às seis horas **NOI** sem::pre (levantemo) levantamos às quatro da manhã... sempre.. sempre... sempre

I1 a senhora ia com o caBRIOLÉ

I2 ia com o cabriolé

[

I1 inicialmente... depois a senhora comprou uma carrocinha também.. não FOI... a NÃO carrocinha é com cavalo cabriolé puxando...

l2 é com cavalo

11 primeiro a senhora ia com uma carriola a mão não ERA...

I2 para vender verdura? não.. nunca fui... nunca fui.... PRIMEIRO no comicinho ia com uma cestinha... mas era pouca coisa né

11 ah sei... depois a senhora já comprou o cabriolé enTÃO. ...

[

l2 depois mandaram fazer

I1 já foi de charrete.. quer dizer... e:: a senhora então seis horas já estava lá:::

12 tinha que estar lá no Retiro porque senão ficava tardené...porquena
aquele tempo (o apito) apitava às dez e meia e tudo tinha pressa para fazer o
almoço né.... queria verdura cedo

[

I1 hum:::

I2 agora não.. agora é outra coisa... agora é diferente

l1 é diferente... então era bem cedinho... e a que horas a senhora chegava em CASA..

12 sempre onze e meia... mais ou menos sempre onze e meia.... quinze para o meio dia sempre

l1 a senhora ia toda maNHÃ...

12 não... ia três vezes por semana... terça.. quinta e sábado

terça.. quinta e sábado... eram os melhores DIAS..

I2 é três vezes por semana

I1 e::: a tarde o que/ que a senhora faZIA como a senhora dividia o tempo da senhora..

I2 é:: depois tinha que fazer o serviço de casa (incompreensível)... limpar.. depois ir na horta

I1 na horta cuidar da HORTA...

I2 regar.. ou replantar

I1 replantar?

I2 plantar (incompreensível) sempre na horta e tratar (da) vaca né

I1 ah tratava da vaca também

I2 tratar (da) vaca... porque a vaca tinha hora certa que nem **noi...** quando era cinco horas da tarde era para tratar das vacas

I1 a senhora deveria dar água.. capim

I1 água.. farelo... tudo.. capim tudo

I1 milho a senhora dava também?

I2 não

I1 milho não

I2 farelo

I1 farelo..... e:: o milho normalmente dá mais para porco né... milho é mais para porco que dá e galinha

[

I2 para porco

[

I1 porco e galinha...

I2 para porco noi dava milho.... fazia polenta

I1 hum:::

[

I2 e cozinava mandioca também

I1 e o porco a senhora tinha só

[

I2 para o gasto

I1 para o gasto... não era para vender... criar... fazer linguiça (incompreensível)

[

I2 não só para o gasto

I1 só para o gasto/ então tinha... assim eram poucos porcos

I2 é segurava dois.... dois porcos.. quando matava aqueles dois engordava outros dois né.. porque demora engordar

I1 comprava .. a senhora comprava

I2 comprava leitãozinho

I1 leitãozinho.... a senhora comprava aqui da Ponte MESMO...

I2 não.. não
 I1 da Ponte não da::
 I2 ele ia sempre na lá na fazenda Malota.... não sei onde que fica
 I1 ah:: na fazenda Malota
 I2 não sei onde que fica
 I1 ela fica do outro lado da:: da Anhanguera
 I2 é:: não sei onde que fica... ele ia sempre para lá ...
 ele gostava
 I1 quem que ia o marido da senhora
 I2 meu marido
 I1 e::: então durante/ e o marido da senhora trabalhava o dia inteiro na horta
 (como é que ele fazia)
 I2 **MAM:::MA** mia ele trabalhava... quanto que trabalhou aquele homem
 I1 e ele trabalhava na horta também e que MAIS ...
 I2 nas frutas .. na uva... na horta.. por tudo tudo que tinha
 [
 I1 nas frutas.... na uva..
 I1 porque ele também vendia para São Paulo frutas e::: a:: tomate.. uva... e
 uva basicamente
 I2 uva..uva
 I1 que mais que vendia para São PAULO ...
 I2 só
 I1 tomate e uva
 I2 é só
 I1 e::: que que ia falar para a senhora.... então durante o dia inteiro a
 senhora trabalhava né.. a que horas a senhora encerrava as atividades da
 senhora em geral.. a que horas que a senhora encerrava... terminava né
 [
 I2 da noite...
 I1 as tarefas da senhora
 I2 ah sempre lá para as nove horas da noite
 Doc nove horas...
 I2 sempre
 I1 porque.. ainda...

I2 A hora que arrumava a cozinha e tudo era sempre... era sempre nove horas

I1 porque ainda tinha:: o jantar para preparar

I2 é::: a polenta... a gente fazia a polenta tinha que aprontar a janta.... sabe como é

tinha que fritar alguma coisa sabe como é.... agora é diferente... agora faz o arroz e o

feijão a mais... guarda e depois esquentava né...

I1 a geladeira

I2 ma noi non... noi... *sempre...*

[

I1 tudo feito na hora

I2 é sempre a polenta e:: janta

[

I1 mas não dava para guardar assim (incompreensível)
do almoço...

I2 não porque... não porque noi não... a gente aqui nunca gostou de arroz e feijão... tinha sempre que fazer sopa de carne noi né... só que aquele tempo... tinha carne barato.... sempre sopa de carne... então na janta tinha que fazer polenta... tinha que fritar... picadinho de carne... (incompreensível) picadinho de carne... sabe como é carne úmida com polenta é gostoso salada... essas coisas assim

I1 aqui... quando a senhora se casou é::: aqui na família do seu Ceccato do senhor Leonel Ceccato a senhora costumava falar em italiano também...

I2 Sim tudo italiano tudo italiano

[

I1 só italiano

I2 sim tudo italiano...

I1 a comunicação era por meio do italiano

I2 tudo italiano

I2 meu sogro não queria nem ver feijão...

I1 porque ele não gostAVA

I2 mas não sei porque era taliano não gostava ... não queria nem ver

I1 o sogro da senhora ele era ligado também:: à agricultura

I2 sim
 I1 ele plantava tamBÉM
 I2 ho:: ele era... **mamma mia...** cada couve-flor.... plantava ... vem da família né
 I1 vem da família já né... e:: aqui também a senhora fazia aqueles/ tinha abóbora tamBÉM...
 I2 abóbora, mas não muito pouca
 I1 pouca né... mas para fazer o nhoque dava.. não DAVA..
 I2 dava... dava
 I1 nhoque.. tortelli.. raviolli
 I2 mas essa comida de nhoque era mais MINHA mãe... a Celeste
 I1 a Celeste
 I2 essa mesmo
 I1 mas a senhora não trouxe esse costume para cá
 I2 eu trouxe mas minha sogra não gostava
 I1 ah:: ela não gostava
 I2 não... nem nhoque de batatinha ela não gostava... (comia) muito macarrão feito em casa né
 I1 é macarrão feito em casa acho bárbaro.. ah que delícia
 I2 eu fiz (fez) até o ano passado
 I1 jura
 I2 (sempre fiz) macarrão até o ano passado... o ano passado fiquei doente.... me deu pneumonia... fui parar no hospital Sacramento.. fiquei lá sete dias
 I1 hum::::
 I2 eu vim em casa.. eu falei agora não vou mais fazer macarrão... ainda tem as coisas lá em cima que guardo ... que eu guardava macarrão... tem ainda... a (**mescola**) que eu abria tudo ali... mas não fiz mais... não fiz mais... agora minha nora aquela.. aquela Maria (incompreensível) ela faz macarrão... mas faz um macarrão gostoso.. precisa ver
 I1 é:: a Maria (Tega) é::
 [
 I2 ela mora ali
 [
 I1 que é casada com

[

I2 casada pela segunda vez

I1 segunda vez que é o pai da...

[

I2 do Zinho

I1 do Zinho né.. e ela faz macarrão BEM..

I2 hum::: ela me traz de vez em quando mas não faço questão... eu gosto mais daquele macarrãozinho fino..... que vem feito... é mais leviano né

I1 ah:: certo

I2 porque o::vo depois que operei nunca mais comi ovo

I1 nunca MAIS o::lha e a senhora não pode comer ovo né

I2 é indigesto né

I1 é indigesto

I2 começo a arrotar... arrotar... arrotar.. parece que não para

I1 é então tem que manear mesmo

I2 então não comi mais é.... manteiga também não... manteiga também aquela também não ...e fritura também pouca né... fritura também

I1 viu dona Narcisa quando a senhora/ voltando ao assunto/ quando a senhora costumava/ durante tanto tempo trinta e nove anos né... que a senhora vendeu verdura é::: a senhora disse que a senhora saia seis horas da manhã.. tinha que sair bem cedinho para poder vender né ...que... em geral as donas de casa precisavam da verdura cedo

I2 é que todo as dez e meia tem que fazer o almoço porque a paulista apitava dez e meia

I1 então as verduras tinham que estar prontas já não

I2 então o almoço tinha que estar na mesa porque quando eles chegavam queriam o almoço na mesa já

Doc é então... então não tinha jeito.. a senhora tinha que vender.. e::: me diz uma coisa né... era costume aqui na colônia monte de senhoras venderem verduras né

I2 tinha bastante

I1 quem que vendia que a senhora lembra assim.. que a senhora ia com outras pessoas assim próximas mais ou menos assim

I2 tinha bastante... tinha bastante

Doc como é que era ISSO...

I2 viu o NOME..

I1 não assim... como que era esse relacionamento... que OLHA a senhora saindo aqui seis horas da manhã encontrava muita gente na rua

I2 tinha vez de manhã que a gente encontrava sete
era eu era ela era Amélia.

Fragmento da entrevista de I. C., em 1987, morador do bairro do Traviú, concedida à pesquisadora e historiadora Elisabeth Filippini.

[...] Áustria e se vamos entrar mesmo na história um pouca mais antiga.. podemos verificar que o Trento durante oitocentos anos.. foi considerada uma província autônima com.... regendo lá... o administrador... governando essa parte por um príncipe chamado.. Bispo.. príncipe... daí.. a predominância... senão a totalidade do italiano.. então.. o dialeto... formou-se o dialeto vênето que se estendeu dali... do litoral da Adriático.. às margens do Adriático... se estendeu mais para o norte.. até a divisa da Áustria... a predominância do italiano.. mas o dialeto conservado... pel::o.. conservado os dois dialetos do vênето e do trentino.... conservados e que vêm até hoje... mesmo aqui... nota-se uma pequena diferença nos dois grupos... entre o vênето e o trentino.. que alguns dizem tirolês.. dialeto tirolês.. e.. de fato tem uma ou outra palavra do Tirol... pouquinho diferença do dialeto vênето... mesmo aqui no bairro nota-se ainda essa pequena diferença dos dois dialetos.. por exemplo... no vênето o // nas palavras quase que desaparece... como desaparece as letras geminadas.. a não ser o /s/ e os dois /z/... ao passo que isso é mais conservado no trentino.. daí.. então.. essa diferença... hoje nós temos até obras que são escritas nesses dialetos... no dialeto trentino e no dialeto vênето... e esse vênето com grande predominância... e da província de Treviso... é onde é mais acentuado esse dialeto..

Os fragmentos seguintes foram delimitados à pergunta referente a língua, ou seja, foram questionados sobre as dificuldades imposta pela falta de domínio do português brasileiro.

Fragmento da entrevista do Senhor I. M., filho de pai brasileiro e mãe italiana, em 1991. Na data da entrevista estava com 74 anos.

Sim.. pra assi não teve nenhum problema... quando vinha para aqui todos ficavam na Colônia... falam até que era Colônia italiana... eu mesmo só aprendi a falar português com nove anos... quando saí dali... porque ali só falava italiano.... até hoje eu falo melhor italiano do que português.... lá não se falava outra língua... só italiano.

Fragmento da entrevista da Senhora A. M., filha de pais italianos, em 1991. Na data da entrevista não foi informada a idade.

sim.. principalmente com relação ao trabalho... o meu avô ia todos os dias nas fábricas pedir emprego... e o patrão sempre dizia.. volte amanhã... era uma das poucas coisas que ele sabia... foi muito difícil... mas ele superou isso.

Fragmento da entrevista do Senhor A.B., filho de pais italianos, em 1991. Na data da entrevista não foi informada a idade.

Houve dificuldade sim.. no entanto.. que seu país que.... trabalhavam fora.. aprenderam mais ou menos a língua portuguesa.. no passar do tempo.. mas.. sua mãe que não saía de casa... só sabia falar a língua italiana.[...] o cotidiano

era muito bom.. havia ajuda.. solidariedade.. amizade.. sim.. pois.. a língua não atrapalhava.. porque os poucos moradores do bairro em quase todos italianos.

ANEXOS

ANEXO A: Cartaz de divulgação

08 Novembro às 20:00 hs.	<h1 style="margin: 0;">EM COMEMORAÇÃO DO</h1> <h1 style="margin: 0;">CENTENÁRIO DO BAIRRO TRAVIÚ</h1> <h2 style="margin: 10px 0 0 0;">APRESENTAMOS</h2> <h3 style="margin: 0 0 0 40px;">1.^a PARTE</h3> <ul style="list-style-type: none"> - Coral Infanto-Juvenil do Traviú acompanhado por Rosa S. Pompermayer - Apresentação da dupla - Murilo e Rodolfo Carbonari. - Piadas com: José Jacob Carbonari (Zeco) Orlando Steck Filho (Lemão) Jurandir Thomazetto (Bile) Fernando Tadeu Carbonari <h3 style="margin: 10px 0 0 40px;">2.^a PARTE</h3> <p style="text-align: center;">Representação da Peça de Hilário Caniato OS VINHATEIROS (Ciclo das Videiras)</p>	Local: GRÊMIO TRAVIÚ
-----------------------------------	--	----------------------------

CHECCO, italiano do norte (nôno) _____ GIGGIA, sua mulher (nôna) _____ BÉPPI, filho de Checco, vinhateiro _____ PINA, mulher de Béppi _____ JOANIM _____ PEDRINHO { filhos de Béppi _____ ANITA _____ BENEDITO, caboclo (vizinho) _____ DITINHA, filha de Benedito _____ Dr. PEREIRA, agrônomo _____ PASCOALE, negociante _____ Representante do Estado _____ Representante da Prefeitura _____	Milton Steck _____ Rosa T. Steck _____ Nelson Steck _____ Magi J. Marcelino _____ Moacir Thomazetto (Dede) _____ Fábio Thomazetto (Kiki) _____ Maria S. Giassetti _____ Nilo Carbonari _____ June Joana T. Secco _____ Afonso da Silva _____ Ney Thomazetto _____ Ary Tomasetto _____ Hilário Caniato _____
---	---

No Ponto - Norma Rizzetto
 Na Contra-Regra - Ary Tomasetto - Dinah Thomazetto
 Na Sonoplastia - Ney Tomasetto
 Maquilagem - Iselda Lorenção

ANEXO B: Relatório da população do Núcleo Colonial Barão de Jundiá

NÚCLEO COLONIAL BARÃO DE JUNDIAÍ

" Mapa estatístico da população com discriminação das idades, sexos, estado, religião, instrução e profissão. "

1.892

OBSERVAÇÃO	POPULAÇÃO										TOTAL	PROFISSÃO												NACIONALIDADE			
	IDADE				SEXO	ESTADO			RELIGIÃO			INSTRUÇÃO	AGRICULTORES	INDÚSTRIAS	ALFAIATES	SAPATEIROS	CARPINTEIROS	FERREIROS	MARCELEIROS	CABOCEIROS	TANÇEIROS	TIVOLEIROS	PEÇEIRAS		NEGOCIANTES	PATEIROS	MÚSICOS
	ATE 10 ANOS	DE 11 A 30 ANOS	DE 31 A 50 ANOS	MAIORES DE 50 ANOS		CASADOS	SOLTEIROS	VIÚVOS	CATÓLICOS	ACATÓLICOS																	
					HOVENS							MULHERES															
	105				50	55		105																			Brasileiros
	125	273	181	72	345	306	316	299	36	651	264	267	651	627	2	3	7	2					3	5	1	1	Italianos
	2	5	5		3	9	6	6		12	1	11	12	12													Portugueses
																											Franceses
																											Alemães
																											Espanhóis
TOTAL	232	278	186	72	398	370	322	410	36	768	265	503	768	627	2	3	7	2					3	5	1	1	

Fonte: Relatório do Inspetor de Terras, Colonização e Imigração, dirigido ao Dr. Alfredo Maia, Secretário da Agricultura, de 16/10/1892.

ANEXO C: Modelo do termo de cessão

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS

CEDENTE

Nome	_____	Nascimento	_____
Nacionalidade	_____	Estado Civil	_____
Endereço	_____		
CEP	_____	Cidade - UF	_____
Telefone	_____	Celular	_____
Fax	_____	E-mail	_____
RG	_____	CPF/MF	_____

CESSIONÁRIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

Por este instrumento particular e na melhor forma de direito, as partes acima discriminadas como CEDENTE e CESSIONÁRIA firmam entre si o que segue:

1. O CEDENTE **cede**, exclusivamente e sem ônus à CESSIONÁRIA, todos os direitos patrimoniais de uso, divulgação e reprodução dos documentos audiovisuais e / ou fotográficos gerados em depoimento concedido pelo CEDENTE à CESSIONÁRIA em ____/____/____, fazendo parte integrante deste instrumento:
 - 1.1. ☐ Fita(s) de áudio e / ou vídeo digital com a gravação do depoimento;
 - 1.2. ☐ CD(s) com a gravação do depoimento;
 - 1.3. ☐ Transcrição do depoimento gravado no(s) CD(s) e fita(s) acima mencionada(s);
 - 1.4. ☐ Edição do depoimento transcrito;
 - 1.5. ☐ Fotografia(s) referente(s) à imagem captada do CEDENTE;
 - 1.6. ☐ Fotografia(s) referente(s) a imagens de documentos pertencentes ao CEDENTE.
2. A presente cessão de direitos atende exclusivamente às seguintes finalidades:
 - 2.1. Preservação do depoimento e dos documentos fotográficos do CEDENTE como fonte de pesquisa histórica;
 - 2.2. Edição do depoimento, aqui entendida como a etapa de preparação do documento para apresentação pública na forma escrita;
 - 2.3. Pesquisa histórica, aqui definida como a disponibilização do depoimento e dos documentos fotográficos a técnicos e pesquisadores da CESSIONÁRIA e a pesquisadores em geral que consultem o Serviço de Apoio à Pesquisa da CESSIONÁRIA.
 - 2.4. Reprodução integral ou parcial do depoimento e dos documentos fotográficos, sem descaracterização de seu sentido original;
 - 2.5. Publicação total ou parcial do depoimento e dos documentos fotográficos, sem descaracterização de seu sentido original;
 - 2.6. Divulgação pública total ou parcial do depoimento e dos documentos fotográficos, por meios impressos de mídia (jornal, revistas, livros, periódicos e outros), rádio ou televisão, exposições em geral e internet, englobando todos os meios de comunicação existentes.
3. Fica eleito o Foro Central da Cidade de Jundiaí, Estado de São Paulo, como único competente para dirimir dúvidas ou questões pertinentes a presente cessão.
4. E, por estarem assim justos e contratados, firmam este instrumento em 2 (duas) vias de igual teor e para o mesmo efeito, na presente das testemunhas abaixo assinadas.

Jundiaí, ____ de _____ de ____ .

Cedente:

CESSIONÁRIA: Univesidade de São Paulo - USP
Testemunhas:

Nome:
RG:

Nome:
RG:

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, o(a) senhor(a) _____ RG: _____, residente à rua _____, **cede** e transfere gratuitamente, em caráter universal e definitivo **Universidade de São Paulo-USP** a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no(s) dia(s) 21/ 10/ 2015, perante o(a) pesquisador(a) Célio aparecido Garcia [ENTREVISTADOR].

Fica, portanto, a Universidade de São Paulo – USP, plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Jundiaí, ____, _____ de 2016 .

Cedente:

ANEXO D: Texto "Os vinhateiros: tragédia em quatro atos"

" O S V I N H A T E I R O S "

TRAGICOMÉDIA EM 4 ATOS

HILÁRIO CANIATO

PERSONAGENS:

CHECCO - italiano do norte. (Nôno)
GIGGIA - sua mulher. (Nóna)
BÉPPI - filho de Checco, vinhateiro.
PINA - mulher de Béppi.
JOANIM |
PEDRINHO | Filhos de Béppi.
ANITA |
BENEDITO - cagôclo. (visinho).
DITINHA - filha de Benedito.
Dr. PEREIRA - agrônomo.
PASCOALE - negociante
Dona MARGARIDA - profissora.
ZELÃO DA SANFONA | MÚSICOS
NHÔ FINO |
REPRESENTANTE DO ESTADO
REPRESENTANTE DA PREFEITURA

nile

1º ATO

CENA I

Checco e Giggia

CHECCO- (sentado, soletrando uma carta)... e cosi, finisco questa mia lettera, inviandovi tanti salutti a tutti voi altri e aspéto una breve risposta per il vostro molto amico Giovanni Mástélla. Via Magnagatti, - cinquanta séi, Trénto. (Pensativo e triste) É... quanti ricórdi... Pie rin... Toni Fregavin... Giggio Patata... e...

GIGGIA- (sentada, fazendo meias) "Ma si, tutto passa; la nostalgia, - la passerá anche quella".

CHECCO- "Quei béi tempi... i amici... le campagnate... e..."

GIGGIA- "Si, si, le sbórnio. Quelle maledette sbórnio."

CHECCO- "É... é vero, (para o público, faz gesto de quem bebe) anche que lle. (Apanha a caixa de tabaco, cheira, e vai até a porta a ver - se chega alguém. E Spirra e em seguida assôa o nariz, estrepitosamente)

GIGGIA- "Dominus téco"

CHECCO- "E co spiritu tuo"

CENA II

Os mesmos, Béppi e Joanim

JOANIM- (cantarolando uma ária montanhesa, entra com seu pai) Poi é, pai, precisamos aumentar a plantação de videiras. Vamos aumentar a - nossa produção de uva de mesa. As videiras estão dando muito bem. Vamos roçar todas as encostas da rossa propriedade e... vamos (olhando, maliciosamente para o Nôno, fala bem alto) cortar e enxertar AQUELAS VIDEIRAS DE IZÁBEL QUE SO PRESTAM P'RA FAZER VINHO "SURRAPA".

CHECCO- "Haaa nó, nó, e nó. (Ofendido) Questa nó!"

JOANIM- Amanhã, vamos cortar tudo (zombeteiro) e o Nôno vai ficar sém o seu vinho. (Mostra uma tesoura de podar) E ólha aqui p'ra isto.

CHECCO- (Mostrando os punhos cerrados e investindo para Joanim) "Te - spaco la tésta farabuto".

JOANIM- Opa! (Dá um "drible", sai, correndo, passa pela Nóna e ponha-le a mão na cabeça) Ólá, Noninha! (Sai pela direita)

GIGGIA- "Va berechin, va via"

2

BÉPPI- (nesse interim, esteve afiando uma ferramenta de enxertia) - Sempre com as brinca deiras! (Gritando para a direita) Vamos, precisamos arrumar a ferramenta para amanhã cedo. Ó Joanim, chama também, o Pedrinho, esse teu irmão que não faz outra coisa senão estudar. Vamos, vamos, senão nada fica para estudar amanhã.

CENA III

Os mesmos e mais Pedrinho.

JOANIM- (trazendo o irmão pelo braço) Pois é, meu velho, dagóra em - diante você também vai "dar duro". Vai deixar os livros e irá nos - ajudar nos vinhedos.

BÉPPI- Sim, sim já estamos em julho e precisamos aproveitar a chuva' do outro dia. Não podemos perder tempo; temos que plantar, e também enxertar as videiras. Estão elas muito bonitas e prometem, já, alguma produção para o proximo ano.

PEDRINHO- Sim, pai, é claro. Eu irei ajudar e farei o que me for possível, entretanto, pégo que também me deixem estudar, pois já estou' no fim do curso e não seria conveniente atrazar-me. Tenho muito que, estudar. (Vai depositar o livro em cima da mesa, continuando a ler, - marca a página e põe-se a pensar) Ferdinand de Lesséps... Gross Colman... Gréc Rouge... Sabal... Sabalkatiskoi, Frankental e...

JOANIM- Deixa isso p'ra lá. Arrume a tua ferramenta para amanhã cedo.

BÉPPI- É, agora, deixa tudo isso e arruma tudo para sairmos amanhã - bem cedinho. E aproveitaremos bem o dia e você terá algum tempo para estudar, à tardeseinha.

PEDRINHO- Eu tenho certeza de que, se estudar, nós poderemos, futura - mente trabalhar menos e ganhar mais.

JOANIM- Eu não acredito nisso, pois tenho a certeza, também, que os lucros são sempre relativos ao trabalho feito; quanto mais trabalho maior o lucro.

BÉPPI- Sim, sempre foi assim mesmo, e os tempos não mudaram; sem - grandes trabalhos não se obtem grandes lucros. E, em se tratando de videiras, nada temos de novo. A historia está cheia de referências à uva e ao vinho; aquéla do Noé da bíblia, por exemplo.

JOANIM- Han! Não é da bíblia?

BÉPPI- Como não é da bíblia?

JOANIM- O senhor é quem disse.

BÉPPI- Disse o que?

JOANIM- Que não é da bíblia.

PEDRINHO- Óra, Joanim, deixa de ser engraçadinho, Noé é o nome de um personagem da bíblia.

JOANIM- E o que tinha ele? Tinha videiras? Acaso existiam videiras - naquele tempo?

PEDRINHO- Sem dúvida, e nas narrações bíblicas encontramos algumas - dezenas de citações à videira e ao vinho, quanto ao patriarca Noé, - sabe-se que éra descendente de viticultores, por isso plantou videi - ras e fabricou vinho.

CHECCO- (que esteve ouvindo atentamente, adianta-se com um copo na mão)E viva Noé, salvato nel'arca! (Volta a sentar-se)

PEDRINHO- Sim, o texto bíblico relata o fato em que o patriarca abu - sou do vinho, de tal maneira, que adormeceu inteiramente embriagado, sofrendo por isso o motêjo do seu filho Cão, do que rezultou a maldi - ção desse filho e a bênção das futuras famílias de Sem e Japhet, os quais conservaram o mesmo respeito e consideração pelo pai embriaga - do, recompondo-o de suas vestes.

CHECCO- "La prima "ciucca"!"

PEDRINHO- De sôrte que, a videira é conhecida desde os primórdios da civilização. O que tem faltado é o estudo acurada do seu comportamen - to, no tempo e no espaço, por pessoas capacitadas, aptas a pesquisas científicas. Hoje, entretanto, temos os mais complêtos laboratórios'

dotados de todos os equipamentos, onde funcionam agrônomos formados - por escolas especializadas e é por isso que eu insisto em estudar e espero, dentro de mais algum tempo, ser um agrônomo.

JOANIM- Aí sim, voamos ganhar dinheiro sem trabalhar. (Zombeteiro) - Quando meu irmão for agrônomo vamos ver assim (põe as duas mãos no peito, com os polegares nas axilas e ocila os dedos)

PEDRINHO- Não se trata disso, talvez se trabalhe mais, mas com mais - acerto e disposição. E digo masi, com maiores lucros e menos decepções: a questão do sulfato por exemplo...

CHECCO- "Piú verderame e meno parole"

BÉPPI- Então você acha que não devemos pulverizar com o sulfato? E - que tudo o que nós estamos fazendo está errado?

PEDRINHO- Eu não disse isso, o que eu quero dizer, é que ainda nos - falta muito conhecimento. estamos trabalhando como a cabeça n'um saco, Ha muito que aprender na literatura moderna referente ao cultivo da - vinha. Posso dizer, já com algum conhecimento, que sob muitos aspectos, nós estamos ainda no abc da viticultura. Em se falando de variedades então, nada conhecemos. Existem uma grande quantidade de porta-enxertos que são inteiramente desconhecidos por aqui: Híbridos de Berlandieri e Ripária, Cardifolia e Rupestris, Aramon e Mouvedre, Pinot, Golía.

JOANIM- Pronto, lá vem a bíblia outra vez.

PEDRINHO- Que bíblia?

JOANIM- Aquele do estilingue.

PEDRINHO- Que estilingue?

JOANIM- Aquele que morreu da pedrada do David.

PEDRINHO- Deixa disso, eu falo do porta-enxofre Golía, um cavalo muito bom, usado na Európa.

JOANIM- Ha! Cavalo é comigo. De montaria ou de tiro?

PEDRINHO- Um burrinho é que você é?

JOANIM- Você é que é, um "orelhudo" cheio de livros.

BÉPPI- Parem com isso, arrumem a sua ferramenta. Logo, estarão aqui a mãe e a Anita que voltam da horta para nos preparar o jantar.

GIGGIA- (Que esteve entrando e saindo a cada instante adireita) "He si, é già tuttto pronto, solo manca l'insalata".

CENA IV

Os mesmos, Pina e Anita

ANITA- (Vem na frente, com um cesto e umas flores na mão, acena para os irmãos e dirige-se à avó) Boa tarde, Papai. Boa tarde, Nono. Olá - Noninha. (Dá um golpe de vista por todo o comodo, deposita as flores' n'um vaso e arruma os poucos móveis que tem)

PINA- Que cansa meu Deus! Como é, tudo bem?

BÉPPI- Mas que demora, Pina, acaso o trabalho estava atrasado por isso tardaram mais?

PINA- Não, é que fomos dar uma volta pelo vinhêdo; encontramos a plantação toda capinada e nos encorajamos a caminhar por toda ela. (Põe-se a mexer cesto defronte a Béppi).

ANITA- Sim, com as videiras limpas do mato, dá satisfação em passear - por elas.

PEDRINHO- É pena que não sejam de variedade melhor.

JOANIM- Sim, sim. (Ironico) É pena que não sejam das variedades do Doctor Pereira, aque grande sabichão! (Faz gesto de quem abana as orelhas)

PEDRINHO- Olha p'ras tuas, que fejoada dariam...

BÉPPI- Vai começar novamente a discussão?

PINA- Vamos deixar disso. Vocês vivem discutindo. Acabem com essa discussão e vão lá para o tanque lavar-se, que dentro em pouco a janta estará pronta.

BÉPPI- É, podemos ir, se faltar alguma coisa, depois veremos. (todos, saem, seguidos de Pina, com exceção de Checco. Pedrinho leva seu livro junto)

CHECCO- "Ma quante ciacole"

4

CENA V

Checco e Seu Benedito

BENEDITO- (dolado de fóra, depois de bater palmas) Ó de casa.

CHECCO- (dirigendo-se à porta) "chi é"

BENEDITO- (Entrada) Boa tarde Seu Checcho. Dá licença?

CHECCO- Avanti, avanti. Bona tardi. Bona tardi, si

BENEDITO- "Seu Checcho", eu vim "buscá" uns gaio de gropeste que o seu Béppi me prometeu.

CHECCO- "Cóssa"

BENEDITO- "Vim buscá gaio", Gaio de uva.

CHECCO- "N'hó capío"

BENEDITO- "Há num carpiu"(à parte) "Sêmo visinho ha tanto tempo, mais num hei meio d'intendê esse véio) Escuita seu Checcho. Eu vim pramór de buscá uns gaio de uva que o seu fíio Béppi me prometeu, mai - num é nada de carpi.

CHECCO- "No capisso gnente" caro.

BENEDITO- Pessonhento caro!? Meu Deu do céu, que será isso?

CHECCO- "Spéta, spéta que ciamaró Joanin.

BENEDITO- Será que ele vai "inspetá" arguem?

CHECCO- (Vai até a porta e chama) Joanin, Joanin.

JOANIM- O que há Nóno? Há! Boa tarde, Seu Benedito, como vai o senhor? (lícito) Que é que manda? (estende-lhe a mão e manda-o sentar-se

BENEDITO- (Depois de responder ao cumprimento) Pois é, eu vim aqui - buscá uns gaio de "grópêste" que o seu Béppi me prometeu, no otordia p'r'eu pranta.

JOANIM- Há, já sei, são uns galhos que meu pai separou, hoje á tarde num feixinho. já seu que o senhor vai plantar lá na baixada, junto - do riacho não é verdade? Muito bem, o senhor vai colher muita uva, - aquele terreno é muito bom; é ótimo.

BENEDITO- Não, Joanin, o seu pai me disse p'reu prantá lá em riba do morro, do lado do vento que vem lá da sérra.

JOANIM- Não faça isso seu Benedito: Faça como eu lhe digo e o senhor ficará contente, e vou chamar meu pai para que confirme o que eu estou dizendo(Vai á porta e chama) Papai, está aqui seu Benedito.

CENA VI

Os mesmos e Béppi.

BÉPPI- Boa tarde, seu Benedito.

BENEDITO- Boa tarde, seu Bápí.

BÉPPI- O senhor veio buscar os galhos de videiras quelhe prometi, não é verdade?

BENEDITO- Pois é, seu Béppi.

BÉPPI- Muito bem, Eu deixei o feixe junto de sua cerca. São uns galhos de Grapêlo. O senhor poderá enterra-los durante uns dias para que - façam raízes e depois plantará em covas de meio metro, lá no alto, - conforme lhe expliquei e vou dar ordem para que, o Pedrinho, que já, é quasi um agrônomo, que vá lhe fazer algumas explicações para o - plantio.

BÉPPI- (Chamando junto á porta) O Pedrinho, vem cá.

CENA VII

Os mesmos e Pedrinho

PEDRINHO- (Entra e vendo Benedito) Boa Tarde, seu Benedito.

BENEDITO- Boa tarde, "seu" Pedrinho.

BÉPPI- Olha, Pedrinho, eu dei uns galhos de "gropél" ao seu Benedito e disse a ele que você iria explicar...

PEDRINHO- Há, já sei, mas o senhor deveria ter ddo Rupstris. Mas...

seu Benedito, o senhor poderá plantar esses bacelos, já, amanhã, poderá planta-los diretamente nas valetas que deverão ser de um metro, por um metro e não plante do lado da serra, não, plante do lado do norte - as videiras precisam de muito sol. como o terreno, ali, é um pouco pobre, é melhor por um pouco de salitre do chile, mais ou menos 500 gramas, sulgato de Amônio, umas 400 gramas, nitrocalcio também - uma 400 gramas, por metro e...

BENEDITO- (tonto, com a mão na cabeça) Meu Deu do céu.

JOANIM- Pronto, já esta falando o Dr. Pereira.

PEDRINHO- Não se metam, eu quero que o seu Benedito faça uma plantação moderna. O senhor seu Benedito, vai fazendo isso, por enquanto, depois, eu irei com o Dr. Pereira, fazer uma visita na plantação e - veremos a porcentagem de uréia, fosfatos naturais, tortas e mais adubos que o senhor terá que acrescentar... e...

BÉPPI- Mas, onde que o seu Benedito irá buscar tudo isso?

JOANIM- O mais engraçado, é fazer as valetas de um metro por um metro amanhã, e plantar as estacas...pois sim... e que medida será de pé a pé? Talvez o Dr. Pereira mande plantar na distancia de 2 metros. (pondo as mãos nas orelhas) Mais orelhas p'ra feijoada!

PEDRINHO- Cale-se, mentecapto.

JOANIM- Mente... o que?

PEDRINHO- Bucéfalo.

JOANIM- Bucéfalo é o teu professor, "seu animal".

BÉPPI- (Gritando) Vamos parar com essa discussão.

CHECCO- Finitela..."Meno ciacole e piú fatti".

BENEDITO- (aparte) Agora, eu não sei se vou levar os galhos ou não." Que trapaiada meu Deu do céu"

CENA VIII

Os mesmos e o Dr. Pereira.

Dr. PEREIRA- (Do lado de fóra, depois de bater palmas) O seu Pedrinho.

PEDRINHO- (pedindo silêncio e repeito) Pssiu...(olha para todos, pre ocupado) o Dr. Pereira está ahí. Eu vou mandar entrar. (vai à porta dodo repeitatoso) Tenha a bondade de entrar Dr. Pereira.

DR. PEREIRA- Boa tarde, senhores. (sêgue Pedrinho que vai fazendo apresentações dos presentes) Meu pai, nosso visinho, seu benedito, meu irmão Joanim, e ali, o meu avô (falando bem alto) Nono, aqui o professor Pereira o meu professor. (O professor, de vez enquanto, funga e faz gesto nervoso)

CHECCO- "Cóssa"? Qui é?

PEDRINHO- O meu professor, Dr. Pereira. Ele é agronomo.

CHECCO- "si, si, ho piaser" (Vai dar a mão mas erra o interlocutor)

Dr. PEREIRA- Ah! Muito prazer. Está muito bem conservado. Muito bem, muito bem. (dirigindo-se a Béppi). Pois é, o seu filho Pedrinho vai muito bem nos estudos, dentro em pouco, o Sr. vai ter um engenheiro agrônomo na família, e eu também estou muito satisfeito por isso e lhe dou meus parabéns. Ele está aproveitando muito, interessa-se muito pelas experiências e nós iremos fazer, aqui em suas terras, umas quadras experimentais, com variedades finas de mesa para vinho. Pois é, para mesa, nós iremos experimentar a variedade a Moacaté de Rive salte; para vinho, a Coudre 7120 que tem muita resistencia à filoxera, é muito vigorosa, resiste ao mildiu, ao oídio assim como ao black- rot, tem grau alcoolico de mais ou menos 12°, semelhante ao grande vinho de Carignan. e...

BÉPPI- Olha, Dr. Pereira, (já impaciente) Será que isso vai dar certo?

Dr. PEREIRA- Deixa isso por minha conta. E... quanto à póda, experimentaremos a Guyot, a Cazenave, a Lajoulet, faremos cardões esparona do curtos e longos e...fazemos isto....(mostra um desenho e fica rabiscando)

BENEDITO- (Impaciente) Seu Béppi, eu perciso... eu percido se me 'i' m bóra p'ra... (houvem-se palmas lá fóra)

CENA IX
Os mesmos e Ditinha

DITINHA- (de fora) O pai (Já dentro) O pai, a mamãe mandô percurá o Senhô (Não tira os ólhos de Joanim que vai ao seu encontro. Ficam os dois cochichando baixinho)

BENEDITO- Seu Béppi, mecê me descurpa... eu vórto aminhã de minhã - (vai saindo encabulado) Até minhã, minhãgente: (sai)

BEPPI- Ainda é cêdo seu Benedito. Até amanhã.

JOANIM- Amanhã cêdo, eu irei lá, com os galhos, seu Benedito. (Sai - com Ditinha)

Dr. PEREIRA- E... estes aqui são enxertos para esta variedades...Olha o enxerto cadilac. (Rabisca, os outros fingem olhar)

CENA X
Checco, Béppi, Dr. Pereira, Pedrinho e Pina.

PINA- (Ao fundo, a meia vóz) O jantar está pronto.

BÉPPI-(Faz à Pina um gesto de desculpa) Muito interessante... É, nós vamos fazer isso...

PEDRINHO- (mostrando o máximo interesse) É, isso é formidável, professor, já nesses dias, nós eiremos fazer todas essas experiencias.

Dr.PEREIRA- (Entusiasmado) Pois é, meus amigos, e no campo dos vinhos nós iremos fazer prodígios- vinhos capitósos; brancos, tintos, rosê, sêcos, extra-secos, doces e licoróssos. Faremos uma bélissima exposição de uvas e vinhos, de maneiras, a entusiasmar todos os nossos - colégas vinhateiros. E.. não será nenhum exágero se dissermos que - dentro de pouco tempo, nós estaremos exportando vinhos para todas as partes do mundo.

PINA- (Faz gestos de impaciência) A janta está pronta. Tá na mesa.

BÉPPI- (Decisivo) Já vamos. (Sempre a meia vóz) Vou convidar o Doutor.

CHECCO- "Ha parlato de vino?"

Dr. PEREIRA- Sim, vovô, (imitando o italiano)...Vino buono.

CHECCO- "Bravô, bravissimo...(cantando) "E...Víva Noé salvato nel'ar ca.

BÉPPI- (Um tanto atrapalhado) Dr. Pereira, o senhor aceita jantar - com a gente?

Dr. PEREIRA- Oh! seu Béppi, muito obrigado, eu apenas vim combinar - com o Pedrinho, uns trabalhos que iniciaremos nestes dias.

BÉPPI- Pedrinho, vamos, convida o teu professor.

PEDRINHO- Professor Pereira, aceita o nosso jantar que é muito sim - ples, mas oferecido com muito gosto.

Dr. PEREIRA- Está bem, vamos lá.(Saem todos pela direita, Checco segue atraz assoando estrepitosamente o nariz)

PINA- (Volta imediatamente e procura alguém, vai à porta da frente e observa um instante) Ah seu maroto, você não deixa a Ditinha em paz, hein!?

JOANIM- (entra encabulado) É mamãe... se tudo correr bem... e é logo depois da safra.

PINA- Vamos, vamos, que o jantar está na mesa e o Dr. Pereira vai - jantar com a gente.

CAI O PANO

2ª ATO

CENA I

Checco e Benedito

CHECCO- (Lendo um jornal italiano- Fanfula) Notizzie di Trento (Espira. de demtrp, houve-se a vóz de Giggia: Dominus téco.

CHECCO- Grazzie, N'altra volta, pensa per ti.

BENEDITO- Oh de casa, dá licença. (Vai entrando, traz um cesto na mão)
 Bom dia, se Checco.
 CHECCO- Avanti, avanti. Bon dí, si, ma fá fredo.
 BENEDITO- Não, eu sô o Benedito.
 CHECCO- Ho ditto, g'hó fredo.
 BENEDITO- Não, não; o Dito Godofredo embarca, amanhã.
 CHECCO- "Com'élia? Qui é que manha barca?"
 BENEDITO- Eu so Benedito.
 CHECCO- Si, si, come valo? Benedeto.
 BENEDITO- He, "comê valo".... engraçado, eu....valo bem. E o senhor, com'é que vai?
 CHECCO- "Star casa me toca"
 BENEDITO- Hân, usâ tôco é bem pô frio.
 CHECCO- "Vole n'a presa?"
 BENEDITO- Quem é que tá presa?
 CHECCO- "S'el vol tabaco"
 BENEDITO- Quinhé que tá baco?
 CHECCO- Tabaco per "cierare".
 BENEDITO- Hân isso é rapé (Cheira)
 CHECCO- "Cóssa?"
 BENEDITO- Ora, se coça, e tá coçando que tá danado. (Espirra)
 CHECCO- "Dominus téco" (De dentro também ouve-se a voz de Giggia: "Dominus téco")
 BENEDITO- Gostei do téco (Que será isso meu Deu do Céu?)
 CHECCO- Salutte! Capiu?
 BENEDITO- Se carpi! Ah, essa eu sei. Carpiu, seu Checco.
 CHECCO- "Come vá la u'a?"
 BENEDITO- A u'a vai bem. Se fô ansim inté o fim, tá bão; os enserio do ano passado tão c'uma carga qué de arreiá. Os gropeste deste ano tá uma bunteza. Nessa toada, vô ganhá dinheiro, este ano.
 CHECCO- "Ho caro, ho caro".
 BENEDITO- Ah, é, tá tudo caro; a uva e tudas as coisa do sitio, tomem vão sê cara. Oia, seu Checco, q'eu tê co'medo da geada; ja andô dando uma por aí, rás baxadas. Andô queimando todas as Hortas da visinhança e é bem capais de dá umas mais gróssa e queimá os nosso enxerto.- Quando a lua tá c'os bico p'ra riba, é um pirigo danado. Ah, é um caso: nós do sítio, temo sempre um medão donado e uma luita que não acaba nunca, seu Checco: Um dia, noi temo medo do fogo, uns otro, me do das enchente, temporá e pédra do céu. Outras veis, medo da geada.- É uma tristeza.
 CHECCO- "Ma se Dio vole, vai tutto ben"
 BENEDITO- É... mais se vai tudo bem as coisa não tem preço... O pesoar da cidade quié tudo de graça. As coisa tão mudando tudo, seu Checco, inté parece que a natureza tá mudano tomem. Antigamente, a gente prantava poco e coia bastante. Toda a térra éra boa. Dava chuva na medida. O sór num queimava as fruitera. No tempo de dante não dava as praga que dá nos dia de hoje. Nos rio tinha pexe. Os campo, cheio de codorna, nhanbú e perdiz. As mata cheia de juriti e a gente tinha tempo de pescá e caçá. Que sôdade meu Deu do Céu!!! E a vióla. .. tá muda lá no canto. Já nem córda num tem mai... temem, p'ra que córda? Não dianta... tudo mudô. As festa de São João, no terreiro. - As fogueira, as batata doce, os racha-pé da moçada e dos véio. Que sôdade daquele tempo que num vórta mais... é que nem a sôdade que o seu Checco tem da Intalia.
 CHECCO- "Si, si, Benedeto, no se gióca piú la borêla e non se canta.

BENEDITO- O que vale, e que, de veis in quando nós toma o nosso vinho, não é seu Checco?

CHECCO- (entusiasmado) "E viva Noé... Salvato nel'arca...

CENA II

Os mesmos, mais Béppi, Pedrinho e Joanin.

BÉPPI- Óra viva o nosso visinho Benedito!

JOANIN e PEDRINHO- Boa tarde, seu Benedito!

PEDRINHO- Já sabemos que o senhor está muito satisfeito com a sua plantação. Estivemos admirando, de lá de cima, o seu vinhedo. Está uma maravilha! O senhor já é um viticultor entendido. Como aquilo está bem - conduzido! Tudo amarradinho e alinhado! (Apanha o livro deixando na mesa e põe-se a fikgear)

JOANIN- Está uma boniteza. (Espera que os outros retomem a conversa e - sai apressadamente pela esquerda)

BÉPPI- (Que esteve lidando com ferramenta a um canto) Se vai assim, seu Benedito, o senhor nos vai "passar a perna"

BENEDITO- (Com modéstia) E... noi temo gostano muito do serviço. De - principio, nois achava difícil; hoje, nóis acha bunito. E aquilo tá assim porque o Joanim tem ido lá ensiná nóis, na desbróta e na amarração.

BÉPPI- Cuidado seu Benedito, que o malandro do Joanim não vá lá com outra cintenção: temo que ele esteja aborrecendo a sua Ditinha. Garanto que ele já foi p'ra lá. Mal volta, do trabalho, já corre p'ra lá; é o que tem feito, todas as tardes. De-lhe uma repremenda, que ele merece, Seu Benedito.

BENEDITO- Parece que eles se intendem, seu Béppi...

BÉPPI- Então teremos que reforçar o estoque de vinho para a festa...

CHECCO- (Que ouviu falar em vinho) "E vivva Noé... salvato nel'arca..."

PEDRINHO- Em vinho, eu vou dar um lição ao Nono... (Mostra-lhe uns bacelos que trazia no bolso) Vou cortar a Izabél e enxertar...

CHECCO- (Dando um forte tapa nos bacelos) "Va vía, mascalzonem maledetto... taiar vía, la vinha da vim (volta a sentar-se e ler o seu jornal sempre resmungando, entrementes, Pedrinho recolhe, cuidadosamente os - bacelos do chão)

BÉPPI- Já é uma grande satisfação ver os nossos vinhedos. Estão muito - bonitos. Por estes dias, já teremos a visita dos interessados na uva e no vinho. Os negociantes do mercado, já começam a aparecer por aqui; o senhor Pascoale já nos escreveu e deve vir, dentro de poucos dias.

BENEDITO- Pois é, esses italiano do mercado, parece que inté tem faro das coisa. Ota, gente danada p'ra negociá! Quando chega no fim, o dinheiro graudo eles guarda, o miúdo eles atira na parêde, o que grudá é nosso...

BÉPPI- Não são todos assim, seu Benedito.

BENEDITO- Ah, não tem de piór. Óia, o Chico da Tana mandô quiabo treis meis segguido. Não recebeu tostão; depois o calabreus intaliano mandô a conta da cêsta de taquára pô Chico pagá.

BÉPPI- Mas é preciso procurar o negociante honesto.

BENEDITO- É, dissero isso pr'ele. Daí então, ele foi no mercado, parô n'uma baiuca daquelas e preguntô: "Fai favô de me dezê, o seu Honesto taí?" Respondero- Não, aqui num tem ninguem com esse nome. Daí, ele - resorveu mandá pr'otro.

BÉPPI- Hfa muito exagero, por aí, seu Benedito.

BENEDITO- Se hai, e o Nato do Chenco... disséro p'ra ele mandá p'ra - Santos: daí ele mandô as primeira uva p'ra São Bernardo - escreveu em riba; São Bernado - e como não recebeu dinheiro nenhum, pediu pa D. - Margarida professôra, pa escrevê pa São Pedro, pa reclamá cõ irmão dele, o Bernardo, que ~~ira colotero~~ porque não tava mandando dinheiro e - disse que não confiava mai em Santos. É e aquela do Chico Portuga... quando ouvi dizêque se usava cartola pa passá surfato, foi na comprô - uma catola dessas de ponhá na ^{eficô} passiando com éla, com o surfato na gibeira.... e quando disséro p'rele que o surfato éra pa botá de - mônio, pa derretê, dentro de um saquinho, ele feis direitinho... só que botô, amarrado n'um capim, no córgo do sittio.

BÉPPI- Acontece cada uma... não seu Benedito? Essa, eu já ouvi por aí...
BENEDITO- Se acontece... e tem uma gargantada por aí, que o senhor não imagina, seu Béppi. Ainda otordia, o Mané Cestero disse p'ro Nicolinha Pinguço que tinha passado 4 cartóla de surfato, n'um dia; daí, o Nicolinha preguntô onde ocê passô? - Naquêlas 4 mil carpiu, seu porquêra.

Cobra mintiroso taí, esse tar de Nicolinha. Otodia, quasi que ele lê va uam piuvada na prurunga, só procaso das mintira que ele sórtia: - Contô p'ro Mingo Macaia, que tinha enxertado uva com maracuja e coi-eu uva ansim (faz gesto) Mas depois deu bróca no pé de maracujá ele esqueceu o geito de inxertá. Outra coisa é as abêia dele; diz que :+ cruzô as abêia com vagalume i elas trabaia de noite com laterninha.. diz que tá ganhando dinheiro, "p'ra burro". Guanhando o que, siô? Quar nada... se tudo tá ganhano p'réstas banda, é cô as muda e gaio de vi dira que o senhor esparramô por aí, esse mundaréu de uva que tá dando por aí! Antigamente... eu me lembro, vinha o seu Pascoale do mercado - o filho dele tava ansim pequititico que vinha brincá cô a sua filha Anita, lembra?

BEPPI- Óra, se lembro, hoje está um moção bonito, está estudando. Te mōs encontro com ele e sempre nos manda lembranças.

BENEDITO- Pois é, naquele tempo, o seu Pascoale mandava, para o seu Checco, (olha para Checco que espirra) Dominus téco...

CHECCO- "E co spiritu tuo".

PEDRINHO- (que estava distraído em sua leitura) Gostei do seu latim, seu Benedito! Muito bem.

BENEDITO- (a parte) Será que eu latí, meu Deus? (alto) Pois é... naquele tempo, o seu Pascoale mandava uns amarradinho de cêsta: que o seu pai ia inchendo de uva preta i foia, i despachando, umas por dia pelo trêm. Que diferença! Hole, esse mundão de videiras!

BEPPI- É verdade, seu Benedito, é uma alegria olhar para esse mar de videiras; esse é o resultado, sem dúvida alguma, do trabalho e dedicação de toda essa gente; realmente, produto da cooperação de todos.

CENA III

Os mesmos e o Dr. Pereira.

PEDRINHO- (ouvem-se palmas e o Dr. Pereira vem entrando) Oh! Como tem passado Dr. Pereira?

Dr. PEREIRA- Boa tarde senhores, como vamos, por aqui? (Eufórico, te vai abraçando a todos.

TODOS- (respondendo ao cumprimento, respeitosos) Óh! Dr. Pereira!

CHECCO- (Levanta-se, vai dar a mão a Béppi, vê que se enganou, péde desculpas a Benedito) "Scusa, siôr Benedetto, Comme valo Dttore Peréra?

Dr. PEREIRA- (A Checco) O senhor Checco, cada vez mais novo. Bravos, muito, muito bem! Pois meus senhores, hoje, temos grandes novidades! Atentos, heim! (Pausa) Por meio do nosso prefeito, obtivemos um vér-ba do Estado e da União, para realizar uma grande Festa da Uva. Vai ser uma coisa estrondosa: exposição e grandes premios para todos os produtos (funga)

BENEDITO- (A parte) Já começou a fungação.

Dr. PEREIRA- Vamos ter autoridades de toda a Nação, visitas de estrangeiros ilústres, láutos banquetes, animados concursos, desfiles e uma porção de coisas inéditas e interessantes para a nossa terra, que está se tornando um dos maiores centros de produção! Todos tomarão parte. A instituição de premios vai ser surpreendente, principalmente, no que diz respeito à uva e ao vinho, sim ao vinho!

CHECCO- "Bra'o!" E vivva Noé... salvato nel'arca!...

BEPPI- Isso me alegra muito, Dr. Pereira. Isso, sem dúvida, será um grande incentivo para os viti-vinicultores, para a agricultura em geral e um grande propaganda para os nossos produtos.

PEDRINHO- Sim, sim, é evidente, já existem nesta região, um grande número de chácaras com belíssima produção e essa festa será muito

agradável e sobretudo proveitosa para todos e, naturalmente, nós também, concorreremos com a nossa produção, com grande probabilidade de exito, não é pai?

BEPPI- (Modesto) Sim, eu também acho que devemos concorrer.

Dr. PEREIRA- Mas que dúvida? Os senhores concorrerão e serão o ponto

alto da festa e posso dizer, desde já, que se o juri for constituído de pessoas conhecedoras e capazes, os premios maiores serão para os melhores, em que se encontram os senhores. E, o meu caro amigo Pedrinho, terá grandes oportunidades para destacar-se, brilhantemente, nos debates dos grandes congressos de viti-vinicultura aplicada, que faremos realizar, porque Pedrinho, ao lado dos seus profundos conhecimentos teóricos, tem a tradicional prática da família(enfático) Francesco Fregavin de Matarélllo.

CHECCO- (Levantando-se) "Bra'o, ostreggheta!

PEDRINHO- (Modesto) Farei o que puder.

PINA- (que já apareceu varias vezes, acena para o jantar, a meia voz) O jantar está pronto.

BEPPI- (a meia voz) Já vai(faz gestos de desculpas)

Dr. PEREIRA- Como é seu Béppi?

BEPPI-(Atrapalhado) Estou dizendo que será uma beleza.

Dr. PEREIRA- Ah, sim uma verdadeira maravilha, (funga) faremos "stands" bem pintados.... regorgitantes de ramos, folhas, flores e frutos Neles, funcionarão, moças bem arruamadas, vestidas a carater. Ah! e - outra coisa que não me lembrava; vamos te a eleição da Rainha da Festa a qual estará presente nas grandes solenidades, liderando as mais bonitas moças desta região... e todos os viticultores serão representados no certame (Funga) Que maravilha, não irá ser a apresentação de todos os prodígios desta terra?

BEPPI- É... mas... até lá, Dr. Pereira, o senhor saba que temos muito tempo. Embora, as videiras se apresentem tão bonitas e carregadas, continuamos cercados de muitos perigos: as pragas, as sêcas continuadas: Ainda outro dia, temendo o grande frio que reinou durante a tarde, levantamos cêdo, no dia seguinte, para fazer fumaça e evitar a queima. Felismente, nada aconteceu mas ainda é uma ameaça. E os temporais, queira Deus: não tenhamos por aí, alguma chuva de pédra.

BENEDITO- (persigna-se) Santa Barba, nos livre.

PINA- (a meia voz) A janta está esfriando.

BEPPI- (a meia voz) Já vamos

Dr. PEREIRA- Como é, seu Béppi?

BEPPI- Estou dizendo que se tudo correr bem, vai ser uma bonita festa.

Dr. PEREIRA- Tudo correrá bem. Nós devemos esperar pelo melhor, e temos mão a obra. Já, conseguimos muito das autoridades e de poinde - de nós, o résto.

PEDRINHO- Éssa é uma conquista sua Dr. Pereira; nós seguiremos as suas instruções.

Dr. PEREIRA- E não se esqueça se Benedito, que eu conto com o senhor na grande festa, não poderá faltar com a sua cooperação (funga).

BENEDITO- Póde sê. (funga) (a parte) A coisa péga, meu Deus!

Dr. PEREIRA- Se péga.. não tenha dúvida, todos vão aderir. E... os "stands" (pega lapis e papél e põe-se a desenhar) vão ser assim.....

BENEDITO- Bão, me dão licença, eu vò andando...

Dr. PEREIRA- Seu Benedito, eu conto consigo, va-se preparando e eu tarei, qualquer dia, para acertamos as coisas no melhor modo possível.

BEPPI- Não se vá ainda, seu Benedito, ainda é cêdo.

BENEDITO- Não, eu se me vò, p'ra mór qu'eu tenho, ainda, aí na cesta os armerão que a muiê tá isperando pra acompanha a janta. E hoje é polenta à móda dos intaliano. Até minhã, minhã gente. Arrivedési seu Checco . (sai)

TODOS- Até amanhã, seu Benedito.

Dr. PEREIRA- ...aqui a entrada do sagüão....

BEPPI- (olha preocupado para dentro e vê Pina furiosa) Já, já, já vamos.

Dr. PEREIRA- Óra se vamos, e aqui começam os "Stands"...

BEPPI- Dr. Pereira, o senhor aceita jantar com a gente?

Dr. PEREIRA- Não, obrigado, eu só vim acertar uns trabalhinho com o Pedrinho. (continua desenhado) bem em frente ao espaço destinado às

frutas serão as mais luxuóas.

BEPPI- Dr. Pereira, vamos jantar, depois o senhor explicará tudo com maiores detalhes. Pedrinho, convide o Dr. Pereira para jantar com a gente.

Dr- PEREIRA- Não se incomode. (funga)

PEDRINHO- Professor, faz favor, vamos jantar, depois conversaremos - masi algum tempo.

Dr. PEREIRA- Bem, já que insiste tanto, vamo lá. (funga) (saem todos seguido de Checco que vai soando o nariz, estrepitosamente)

CENA IV

Anita, depois Joanim

ANITA- (Chega à cena, olha para todos os lados e dirige-se à porta da esquerda) O Joanim já devia estar aque para jantar. Com certeza, ainda está lá com a Ditinha. Ele me disse que iria até a vila e passaria no correio. Estou tão ansiosa... (topando com Joanim que entra apressado) Ó joanim, que demôra!

JOANIM- (Entrando apressado) Estão à minha espéra?

ANITA- Sim, estamos à tua procura.

JOANIM- Tem aí alguém para o jantar?

ANITA- Sim, está aí o Dr... (pensa)

JOANIM- Já sei, já sei, o Filabóia, vio passar quando me encontrava junto de Ditinha.

ANITA- Você foi ao correio?

JOANIM- Ah, sim, está aquí e a sobrecarta e a caligrafia são do filho de seu Pascoale.

ANITA- (Alegre) É... é sim. (Observa a carta atentamete sem abri-la) Vai, Joanim, vai depressa que o Dr..... (pensa)

JOANIM- (Dá uma fungada exagerada) Dr. Pereira, menina.

ANITA- Sim, sim, Dr. Pereira. Ele quer explicar como vai ser a fésta da uva que está sendo programada, para a proxima safra.

JOANIM- Óra muito bem, vamos lá. (Sai)

ANITA- (Abre a carta e corre os ólhos; depois de uma pausa, lê a meia voz) Estou estudando e não sei quando poderei fazer-te uma visita.

CENA V

Anita e Pina

PINA- (entrando) Que que há minha filha?

ANITA- (Eufórica) É do Genarino!

PINA- Eu já sabia. Vamos jantar e depois você me conta.

CAI O PANO

3º ATO

CENA I

Pina, Checco, giggia e Ditinha (Ditinha tem um cêsto na mão)

PINA- Ah, sim, as videiras de vocês são as mais bonitas que tem por aqui. O que me admira, é que vocês já tenham começado a colheita.

DITINHA- Pois é, o seu Pascoále do Mercado, insistiu tanto, que nós comecemos a mandá e ele diz que tá muito sastifeito com o resultado.

Por enquanto, ainda temo coiando pouco e o meu pai tá guardano a mais: bonita p'ra festa. Pur aquí, tá tudo mundo esperando com anciedade, a festa da uva. Diz que vai ser a festa mais bonita que se viu pur aquí:

os preparo tãouma boniteza. Vamo ter banda de música e artista de todos os lugá. Tá chegando gente que é um desporposito. Tem um movimento p'ras estradas que parece formiga correção. Tamem, com tanta uva que tem esse ano, o Dr. Perêra feis muito bem arrumá ésta festa, depois tem um mundaréu de gente por ai, que nunca se viu, tratando de compra uva. Tá assim, óia (faz gesto) Mai.... (depois de uma pausa) será que

a Anita não tá pronta p'ra í coiê uva p'ra ixposição?

PINA- Ela deve estar um pouco atrasada, sim, pois estamos todes atarefado com a aproximação da fésta. O Pedrinho tem estado ajudando o Dr. Pereira, e o Joanim está preparando o que há de melhor, para a exposição. Por estas horas, ele deve estar lá no vinhedo, esperando vocês para colherem, juntos os cachos masi maduras e mais bonitos.

PINA- (chamando) Anita, a Ditinha está à tua estêra, vamos.

Anita- (De dentro) Já vou, Ditinha.

PINA- Não deixem de obedecer, direitinho, o Joanim, no colher as uvas para a exposição.

DITINHA- (Faceira) Ah, D.Pina, eu gosto de obedecer o Joanim. - ele - sabe o que faiz. Ele tá me insinuando, ha muito tempo, trabaiá nas videras.

CENA II

As mesmas e Anita

ANITA- (entra em cena com um cesto) Óla, Ditinha.

DITINHA- Hó, Anita. Então vamos

ANITA- Vamos, sim, você não imagina a minha alegria em começar a colheita. P'ra mim, esse é o espetáculo mais bonito da róça, tudo movimentado.

DITINHA.- É, mais, hoje é só p'ra exposição.

ANITA- Este ano será maior em tudo... grandes acontecimentos... (Saem)

CENA III

Os mesmos (menos Ditinha) e seu Pascoale.

GIGGIA- "Bei tempi"

CHECCO- "Tasi, vécia"

ANTITA- (Voltando) Mamãe, encontrei com Pedrinho, o seu Pascoale. Ele quer conversar com o papai e o seu Benedito. Vou chama-los (sai)
PASCOALE- (Entra, carregado de embrulhos) Boa tarde, comadre, como vai a signôra, vai bene? Oh, como vai Nóva, como vai o Nono? (Cumprimenta a todos)

CHECCO- "Da véci, caro, dá vici!"

PINA- Aqui, tudo bem, como vão por lá, compadre?

PASCOALE- "Tutto bene, mandaron lemrâça.

PINA- Obrigado, compadre.

CENA IV

Os mesmos e Béppi.

BEPPI- (Entrando) Boa tarde, compadre, como vai?

PASCOALE- (Exagerado) Oh, compadre, como vai, como vão as coisa, tutto béne? Muitas lembranças do Genarino. Aqui, tem uns presentino: um chapéu p'ru senhor. Aqui tem un'ombrelino p'ra comadre e uns presentino sem importaceia p'ra família. Tabaco fino per la Nóna e.... tabaco e vino speciale per il Nóno. (Faz entrega, respectivamene)

CHECCO- "Grazzie, bravissimo, e....vivva Noël"

PASCOALE- Bé, compadre, (aparte) qui stá o diniero gara incominciá a safra. As caxa e o papélo stá tudo na istaçõ. Tutto o que precisa nós arranjam: é solo mandá dizê, dipois se acêrta tutto, he.

BEPPI- Está bem, compadre Pascoale.

CENA V

Os mesmos e Benedito

BENEDITO- (Entrando) Boa tarde.

TODOS- boa tarde, seu Benedito.

PASCOALE- (abraçando seu Benedito) Como vai, seu Benedito, e a família tutto bene?

BENEDITO- Tudo bem, obrigado, e a família vai bem?

PASCOALE- Tutto bene, muitas lembranças. E aqui, está um presentino,

para senhare, um para a sua sinhora e un'ombrelina per la Ditinha i
també uns docinho p'ras crianças.

BENEDITO- Não precisava se incomodá.

PASCOALE- Bó, seu Benedito; a sua uva está chegando muito bôa hê, (a
meia vóz) quanto diniero o sinhare precisa?

BENEDITO- Não precisa, o sinhô já deu otordia. Quando percisa, eu peço.

PASCOALE- Nossinhôre, péga ahí; depois nóisarranjamo tutto.

BENEDITO- Bão, fazê o que n'ê? (a parte) Dinheiro, a gente vai pegano,
num fai mar p'ra nengué.

PASCOALE- Bó, agóra, preciso ir mais adiante. Este ano o trabalho é
muito mais grande.

BEPPI- Espere que tomaremos alguma coisa: um café ou um pouco de vinho.

PASCOALE- Bé, se spéra um.poco. (consulta o relógio)

CENA VI

Os mesmos e o Dr. Pereira.

Dr. PEREIRA- (Bate palmas) Dá licença? (entra apressado) Boa tarde se
nhores.

TODOS- Boa tarde Dr. Pereira.

Dr. PEREIRA- Seu Beppi, o senhor já providenciou a uva para a exposi-
ção?

BEPPI- Sim, o Joanim está percorrendo a chácara com a turma apanhando
os melhores cachos, e dentro de um pouco tempo já estará la na expo-
sição, com o que temos de melhor nos nossos vinhedos.

Dr. PEREIRA- Ora muito bem. Então estamos preparados para assistir a
uma grandiosa festa, n'uma das maiores e melhores safras desta térra.
(funga)

CENA VII

Os mesmos e Joanim.

JOANIM- (Entrando) Boa tarde, óh senhor Pascoale, como vai o senhor?

PASCOALE- Óh, meu grande amico, o sinhare, cada veis mais bonito é...
(a parte) tutto bene co a Ditinha? Olha que quiero ser o padrinho é....

BEPPI- Joanim, o Dr. Pereira pergunta pela uva para festa.

JOANIM- ah, sim, já esta tudo providenciado: la estão a Anita e a Di-
tinha preparando lindos cestos e lógo mais, estará tudo prontinho nos
"stands" da exposição.

Dr. PEREIRA- Ótimo. (funga)

BEPPI- Joanim, va á cantina e traga o que temos de melhor (saim Joanim
e Pina)

Dr. PEREIRA- Dentro de poucas hora, tada a populaçãodesta região esta
rá reunida no recito da exposição para assistir o grande certame da -
produção viti.vinicola da nossa terra! (Nesse interim, entra Pina com
uma bandeja de copos, dá um a cada conviva, dizendo-lhe o respectivo
nome: Dr.Pereira, compadre etc. A seguir, entr Joanim com trez garafões)

JOANIM- Vamos experimentar todos os nossos melhores vinho.

Dr. Pereira- Bem pouquinho, para que possamos experimentar todos eles.
(Quando todos os convivas tem vinho; toma ares importantes e impertie-
gado põe-se a falar) Senhores...(funga) neste momento agadabilissimo.

...(funga) quando nos encontramos a meio caminho... (é o seu Benedito
que funga) na atividade especifica désta terra, eu tenho a subida
honra de levantar um brinde ao distinto chefe desta casa, o emérito -
viti-vnicultor, Giusepee Fregavin da Matarello. Viva o Béppi!!!

TODOS- "Viva!" (JOANIM vai pondo vinho dos varios garafões)

CHECCO- "E vivva Noé...salvato nel'arca..."

Dr. PEREIRA- Ah, este sim, este é muito melhor!

JOANIM- (a parte) É sempre o mesmo.

Dr PEREIRA- E daqui a pouco, todos para a exposição!:

PANO RAPIDO

CENA I

Checco, Giggia e depois Pina

Noite, a subir o pano, Giggia está de pé, em um canto, de mãos, póstas, rezando em voz baixa. Checco, caminha de um lado para outro, nervoso, tentando olhar pela porta, sem o conseguir. Houve-se, ao longe o trovão. É a tempestade que se aproxima. A luz falha.

PINA- Meu Deus... (A luz se acende mais fraca. Pina volta à esquerda)

GIGGIA- "Póre anime" Maletetto tempo... Che sirá mai...

CHECCO- "Tasi, pórc... (Cerra os punho, nervosos. Aumenta o ruído do vento, raios, chuva, relâmpagos invadem a cena. Depois de uma pequena pausa, ouvem-se passos de alguém que vem correndo)

CENA II

Os mesmos e Béppi

BEPPI- (Entrando, todo molhado, sacudindo a roupa, olha para todos os lados) Pina.

PINA- (Correndo rapidamente) Que é, Béppi?

BEPPI- Onde estão os outros? Não voltaram?

PINA- Não, nenhum. (Acérca-se dele e o olha bem no rosto) Béppi, que acontecerá?

Béppi- Não sei (todos sentam-se silenciosamente)

CENA III

Os mesmos e Benedito

BENEDITO- (entra olhando) Santa Barba nos ocuda. (persigna-se. Todos olham)

BENEDITO- Seu Béppi, eu venho da exposição; Pedrinho e Anita estão em lugar seguro cõ a Ditinha. Lá na cidade quasi não está chovendo. A festa está muito animada. Tem otoridade de tudos os lugá. Até o gover-nadô tá lá. Tinhão começado o concurso p'ra eleição da Rainha da Festa

BEPPI- Não viu o Joanim?

BENEDITO- Sei que arrumô com a Ditinha, os tabolero da exposição e de pois preocupado com as nuvens que vinhão por aqui nas nossas bandas, resolveu vortá p'ra casa pa recoiê as coisa. Mai'isso já fai um tempão; foi na boca da noite, o sór se tinha apenas escondido.

BEPPI- (Preocupado) Então ele deve estar ainda no meio das videiras (consulta o relógio. Durante uma longa pausa, percebe-se o recrudecer do temporal)

PINA- Seu Benedito, o senhor tem a certeza que o Joanim saiu do recinto da exposição?

BENEDITO- Sim, D. Pina, o Joanim sai da exposição ansioso por chegá no vinhedo. (Vai até a porta, não resiste o vento e vólta. Ribomba fortemente a luz se apaga e volta mais fraca, Durante uma longa pausa houve-se todo o fragor do temporal, para depois diminuir gradativamente)

BENEDITO- (Vai até a porta e olha para cima) Tá passando. Deus queira que não tenha acontecido nada de mal.

PINA- (vai até a porta) Sim, está passando.

BEPPI- (Apanha o palitô e se dispõe a sair) Tenho medo de ver o que a conteceu: o temporal foi em cima do nosso vinhêdo. (Vai até a porta)

CENA IV

os mesmos e Joanim.

JOANIM- (Entra molhado e com um farrapo de videira, cabisbaixo, olha para todos e senta-se desolado. Todos o fitam interrogativamente)

Tudo Perdido. (Cobre o rosto com as mãos)

PINA- Meu Deus, tudo?

JOANIM- Sim, tudo. Tudo em farrapos.

BERPI- (Jóga o palitó, violentamente. Pina o ajunta) maldito tempo. (sai. Benedito o sêgue)

PINA- (Acerca-se de Joanim) Paciencia, meu filho.

JOANIM- "Paciência?!?!!" Como é possível resistir a tamanho castigo? Aí está todo o nosso trabalho, os nossos planos. A casa que tencionamos construir.

BEPPI- (Voltando) Não tive coragem de ver: tudo em fiapos. Sim tudo perdido, tudo, tudo, tudo, meu Deus... As minha videiras. Só as minhas videiras, completamente arrazadas. O meu vinhêdo, inteiramente destroçado pelo vento e pela pédra. (Com as mãos para o céu) Meu Deus, o que foi que eu fiz para merecer tamanho castigo. Tudo por terra. + Essas videiras; fruto de tanto trabalho, detanto suor, de tanta dedicação, em dias de calor intenso, vento, chuva, frio... (Pausa) Ainda hoje pela manhã, sob um sol brilhante, refletido em ouro e prata, pelos bordos das folhas orvalhadas, as nossas videiras viçosas, vinca das à carga dos cachos que perfumavam o ar, pareciam agradecer a Deus levantando para os céus a gratidão por tanta prodigalidade, tanta beleza.... Agora, aí está: tudo desfeito, tudo esotraçado;... Sarmen tos que orgulhosamente, em verdadeira porfia, ostetavam seus racimos na plenitudo sua fragrancia, estão ali, agóra, como esqueletos, ainda sangrando pela perda das suas carnes... Sim, as minhas, as nossas plantas que as vinhamos conduzindo com todod o nosso cuidado; o zelo dos meus filhos, o carinho de minha mulher, sim, essas videiras, ainda ha pouco tão lindas, aí estão, despidas de toda a sua beleza. O n nosso vinhedo... as nossas videiras, destrocadas por esse temporal + maldito. (Pausa) Os nossos planos, a casa nova para conforto dos vélhos... a nóva cantina para os grandes vinhos... A carreira do Pedri nho... O enxoval da Anita... Tudo para a depois da safra.. (Dá uma gaghada louca, estentórica. Pausa demorada) Quanta coisa comprada, a pagar! Meu Deus.. (todos se acercam condóidos).

CHECCO- (Que percebeu tudo, também acêrca-se do filho e lhe põe a mão no hombro) "Caragio, filho mio"

GIGGIA- (Idem) "Tutto passa, caro figlio, fêde in Dio."

PINA- Vamos Béppi, coragem, venha tomar alguma coisa. (Béppi segue Pina que o conduz no fundo da cena)

CENA V

os mesmos, o Dr. Pereira, e autoridades.

JOANIM- (Ao ouvir palmas de fóra) Quem será? (À porta, indiferente) Entrem. (à parte) Cobranças executivas, sem cúvidas. (volta ao mesmo lugar)

Dr. PEREIRA (grave, acenando) O Sr. Giuseppe Fregabin e Família; e - aqui, o sr. Representante do Estado e o sr. Representante da Prefeitura Municipal. (todos levantam-se espantados)

Rep. do Est- (Tira da pasta um ofocio, empertiga-se, dando o maximo de solenidade e lê) "O Senhor governador do Estado, usando das atribuições que lhe conferem o artigo 12.888 e respectivos parágrafos da Lei de Amparo à agricultura e tendo em vista a grande necessidade de fomentar a viti-vinicultura em nosso estado, e considerando que o Sr. Giuseppe Fragavin, lavrador, casado, filho de Francesco Fregavin: de Matarello, sua família, vem se dedicando ha muitos anos, ao + incremento e divulgação da viti-vinicultura, distribuindo mudas e + instruções em perfeita cooperação com as autoridades, decreta: 1º - seja conferida ao Sr. Giuseppe Fregavin a Medalha de Grande Mérito.-

2º - Seja consignada ao mesmo, a importancia de cinco milhões de cruzeiros, como prêmio pelos seu relevantes serviços prestados ao Estado e à Nação. 3º - A cobertura para o presente decreto conta com a + verba própria, em seu departametno especifico, para o que, fica determinada a imediata execução do exposto. Palacio do Governo... (aos presentes) seguem-se as datas e necessárias assinaturas. (Apresentam e entreguem a medalha e o Chêque)